AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO
LIVRO II

GEORGE R.R. MARTIN

A FÚRIA DOS REIS

TRADUÇÃO
Jorge Candeias

Material com direitos autorais

PRÓLOGO

A CAUDA DO COMETA ESPRAIAVA-SE PELA MADRUGADA, um corte vermelho que sangrava por cima dos penhascos da Pedra do Dragão como uma ferida num céu cor-de-rosa e púrpura.

O meistre estava de pé, na varanda varrida pelo vento, do lado de fora dos seus aposentos. Era ali que chegavam os corvos depois de longos voos. Os excrementos das aves salpicavam as gárgulas, que se erguiam a uma altura de três metros e meio, de ambos os lados; um mastim do inferno e uma serpe, dois dos mil exemplares que se empoleiravam nas muralhas da antiga fortaleza. Quando chegara à Pedra do Dragão, o exército das grotescas esculturas de pedra costumava deixá-lo incomodado, mas com a passagem dos anos foi se acostumando. Agora, pensava nelas como velhas amigas. Os três observaram juntos o céu, tomados por pressentimentos.

O meistre não acreditava em presságios. E, no entanto… Apesar de ser tão velho, Cressen nunca vira um cometa com metade do brilho daquele, nem daquela cor, aquela cor terrível, do sangue, da chama e dos crepúsculos. Perguntou a si mesmo se suas gárgulas já teriam visto algo parecido. Já estavam ali muito tempo antes de ele chegar, e ainda lá permaneceriam muito depois de ele partir. Se línguas de pedra falassem…

Que tolice. Encostou-se nas ameias, com o mar batendo lá embaixo e a pedra negra áspera sob os seus dedos. *Gárgulas falantes e profecias no céu. Sou um velho acabado que se tornou de novo leviano como uma criança*. Teria a sabedoria duramente conquistada ao longo de

Material com direitos autorais

uma vida inteira fugido com a saúde e a força? Era um meistre, treinado e acorrentado na grande Cidadela de Vilavelha. A que ponto chegara, se a superstição lhe enchia a cabeça como se fosse um camponês ignorante?

E no entanto... No entanto... Agora, o cometa brilhava até durante o dia, enquanto o vapor cinza-claro se erguia da cratera quente do Monte Dragão, atrás do castelo. E na manhã anterior, um corvo branco tinha trazido notícias da própria Cidadela, há muito esperadas, mas não menos temíveis por isso, notícias do fim do verão. Tudo presságios. Demasiados para serem negados. *Que significa tudo isso?*, ele quis gritar.

— Meistre Cressen, temos visitantes — falou Pylos suavemente, como se estivesse relutante em perturbar as meditações solenes de Cressen. Se soubesse dos disparates que lhe enchiam a cabeça, teria gritado. — A princesa deseja ver o corvo branco.

Sempre correto, Pylos a chamava agora *princesa*, visto que o senhor seu pai era um rei. Rei de um rochedo fumegante no grande mar salgado, mas ainda assim rei.

— O bobo veio junto.

O velho virou as costas à alvorada, mantendo uma das mãos pousada sobre a serpe a fim de se equilibrar.

— Ajude-me a chegar até a cadeira e mande-os entrar.

Tomando seu braço, Pylos o levou para dentro. Na juventude, Cressen caminhara com vigor, mas agora não estava longe do octogésimo dia do seu nome, e tinha as pernas frágeis e instáveis. Havia dois anos um tombo lhe causara uma fratura de um lado da bacia, da qual nunca chegou a ficar curado totalmente. No ano anterior, quando tinha adoecido, a Cidadela enviara Pylos de

Material com direitos autorais

Vilavelha, apenas dias antes de lorde Stannis ter fechado a ilha… para ajudá-lo nas suas tarefas, tinham dito, mas Cressen sabia a verdade. Pylos viera para substituí-lo quando morresse. Não se importava. Alguém teria de ocupar seu lugar, e em menos tempo do que gostaria…

Deixou que o homem mais novo o acomodasse atrás dos seus livros e papéis.

— Vá buscá-la. É feio deixar uma senhora esperando.

O meistre acenou, um frágil gesto de pressa de um homem que já não era capaz de se apressar. Tinha a pele enrugada e manchada, tão fina como papel, de modo que se podia ver a teia de veias e a forma dos ossos por baixo. E agora tremiam, aquelas suas mãos que tempos atrás tinham sido tão seguras e hábeis…

Quando Pylos voltou, a garota veio com ele, tímida como sempre. Atrás dela, arrastando os pés e saltitando daquele seu estranho jeito torto, veio o bobo. Trazia na cabeça uma imitação de elmo, feito de um velho balde de estanho, com um par de chifres de veado atado ao topo e decorado com guizos que a cada passo deslizante soavam, cada um num tom diferente, *clang-a-dang*, *bong-dong*, *ring-a-ling*, *clong-clong-clong*.

— Quem vem nos visitar tão cedo, Pylos? — perguntou Cressen.

— Sou eu e o Malhas, meistre.

Olhos azuis sinceros piscaram na sua direção. Infelizmente, o rosto dela não era belo. A menina possuía o queixo quadrado e projetado do senhor seu pai e as infelizes orelhas da mãe, bem como uma deformação só sua, o legado do ataque de um escamagris, um tipo de febre que quase a matara quando bebê. Da metade inferior de uma bochecha até bem abaixo no pescoço, tinha a carne rígida e

Material com direitos autorais

morta, com a pele rachada e escamando, manchada de negro e cinza, lembrando pedra ao toque.

— Pylos disse que podíamos ver o corvo branco.

— Realmente podem — respondeu Cressen. Como se alguma vez pudesse lhe negar algo. A menina tinha enfrentado negativas demais na vida. Chamava-se Shireen. Faria dez anos no próximo dia do seu nome, e era a criança mais triste que meistre Cressen conhecera. *Sua tristeza é a minha vergonha*, pensou o velho, *outro sinal do meu fracasso*. — Meistre Pylos, faça-me a gentileza de trazer a ave do viveiro para mostrá-la a lady Shireen.

— Será um prazer.

Pylos era um jovem educado, com não mais de vinte e cinco anos, mas era solene como um homem de sessenta. Se ao menos houvesse nele mais humor, mais vida; era isso que fazia falta ali. Os lugares sombrios precisavam de vivacidade, não de solenidade, e Pedra do Dragão era indubitavelmente um lugar sombrio, uma cidadela solitária no deserto de água, rodeada por tempestades e sal, com a sombra fumegante da montanha às suas costas. Um meistre tinha de ir para onde era enviado, e Cressen acompanhara seu senhor havia cerca de doze anos, e bem lhe servira. Mas nunca tinha amado Pedra do Dragão, nem se sentia verdadeiramente em casa ali. Nos últimos tempos, quando acordava de sonhos inquietos, nos quais a mulher vermelha tinha uma participação perturbadora, era frequente não saber onde estava.

O bobo virou sua cabeça manchada e malhada para observar Pylos subindo os íngremes degraus de ferro que levavam ao viveiro. Seus guizos soaram com o movimento.

Material com direitos autorais

— Debaixo do mar, as aves têm escamas em lugar de penas — ele disse, clangorejando. — Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Mesmo para um bobo, o Cara-Malhada era digno de pena. Talvez em outros tempos tivesse sido capaz de arrancar gargalhadas com uma frase de efeito, mas o mar lhe tinha roubado esse poder, juntamente com metade da imaginação e toda a memória. Mole e obeso, vítima de convulsões e tremores, era mais comum mostrar-se incoerente do que o contrário. A garota era a única que agora ria dele, a única que se importava com ele estar vivo ou morto.

Uma menininha feia e um bobo triste, e com o meistre faz três… eis uma história boa para fazer os homens chorar.

— Sente-se comigo, filha. — Cressen fez-lhe sinal para se aproximar. — É cedo para vir me visitar, o dia mal amanheceu. Você deveria estar aconchegada na cama.

— Tive pesadelos — respondeu Shireen. — Com os dragões. Vinham me comer.

Cressen se lembrava de a criança sofrer com pesadelos desde muito pequena.

— Já conversamos sobre isso — disse ele com gentileza. — Os dragões não podem ganhar vida. São feitos de pedra, filha. Antigamente, nossa ilha era o posto avançado mais ocidental da grande Cidade Franca de Valíria. Foram os valirianos que ergueram esta cidadela, e eles tinham maneiras de esculpir a pedra que desde então se perderam. Um castelo tem de ter torres sempre que duas muralhas se encontrem num ângulo, para defendê-las. Os valirianos deram forma de dragões a essas torres para fazer com que sua fortaleza parecesse mais temível, tal como coroaram as muralhas com mil gárgulas, em vez de simples ameias.

Material com direitos autorais

O meistre tomou a pequena mão cor-de-rosa da menina na sua, manchada e frágil, e deu um apertão suave.

— Viu só? Não há nada a temer.

Shireen não estava convencida.

— Mas... E a coisa no céu? Dalla e Matrice estavam conversando perto do poço, e Dalla disse que ouviu a mulher vermelha dizer à mãe que aquilo é respiração de dragão. Se os dragões estão respirando, não quer dizer que estão ganhando vida?

A mulher vermelha, pensou amargamente meistre Cressen. Já é ruim o bastante que tenha enchido a cabeça da mãe com as suas loucuras, terá de envenenar também os sonhos da filha? Teria uma conversa severa com Dalla, para que não ficasse espalhando essas histórias.

— A coisa no céu é um cometa, minha doce menina. Uma estrela com uma cauda, perdida nos céus. Desaparecerá em breve, para não voltar a ser vista enquanto estivermos vivos. Espere e verá.

Shireen fez um pequeno mas corajoso aceno com a cabeça.

— A mãe diz que o corvo branco quer dizer que já não é verão.

— É verdade, senhora. Os corvos brancos só voam da Cidadela.

Os dedos de Cressen alcançaram a corrente que rodeava seu pescoço; cada um de seus elos havia sido forjado com um metal diferente, cada um simbolizando o seu domínio de mais um ramo do conhecimento; o colar de meistre, a marca da sua ordem. No orgulho da juventude, usara-o com facilidade, mas agora parecia-lhe pesado, e o metal era frio no contato com sua pele.

— São maiores do que os outros corvos, mais inteligentes, e criados apenas para transportar as mensagens mais importantes. Este veio nos dizer que o Conclave se reuniu, avaliou os relatórios e as medições feitas pelos meistres de todo o reino e declarou que este

Material com direitos autorais

longo verão finalmente terminou. Durou dez anos, duas rotações e dezesseis dias, o mais longo verão já registrado.

— Agora vai ficar frio?

Shireen era uma criança do verão, e nunca tinha experimentado o verdadeiro frio.

— A seu tempo — respondeu Cressen. — Se os deuses forem bondosos, oferecerão um outono quente e colheitas abundantes para que possamos nos preparar para o inverno que virá depois. — O povo dizia que um verão longo significava um inverno ainda mais longo, mas o meistre não tinha por que assustar a criança com histórias como essa.

Cara-Malhada fez soar seus guizos.

— É *sempre* verão debaixo do mar — entoou. — As sereias casadas usam enfeites no cabelo e cosem vestidos de algas prateadas. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Shireen soltou um risinho.

— Eu gostaria de ter um vestido de algas prateadas.

— Debaixo do mar, neva para cima — disse o bobo —, e a chuva é seca como um osso. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

— Vai mesmo nevar? — perguntou ela.

— Vai — confirmou Cressen. *Mas espero que ainda demore anos, e que não neve por muito tempo*. — Ah, ali vem Pylos com a ave.

Shireen soltou um grito de alegria. Até Cressen tinha de admitir que a ave era impressionante, branca como a neve e maior do que qualquer falcão, com os brilhantes olhos negros que significavam não se tratar de uma ave albina, mas sim de um corvo branco puro-sangue da Cidadela.

Material com direitos autorais

— Aqui — chamou o meistre. O corvo abriu as asas, deu um salto e bateu-as ruidosamente pela sala até pousar na mesa ao lado dele.

— Vou agora tratar do seu café da manhã — anunciou Pylos, e Cressen anuiu com a cabeça.

— Esta é lady Shireen — disse ao corvo. A ave balançou a cabeça para cima e para baixo, como se a estivesse reverenciando. "*Lady*", crocitou. "*Lady*."

A criança ficou de queixo caído.

— Ele *fala*!

— Algumas palavras. Como eu disse, essas aves são espertas.

— Ave esperta, homem esperto, bobo esperto, esperto — cantarolou Cara-Malhada com uma voz desagradável. — Oh, bobo esperto, esperto, esperto — e começou a cantar: — *As sombras vêm dançar*, *milorde*, *dançar*, *milorde*, *dançar*, *milorde*. — Ele saltitava de um pé para outro. — *As sombras vêm ficar*, *milorde*, *ficar*, *milorde*, *ficar*, *milorde*.

Inclinava a cabeça a cada palavra, fazendo ressoar os guizos presos aos chifres.

O corvo branco soltou um grito e voou para longe, indo empoleirar-se no corrimão de ferro das escadas do viveiro. Shireen pareceu encolher-se.

— Ele canta isso o tempo todo. Disse-lhe para parar, mas ele não para. Ele me assusta. Faça-o parar.

E como faço isso?, perguntou-se o velho. *Em outros tempos poderia tê-lo silenciado para sempre*, *mas agora*…

Cara-Malhada chegara até eles ainda jovem. Lorde Steffon, de boa lembrança, encontrara-o em Volantis, do outro lado do mar estreito. O rei, o antigo rei, Aerys II Targaryen, que não era tão

Material com direitos autorais

louco assim naqueles tempos, enviara sua senhoria em busca de uma noiva para o príncipe Rhaegar, que não tinha irmãs com quem casar. "Encontramos o mais magnífico dos bobos", escrevera a Cressen, uma quinzena antes da hora de regressar da infrutífera missão. "É ainda jovem, mas ágil como um macaco, e espirituoso como uma dúzia de cortesãos. Sabe malabarismo, adivinhas e magia, e é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas. Compramos a sua liberdade e esperamos trazê-lo conosco para casa. Robert vai adorá-lo; com o tempo, o bobo talvez até consiga ensinar Stannis a rir."

Recordar aquela carta enchia Cressen de tristeza. Ninguém conseguira ensinar Stannis a rir, muito menos o jovem Cara-Malhada. A tempestade chegara de repente, uivando, e a Baía dos Naufrágios provara a verdade do seu nome. A galé de dois mastros do senhor, *Orgulho do Vento*, quebrara-se à vista do castelo. Das varandas, os dois filhos mais velhos tinham observado o navio do pai ser esmagado de encontro aos rochedos e ser engolido pelas águas. Uma centena de remadores e marinheiros afundaram com lorde Steffon Baratheon e a senhora sua esposa, e ao longo de vários dias cada maré deixava uma nova colheita de cadáveres inchados na costa de Ponta Tempestade.

O rapaz chegara à costa no terceiro dia. Meistre Cressen tinha descido com os outros, a fim de ajudar a reconhecer os mortos. Quando encontraram o bobo, estava nu, com a pele branca, enrugada e cheia de areia molhada. Cressen julgou que se tratava de mais um cadáver, mas, quando Jommy o agarrou pelos tornozelos a fim de arrastá-lo para o vagão fúnebre, o rapaz tossiu água e se

Material com direitos autorais

sentou. Até o dia da sua morte, Jommy jurou que a pele de Cara-Malhada estava fria e pegajosa.

Ninguém jamais conseguiu explicar aqueles dois dias que o bobo passou perdido no mar. Os pescadores gostavam de dizer que uma sereia havia lhe ensinado a respirar água em troca de seu sêmen. O próprio Cara-Malhada nada disse. O jovem espirituoso e inteligente nunca chegou a Ponta Tempestade; o rapaz que encontraram era outra pessoa, quebrado de corpo e de mente, quase incapaz de falar, muito menos de gracejar. Mas sua cara de bobo não deixava dúvidas sobre quem era. Era costume da Cidade Livre de Volantis tatuar o rosto dos escravos e dos servos; do pescoço ao couro cabeludo, a pele do rapaz tinha sido marcada com quadrados vermelhos e verdes.

— O desgraçado está louco, e com dores, e não presta para ninguém, nem para si mesmo — tinha declarado o velho sor Harbert, naqueles tempos castelão de Ponta Tempestade. — A coisa mais bondosa que se pode fazer com esse tipo é encher sua taça com o leite de papoula. Um sono sem dor, e acaba tudo. Ele iria abençoá-lo se tivesse esperteza para isso.

Mas Cressen se recusou e acabou vencendo. Não saberia dizer se Cara-Malhada tinha sido feliz com essa vitória, nem mesmo agora, tantos anos depois.

— *As sombras vêm dançar, milorde, dançar, milorde, dançar, milorde* — continuou o bobo a cantar, balançando a cabeça e fazendo os guizos ressoarem. *Bong-dong, ring-a-ling, bong-dong.*

"*Lorde*", guinchou o corvo branco. "*Lorde, lorde, lorde.*"

— Um bobo canta o que quer — disse o meistre à sua ansiosa princesa. — Não deve levar suas palavras a sério. De manhã, ele

Material com direitos autorais

poderá se lembrar de outra canção, e esta nunca mais será ouvida.

"*Ele é capaz de cantar agradavelmente em quatro línguas*", escrevera lorde Steffon…

Pylos entrou a passos largos:

— Meistre, as minhas desculpas.

— Você se esqueceu do mingau de aveia — completou Cressen, rindo. Aquilo não era do feitio de Pylos.

— Meistre, sor Davos regressou ontem à noite. Estavam falando disso na cozinha. Achei que gostaria de saber de imediato.

— Davos… Ontem à noite, você diz? Onde está ele?

— Com o rei. Passaram juntos a maior parte da noite.

Em tempos passados, lorde Stannis teria mandado acordá-lo a qualquer hora, para tê-lo junto a si, a fim de aconselhá-lo.

— Eu devia ter sido informado — queixou-se Cressen. — Devia ter sido acordado. — Desprendeu seus dedos dos de Shireen. — As minhas desculpas, senhora, mas tenho de falar com o senhor seu pai. Pylos, dê-me o braço. Há degraus demais neste castelo, e parece-me que acrescentam uns tantos todas as noites, só para me aborrecer.

Shireen e Cara-Malhada os seguiram, mas a menina rapidamente se cansou do passo rastejante do velho e correu na frente, com o bobo a balançar atrás dela, fazendo os guizos tinirem loucamente.

Enquanto descia a escada em espiral da Torre do Dragão Marinho, Cressen percebeu, mais uma vez, que os castelos não são lugares amigáveis para homens frágeis. Lorde Stannis deveria estar na Sala da Mesa Pintada, no topo do Tambor de Pedra, a fortaleza central de Pedra do Dragão, assim chamada devido ao modo como suas paredes antigas estrondeavam e ressoavam durante as

Material com direitos autorais

tempestades. Para chegar até ele, teria de cruzar a galeria, atravessar as muralhas intermediária e interna, com as suas gárgulas de guarda e portões de ferro negro, e subir mais degraus do que queria imaginar. Os jovens subiam degraus de dois em dois; para velhos com quadris em mau estado, cada degrau era um tormento. Mas lorde Stannis não pensaria em ir encontrá-lo; então, o meistre resignava-se à provação. Pelo menos tinha Pylos para ajudá-lo, e sentia-se grato por isso.

Arrastando os pés ao longo da galeria, passaram na frente de uma fileira de altas janelas arqueadas com uma vista privilegiada da muralha exterior e a aldeia de pescadores, que se erguia mais adiante. No pátio, arqueiros disparavam contra alvos de treino aos gritos de "Encaixar, puxar, largar". As flechas faziam um som que era como o de um bando de pássaros alçando voo. Guardas caminhavam sobre as muralhas, espreitando, por entre as gárgulas, a tropa acampada lá fora. O ar da manhã estava enevoado com a fumaça de fogueiras para cozinhar, num momento em que três mil homens se sentavam para quebrar o jejum sob os estandartes dos seus senhores. Para lá do acampamento, o ancoradouro encontrava-se repleto de navios. Nenhuma embarcação que tivesse sido avistada da Pedra do Dragão ao longo do último semestre fora autorizada a partir de novo. A *Fúria* de lorde Stannis, uma galé de guerra com três conveses e trezentos remos, quase parecia pequena ao lado de algumas das carraças e cocas de casco largo que a rodeavam.

Os guardas à porta do Tambor de Pedra conheciam o meistre e o deixaram entrar.

— Espere aqui — disse Cressen a Pylos, já dentro da sala. — É melhor que eu fale com ele a sós.

Material com direitos autorais

— É uma longa subida, meistre.

Cressen sorriu:

— Pensa que me esqueci? Subi tantas vezes estes degraus que conheço cada um pelo nome.

No meio da subida, arrependeu-se da decisão. Tinha parado, para recuperar o fôlego e aliviar a dor na bacia, quando ouviu o raspar de botas na pedra e ficou cara a cara com sor Davos Seaworth, que descia.

Davos era um homem franzino; a origem plebeia estava escrita em seu rosto comum. Um manto verde puído, manchado de sal e maresia, e desbotado pelo sol, envolvia seus ombros estreitos, por cima de um gibão e uns calções castanhos que combinavam com os cabelos e olhos da mesma cor. Uma bolsa de couro gasto pendia de uma correia passada em volta do pescoço. Sua barba curta estava bem salpicada de cinza, e usava uma luva de couro na mão esquerda mutilada. Quando viu Cressen, interrompeu a descida.

— Sor Davos — cumprimentou-o o meistre. — Quando retornou?

— Na escuridão da madrugada. A minha hora preferida.

Dizia-se que ninguém jamais manobrara um navio de noite com metade da destreza de Davos Mão-Curta. Antes de lorde Stannis tê-lo armado cavaleiro, sor Davos era o mais notório e esquivo contrabandista de todos os Sete Reinos.

— E?

O homem balançou a cabeça.

— É como o preveni. Não se levantarão, meistre. Por ele, não. Não gostam dele.

Material com direitos autorais

Não, pensou Cressen. *Nem nunca gostarão. Ele é forte, capaz, mesmo… sim, mesmo para além da sabedoria… Mas não basta. Nunca bastou.*

— Falou com todos?

— Todos? Não. Só os que quiseram se encontrar comigo. Aqueles bem-nascidos também não gostam de mim. Para eles serei sempre o Cavaleiro das Cebolas.

A mão esquerda fechou-se, com os dedos curtos formando um punho; Stannis cortara suas pontas, exceto a do polegar.

— Dividi a mesa com Guilan Swann e o velho Penrose, e os Tarth consentiram num encontro à meia-noite num bosque. Os outros… Bem, Beric Dondarrion desapareceu, alguns dizem que está morto, e lorde Caron está com Renly. Bryce, o Laranja, da Guarda Arco-Íris.

— A Guarda Arco-Íris?

— Renly criou sua própria Guarda Real — explicou o ex-contrabandista —, mas esses sete não usam o branco. Cada um tem a sua cor. Loras Tyrell é o seu Senhor Comandante.

Era justamente o tipo de ideia que atrairia Renly Baratheon; uma magnífica nova ordem de cavalaria, com maravilhosos novos trajes para proclamá-la. Ainda quando garoto, Renly já adorava cores brilhantes e tecidos belos, e também os seus jogos. "Olhem para mim!", gritava enquanto corria às gargalhadas pelos salões de Ponta Tempestade. "Olhem, sou um dragão", ou "Olhem, sou um feiticeiro", ou "Olhem, olhem, sou o deus das chuvas".

O ousado rapazinho com cabelo negro bagunçado e risada nos olhos era agora um homem-feito, com vinte e um anos, e ainda jogava seus jogos. *Olhem, sou um rei*, pensou Cressen tristemente.

Material com direitos autorais

Ah, Renly, Renly, querido filho, sabe o que está fazendo? E se importaria se soubesse? Haverá alguém que se preocupe com ele além de mim?

— Que motivos deram os senhores para as recusas? — perguntou a sor Davos.

— Bem, quanto a isso, alguns usaram palavras suaves, e outros, rudes; alguns arranjaram desculpas, outros fizeram promessas; outros se limitaram a mentir — e encolheu os ombros. — No fim das contas, as palavras não passam de vento.

— Não poderia lhe trazer alguma esperança?

— Só do tipo falso, e eu não faria isso — respondeu Davos. — De mim, ouviu a verdade.

Meistre Cressen recordou o dia em que Davos fora feito cavaleiro, depois do cerco a Ponta Tempestade. Lorde Stannis e uma pequena guarnição defenderam o castelo durante quase um ano contra a grande tropa dos senhores Tyrell e Redwyne. Até o mar lhes estava bloqueado, vigiado noite e dia por galés dos Redwyne, que ostentavam as bandeiras bordô da Árvore. Dentro de Ponta Tempestade, os cavalos havia muito tinham sido comidos; os cães e os gatos, desaparecido; e a guarnição, limitada a raízes e ratazanas. Então, chegou uma noite em que a lua era nova e nuvens negras escondiam as estrelas. Envolto nessa escuridão, Davos, o contrabandista, desafiou o bloqueio Redwyne e os rochedos da Baía dos Naufrágios. Seu pequeno navio tinha casco, velas e remos negros e um porão apinhado de cebolas e peixe salgado. Era pouco, mas manteve a guarnição viva durante tempo suficiente para que Eddard Stark chegasse a Ponta Tempestade e quebrasse o cerco.

Lorde Stannis recompensou Davos com terras de boa qualidade em Cabo da Fúria, uma pequena fortaleza e o título de cavaleiro…

Material com direitos autorais

Mas também decretou que perdesse uma falange de todos os dedos da mão esquerda, a fim de pagar por todos os seus anos de contrabando. Davos aceitou se submeter a isso, com a condição de que o próprio Stannis manejasse a faca; não aceitaria nenhuma punição vinda de mãos menores. O senhor usou um cutelo de açougueiro, a fim de fazer um corte limpo e completo. Depois, Davos escolheu o nome Seaworth para sua nova casa, e tomou como estandarte um navio negro em fundo cinza-claro… com uma cebola desenhada nas velas. O antigo contrabandista gostava de dizer que lorde Stannis lhe fizera um favor, dando-lhe quatro unhas a menos para cortar e limpar.

Não, pensou Cressen, *um homem assim não daria falsas esperanças, nem suavizaria uma verdade dura.*

— Sor Davos, a verdade pode ser uma bebida amarga, mesmo para um homem como lorde Stannis. Ele só pensa em retornar a Porto Real investido de todo o seu poder, a fim de derrubar os inimigos e reclamar o que é seu por direito. Mas agora…

— Se levar sua tropa minguada para Porto Real, será apenas para morrer. Não tem homens em número suficiente. Disse-lhe isso, mas conhece o orgulho dele — Davos ergueu a mão enluvada. — Meus dedos voltarão a crescer antes que aquele homem se vergue ao bom senso.

O velho soltou um suspiro:

— O senhor fez tudo o que podia. Agora devo somar a minha voz à sua — e, fatigadamente, retomou a subida.

O refúgio de lorde Stannis Baratheon era uma grande sala redonda com paredes de pedra negra nua e quatro janelas altas e estreitas, que se abriam para as quatro pontas da bússola. No centro

Material com direitos autorais

do aposento, encontrava-se a grande mesa que lhe dava o nome, uma enorme prancha de madeira esculpida às ordens de Aegon Targaryen nos dias anteriores à Conquista. A Mesa Pintada tinha mais de quinze metros de comprimento, talvez metade dessa medida no ponto mais largo, mas menos de um metro e meio no mais estreito. Os carpinteiros de Aegon tinham lhe dado a forma das terras de Westeros, serrando cada baía e península até que em nenhuma parte a mesa estivesse reta. Na sua superfície, escurecida pelo verniz de quase trezentos anos, estavam pintados os Sete Reinos tal como tinham sido na época de Aegon; rios e montanhas, castelos e cidades, lagos e florestas.

Havia uma única cadeira na sala, cuidadosamente posicionada no local preciso que Pedra do Dragão ocupava em relação à costa de Westeros, e erguida a fim de fornecer uma boa visão do tampo da mesa. Sentado na cadeira encontrava-se um homem vestido com um gibão de couro bem apertado e calções de grosseira lã marrom. Quando meistre Cressen entrou, o lorde olhou de relance para cima.

— Eu sabia que *você* viria, velho, fosse convocado ou não. — Não havia sinal de calor na sua voz; raramente havia.

Stannis Baratheon, Senhor de Pedra do Dragão e pela graça dos deuses o legítimo herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, tinha ombros largos e membros fortes, com o rosto e a pele tão tensos que lembravam couro curado ao sol até ficar duro como aço. A palavra que os homens usavam quando falavam de Stannis era *duro*, e ele de fato o era. Embora ainda não tivesse trinta e cinco anos, só lhe restava na cabeça uma orla de fino cabelo negro, rodeando a parte de trás das orelhas como a sombra de uma coroa.

Material com direitos autorais

Seu irmão, o falecido rei Robert, tinha deixado crescer uma barba nos seus últimos anos. Meistre Cressen nunca a vira, mas dizia-se que era uma coisa emaranhada, espessa e feroz. Como que em resposta, Stannis mantinha suas suíças bem aparadas. Espalhavam-se como uma sombra negro-azulada pelo maxilar quadrado e pelas bochechas secas e ossudas. Seus olhos eram feridas abertas sob as pesadas sobrancelhas, de um azul tão escuro como o do mar à noite. A boca teria levado ao desespero o mais bufão dos bobos; era uma boca feita para ser franzida e apertada, e para ordens ríspidas, toda ela lábios finos e pálidos e músculos contraídos, uma boca que tinha se esquecido de como se sorria e que nunca soube como era rir. Por vezes, quando o mundo ficava muito quieto e silencioso de noite, meistre Cressen imaginava que conseguia ouvir lorde Stannis rangendo os dentes a meio castelo de distância.

— Em outros tempos o senhor teria mandado me acordar — disse o velho.

— Em outros tempos o meistre foi novo. Agora é velho e doente e precisa dormir. — Stannis nunca aprendera a suavizar o discurso, disfarçar ou lisonjear; dizia o que pensava, e quem não gostasse que se danasse. — Eu sabia que você descobriria em breve o que Davos tinha a dizer. É sempre assim, não é?

— Eu não lhe teria nenhuma utilidade se assim não fosse — respondeu Cressen. — Encontrei Davos na escada.

— E ele contou tudo, suponho. Devia ter encurtado a língua do homem junto com os dedos.

— Assim teria sido um enviado inútil.

— De qualquer forma foi um enviado inútil. Os senhores da tempestade não se levantarão por mim. Parece que não simpatizam

Material com direitos autorais

comigo, e a justiça da minha causa não significa nada para eles. Os covardes ficarão quietos atrás das suas muralhas, esperando ver como se ergue o vento e quem tem mais chances de triunfar. Os corajosos já se declararam por Renly. Por *Renly*! — Cuspiu o nome como se fosse veneno que tivesse na língua.

— Seu irmão tem sido Senhor de Ponta Tempestade ao longo destes últimos treze anos. Esses senhores são vassalos juramentados dele…

— *Dele* — interrompeu Stannis. — Quando por direito deveriam ser meus. Nunca pedi Pedra do Dragão. Nunca quis este castelo. Tomei-o porque os inimigos de Robert estavam aqui, e ele me ordenou que os escorraçasse. Construí sua frota e fiz o seu trabalho, obediente como um irmão mais novo deve ser a um mais velho, como Renly devia ser a mim. E como Robert me agradeceu? Nomeou-me Senhor de Pedra do Dragão e deu Ponta Tempestade e seus rendimentos a *Renly*. Ponta Tempestade pertenceu à Casa Baratheon durante trezentos anos; por direito devia ter passado para mim quando Robert tomou o Trono de Ferro.

Era uma velha ofensa, profundamente sentida, e nunca antes tanto como agora. Ali estava o cerne da fraqueza do seu senhor; Pedra do Dragão, embora antiga e forte, detinha a lealdade de apenas um punhado de pequenos senhores, cujos domínios pedregosos e insulares tinham uma população escassa demais para fornecer os homens de que Stannis necessitava. Mesmo com os mercenários que trouxera do outro lado do mar estreito, das Cidades Livres de Myr e Lys, a hoste acampada junto às suas muralhas era muito menor do que necessitava ser para derrubar o poderio da Casa Lannister.

Material com direitos autorais

— Robert foi injusto com o senhor — respondeu cuidadosamente meistre Cressen —, mas tinha bons motivos. Pedra do Dragão era havia muito a sede da Casa Targaryen. Ele precisava da força de um homem para governar aqui, e Renly era apenas uma criança.

— Ele ainda é uma criança — declarou Stannis, com a ira ressoando alto no salão vazio —, uma criança ladra que pensa em surrupiar a coroa da minha cabeça. Que fez Renly para ganhar um trono? Senta-se no conselho e troca gracejos com Mindinho, e nos torneios enverga sua magnífica armadura e permite que um homem melhor o derrube do cavalo. Meu irmão Renly é isto, o meu irmão que pensa que deveria ser um rei. Pergunto-lhe, por que os deuses me puniram com *irmãos*?

— Não posso responder pelos deuses.

— Pois me parece que hoje em dia é raro que responda a qualquer coisa. Quem é o meistre de Renly? Talvez deva mandar buscá-lo, talvez eu venha a gostar mais dos seus conselhos. Que acha que esse meistre disse quando meu irmão decidiu roubar minha coroa? Que conselho terá o seu colega oferecido àquele traiçoeiro sangue do meu sangue?

— Eu ficaria surpreso se lorde Renly procurasse conselhos, Vossa Graça.

O mais novo dos três filhos de lorde Steffon havia se tornado um homem corajoso, mas impetuoso, que agia por impulso, e não por pensar. Nisso, tal como em muitas outras coisas, Renly era como o irmão Robert, e completamente diferente de Stannis.

— *Vossa Graça* — rebateu Stannis amargamente. — Zomba de mim com o tratamento devido a um rei, mas sou rei de quê? Pedra

Material com direitos autorais

do Dragão e um punhado de rochedos no mar estreito, eis o meu reino.

Desceu os degraus da cadeira e parou junto da mesa, fazendo sombra sobre a foz da Torrente da Água Negra e sobre a floresta pintada onde agora se erguia Porto Real. Ficou ali, pairando sobre o território que pretendia reclamar, tão perto, e, no entanto, tão longe.

— Esta noite devo jantar com os senhores meus vassalos, aqueles que tenho. Celtigar, Velaryon, Bar Emmon, todo o insignificante bando. Colheita fraca, para dizer a verdade, mas são aquilo que meus irmãos me deixaram. Aquele pirata lyseno, Salladhor Saan, estará lá com a fatura mais recente do que lhe devo, e Morosh, o myriano, vai me advertir com histórias sobre marés e ventanias de Outono, enquanto lorde Sunglass resmunga piedosamente sobre a Fé dos Sete. Celtigar quererá saber quantos dos senhores da tempestade irão se juntar a nós. Velaryon ameaçará levar seus recrutas para casa a menos que ataquemos de imediato. Que hei de dizer a eles? Que devo fazer agora?

— Seus verdadeiros inimigos são os Lannister, senhor — foi a resposta de meistre Cressen. — Se você e seu irmão se unissem contra eles…

— Não negociarei com Renly — respondeu Stannis num tom que não admitia discussão. — Pelo menos enquanto ele se disser rei.

— Nesse caso, com Renly não — cedeu o meistre. Seu senhor era teimoso e orgulhoso; quando se decidia por alguma coisa, não havia jeito de fazê-lo mudar de ideia. — Outros poderão também servir às suas necessidades. O filho de Eddard Stark foi proclamado Rei no Norte e conta com todo o poderio de Winterfell e Correrrio.

Material com direitos autorais

— Um jovenzinho verde — ironizou Stannis. — E outro falso rei. Devo aceitar um reino mutilado?

— Certamente metade de um reino é melhor do que nada — observou Cressen. — E se ajudar o rapaz a vingar o assassinato do pai…

— Por que eu deveria vingar Eddard Stark? O homem não era nada para mim. Ah, *Robert* adorava-o, com certeza. Adorava-o como a um irmão, quantas vezes ouvi isso? *Eu* é que era o irmão dele, não Ned Stark, mas, pela maneira como me tratava, nunca ninguém adivinharia. Defendi Ponta Tempestade em seu nome, vendo bons homens passarem fome, enquanto Mace Tyrell e Paxter Redwyne se banqueteavam à vista das minhas muralhas. E por acaso Robert me agradeceu? Não. Agradeceu ao Stark, por romper o cerco quando estávamos reduzidos a ratazanas e rabanetes. Construí uma frota sob as ordens de Robert, tomei Pedra do Dragão em seu nome. Por acaso ele pegou minha mão e disse: "*Muito bem, irmão, o que eu faria sem você?*". Não. Culpou-me por ter deixado que Willem Derry raptasse Viserys e o bebê, como se eu tivesse podido impedi-lo. Fiz parte de seu conselho durante quinze anos, ajudando Jon Arryn a governar o reino, enquanto Robert bebia e visitava prostitutas, mas, quando Jon morreu, será que meu irmão me nomeou sua Mão? Não. Partiu a galope atrás do seu querido amigo Ned Stark e lhe ofereceu essa honra. Que de pouco valeu para ambos.

— Seja como for, senhor — disse meistre Cressen gentilmente. — Grandes injustiças foram cometidas contra você, mas o passado é poeira. O futuro ainda pode ser conquistado, caso se junte aos Stark. Há outros que também poderia sondar. E lady Arryn? Se a

Material com direitos autorais

rainha lhe assassinou o marido, ela certamente desejará obter justiça. Tem um filho novo, herdeiro de Jon Arryn. Se prometesse Shireen ao rapaz…

— O rapaz é fraco e doente — retrucou lorde Stannis. — Mesmo seu pai sabia como ele era quando me pediu para criá-lo em Pedra do Dragão. O serviço como escudeiro poderia ter lhe feito bem, mas aquela maldita Lannister mandou envenenar lorde Arryn antes de o trato ser fechado, e agora Lysa esconde-o no Ninho da Águia. Nunca se separará do rapaz, garanto.

— Então, terá de enviar Shireen para o Ninho da Águia — sugeriu o meistre. — Pedra do Dragão é um lar lúgubre para uma criança. Deixe que o bobo vá com ela, para que tenha por perto um rosto familiar.

— Familiar e medonho. — Stannis franziu a testa enquanto refletia. — Mesmo assim… Talvez valha a pena tentar…

— Deverá o senhor por direito dos Sete Reinos suplicar a ajuda de viúvas e usurpadores? — perguntou rispidamente uma voz de mulher.

Meistre Cressen virou-se e inclinou a cabeça.

— Senhora — disse, desgostoso por não tê-la ouvido entrar.

Lorde Stannis estreitou o olhar.

— Eu não suplico. De ninguém. Tente se lembrar disso, mulher.

— Agrada-me ouvir isso, senhor.

Lady Selyse era tão alta como o marido, com corpo e feição magros, orelhas proeminentes, o nariz afilado e a mais leve sugestão de um bigode sobre o lábio superior. Arrancava os pelos todos os dias e os amaldiçoava regularmente, mas eles nunca deixavam de

Material com direitos autorais

voltar. Seus olhos eram claros; a boca, severa; a voz, um chicote. Agora, fazia-o estalar.

— Lady Arryn lhe deve lealdade, tal como os Stark, seu irmão Renly e todos os outros. O senhor é o verdadeiro rei deles. Não seria adequado argumentar e negociar com eles aquilo que é seu por direito, pela graça de Deus.

Deus, ela disse, e não *deuses*. A mulher vermelha tinha conquistado Selyse de alma e coração, afastando-a dos deuses dos Sete Reinos, tanto os velhos como os novos, para que adorasse aquele a quem chamavam Senhor da Luz.

— Seu deus pode ficar com a sua graça — desdenhou lorde Stannis; não partilhava a fervorosa nova fé da mulher. — É de espadas que preciso, não de bênçãos. Teria escondido em algum lugar um exército de que não me falou antes?

Não havia afeto no seu tom de voz. Stannis sempre se sentira desconfortável junto das mulheres, até mesmo da sua própria esposa. Quando partiu para Porto Real a fim de integrar o conselho de Robert, deixou Selyse em Pedra do Dragão com a filha. As cartas tinham sido escassas, as visitas mais ainda; cumpria seu dever de marido na cama uma ou duas vezes por ano, mas não retirava disso nenhum prazer, e os filhos homens que no passado esperara nunca vieram.

— Meus irmãos, tios e primos têm exércitos — disse ela. — A Casa Florent vai se juntar à sua bandeira.

— A Casa Florent pode pôr em campo, no máximo, duas mil espadas. — Dizia-se que Stannis conhecia a força de cada casa dos Sete Reinos. — E você tem bem mais fé nos seus irmãos e tios do que eu, senhora. As terras dos Florent ficam próximas demais de

Material com direitos autorais

Jardim de Cima para que o senhor seu tio se arrisque a despertar a ira de Mace Tyrell.

— Há outra forma — disse lady Selyse, aproximando-se. — Olhe pelas suas janelas, senhor. Ali está o sinal que esperava, estampado no céu. É vermelho, o vermelho da chama, o vermelho do coração flamejante do verdadeiro deus. É o estandarte *dele*… e o seu! Veja como se desenrola pelos céus como o sopro quente de um dragão, e o senhor é Senhor de Pedra do Dragão. Significa que a sua hora chegou, Vossa Graça. Nada é mais certo do que isso. Está destinado a zarpar deste rochedo desolado como Aegon, o Conquistador, zarpou um dia, para varrer todos à sua frente como ele o fez. Basta dizer a palavra e acolher o poder do Senhor da Luz.

— Quantas espadas porá o Senhor da Luz nas minhas mãos? — desafiou Stannis novamente.

— Quantas forem necessárias — prometeu a mulher. — As espadas de Ponta Tempestade e de Jardim de Cima, para começar, e de todos os senhores seus vassalos.

— Davos discordaria — retrucou Stannis. — Essas espadas estão juramentadas a Renly. Adoram o meu encantador e jovem irmão, como anteriormente adoravam Robert… e como nunca me adoraram.

— Sim — respondeu ela. — Mas, e se Renly morresse…

Stannis olhou para sua senhora estreitando os olhos, até que Cressen não conseguiu dominar a língua.

— Não se deve pensar em tal coisa. Vossa Graça, sejam quais forem as loucuras que Renly cometeu…

— *Loucuras?* Eu chamo de traições. — Então, Stannis voltou-se para a mulher. — Meu irmão é jovem e forte e tem um vasto

Material com direitos autorais

exército ao seu redor, e aqueles seus cavaleiros do arco-íris.

— Melisandre estudou as chamas e o viu morto.

Cressen ficou horrorizado.

— Fratricídio… Senhor, isso é uma *maldade*, impensável… Por favor, escute-me.

Lady Selyse olhou-o fixamente.

— E o que lhe diria, meistre? Como ele poderá conquistar metade de um reino se for até os Stark de joelhos e vender nossa filha a Lysa Arryn?

— Já ouvi os seus conselhos, Cressen — interrompeu-os lorde Stannis. — Agora ouvirei os dela. Está dispensado.

Meistre Cressen dobrou o joelho rígido. Conseguia sentir os olhos de lady Selyse nas suas costas enquanto se arrastava lentamente até a saída da sala. Quando chegou ao fim da escada, só com muito esforço conseguia se manter de pé.

— Ajude-me — pediu a Pylos.

Depois de estar de novo a salvo nos seus aposentos, Cressen mandou o jovem embora e coxeou até a varanda novamente, para observar o mar junto de suas gárgulas. Um dos navios de guerra de Salladhor Saan passava pelo castelo, com o casco pintado com cores alegres, abrindo as águas cinza-esverdeadas enquanto os remos subiam e desciam. Ficou olhando-o até que desaparecesse atrás de um promontório. *Gostaria que os meus temores desaparecessem assim tão facilmente*. Teria vivido tanto tempo para isso?

Quando um meistre colocava seu colar, punha de lado a esperança de ter filhos; apesar disso, Cressen sentira-se frequentemente como um pai. Robert, Stannis, Renly… Três filhos que acabou educando depois de o mar em fúria ter reclamado lorde

Material com direitos autorais

Steffon para si. Teria feito um trabalho tão ruim, para agora ser forçado a ver um deles matar o outro? Não poderia permitir isso, não *permitiria* isso.

A mulher era a chave. Não lady Selyse, a *outra*. A mulher vermelha, como os criados a apelidaram, com medo de dizer seu nome.

— Eu direi seu nome — disse Cressen ao seu mastim do inferno de pedra. — Melisandre. *Ela*.

Melisandre de Asshai, feiticeira, umbromante e sacerdotisa de R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra. Melisandre, cuja loucura não se podia deixar espalhar para lá de Pedra do Dragão.

Os aposentos pareciam sombrios e lúgubres depois do brilho da manhã. Com mãos desajeitadas, o velho acendeu uma vela e a levou para a sala de trabalho sob a escada do viveiro, onde seus unguentos, poções e medicamentos estavam bem organizados nas estantes. Na prateleira de baixo, atrás de uma fileira de bálsamos guardados em atarracadas vasilhas de barro, encontrou um frasco de vidro anil que não era maior do que seu dedo mindinho. Chocalhava quando o balançava. Cressen soprou uma camada de pó e o levou para a mesa. Deixando-se cair na cadeira, tirou a rolha do vidro e despejou o conteúdo do frasco. Um punhado de cristais, de tamanho próximo ao de sementes, tamborilou no pergaminho que ele acabara de ler. Brilhavam como joias à luz da vela, tão purpúreos que o meistre pensou jamais ter realmente visto aquela cor antes.

A corrente em torno do pescoço lhe parecia muito pesada. Tocou ligeiramente em um dos cristais com a ponta do mindinho. *Que coisa pequena para conter o poder da vida e da morte*. Era feito de uma certa

Material com direitos autorais

planta que crescia apenas nas ilhas do Mar de Jade, a meio mundo de distância. As folhas tinham de ser envelhecidas e embebidas numa loção de visgo, água adocicada e certas especiarias raras vindas das Ilhas do Verão. Depois, podiam ser descartadas, mas a poção tinha de ser engrossada com cinzas e deixada cristalizar. O processo era lento e trabalhoso, e os ingredientes, caros e difíceis de adquirir. Mas os alquimistas de Lys o conheciam, bem como os Homens Sem Rosto de Braavos… E os meistres da sua ordem, apesar de não se tocar nesse assunto para lá das muralhas da Cidadela. O mundo inteiro sabia que um meistre forjava seu elo de prata quando aprendia a arte de curar… Mas o mundo preferia esquecer que os homens encarregados de curar também sabiam matar.

Cressen já não se lembrava do nome que os asshaianos davam à folha, ou os envenenadores de Lys ao cristal. Na Cidadela, era simplesmente chamado "o estrangulador". Dissolvido em vinho, fazia os músculos da garganta de um homem se fecharem com mais força do que qualquer punho, obstruindo a traqueia. Dizia-se que o rosto da vítima ficava tão roxo como a pequena semente de cristal de onde tinha nascido sua morte, mas o mesmo acontecia com um homem que sufocasse com uma garfada de comida.

Naquela mesma noite, lorde Stannis iria oferecer um banquete aos seus vassalos, à senhora sua esposa… e à mulher vermelha, Melisandre de Asshai.

Tenho de descansar, disse meistre Cressen para si mesmo. *Tenho de estar na posse de todas as minhas forças quando a noite chegar. Minhas mãos não podem tremer, minha coragem não pode fraquejar. É uma coisa horrível, mas tem de ser feita. Se existirem deuses, certamente me*

Material com direitos autorais

perdoarão. Andava dormindo tão mal ultimamente, que uma soneca seria restauradora para a provação que o esperava. Exausto, cambaleou até a cama. Porém, quando fechou os olhos, ainda conseguia ver a luz do cometa, vermelha, fogosa e vívida por entre a escuridão dos seus sonhos. *Talvez seja o meu cometa*, pensou, por fim, sonolentamente, momentos antes de ser tomado pelo sono. *Um presságio de sangue, predizendo o homicídio… sim…*

Quando acordou, era noite fechada, o quarto estava negro, e cada articulação do seu corpo doía. Cressen sentou-se com esforço, sentindo a cabeça latejar. Agarrando a bengala com força, pôs-se de pé, cambaleante. É tão tarde, pensou. *Não me chamaram*. Era sempre chamado para os banquetes, e sentava-se perto do sal, ao lado de lorde Stannis. O rosto do seu senhor oscilou na sua frente, não o do homem que era, mas o do jovem que havia sido, sempre no frio da sombra, enquanto o sol jorrava sobre o irmão mais velho. Fizesse o que fizesse, Robert havia feito primeiro, e melhor. Pobre rapaz… Tinha de se apressar, para o bem *dele*.

O meistre encontrou os cristais onde os tinha deixado e os recolheu de cima do pergaminho. Cressen não tinha anéis ocos, daqueles que se dizia que os envenenadores de Lys preferiam, mas uma miríade de bolsos, grandes e pequenos, tinham sido costurados do lado de dentro das grandes mangas da sua toga. Escondeu as sementes de estrangulador num deles, escancarou a porta e chamou:

— Pylos? Onde está você? — Diante da falta de resposta, voltou a chamar, mais alto: — Pylos, preciso de ajuda.

Continuou a não haver resposta. Era estranho; a cela do jovem meistre ficava a apenas meia-volta da escada abaixo, bem ao alcance da sua voz. Por fim, Cressen foi forçado a chamar os criados.

Material com direitos autorais

— Apressem-se — disse-lhes. — Dormi demais. A esta altura já estão no banquete… bebendo… Deviam ter me acordado. — O que teria acontecido ao meistre Pylos? Realmente não compreendia.

De novo teve de atravessar a longa galeria. Um vento noturno sussurrava através das grandes janelas, trazendo o cheiro vivo do mar. Tochas tremeluziam ao longo das muralhas de Pedra do Dragão, e no acampamento, que se estendia além delas, era possível ver centenas de fogueiras ardendo, como se um campo de estrelas tivesse caído sobre a terra. No alto, o cometa brilhava, vermelho e malévolo. *Sou velho e sábio demais para temer esse tipo de coisa*, disse o meistre para si mesmo.

As portas que abriam para o Grande Salão ficavam na boca de um dragão de pedra. Disse aos criados que o deixassem do lado de fora. Seria melhor entrar sozinho; não devia aparentar fraqueza. Apoiando-se pesadamente na bengala, Cressen subiu os últimos degraus e coxeou por baixo dos dentes da entrada. Um par de guardas abriu as pesadas portas vermelhas à sua frente, libertando uma súbita explosão de som e de luz. Cressen penetrou no estômago do dragão.

Por sobre o tinir de facas e pratos, e o profundo burburinho das conversas de mesa, ouviu Cara-Malhada cantando "… *dançar*, *milorde*, *dançar*, *milorde*", acompanhado por guizos dissonantes. A mesma canção horrível que cantara de manhã. "*As sombras vêm ficar*, *milorde*, *ficar*, *milorde*, *ficar*, *milorde*." As mesas inferiores estavam apinhadas de cavaleiros, arqueiros e capitães mercenários, que desfaziam nacos de pão preto para ensopar nos seus guisados de peixe. Ali não havia risos sonoros nem gritos obscenos, como os que

Material com direitos autorais

acabavam com a dignidade dos banquetes de outros homens, lorde Stannis não permitia tais coisas.

Cressen abriu caminho na direção da plataforma elevada onde os senhores se sentavam com o rei. Teve de fazer um desvio em volta de Cara-Malhada. Dançando, com os guizos tocando, o bobo não o viu nem ouviu seus passos. Enquanto saltitava de uma perna para outra, guinou sobre Cressen, chutando a bengala em que o meistre se apoiava. No meio da afobação, caíram juntos, num emaranhado de braços e pernas, enquanto uma súbita explosão de risos se ergueu à volta deles. Não havia dúvida de que o espetáculo era cômico.

Cara-Malhada estatelou-se meio por cima do meistre, com a sua cara tatuada de bobo comprimida contra a de Cressen. Tinha perdido o elmo de latão com chifres e guizos.

— Debaixo do mar, caímos para cima — declarou. — Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Aos risinhos, o bobo rolou para longe, pôs-se de pé de um salto e fez uma pequena dança.

Tentando tirar o melhor proveito da situação, o meistre deu um frágil sorriso e esforçou-se para se erguer, mas sua bacia doía tanto que, por um momento, chegou a temer que a tivesse quebrado de novo. Sentiu-se sendo agarrado por baixo dos braços por mãos fortes que o puseram de pé.

— Obrigado, sor — murmurou, virando-se para ver qual dos cavaleiros tinha vindo ajudá-lo…

— Meistre — disse lady Melisandre, com a voz profunda temperada com a música do Mar de Jade. — Deveria tomar mais cuidado.

Material com direitos autorais

Como sempre, trajava vermelho dos pés à cabeça, com um longo vestido solto de seda esvoaçante, brilhante como fogo, com longas mangas pendentes e profundos cortes no corpete, pelos quais se entrevia um tecido mais escuro, vermelho-sangue, que usava por baixo. Tinha em torno da garganta uma gargantilha de ouro vermelho, mais apertada do que qualquer corrente de meistre, ornamentada com um único grande rubi. O cabelo não era de tom alaranjado ou cor de morango dos ruivos comuns, mas de um profundo acobreado lustroso que brilhava à luz das tochas. Até seus olhos eram vermelhos… Mas a pele era lisa e branca, imaculada, clara como leite. E era esguia, graciosa, mais alta que a maior parte dos cavaleiros, com seios fartos, cintura estreita e um rosto em forma de coração. Os olhos dos homens que a encontravam não se afastavam facilmente, nem mesmo os de um meistre. Muitos diziam que era bela. Mas não era. Era vermelha, e terrível, e vermelha.

— Eu… lhe agradeço, senhora.

— Um homem da sua idade deve ver onde pisa — disse Melisandre cortesmente. — A noite é escura e cheia de terrores.

Ele conhecia a frase, uma prece qualquer da fé dela. *Não importa, tenho minha própria fé.*

— Só as crianças temem a escuridão — respondeu Cressen. Mas, mesmo enquanto proferia aquelas palavras, ouviu Cara-Malhada retomar sua canção: "*As sombras vêm dançar, milorde, dançar, milorde, dançar, milorde*".

— Eis um mistério — disse Melisandre. — Um bobo esperto e um sábio tolo.

Dobrando-se, pegou do chão o elmo de Cara-Malhada e o colocou na cabeça de Cressen. Os guizos ressoaram suavemente

Material com direitos autorais

quando o balde de latão deslizou sobre suas orelhas.

— Uma coroa para combinar com a sua corrente, senhor meistre — anunciou ela. Por todos os lados, os homens riam.

Cressen apertou os lábios e lutou para controlar a ira. Ela o via como frágil e impotente, mas aprenderia que não era assim, antes de a noite acabar. Podia ser velho, mas ainda era um meistre da Cidadela.

— Não necessito de coroa alguma além da verdade — respondeu ele, tirando o elmo do bobo da cabeça.

— Há verdades neste mundo que não se ensinam em Vilavelha.

Melisandre virou as costas num redemoinho de seda vermelha e abriu caminho de volta à mesa elevada, onde se encontravam o rei Stannis e sua rainha. Cressen entregou o balde de latão com chifres a Cara-Malhada e fez menção de segui-la.

Meistre Pylos estava sentado no seu lugar.

O velho só conseguiu ficar parado, encarando-o.

— Meistre Pylos — disse por fim. — Você… você não me acordou.

— Sua Graça ordenou-me que o deixasse repousar. — Pylos teve pelo menos a cortesia de corar. — Disse-me que sua presença aqui não era necessária.

Cressen examinou por cima os cavaleiros, capitães e senhores que se sentavam em silêncio. Lorde Celtigar, idoso e amargo, vestia um manto com um padrão de caranguejos vermelhos realçados com granadas. O belo lorde Velaryon tinha escolhido seda verde-mar, e o cavalo-marinho de ouro branco que trazia à garganta combinava com seus longos cabelos claros. Lorde Bar Emmon, um roliço rapaz de catorze anos, estava coberto de veludo roxo debruado com pele

Material com direitos autorais

de foca branca; sor Axell Florent permanecia modesto, mesmo vestido de cor ferrugem e pele de raposa. O piedoso lorde Sunglass usava selenita na garganta, no pulso e nos dedos, e o capitão lyseno Salladhor Saan era um esplendor de cetim escarlate, ouro e joias. Só sor Davos vestia-se de forma simples, com um gibão marrom e um manto de lã verde, e só ele enfrentou seu olhar, com piedade nos olhos.

— Está doente e confuso demais para me ser útil, velho. — Soava tanto como a voz de lorde Stannis, mas não podia ser, não podia. — Daqui em diante, Pylos irá me aconselhar. Já cuida dos corvos, uma vez que você já não é capaz de subir até o viveiro. Não deixarei que se mate a meu serviço.

Meistre Cressen pestanejou. *Stannis, meu senhor, meu triste rapaz carrancudo, filho que nunca tive, não pode fazer isso. Não sabe como me preocupei com você, vivi para você, amei-o apesar de tudo? Sim, amei-o, mais até do que a Robert, ou a Renly, pois você era o mal-amado, aquele que mais precisava.* Mas tudo o que disse foi:

— Às suas ordens, senhor, mas… Tenho fome. Poderia ocupar um lugar à sua mesa? — *Ao seu lado, o meu lugar é ao seu lado…*

Sor Davos levantou-se do banco.

— Ficaria honrado se o meistre se sentasse aqui ao meu lado, Vossa Graça.

— Como quiser — respondeu lorde Stannis e se virou para dizer qualquer coisa a Melisandre, que tinha se sentado do seu lado direito, lugar de grande honra. Lady Selyse estava à sua esquerda, ostentando um sorriso tão brilhante e anguloso como as suas joias.

Longe demais, pensou Cressen, atordoado, olhando para onde sor Davos estava sentado. Metade dos senhores vassalos separava o

Material com direitos autorais

contrabandista da mesa elevada. *Tenho de ficar mais perto dela se quiser pôr o estrangulador na sua taça. Mas como?*

Cara-Malhada dava piruetas por ali, enquanto o meistre fazia seu lento trajeto em volta da mesa até Davos Seaworth.

— Aqui comemos peixe — declarou o bobo em tom feliz, brandindo um bacalhau como se fosse um cetro. — Debaixo do mar, os peixes nos comem. Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Sor Davos afastou-se para o lado, a fim de arranjar espaço no banco.

— Hoje devíamos estar todos vestidos de bufões — disse ele lugubremente quando Cressen se sentou —, pois o que estamos fazendo é coisa de bobo. A mulher vermelha viu vitória nas suas chamas; portanto, Stannis deseja insistir na sua pretensão, sem se importar com os números. Receio que, antes de ela terminar, é provável que todos vejamos o que o Cara-Malhada viu… o fundo do mar.

Cressen enfiou as mãos nas mangas, como se procurasse aquecê-las. Os dedos encontraram os caroços que os cristais faziam na lã.

— Lorde Stannis.

Stannis afastou o olhar da mulher vermelha, mas foi Selyse quem respondeu.

— *Rei* Stannis. Esqueceu-se do seu lugar, meistre.

— Ele é velho, sua mente divaga — disse-lhe o rei num tom rabugento. — Que foi, Cressen? Diga o que está pensando.

— Visto que pretende zarpar, é vital que faça causa comum com lorde Stark e lady Arryn…

— Não faço causa comum com ninguém — respondeu Stannis Baratheon.

Material com direitos autorais

— Assim como a luz não faz causa comum com a escuridão. — Lady Selyse tomou-lhe a mão.

Stannis concordou com a cabeça.

— Os Stark tentam roubar metade do meu reino, tal como os Lannister me roubaram o trono e o meu querido irmão, as espadas, servidores e fortalezas, que são meus por direito. São todos usurpadores, e são todos meus inimigos.

Perdi-o, Cressen pensou, desesperando-se. Se ao menos conseguisse, de algum modo, se aproximar de Melisandre sem ser visto… Não precisava de mais do que um instante de proximidade da sua taça.

— O senhor é o herdeiro legítimo do seu irmão Robert, o verdadeiro Senhor dos Sete Reinos, e Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens — disse Cressen, desesperadamente. — Mas, mesmo assim, não pode crer em um triunfo sem aliados.

— Ele tem um aliado — interveio lady Selyse. — R'hllor, o Senhor da Luz, o Coração de Fogo, o Deus da Chama e da Sombra.

— Os deuses são, na melhor das hipóteses, aliados incertos — insistiu o velho. — E esse não tem poder nenhum aqui.

— Acredita que não?

O rubi preso ao pescoço de Melisandre capturou a luz quando ela virou a cabeça, e por um instante pareceu brilhar tão luminoso como o cometa.

— Se acredita em tal besteira, meistre, deveria voltar a colocar sua coroa.

— Sim — concordou lady Selyse. — O elmo do Malhada. Cai bem em você, velho. Volte a colocá-lo, eu ordeno.

Material com direitos autorais

— Debaixo do mar ninguém usa chapéus — cantarolou Cara-Malhada. — Eu sei, eu sei, ei, ei, ei.

Os olhos de lorde Stannis estavam na sombra das suas pesadas sobrancelhas, sua boca, apertada, enquanto o maxilar trabalhava em silêncio. Rangia os dentes sempre que se zangava.

— Bobo — rosnou por fim —, a senhora minha esposa ordena. Dê o elmo a Cressen.

Não, pensou o velho meistre, *este não é você*, *não é o seu jeito*, *sempre foi justo*, *sempre duro*, *mas nunca cruel*, *nunca*, *não compreendia a gozação*, *assim como não compreendia o riso*.

Cara-Malhada se aproximou dançando, fazendo soar os guizos, *clang-a-clang*, *ding-ding*, *clinc-clanc-clinc-clanc*. O meistre ficou sentado, em silêncio, enquanto o bobo punha o balde com chifres na sua cabeça. Cressen baixou a cabeça com o peso. Os sinos ressoaram.

— Talvez ele deva, daqui para a frente, cantar os seus conselhos — disse lady Selyse.

— Foi longe demais, mulher — repreendeu-a lorde Stannis. — É um velho, e serviu-me bem.

E servirei até o fim, *meu querido senhor*, *meu pobre filho solitário*, pensou Cressen. E, de repente, descobriu um jeito. A taça de sor Davos estava na sua frente, ainda com tinto amargo pela metade. Encontrou uma dura lasca de cristal na manga, apertou-a bem entre o indicador e o polegar enquanto estendia a mão para a taça. *Movimentos suaves*, *hábeis*, *agora não posso me atrapalhar*, rezou, e os deuses mostraram-se bondosos. Num piscar de olhos, os dedos ficaram vazios. Havia anos que suas mãos não tinham estado tão

Material com direitos autorais

firmes, nem com metade daquela leveza. Davos viu, mas mais ninguém, tinha certeza. De taça na mão, levantou-se.

— Talvez tenha sido um tolo. Senhora Melisandre, quer partilhar comigo uma taça de vinho? Uma taça em honra do seu deus, do seu Senhor da Luz? Uma taça para brindar ao poder dele?

A mulher vermelha o estudou.

— Se quiser...

Podia sentir que todos o observavam. Davos agarrou-o quando se levantou do banco, prendendo sua manga com os dedos que lorde Stannis tinha encurtado.

— O que está fazendo? — sussurrou.

— Uma coisa que tem de ser feita — respondeu meistre Cressen. — Para o bem do reino e da alma do meu senhor. — Sacudiu a mão de Davos, derramando uma gota de vinho nos juncos.

Encontraram-se sob a mesa elevada, com os olhos de todos os homens sobre eles. Mas Cressen só via a mulher. Seda vermelha, olhos vermelhos, o rubi vermelho no pescoço, lábios vermelhos encurvados num tênue sorriso quando colocou a mão sobre a dele, em torno da taça. A pele dela pareceu-lhe quente, febril.

— Não é tarde demais para jogar o vinho fora, meistre.

— Não — murmurou roucamente. — Não.

— Como quiser.

Melisandre de Asshai tirou a taça de suas mãos e bebeu, longa e profundamente. Quando a devolveu, restava apenas meio gole de vinho no fundo.

— E agora você.

As mãos de Cressen tremiam, mas obrigou-se a ser forte. Um meistre da Cidadela não devia ter medo. Sentiu o vinho amargo na

Material com direitos autorais

língua. Deixou a taça vazia cair dos seus dedos e se estilhaçar no chão.

— Ele *tem* poder aqui, senhor — disse a mulher. — E o fogo purifica. — Na sua garganta, o rubi cintilava, vermelho.

Cressen tentou responder, mas as palavras lhe ficaram presas na garganta. Sua tosse transformou-se num terrível assobio agudo quando tentou inspirar. Dedos de ferro apertaram-se em torno do seu pescoço. Quando caiu de joelhos, ainda balançava a cabeça, negando-a, negando seu poder, sua magia, negando o seu deus. E os guizos tiniam nos chifres, cantando *tolo*, *tolo*, *tolo*, enquanto a mulher vermelha o olhava com piedade, e as chamas das velas dançavam nos seus olhos tão... tão vermelhos.

Material com direitos autorais

ARYA

EM WINTERFELL TINHA SIDO CHAMADA "Arya Cara de Cavalo", e Arya pensara, então, que nada poderia ser pior. Mas isso foi antes de o órfão Lommy Mãos-Verdes tê-la apelidado de "Cabeça de Caroço".

Sua cabeça *parecia* ter caroços quando a tocava. Quando Yoren a arrastara para aquele beco, Arya achou que quisesse matá-la, mas o velho amargo limitou-se a segurá-la firme, abrindo caminho com o punhal pelas suas madeixas emaranhadas. Lembrava-se de como a brisa tinha soprado os punhados de cabelo castanho sujo sobre as pedras do pavimento, em direção ao septo onde o pai morrera.

— Estou levando homens e rapazes da cidade — tinha resmungado Yoren, enquanto o aço afiado raspava sua cabeça. — Agora fica quieto, *rapaz*.

Quando ele terminou, não havia nada na cabeça além de tufos de cabelos cortados curtos. Mais tarde, Yoren disse que dali até Winterfell ela seria Arry, o órfão.

— O portão não deve ser difícil, mas a estrada é outra coisa. Tem muito chão pela frente com más companhias. Dessa vez tenho trinta, homens e garotos, todos a caminho da Muralha, e não pense que são como aquele seu irmão bastardo. — Ele a sacudiu. — Lorde Eddard me deixou escolher nas masmorras, e lá embaixo não encontrei nenhum fidalgote. Desses aí, metade entregava você para rainha num piscar de olhos em troca de um perdão e, de quebra, umas moedas de prata. A outra metade fazia o mesmo, só que te estuprava primeiro. Por isso, fique quieta e só tire água do joelho na

Material com direitos autorais

floresta, sozinha. Isso deve ser o mais difícil, o xixi, então, não beba mais do que precisa.

Deixar Porto Real foi fácil, como ele tinha dito. Os guardas Lannister no portão obrigavam todo mundo a parar, mas Yoren chamou um deles pelo nome, e com um gesto mandaram avançar as carroças em que seguiam. Ninguém olhou sequer de relance para Arya. Estavam à procura de uma moça bem-nascida, filha da Mão do Rei, não de um rapaz magricela com o cabelo tosado. Arya não olhou para trás. Gostaria que a Torrente transbordasse e levasse a cidade inteira, a Baixada das Pulgas, a Fortaleza Vermelha, o Grande Septo, *tudo*, e *todos* também, especialmente o príncipe Joffrey e a mãe dele. Mas sabia que isso não aconteceria, e, de qualquer modo, Sansa ainda estava na cidade, e seria levada também. Quando se lembrou disso, Arya decidiu que o melhor era desejar chegar a Winterfell.

Mas Yoren tinha se enganado sobre o xixi. Não era a parte mais difícil, mas sim Lommy Mãos-Verdes e o Torta Quente. Órfãos. Yoren pescara alguns das ruas, prometendo comida para as barrigas e sapatos para os pés. Os demais, tinha encontrado acorrentados.

— A Patrulha precisa de bons homens — disse-lhes quando se puseram a caminho —, mas vocês terão que servir.

Yoren também tirara marmanjos das masmorras, ladrões, caçadores ilegais, estupradores e afins. Os piores eram os três que tinha encontrado nas celas negras, que até a ele deviam assustar, porque os mantinha acorrentados pelos pés e pelas mãos na parte de trás de uma carroça, e garantia que os manteria presos ao longo de todo o caminho até a Muralha. Um deles não tinha nariz, apenas um buraco onde ele havia sido cortado, e o careca gordo com

Material com direitos autorais

dentes pontiagudos e feridas úmidas nas bochechas tinha olhos nada humanos.

Saíram de Porto Real com cinco carroças carregadas com abastecimento para a Muralha: peles e rolos de tecido, barras de ferro-gusa, uma gaiola de corvos, livros, papel e tinta, um fardo de folhamarga, vasilhas de óleo e baús de medicamentos e especiarias. Parelhas de cavalos de arado puxavam as carroças, e Yoren comprou dois corcéis e meia dúzia de burros para os rapazes. Arya teria preferido um cavalo verdadeiro, mas o burro era melhor do que seguir numa carroça.

Os homens não prestavam atenção nela, mas não teve a mesma sorte com os garotos. Era dois anos mais nova do que o órfão mais jovem, sem contar que também era menor e mais magra, e Lommy e Torta Quente julgavam que seu silêncio significava que estava assustada, ou que era estúpida ou surda.

— Olha aquela espada que o Cabeça de Caroço tem — disse Lommy uma manhã, enquanto abriam seu penoso caminho por entre pomares e campos de trigo. Tinha sido aprendiz de tintureiro antes de ser apanhado roubando, e seus braços eram salpicados de verde até o cotovelo. Quando ria, zurrava como os burros que montavam. — Onde é que um rato de esgoto como o Cabeça de Caroço arranjou uma espada?

Arya mordeu o lábio, carrancuda. Podia ver as costas do manto negro desbotado de Yoren à frente das carroças, mas estava decidida a não ir implorar por sua ajuda.

— Talvez seja um escudeirozinho — sugeriu Torta Quente. Sua mãe tinha sido padeira até morrer, e ele tinha passado dias inteiros empurrando o carrinho de mão pelas ruas, gritando "*Tortas quentes!*

Material com direitos autorais

Tortas quentes!". — Um escudeirozinho de um senhorzinho de nada, é isso.

— Escudeiro, nada, olha pra ele. Aposto que aquilo nem é uma espada de verdade. Aposto que é uma espada de brincar feita de latão.

Arya detestava que zombassem de Agulha.

— É aço forjado em castelo, seu estúpido — exclamou, virando-se na sela para encará-los. — E é melhor que cale a boca.

Os órfãos vaiaram.

— Onde arranjou uma arma dessas, Cara de Caroço? — quis saber Torta Quente.

— É *Cabeça* de Caroço — corrigiu Lommy. — Deve ter roubado.

— Não roubei *nada*! — gritou Arya. Jon Snow tinha lhe dado Agulha. Talvez tivesse de deixar que a chamassem Cabeça de Caroço, mas não ia deixar que chamassem Jon de ladrão.

— Se roubou a espada, podíamos pegá-la dele — sugeriu Torta Quente. — De qualquer maneira, não é dele. Eu não me importava de ter uma dessas na mão.

Lommy o incitou.

— Vai lá, duvido que pegue.

Torta Quente enfiou os calcanhares no burro, aproximando-se.

— Ei, Cabeça de Caroço, me dá essa espada. — O cabelo do garoto era cor de palha e a cara gorda, queimada pelo sol, descamava. — Você não sabe usá-la.

Sei, sim, Arya podia ter dito. *Matei um garoto, um garoto gordo como você. Dei uma estocada na barriga dele, e ele morreu, e mato você também se não me deixar em paz*. Mas não se atreveu. Yoren não sabia nada sobre o cavalariço, e ela tinha medo do que pudesse fazer se

Material com direitos autorais

descobrisse. Arya tinha certeza de que alguns dos outros homens também eram assassinos, os três das algemas com certeza, mas a rainha não estava à procura *deles*, então não era a mesma coisa.

— Olha pra ele — zurrou Lommy Mãos-Verdes. — Aposto que vai começar a chorar. Quer chorar, Cabeça de Caroço?

Arya tinha chorado durante o sono na noite anterior, sonhando com o pai. Ao amanhecer, acordou de olhos vermelhos e secos, e não conseguiria derramar nem mais uma lágrima, nem que sua vida dependesse disso.

— Vai molhar as calças — sugeriu Torta Quente.

— Deixem-no em paz — disse o rapaz com o cabelo preto crespo, que cavalgava atrás. Lommy lhe dera o apelido de Touro, por causa do elmo com cornos que tinha e que polia o tempo todo, mas nunca usava. Lommy não se atrevia a caçoar do Touro. Era mais velho, e grande para a idade, com um peito largo e braços de aspecto forte.

— É melhor dar a espada ao Torta Quente, Arry — disse Lommy. — O Torta Quente a quer muito. Matou um rapaz a chutes. Aposto que vai fazer o mesmo com você.

— Atirei-o ao chão e chutei suas bolas, e continuei a chutá-lo até estar morto — vangloriou-se Torta Quente. — Estraçalhei o cara a pontapés. Ficou com as bolas estouradas, sangrando, e o pinto preto. É melhor me dar a espada.

Arya puxou a espada de treino do cinto.

— Pode ficar com esta — respondeu, sem querer lutar.

— Isso é só um pau qualquer.

O rapaz se aproximou e tentou alcançar o cabo da Agulha.

Material com direitos autorais

Arya fez o pau assobiar ao bater com a madeira nas ancas do burro dele. O animal *soltou um zurro* e deu um salto, arqueando o dorso e atirando Torta Quente no chão. Arya fez seu próprio burro dar meia-volta e espetou o pau na barriga do rapaz quando tentava se levantar, obrigando-o a se sentar de novo com um grunhido. Então, bateu na cara dele, e o nariz *estalou* como um galho quando se quebra. Sangue escorreu de suas narinas. Quando Torta Quente começou a gemer, Arya virou-se para Lommy Mãos-Verdes, que continuava montado no burro, de boca aberta:

— Também quer provar um pouco da espada? — gritou ela, mas ele não queria. Ergueu as mãos tingidas de verde na frente da cara e guinchou que ela se afastasse.

Touro gritou:

— Atrás de você!

Arya rodopiou. Torta Quente estava de joelhos, com o punho fechado segurando uma grande pedra pontuda. Arya deixou que a atirasse, baixando a cabeça quando a pedra passou. Depois, saltou para cima dele. Ele levantou uma mão, e Arya bateu nela, e depois na cara, e depois no joelho. Ele tentou agarrá-la, mas ela se afastou, dançando, e deu com a madeira na nuca dele. Ele caiu, se levantou e tropeçou ao ir atrás dela, com a cara vermelha toda manchada de terra e sangue. Arya adotou uma pose de dançarina de água e esperou. Quando ele chegou suficientemente perto, lançou uma estocada, bem no meio das pernas, com tanta força que, se a espada de madeira tivesse uma ponta, teria saído por entre as nádegas dele.

Quando Yoren a puxou para cima, Torta Quente estava estatelado no chão, com os calções marrons e fedidos, chorando, enquanto Arya batia e voltava a bater.

Material com direitos autorais

— *Basta* — rugiu o irmão de negro, arrancando a espada de madeira dos dedos dela. — Quer matar esse idiota? — Quando Lommy e alguns dos outros começaram a chiar, o velho virou-se também para eles. — Calem a boca vocês também, senão vou fazer com que se calem. Se continuarem com isso, amarro todos atrás das carroças e *arrasto vocês* até a Muralha. — Yoren cuspiu. — E isso vale em dobro para você, Arry. Anda comigo, rapaz. *Já*.

Estavam todos olhando para ela, até os três acorrentados e algemados na parte de trás da carroça. O gordo bateu os dentes pontiagudos uns nos outros e silvou, mas Arya o ignorou.

O velho a arrastou até bem longe, num emaranhado de árvores afastado da estrada, praguejando e resmungando o tempo inteiro.

— Se eu tivesse um pingo de juízo, tinha deixado você em Porto Real. Está me ouvindo, *rapaz*? — Yoren rosnava sempre aquela palavra, dando-lhe peso para que ela não deixasse de ouvi-la. — Desamarre o calção e abaixe-o. Vai, aqui não tem ninguém vendo. Faz o que eu digo.

Carrancuda, Arya fez o que ele dizia.

— Ali, junto do carvalho. Isso, assim mesmo — Arya abraçou o tronco e comprimiu a cara contra a madeira rugosa. — Agora grita. Grita com força.

Não gritarei, pensou Arya teimosamente, mas, quando Yoren bateu com o pau na parte de trás das suas coxas nuas, o guincho saiu, mesmo sem permissão.

— Acha que isso doeu? — perguntou ele. — Experimenta isto.

O pau caiu assobiando. Arya voltou a guinchar, agarrando-se à árvore para não cair.

— Mais uma vez.

Material com direitos autorais

Ela se agarrou mais, mordendo o lábio, estremecendo quando ouviu o pau chegando. A pancada fez Arya saltar e uivar. *Não chorarei*, pensou, *não farei isso. Sou uma Stark de Winterfell, nosso símbolo é o lobo-gigante, e os lobos-gigantes* não choram. Sentia um estreito fio de sangue escorrendo pela perna esquerda. Suas coxas e nádegas ardiam de dor.

— Pode ser que agora eu tenha a sua atenção — disse Yoren. — Da próxima vez que levantar o pau contra um dos seus irmãos, levará o dobro do que der, está me ouvindo? Agora, vista-se.

Eles não são meus irmãos, Arya pensou, enquanto se dobrava para puxar os calções, mas sabia que não devia dizer aquilo. As mãos atrapalharam-se com o cinto e os cordões.

Yoren estava olhando para ela:

— Tá sentindo dor?

Calma como águas paradas, disse ela a si mesma, como Syrio Forel lhe ensinara.

— Um pouco.

Ele cuspiu.

— Aquele menino das tortas sentiu mais. Não foi ele que matou seu pai, menina, nem o ladrão do Lommy. Bater neles não vai trazê-lo de volta.

— Eu sei — resmungou Arya, carrancuda.

— Mas tem uma coisa que você não sabe. Aquilo não deveria ter acontecido como aconteceu. Tava pronto para ir embora, com as carroças compradas e carregadas, e chega um homem com um rapaz para mim, uma bolsa de dinheiro e uma mensagem, não me pergunte de quem. "O lorde Eddard deve vestir o negro", ele me

Material com direitos autorais

disse, "espera, ele vai contigo." Por que você acha que eu tava lá? Só que alguma coisa deu errado.

— *Joffrey* — exclamou Arya. — Alguém deveria matar *ele*!

— Alguém vai matá-lo, mas não será você nem eu. — Yoren jogou de volta para ela a espada de madeira. — Tem folhamarga nas carroças — disse, enquanto voltavam à estrada. — Mastiga um pouco, vai ser bom para a dor.

De fato foi bom, um pouco, embora o gosto fosse ruim e deixasse seu cuspe parecido com sangue. Mesmo assim, seguiu o resto do dia a pé, e o dia seguinte, e o outro depois *desse*, dolorida demais para se sentar num burro. Torta Quente estava pior. Yoren teve de mudar algumas barricas de lugar para que ele pudesse deitar na parte de trás de uma carroça, em cima de umas sacas de cevada, e choramingava cada vez que as rodas batiam numa pedra. Lommy Mãos-Verdes não estava sequer machucado, mas mantinha-se o mais longe possível de Arya.

— Sempre que olha para ele, ele se encolhe — disse Touro a Arya enquanto ela caminhava ao lado do seu burro. Ela não respondeu. Parecia ser mais seguro não falar com ninguém.

Naquela noite, ficou deitada na sua manta fina no chão duro, fitando o grande cometa vermelho. Era magnífico e assustador ao mesmo tempo. "A Espada Vermelha", assim Touro o chamara; dizia que parecia uma espada, com a lâmina ainda incandescente da forja. Quando Arya o olhava de soslaio, da maneira certa, também conseguia ver a espada, mas não era uma espada nova, era Gelo, a espada larga do pai, toda feita de aço valiriano ondulado, e o vermelho era o sangue de lorde Eddard na lâmina depois de sor Ilyn, o Magistrado do Rei, ter lhe cortado a cabeça. Yoren a

Material com direitos autorais

obrigara a afastar o olhar quando aquilo aconteceu, mas ela acreditava que o aspecto do cometa devia ser como o que a espada deve ter tomado depois.

Quando por fim adormeceu, sonhou com seu lar. A estrada do rei serpenteava ao longo de Winterfell a caminho da Muralha, e Yoren havia prometido que a deixaria lá sem que ninguém ficasse sabendo nada sobre quem era. Ansiava por voltar a ver a mãe, e Robb, Bran e Rickon… mas era em Jon Snow que mais pensava. Desejava que de algum modo pudessem chegar à Muralha *antes* de Winterfell, para que Jon pudesse despentear seu cabelo e chamá-la de "irmãzinha". Diria "tive saudades de você", e ele diria a mesma coisa no mesmo instante, do modo como costumavam sempre dizer as coisas juntos. Ela gostaria disso. Gostaria mais disso do que de qualquer outra coisa.

Material com direitos autorais

SANSA

O DIA DO NOME DO REI JOFFREY amanheceu claro e ventoso, com a longa cauda do grande cometa visível por entre nuvens altas e rápidas. Sansa a observava da janela de sua torre quando sor Arys Oakheart chegou para escoltá-la até o campo de torneio.

— O que o senhor acha que significa? — perguntou-lhe.

— Glória para o seu prometido — respondeu sor Arys de imediato. — Veja como flameja pelo céu hoje, no dia do nome de Sua Graça, como se os próprios deuses tivessem içado um estandarte em sua honra. O povo o chamou Cometa do rei Joffrey.

Sem dúvida era isso que diziam a Joffrey, mas Sansa não tinha tanta certeza de que fosse verdade.

— Ouvi criados chamarem de Cauda do Dragão.

— Rei Joffrey ocupa o lugar que antigamente foi de Aegon, o Dragão, no castelo construído por seu filho — disse sor Arys. — É ele o herdeiro do dragão… E o carmesim é a cor da Casa Lannister, outro sinal. Este cometa foi enviado para anunciar a ascensão de Joffrey ao trono, não tenho qualquer dúvida. Significa que triunfaremos sobre os inimigos.

Será verdade?, perguntou Sansa a si mesma. *Seriam os deuses tão cruéis assim?* Sua mãe era agora um dos inimigos de Joffrey, e seu irmão Robb, outro. Seu pai tinha morrido por ordem do rei. Deveriam Robb e sua mãe morrer em seguida? O cometa *era* vermelho, mas Joffrey era tanto Baratheon como Lannister, e o símbolo Baratheon era um veado negro em fundo dourado. Não deveriam os deuses ter mandado a Joff um cometa dourado?

Material com direitos autorais

Sansa fechou as venezianas e deu as costas à janela bruscamente.

— Está adorável hoje, senhora — elogiou sor Arys.

— Obrigada, sor.

Sabendo que Joffrey exigiria que ela comparecesse ao torneio organizado em sua honra, Sansa tinha tomado especial cuidado com seu rosto e suas roupas. Usava um vestido de seda lilás e uma rede de selenitas para o cabelo, presente de Joffrey. O vestido tinha mangas compridas para esconder os hematomas que trazia nos braços. Estes também presentes de Joffrey. Quando lhe disseram que Robb tinha sido proclamado Rei no Norte, sua ira havia sido terrível, e mandara sor Boros bater nela.

— Vamos? — Sor Arys lhe ofereceu o braço, e Sansa deixou que ele a levasse dos seus aposentos. Se tinha de ter um membro da Guarda Real seguindo seus passos, preferia que fosse ele. Sor Boros tinha um temperamento irritável, sor Meryn era frio, e os estranhos olhos mortos de sor Mandon a deixavam pouco à vontade, enquanto sor Preston a tratava como uma criança estúpida. Arys Oakheart era cortês e falava com ela cordialmente. Uma vez até questionou quando Joffrey lhe ordenara que batesse nela. Acabou batendo, mas não com tanta força como sor Meryn ou sor Boros teriam feito, e pelo menos argumentara. Os outros obedeciam sem questionar… Exceto Cão de Caça, mas Joff nunca pedia a ele que a punisse. Para isso usava os outros cinco.

Sor Arys tinha cabelo castanho-claro e um rosto que não era desagradável de contemplar. Hoje, estava um tanto elegante, com o manto de seda branca preso ao ombro por uma folha dourada, e um grande carvalho bordado no peito da sua túnica em brilhante fio de ouro.

Material com direitos autorais

— Quem acha que conquistará as honras do dia? — perguntou Sansa, enquanto desciam os degraus de braços dados.

— Eu — respondeu sor Arys, sorrindo. — Mas temo que o triunfo não tenha sabor. Esta será uma competição pequena e pobre. Não mais de duas vintenas entrarão na arena, incluindo escudeiros e cavaleiros livres. Pouca honra se conquista derrubando garotinhos verdes.

Sansa lembrou-se de que o último torneio tinha sido diferente. O rei Robert organizara-o em honra a seu pai. Grandes senhores e campeões famosos tinham vindo de todo o reino para competir, e a cidade inteira apareceu para assistir. Recordava o esplendor. O parque de pavilhões ao longo do rio, com o escudo de um cavaleiro pendurado na frente de cada porta, as longas fileiras de flâmulas de seda esvoaçando ao vento, o brilho do sol em aço cintilante e esporas douradas. Os dias ressoaram ao som das trombetas e de cascos de cavalos, e as noites tinham se enchido de banquetes e canções. Aqueles tinham sido os dias mais mágicos da sua vida, mas agora pareciam a recordação de uma outra era. Robert Baratheon estava morto, e seu pai também, decapitado como traidor nos degraus do Grande Septo de Baelor. Agora havia três reis na nação, e a guerra assolava o Tridente, enquanto a cidade se enchia de homens desesperados. Não surpreendia que tivessem tido de montar o torneio de Joff atrás das espessas muralhas de pedra da Fortaleza Vermelha.

— Acha que a rainha comparecerá? — Sansa sentia-se sempre mais segura quando Cersei estava presente para refrear o filho.

— Temo que não, senhora. O conselho está reunido, algum assunto urgente. — Sor Arys baixou a voz. — Lorde Tywin

Material com direitos autorais

instalou-se em Harrenhal, em vez de trazer seu exército para a cidade, como a rainha ordenou. Sua Graça está furiosa.

Ele ficou em silêncio, enquanto uma coluna de guardas Lannister passava por eles marchando, vestidos com mantos carmesins e elmos encimados por leões. Sor Arys adorava fofocar, mas só quando tinha certeza de que ninguém o estava ouvindo.

Os carpinteiros tinham erigido uma galeria e uma arena entre as muralhas. Era, de fato, uma coisa medíocre, e a magra afluência de pessoas que tinham vindo assistir ao torneio não enchia mais do que metade dos lugares. A maior parte dos espectadores era de guardas de mantos dourados da Patrulha da Cidade, ou de mantos carmesim da Casa Lannister; senhores e senhoras não eram mais do que um punhado insignificante, os poucos que permaneciam na corte. Lorde Gyles Rosby, com sua cara cinzenta, tossia em um quadrado de seda cor-de-rosa. Lady Tanda estava rodeada pelas filhas, a plácida e aborrecida Lollys, e a mordaz Falyse. Jalabhar Xho, de pele de ébano, era um exilado que não tinha nenhum outro refúgio, lady Ermesande, um bebê sentado no colo da ama de leite. Segundo se dizia, ela deveria ser casada em breve com um dos primos da rainha, para que os Lannister pudessem reclamar as suas terras.

O rei estava protegido do sol por uma abóbada carmesim, com uma perna jogada negligentemente sobre o braço de madeira esculpida da cadeira. A princesa Myrcella e o príncipe Tommen estavam sentados atrás dele. No fundo do camarote real, Sandor Clegane montava guarda, descansando as mãos no cinto da espada. Tinha o manto branco da Guarda Real enrolado sobre os ombros largos e preso com um broche cravejado de joias. O pano, branco

Material com direitos autorais

como a neve, parecia de certo modo pouco natural sobre sua túnica marrom de tecido grosseiro e justilho de couro com rebites.

— Lady Sansa — anunciou secamente Cão de Caça quando a viu. Sua voz era áspera como o som de uma serra na madeira. As cicatrizes de queimaduras no seu rosto faziam com que um dos lados de sua boca se torcesse quando falava.

A princesa Myrcella fez um tímido aceno de saudação ao ouvir o nome de Sansa, mas o pequeno e roliço príncipe Tommen saltou, cheio de entusiasmo.

— Sansa, já te disseram? Hoje devo participar do torneio. A mãe disse que eu podia.

Tommen não tinha mais do que oito anos. Fazia Sansa lembrar-se do irmão mais novo, Bran. Eram da mesma idade. Bran estava em Winterfell, aleijado, mas em segurança, e ela daria qualquer coisa para estar com ele.

— Temo pela vida do seu oponente — disse a ele solenemente.

— O oponente dele estará estofado com palha — disse Joff ao se pôr de pé. O rei trajava uma placa peitoral dourada com um leão rugindo gravado, como se esperasse que a guerra o tragasse a qualquer momento. Fazia naquele dia treze anos, e era alto para a idade, com os olhos verdes e o cabelo dourado dos Lannister.

— Vossa Graça — disse ela, fazendo uma reverência.

Sor Arys também fez uma reverência.

— Peço que me perdoe, Vossa Graça. Tenho de ir me equipar para a arena.

Joffrey o mandou embora com um aceno brusco, enquanto estudava Sansa da cabeça aos pés.

— Fico contente que tenha usado as minhas pedras.

Material com direitos autorais

Então, o rei decidira desempenhar hoje um papel galante. Sansa sentiu-se aliviada.

— Agradeço-lhe por elas… e pelas suas ternas palavras. Desejo-lhe um afortunado dia do seu nome, Vossa Graça.

— Sente-se — ordenou Joffrey, indicando-lhe com um gesto a cadeira vazia ao lado da sua. — Já a informaram? O Rei Pedinte está morto.

— Quem? — Por um momento, Sansa sentiu receio de que ele se referisse a Robb.

— Viserys. O último filho do Rei Louco Aerys. Esteve andando pelas Cidades Livres desde antes do meu nascimento, chamando a si próprio rei. Bem, a mãe diz que os dothrakis finalmente o coroaram. Com ouro derretido. — Soltou uma gargalhada. — É engraçado, não é? O dragão era o seu símbolo. É quase tão bom como se um lobo qualquer matasse o traidor do seu irmão. Talvez eu o dê de comida aos lobos depois de capturá-lo. Já lhe disse que pretendo desafiá-lo para um combate individual?

— Gostaria de assistir a isso, Vossa Graça. — *Mais do que você pensa*. Sansa manteve o tom calmo e educado, mas mesmo assim os olhos de Joffrey estreitaram-se enquanto tentava decidir se ela estaria caçoando dele. — Vai participar da justa hoje? — perguntou ela rapidamente.

O rei franziu a testa.

— A senhora minha mãe disse que não seria adequado, pois o torneio é em minha honra. De outro modo, eu seria o campeão. Não é verdade, Cão?

A boca do Cão de Caça retorceu-se.

— Contra esses aí? E por que não?

Material com direitos autorais

Sansa lembrou-se de que *ele* tinha sido campeão no torneio do pai.

— Irá competir hoje, senhor?

A voz de Clegane soou repleta de desprezo.

— Nem valeria o esforço de me armar. Isto é um torneio de mosquitos.

O rei soltou uma gargalhada.

— Meu cão ladra ferozmente. Talvez eu deva lhe ordenar que combata o campeão do dia. Até a morte. — Joffrey gostava de obrigar os homens a lutar até a morte.

— Ficaria com um cavaleiro a menos.

Cão de Caça nunca tinha prestado juramento de cavalaria. O irmão era um cavaleiro, e ele o odiava.

Soou um toque de trombeta. O rei voltou a se instalar na sua cadeira e tomou a mão de Sansa na sua. Em outros tempos, aquilo teria feito seu coração disparar, mas isso havia sido antes de ele ter respondido à sua súplica por misericórdia apresentando-lhe a cabeça do pai. Agora, aquele toque enchia-a de repulsa, mas sabia que não devia demonstrá-la. Obrigou-se a ficar sentada, muito quieta.

— *Sor Meryn Trant, da Guarda Real* — gritou um arauto.

Sor Meryn entrou, vindo do lado ocidental do pátio, usando uma placa de cintilante aço branco com filetes dourados, montando um cavalo branco leitoso com uma crina cinza esvoaçante. O manto fluía atrás dele como um campo de neve. Portava uma lança de três metros e meio.

— *Sor Hobber, da Casa Redwyne, da Árvore* — cantou o arauto. Sor Hobber surgiu a trote, vindo do leste, montando um garanhão

Material com direitos autorais

negro coberto de tecido vinho e azul. Sua lança era listrada nas mesmas cores, e o escudo ostentava o símbolo do cacho de uvas da sua Casa. Os gêmeos Redwyne eram hóspedes involuntários da rainha, tal como Sansa. Perguntou a si mesma de quem teria sido a ideia da sua participação no torneio de Joffrey. *Deles, aposto que não*, pensou.

A um sinal do mestre das festividades, os combatentes assentaram as lanças e esporearam as montarias. Ouviram-se gritos vindos da assistência de guardas e de senhores e senhoras na galeria. Os cavaleiros chocaram-se no centro do pátio com um grande estrondo de madeira e aço. A lança branca e a listrada explodiram em lascas com um segundo de diferença uma da outra. Hobber Redwyne oscilou com o impacto, mas de algum modo conseguiu se manter montado. Dando a volta com os cavalos na extremidade da arena, os cavaleiros jogaram fora as lanças quebradas e receberam substitutas das mãos dos escudeiros. Sor Horas Redwyne, irmão gêmeo de sor Hobber, gritou incentivos ao irmão.

Mas, na segunda passagem, sor Meryn balançou a ponta da sua lança para atingir sor Hobber no peito, derrubando-o da sela e fazendo-o estatelar-se com um retumbante estrondo no chão. Sor Horas soltou uma praga e correu para ajudar o irmão derrotado a sair do campo.

— Cavalo mal montado — declarou rei Joffrey.

— *Sor Balon Swann, de Pedrelmo, na Atalaia Vermelha* — soou o grito do arauto. Grandes asas brancas ornamentavam o elmo de sor Balon, e cisnes negros e brancos lutavam no seu escudo. — *Morros, da Casa Slynt, herdeiro de lorde Janos de Harrenhal.*

Material com direitos autorais

— Olhe para aquele arrivista imbecil — exclamou Joff, alto o suficiente para que metade do pátio o ouvisse. Morros, um mero escudeiro, e ainda por cima novato nessa posição, tinha dificuldade em manejar a lança e o escudo. Sansa sabia que a lança era uma arma de cavaleiro, e os Slynt eram homens malnascidos. Lorde Janos não havia sido mais do que comandante da Patrulha da Cidade antes de Joffrey tê-lo trazido para o conselho e lhe ter dado Harrenhal.

Espero que caia e se envergonhe, pensou com amargura. *Espero que sor Balon o mate*. Quando Joffrey proclamou a morte do pai, foi Janos Slynt quem agarrou a cabeça cortada de lorde Eddard pelo cabelo e a ergueu bem alto para que o rei e a multidão a contemplassem, enquanto Sansa chorava e gritava.

Morros usava uma capa com xadrez preto e dourado sobre uma armadura negra, incrustada de arabescos dourados. O escudo exibia a lança ensanguentada que o pai havia escolhido como símbolo da sua nova casa. Mas ele parecia não saber o que fazer com o escudo, enquanto incitava o cavalo a avançar, e a ponta de sor Balon atingiu o brasão em cheio. Morros soltou a lança, lutou para manter o equilíbrio, mas perdeu. Um pé ficou preso no estribo quando caiu, e o cavalo em fuga arrastou o jovem até o fim da arena, com a cabeça quicando no chão. Joff soltou gritos de escárnio. Sansa ficou aterrorizada, perguntando-se se os deuses teriam escutado sua prece vingativa. Porém, quando desprenderam Morros Slynt do cavalo, encontraram-no coberto de sangue, mas vivo.

— Tommen, escolhemos o adversário errado para você — disse o rei ao irmão. — O cavaleiro de palha compete melhor do que aquele ali.

Material com direitos autorais

Em seguida, chegou a vez de sor Horas Redwyne. Esteve melhor do que o irmão, vencendo um cavaleiro idoso, cuja montaria estava adornada com grifos de prata sobre fundo listrado de azul e branco. Apesar da magnificência que ostentava, o velho foi um oponente frágil. Joffrey franziu o lábio.

— Este espetáculo está medíocre.

— Eu o preveni — disse Cão de Caça. — Mosquitos.

O rei estava ficando entediado, o que deixava Sansa ansiosa. Baixou os olhos e decidiu manter-se em silêncio, acontecesse o que acontecesse. Quando o humor de Joffrey Baratheon se fechava, qualquer palavra à toa podia disparar uma das suas iras.

— *Lothor Brune, cavaleiro livre ao serviço de lorde Baelish* — gritou o arauto. — *Sor Dontos, o Vermelho, da Casa Hollard.*

O cavaleiro livre, um homem pequeno numa armadura amassada e sem símbolos, surgiu como devia ser, na extremidade ocidental do pátio, mas do seu oponente não havia sinal. Por fim, um garanhão alazão surgiu trotando no meio de um redemoinho de sedas carmesim e escarlate, mas sor Dontos não se encontrava sobre ele. O cavaleiro apareceu um momento mais tarde, praguejando e cambaleando, equipado com a placa peitoral e o elmo com plumas, mas nada mais. Suas pernas eram brancas e magras, e o membro balançava obscenamente enquanto perseguia o cavalo. A audiência rugiu e berrou insultos. Apanhando o cavalo pelo freio, sor Dontos tentou montar, mas o animal não ficava quieto, e o cavaleiro estava tão bêbado que o pé descalço não acertava o estribo.

Então, a multidão já uivava de rir… Todos, menos o rei. Joffrey tinha uma expressão nos olhos de que Sansa se lembrava bem, a mesma que mostrara no Grande Septo de Baelor no dia em que

Material com direitos autorais

sentenciou lorde Eddard Stark à morte. Por fim, sor Dontos, o Vermelho, desistiu, sentou-se na terra e tirou o elmo emplumado.

— Perdi — gritou. — Tragam-me vinho.

O rei se levantou.

— Um barril da adega! Quero vê-lo afogado nele.

Sansa ouviu-se arquejar.

— *Não*, não pode.

Joffrey virou a cabeça.

— O que você disse?

Sansa não conseguia acreditar que havia falado. Estaria louca? Dizer-lhe *não* na frente de metade da corte? Não pretendera dizer nada, mas… sor Dontos estava bêbado, bobo e incapaz, mas não tinha sido mal-intencionado.

— Você disse que *não posso*? Disse?

— Por favor — disse Sansa. — Eu só quis dizer… seria má sorte, Vossa Graça… Matar um homem no dia do seu nome.

— Está mentindo — disse Joffrey. — Deveria afogá-la também, se você se preocupa tanto com ele.

— Eu não me preocupo com ele, Vossa Graça. — As palavras saíram aos trancos, desesperadamente. — Afogue-o, ou mande lhe cortar a cabeça, mas… Mate-o amanhã, se quiser, mas, por favor… hoje não, não no dia do seu nome. Não poderia suportar que tivesse má sorte… Uma sorte terrível, mesmo para reis. Todos os cantores o dizem…

Joffrey franziu o cenho. Ele sabia que ela estava mentindo, percebeu. Faria Sansa sangrar por aquilo.

— A moça diz a verdade — interveio Cão de Caça. — O que um homem semeia no dia do seu nome colhe ao longo do ano. — A voz

Material com direitos autorais

era monocórdica, como se não lhe importasse nem um pouco se o rei acreditava ou não. Poderia ser *verdade*? Sansa não sabia. Tinha sido apenas algo que dissera, desesperada por evitar uma punição.

Pouco feliz, Joffrey moveu-se na cadeira e fez um gesto brusco com os dedos na direção de sor Dontos.

— Levem-no. Mandarei matar esse tolo amanhã.

— E é o que ele é — disse Sansa. — Um tolo. Um bobo. Você é tão inteligente por ver isso. Ele fica melhor como bobo do que como cavaleiro, não fica? Deveria vesti-lo com retalhos e fazer dele seu palhaço. Não merece a piedade de uma morte rápida.

O rei a estudou por um momento.

— Talvez não seja tão estúpida como a mãe diz — e elevou a voz: — Ouviu a minha senhora, Dontos? Deste dia em diante, é o meu novo bobo. Pode dormir com o Rapaz-Lua e vestir-se de retalhos.

Sor Dontos, tornado sóbrio depois de roçar a morte de perto, caiu de joelhos.

— Agradeço-lhe, Vossa Graça. E a senhora também. Obrigado.

Enquanto um par de guardas Lannister o levava, o mestre de cerimônias aproximou-se do camarote:

— Vossa Graça — disse —, deverei chamar um novo adversário para Brune ou prosseguir com a próxima justa?

— Nem uma coisa nem outra. Esses aí são caceteiros, não cavaleiros. Teria condenado todos à morte se não fosse o dia do meu nome. O torneio acabou. Leve todos para longe da minha vista.

O mestre de cerimônias fez uma reverência, mas o príncipe Tommen foi menos obediente.

— Eu ia enfrentar o homem de palha.

Material com direitos autorais

— Hoje não.

— Mas eu quero.

— Não me interessa o que você quer.

— A mãe *disse* que eu podia.

— É verdade — confirmou a princesa Myrcella.

— A mãe *disse* — zombou o rei. — Não seja infantil.

— Somos crianças — declarou Myrcella com altivez. — *Espera-se* que sejamos infantis.

Cão de Caça soltou uma gargalhada:

— Ela pegou você.

Joffrey aceitou a derrota.

— Muito bem. Nem meu irmão poderá combater pior que os outros. Mestre, traga o estafermo. Tommen quer ser um mosquito.

Tommen soltou um grito de alegria e correu para ser preparado, com as pequenas pernas roliças batendo com força no chão.

— Boa sorte — gritou Sansa para ele.

Colocaram o estafermo na extremidade mais distante da arena, enquanto o pônei do príncipe era selado. O oponente de Tommen era um guerreiro de couro do tamanho de uma criança, estofado com palha e montado num eixo, com um escudo numa das mãos e uma maça acolchoada na outra. Alguém tinha prendido um par de chifres de veado na cabeça do cavaleiro. Sansa lembrava-se de que o pai de Joffrey, o rei Robert, usava chifres no elmo, mas também os usava lorde Renly, irmão de Robert, que tinha se tornado traidor e se coroado rei.

Um par de escudeiros afivelou no príncipe sua ornamentada armadura prateada e carmesim. Uma grande crista de penas vermelhas brotava do topo do seu elmo, e o leão de Lannister e o

Material com direitos autorais

veado coroado de Baratheon brincavam juntos no seu escudo. Os escudeiros ajudaram-no a montar, e sor Aron Santagar, mestre de armas da Fortaleza Vermelha, avançou e entregou a Tommen uma espada longa prateada, sem fio, com uma lâmina em forma de folha, concebida para se ajustar a uma mão de oito anos.

Tommen ergueu a lâmina bem alto.

— Rochedo Casterly — gritou, numa aguda voz de garoto, ao bater com os calcanhares no pônei e começar a investida contra o estafermo. Lady Tanda e lorde Gyles soltaram vivas desencontrados, e Sansa juntou sua voz à deles. O rei caiu no silêncio.

Tommen fez o pônei seguir a trote ligeiro, brandiu vigorosamente a espada e deu um golpe sólido no escudo do cavaleiro quando passou por ele. O estafermo rodopiou, a maça voou e foi dar uma poderosa cacetada na nuca do príncipe. Tommen caiu da sela, fazendo sua armadura nova retinir como um saco de penicos velhos ao atingir o chão. A espada voou para longe, o pônei fugiu a meio galope pelo pátio afora, e uma grande rajada de escárnio agitou o ar. Rei Joffrey foi, de todos, quem riu mais e durante mais tempo.

— Oh — gritou a princesa Myrcella. Saltou do camarote e correu até o irmão mais novo.

Sansa deu por si possuída por uma estranha e leviana coragem.

— Devia ir com ela — disse ao rei. — Seu irmão pode estar ferido.

Joffrey encolheu os ombros.

— E se estiver?

Material com direitos autorais

— Devia ajudá-lo a ficar de pé e lhe dizer que montou bem. — Sansa parecia não conseguir se conter.

— Foi derrubado do cavalo e caiu no chão — ressaltou o rei. — Isso não é montar bem.

— Olhe — Cão de Caça os interrompeu. — O rapaz tem coragem. Vai tentar novamente.

Estavam ajudando o príncipe Tommen a montar no seu pônei. *Se ao menos Tommen fosse o mais velho em vez de Joffrey*, pensou Sansa. *Não me importaria de me casar com Tommen*.

Os sons vindos da guarita os apanharam de surpresa. Correntes retiniram quando a porta levadiça foi içada, e os grandes portões abriram-se entre rangidos de dobradiças de ferro.

— Quem lhes disse para abrir o portão? — Joff exigiu saber. Com a agitação na cidade, os portões da Fortaleza Vermelha estavam fechados havia dias.

Uma coluna de homens a cavalo emergiu por baixo da porta levadiça, com tinidos de aço e ruídos de cascos. Clegane se aproximou do rei, com uma mão no cabo da espada longa. Os visitantes vinham descompostos, rotos e empoeirados, mas o estandarte que transportavam era o leão de Lannister, dourado no seu fundo carmesim. Alguns usavam os mantos vermelhos e a cota de malha dos soldados Lannister, mas a maioria era de cavaleiros livres e mercenários, com armaduras desemparelhadas e eriçados com seu aço afiado… E havia outros, bárbaros monstruosos saídos de uma das histórias da Velha Ama, aquelas assustadoras que Bran costumava adorar. Trajavam peles puídas e couro cozido e usavam cabelo comprido e barbas ferozes. Alguns tinham ataduras

Material com direitos autorais

manchadas de sangue na testa ou enroladas nas mãos e braços, e a outros faltavam olhos, orelhas e dedos.

No meio dos homens, montado num grande cavalo vermelho com uma estranha sela alta que o embalava para trás e para a frente, estava o irmão anão da rainha, Tyrion Lannister, aquele a quem chamavam Duende. Deixara a barba crescer até deixar sua cara enterrada e se transformar num hirsuto emaranhado de pelos amarelos e negros, duros como arame. Às suas costas, caía um manto de pele de gato-das-sombras, de pelo negro rajado de branco. As rédeas estavam na mão esquerda, e o braço direito vinha enfiado numa tira de seda branca, mas, fora isso, parecia tão grotesco como Sansa recordava da época de sua visita a Winterfell. Com sua testa proeminente e olhos de cores diferentes, ainda era o homem mais feio que já vira na vida.

Mas Tommen espetou as esporas no pônei e galopou precipitadamente pelo pátio afora, gritando de alegria. Um dos bárbaros, um homem enorme e desajeitado, tão peludo que sua cara quase desaparecia no meio da barba, puxou o rapaz da sela, com armadura e tudo, e depositou-o no chão ao lado do tio. O riso sem fôlego de Tommen ecoou nas muralhas quando Tyrion lhe deu uma palmada na placa das costas, e Sansa espantou-se ao notar que os dois eram da mesma altura. Myrcella veio correndo atrás do irmão, e o anão pegou-a pela cintura e fez a princesa rodopiar, gritando.

Quando a devolveu ao chão, o pequeno homem deu um beijo leve na sua testa e bamboleou através do pátio, na direção de Joffrey. Dois dos seus homens seguiram-no de perto; um mercenário de cabelo e olhos negros, que se movia como um gato

Material com direitos autorais

caçando, e um jovem magro com uma órbita vazia no local onde um olho deveria estar. Tommen e Myrcella vieram atrás deles.

O anão caiu sobre um joelho em frente do rei.

— Vossa Graça.

— Você — disse Joffrey.

— Eu — concordou o Duende —, se bem que uma saudação mais cortês talvez fosse mais apropriada para um tio e um homem mais velho.

— Dizia-se que estava morto — disse Cão de Caça.

O pequeno homem lançou um olhar ao grande. Um dos seus olhos era verde, o outro, negro, e ambos eram frios.

— Falava com o rei, não com o cachorro dele.

— *Eu* estou feliz por não estar morto — disse a princesa Myrcella.

— Compartilhamos essa opinião, doce menina.

Tyrion virou-se para Sansa.

— Senhora, lamento as suas perdas. Os deuses são realmente cruéis.

Sansa não conseguiu encontrar uma só palavra para lhe dizer. Como podia ele lamentar as suas perdas? Estaria caçoando dela? Não eram os deuses que eram cruéis, era Joffrey.

— Lamento também a sua perda, Joffrey — disse o anão.

— Que perda?

— O seu real pai? Um homem grande e impetuoso com uma barba negra; recordará dele se fizer um esforço. Foi rei antes do senhor.

— Ah, *ele*. Sim, foi muito triste, um javali o matou.

— É isso *o que se* diz, Vossa Graça?

Material com direitos autorais

Joffrey franziu a testa. Sansa sentiu que devia dizer qualquer coisa. O que a septã Mordane costumava lhe dizer? *A armadura de uma senhora é a cortesia*, era isso. Vestiu sua armadura e disse:

— Lamento que a senhora minha mãe o tenha tomado prisioneiro, senhor.

— Há muitas pessoas que lamentam isso — retrucou Tyrion. — E antes que eu termine o que tenho a fazer, algumas poderão lamentá-lo um pouco mais… No entanto, agradeço o sentimento. Joffrey, onde poderei encontrar sua mãe?

— Ela está com o conselho — respondeu o rei. — Seu irmão Jaime anda só perdendo batalhas. — Lançou a Sansa um olhar zangado, como se fosse culpa *dela*. — Foi capturado pelos Stark e perdemos Correrrio. Agora o estúpido irmão dela intitula-se rei.

O anão deu um sorriso torto.

— Nos dias que correm todo tipo de gente se intitula rei.

Joff não soube o que pensar daquilo, embora tivesse uma expressão de suspeita e insatisfação.

— Sim. Bem. Fico feliz que não esteja morto, tio. Trouxe-me algum presente para o dia do meu nome?

— Sim. A minha inteligência.

— Preferiria a cabeça de Robb Stark — rebateu Joff, com um relance maldoso para Sansa. — Tommen, Myrcella, venham.

Sandor Clegane deixou-se ficar um momento para trás:

— Eu teria cuidado com essa sua língua, homenzinho — preveniu-o, antes de se afastar a passos largos atrás do seu senhor.

Sansa foi deixada com o anão e seus monstros. Tentou pensar no que poderia dizer mais.

— Está com o braço ferido — disse, por fim.

Material com direitos autorais

— Um dos seus nortenhos atingiu-me com uma maça-estrela durante a batalha no Ramo Verde. Escapei dele caindo do cavalo. — Seu sorriso malicioso transformou-se em algo mais suave enquanto estudava o rosto dela. — É o pesar pelo senhor seu pai que a deixa tão triste?

— Meu pai era um traidor — respondeu Sansa imediatamente. — E meu irmão e a senhora minha mãe são também traidores. — Tinha aprendido depressa aquele reflexo. — Eu sou leal ao meu amado Joffrey.

— Sem dúvida. Tão leal como uma corça rodeada de lobos.

— Leões — sussurrou ela, sem pensar. Olhou em volta nervosamente, mas ninguém estava suficientemente perto para ouvir.

O Lannister estendeu a mão, tomou a dela na sua e a apertou.

— Eu sou só um pequeno leão, menina, e juro que não a morderei — e, com uma reverência, disse: — Mas agora deve me desculpar. Tenho assuntos urgentes a tratar com a rainha e o conselho.

Sansa ficou vendo o anão afastar-se, com o corpo oscilando pesadamente de um lado para outro a cada passo, como algo saído de um circo de aberrações. *Fala com mais gentileza do que Joffrey*, pensou, *mas a rainha também falou comigo com gentileza. É ainda um Lannister, irmão dela e tio de Joff, e não é amigo*. Antes, tinha amado o príncipe Joffrey de todo o coração e admirara e confiara em sua mãe, a rainha. Tinham lhe devolvido esse amor e confiança com a cabeça do seu pai. Sansa nunca mais voltaria a cometer o mesmo erro.

Material com direitos autorais

TYRION

NO GELADO TRAJE BRANCO DA GUARDA REAL, sor Mandon Moore parecia um cadáver envolto numa mortalha.

— Sua Graça deixou ordens; a sessão do conselho não deverá ser perturbada.

— Eu seria apenas uma pequena perturbação, sor. — Tyrion tirou o pergaminho da manga. — Trago uma carta do meu pai, lorde Tywin Lannister, a Mão do Rei. Aqui está o seu selo.

— Sua Graça não deseja ser perturbada — repetiu lentamente sor Mandon, como se Tyrion fosse um bronco e não o tivesse ouvido da primeira vez.

Jaime, certa vez, tinha lhe dito que Moore era o mais perigoso membro da Guarda Real, depois dele, naturalmente, porque sua cara não revelava nenhum sinal do que poderia fazer a seguir. Tyrion teria acolhido bem algum sinal. Bronn e Timett teriam boas chances de matar o cavaleiro caso chegassem a cruzar espadas, mas dificilmente seria bom presságio começar assassinando um dos protetores de Joffrey. E, no entanto, se deixasse que o homem o mandasse embora, onde estaria sua autoridade? Obrigou-se a sorrir.

— Sor Mandon, não conhece os meus companheiros. Este é Timett, filho de Timett, Mão Vermelha dos Homens Queimados. E este é Bronn. Lembra-se de sor Vardis Egen, que era capitão da guarda doméstica de lorde Arryn?

— Conheço o homem.

Material com direitos autorais

Os olhos de sor Mandon eram cinza-claros, estranhamente descorados e sem vida.

— Conhecia — corrigiu Bronn, com um fino sorriso.

Sor Mandon não se rebaixou a mostrar que o tinha ouvido.

— Que seja — disse Tyrion com certa inconsequência. — Eu realmente preciso encontrar minha irmã e lhe apresentar a carta, sor. Teria a bondade de abrir a porta para nos deixar entrar?

O cavaleiro branco não respondeu. Tyrion estava quase a ponto de tentar forçar passagem, quando sor Mandon se afastou abruptamente:

— Você pode entrar. Eles não.

Uma pequena vitória, pensou, *mas saborosa*. Tinha passado pelo primeiro teste. Tyrion Lannister atravessou a porta, sentindo-se quase alto. Cinco membros do pequeno conselho do rei interromperam subitamente uma discussão.

— Você — disse sua irmã Cersei, num tom que incluía partes iguais de descrença e desagrado.

— Estou vendo com quem Joffrey aprendeu a boa educação. — Tyrion fez uma pausa para admirar o par de esfinges valirianas que guardavam a porta, aparentando um ar de confiança casual. Cersei conseguia farejar fraqueza tão bem como um cão farejava o medo.

— O que você está fazendo aqui? — Os belos olhos verdes da irmã o estudavam sem o menor sinal de afeto.

— Sou portador de uma carta do senhor nosso pai.

Deslocou-se vagarosamente até a mesa e depositou o pergaminho bem enrolado entre ele e a irmã. O eunuco Varys pegou a carta e a revirou nas mãos delicadas e empoadas.

Material com direitos autorais

— Que gentileza da parte de lorde Tywin. E a cera do seu selo é de um tom dourado tão delicado. — Varys inspecionou o selo de perto. — Tem todo o jeito de ser genuíno.

— Claro que é genuíno. — Cersei arrancou a carta das mãos do eunuco, quebrou a cera e desenrolou o pergaminho.

Tyrion observou-a enquanto lia. A irmã tinha ocupado a cadeira do rei. Tyrion concluiu que Joffrey não se importava, tanto quanto Robert, em estar presente nas reuniões do conselho, e subiu na cadeira da Mão. Parecia apropriado.

— Isso é um absurdo — disse a rainha por fim. — O senhor meu pai enviou meu irmão para ocupar o seu lugar neste conselho. Pede-nos que aceite Tyrion como Mão do Rei até o momento em que possa se juntar a nós.

O grande meistre Pycelle afagou sua longa barba branca e fez um aceno solene:

— Aparentemente, temos que lhe dar as boas-vindas.

— Realmente. — Janos Slynt, com seu grande queixo e falta de cabelo, assemelhava-se bastante a uma rã, uma rã presunçosa que tinha subido muito mais alto do que deveria. — Sentimos grandemente a sua falta, senhor. A rebelião grassa por todo o lado, há este sinistro presságio no céu, tumultos nas ruas da cidade…

— E de quem é a culpa disso, lorde Janos? — atacou Cersei. — Seus homens de manto dourado estão encarregados de manter a ordem. Quanto a você, Tyrion, poderia nos servir melhor no campo de batalha.

Tyrion soltou uma gargalhada.

— Não, chega de campos de batalha para mim, muito obrigado. Sento-me melhor numa cadeira do que num cavalo, e gosto mais de

Material com direitos autorais

segurar uma taça de vinho do que um machado de batalha. Toda aquela conversa a respeito do rufar dos tambores, da luz do sol brilhando nas armaduras, de magníficos corcéis de batalha resfolegando e empinando? Pois bem, os tambores me dão dor de cabeça, a luz do sol brilhando na minha armadura me cozinha como se fosse um ganso no dia da colheita, e esses magníficos corcéis cagam *por todo lado*. Não que esteja me queixando. Comparando com a hospitalidade de que desfrutei no Vale de Arryn, tambores, cocô de cavalo e picadas de inseto são as minhas coisas favoritas.

Mindinho soltou uma gargalhada.

— Bem dito, Lannister. Um homem que partilha dos meus sentimentos.

Tyrion sorriu, lembrando-se de um certo punhal com um cabo de osso de dragão e uma lâmina de aço valiriano. *Teremos de ter uma conversa sobre isso, e em breve*. Perguntou a si mesmo se lorde Petyr também acharia esse assunto divertido.

— Por favor — disse-lhes então. — Deixem-me ser útil, de qualquer *pequeno* modo que me seja possível.

Cersei voltou a ler a carta.

— Quantos homens trouxe consigo?

— Algumas centenas. Principalmente homens meus. Meu pai se mostrou renitente em se separar de alguns dos seus. Afinal de contas, ele *está* travando uma guerra.

— De que servirão algumas centenas de homens se Renly marchar sobre a cidade, ou se Stannis zarpar de Pedra do Dragão? Peço um exército, e meu pai me manda um anão. O *rei* nomeia a Mão, com o consentimento do conselho. Joffrey nomeou o senhor nosso pai.

Material com direitos autorais

— E o senhor nosso pai me nomeou.

— Ele não pode fazer isso. Não sem o consentimento de Joffrey.

— Lorde Tywin está em Harrenhal com a sua tropa, se quiser levar o assunto à sua consideração — disse Tyrion amavelmente. — Senhores, queiram me permitir uma palavra a sós com minha irmã?

Varys pôs-se de pé com um movimento deslizante, exibindo aquele seu sorriso engordurado.

— Como deve ter ansiado pelo som da voz da sua doce irmã. Senhores, por favor, vamos lhes dar uns instantes. As desgraças do nosso perturbado reino esperarão.

Janos Slynt levantou-se com hesitação, e o grande meistre Pycelle com solenidade, mas levantaram-se. Mindinho foi o último.

— Devo ordenar ao intendente que prepare aposentos na Fortaleza de Maegor?

— Agradeço, lorde Petyr, mas ocuparei os antigos aposentos de lorde Stark na Torre da Mão.

Mindinho soltou uma gargalhada.

— É um homem mais corajoso do que eu, Lannister. *Conhece* o destino dos dois últimos Mãos?

— Dois? Se deseja me assustar, por que não dizer quatro?

— Quatro? — Mindinho ergueu uma sobrancelha. — Os Mãos anteriores a lorde Arryn tiveram algum terrível fim na Torre? Creio que era jovem demais para prestar muita atenção neles.

— O último Mão de Aerys Targaryen foi morto durante o saque a Porto Real, embora eu duvide de que tenha tido tempo para se instalar na Torre. Só foi Mão durante uma quinzena. Seu antecessor foi queimado vivo. E antes desse houve outros dois, que morreram sem terras e sem dinheiro no exílio, e ainda se

Material com direitos autorais

consideravam sortudos. Creio que o senhor meu pai foi o último Mão a abandonar Porto Real com seu nome, propriedades e corpo intactos.

— Fascinante — respondeu Mindinho. — Mais uma razão para que eu prefira passar as noites na masmorra.

Talvez se possa satisfazer esse seu desejo, Tyrion pensou, mas disse:

— A coragem e a loucura são primas, ou pelo menos foi o que ouvi dizer. Seja qual for a praga que paira sobre a Torre da Mão, rezo para ser suficientemente pequeno para não chamar sua atenção.

Janos Slynt riu, Mindinho sorriu, e o grande meistre Pycelle os seguiu para fora da sala, com uma reverência grave.

— Espero que nosso pai não tenha feito você percorrer toda essa distância para me atormentar com lições de história — disse a irmã quando ficaram a sós.

— Como ansiei pelo som da sua doce voz — suspirou Tyrion.

— Como ansiei por arrancar a língua daquele eunuco com tenazes em brasa — respondeu Cersei. — Nosso pai perdeu o juízo? Ou será que você falsificou esta carta? — Voltou a lê-la, com um aborrecimento crescente. — Por que ele me imporia a *sua* presença? Queria que viesse em pessoa. — Amassou a carta de lorde Tywin nas mãos. — Sou regente de Joffrey e dei a ele uma *ordem* real!

— E ele a ignorou — observou Tyrion. — Tem um exército bastante grande, pode fazer isso. E não é o primeiro. Ou é?

A boca de Cersei comprimiu-se. Tyrion viu sua cor mudando.

— Se eu declarar que esta carta é uma falsificação e lhes disser para atirá-lo em uma masmorra, ninguém ignorará *isso*, garanto.

Material com direitos autorais

Tyrion sabia que agora caminhava sobre gelo quebradiço. Um passo em falso, e perderia o apoio.

— Ninguém — concordou amigavelmente —, muito menos nosso pai. Aquele que tem o exército. Mas, por que haveria de querer me atirar em uma masmorra, querida irmã, quando percorri todo esse caminho para ajudá-la?

— Não pedi *sua* ajuda. Foi a presença do nosso pai que exigi.

— Sim — disse Tyrion em voz baixa. — Mas quem você quer é Jaime.

Sua irmã achava que era sutil, mas eles tinham crescido juntos. Podia ler seu rosto como se fosse um dos seus livros preferidos, e aquilo que lia agora era raiva, medo e desespero.

— Jaime…

— … é tanto meu irmão como seu — interrompeu Tyrion. — Apoie-me, e prometo que obteremos a libertação e devolução de Jaime, são e salvo.

— Como? — Cersei quis saber. — O rapaz Stark e a mãe não esquecerão facilmente que decapitamos lorde Eddard.

— É verdade — concordou Tyrion —, mas ainda tem suas filhas, não tem? Vi a menina mais velha no pátio com o Joffrey.

— Sansa — disse a rainha. — Divulguei que também tenho a fedelha mais nova, mas é mentira. Mandei Meryn Trant capturá-la quando Robert morreu, mas o maldito do seu mestre de dança interferiu e a garota fugiu. Nunca mais ninguém a viu. Provavelmente está morta. Morreu muita gente naquele dia.

Tyrion esperava ter ambas as meninas Stark, mas supunha que uma teria de servir.

— Fale dos nossos amigos no conselho.

Material com direitos autorais

Sua irmã lançou um relance para a porta.

— Que tem eles?

— Nosso pai parece que ganhou antipatia por eles. Quando o deixei, estava pensando sobre o aspecto que aquelas cabeças teriam na muralha ao lado da cabeça de lorde Stark. — Inclinou-se para a frente, por cima da mesa. — Está certa da lealdade deles? Confia neles?

— Não confio em ninguém — revidou Cersei. — Preciso deles. Meu pai acredita que estejam nos enganando?

— Não acredita, suspeita.

— Por quê? Ele sabe alguma coisa?

Tyrion encolheu os ombros:

— Sabe que o curto reinado do seu filho tem sido uma longa parada de loucuras e desastres. Isso sugere que alguém está dando a Joffrey conselhos muito ruins.

Cersei sondou-o com o olhar.

— Não faltaram bons conselhos a Joff. Sempre foi obstinado. Agora que é o rei, acha que deve fazer o que bem entende, não o que lhe é pedido.

— As coroas fazem coisas estranhas às cabeças que estão por baixo delas — concordou Tyrion. — Esta história do Eddard Stark… Foi obra de Joffrey?

A rainha fez uma careta.

— Ele foi instruído a perdoar o Stark, a deixá-lo vestir o negro. O homem ficaria para sempre fora do nosso caminho, e poderíamos ter feito a paz com aquele seu filho, mas Joff resolveu dar à multidão um espetáculo melhor. O que eu poderia fazer? Ele exigiu a cabeça de lorde Eddard na frente de metade da cidade. Janos Slynt

Material com direitos autorais

e sor Ilyn avançaram alegremente, e encurtaram o homem sem uma palavra minha! — Sua mão fechou-se num punho. — O alto septão afirma que profanamos o Septo de Baelor com sangue, depois de termos mentido para ele quanto às nossas intenções.

— E parece que tem razão — disse Tyrion. — Quer dizer então que este *lorde* Slynt fez parte da coisa? Diga-me, de quem foi a magnífica ideia de lhe dar Harrenhal e o nomear para o conselho?

— Foi Mindinho quem arranjou tudo. Precisávamos dos homens de manto dourado de Slynt. Eddard Stark estava conspirando com Renly, e tinha escrito a lorde Stannis, oferecendo-lhe o trono. Se Sansa não tivesse vindo até mim e contado todos os planos do pai…

Tyrion estava surpreso.

— Ah, é? Sua própria filha? — Sansa sempre lhe parecera uma menina doce, terna e delicada.

— A garota estava louca de amor. Teria feito *qualquer coisa* por Joffrey, até que ele cortou a cabeça do seu pai, e chamou o ato de misericórdia. Isso pôs fim ao romance.

— Sua Graça tem um modo único de conquistar os corações dos súditos — observou Tyrion com um sorriso torto. — Foi também por desejo de Joffrey que sor Barristan Selmy foi demitido da Guarda Real?

Cersei suspirou.

— Joff queria culpar alguém pela morte de Robert. Varys sugeriu sor Barristan. E por que não? Isso dava a Jaime o comando da Guarda Real e um lugar no pequeno conselho e permitia que Joff atirasse um osso ao seu Cão. Gosta muito de Sandor Clegane. Estávamos preparados para oferecer a Selmy algumas terras e uma fortaleza, mais do que o inútil velho tolo merecia.

Material com direitos autorais

— Ouvi dizer que esse inútil velho tolo matou dois dos homens de mantos dourados de Slynt quando tentaram capturá-lo no Portão da Lama.

Sua irmã fez uma expressão muito infeliz.

— Janos devia ter enviado mais homens. Não é tão competente como seria desejável.

— Sor Barristan era Senhor Comandante da Guarda Real de Robert Baratheon — lembrou Tyrion assertivamente à irmã. — Ele e Jaime são os únicos sobreviventes dos sete de Aerys Targaryen. O povo fala dele da mesma forma que se referem a Serwyn do Escudo Espelhado ou ao príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão. O que imagina que eles pensarão quando virem Barristan, o Ousado, cavalgando ao lado de Robb Stark ou de Stannis Baratheon?

Cersei afastou o olhar.

— Não tinha levado isso em conta.

— Nosso pai levou — rebateu Tyrion. — Foi *por isso* que me enviou. Para pôr fim a essas loucuras e obrigar seu filho a nos obedecer.

— Joff não será mais tratável por você do que por mim.

— Poderá ser.

— Por quê?

— Sabe que *você* nunca lhe faria mal.

Os olhos de Cersei estreitaram-se.

— Se acha que eu permitiria que fizesse mal ao meu filho, você está doente e com febre.

Tyrion suspirou. Ela não tinha entendido, como acontecia frequentemente.

Material com direitos autorais

— Joffrey está tão seguro comigo como está com você — assegurou-lhe —, mas desde que se *sinta* ameaçado, vai ficar mais disposto a escutar. — Tomou a mão dela. — Eu *também* sou seu irmão, sabe? Precisa de mim, quer queira admitir isso, quer não. Seu filho precisa de mim, se quiser ter alguma esperança de conservar aquela feia cadeira de ferro.

Sua irmã pareceu chocada por ele tê-la tocado.

— Sempre foi astuto.

— Ao meu pequeno modo. — Tyrion deu um sorriso.

— Talvez valha a pena tentar… Mas não se iluda, Tyrion. Se aceitá-lo, será Mão do Rei no título, mas, na verdade, a *minha* Mão. Dividirá comigo todos os seus planos e intenções antes de agir e não fará *nada* sem o meu consentimento. Compreende?

— Ah, sim.

— Concorda?

— Com certeza — mentiu ele. — Sou seu, mana. — *Durante o tempo que tiver de ser*. — Então, agora que temos os mesmos propósitos, não devíamos ter mais segredos entre nós. Você diz que Joffrey mandou matar lorde Eddard, que Varys demitiu sor Barristan, e que Mindinho nos deu de presente lorde Slynt. Quem assassinou Jon Arryn?

Cersei atirou a cabeça para trás.

— Como hei de saber?

— A viúva de luto no Ninho da Águia parece pensar que fui eu. Pergunto-me de onde ela tirou tal ideia…

— Posso garantir que não sei. Aquele imbecil do Eddard Stark me acusou da mesma coisa. Sugeriu que lorde Arryn suspeitava ou… bem, acreditava…

Material com direitos autorais

— Que andava fodendo o nosso querido Jaime?

Ela o esbofeteou.

— Achava que eu era tão cego como nosso pai? — Tyrion esfregou a bochecha. — Com quem você se deita não é problema meu… Se bem que não pareça muito justo que abra as pernas a um irmão e não ao outro.

Ela o esbofeteou novamente.

— Seja gentil, Cersei. Só estou brincando com você. A bem da verdade, preferiria ter uma boa vadia. Nunca entendi o que Jaime via em você, além do seu próprio reflexo.

Mais uma bofetada.

Tyrion tinha as bochechas vermelhas e ardendo, mas sorria, e disse:

— Se continuar a fazer isso, pode ser que me irrite.

Então, ela conteve a mão.

— Por que deveria ligar para isso?

— Tenho alguns amigos novos — confessou Tyrion. — Não vai gostar nada deles. Como matou Robert?

— Isso ele fez por conta própria. Nós só ajudamos. Quando Lancel viu que Robert ia atrás do javali, deu-lhe vinho forte. Seu tinto azedo preferido, mas fortificado, três vezes mais potente do que ele estava habituado. O bobalhão fedorento adorou. Podia ter parado de engolir o vinho em qualquer momento, mas não, entornou um odre e disse a Lancel para ir buscar outro. O javali fez o resto. Devia ter estado no banquete, Tyrion. Nunca houve javali mais delicioso. Cozinharam-no com cogumelos e maçãs, e tinha sabor de triunfo.

Material com direitos autorais

— A verdade, minha irmã, é que você nasceu para ser viúva. — Tyrion gostava bastante de Robert Baratheon, por mais que se tratasse de um grande idiota fanfarrão… Sem dúvida, em parte porque a irmã o desprezava tanto. — Bom, se já parou de me esbofetear, vou embora. — Virou as pernas e desceu desajeitadamente da cadeira.

Cersei franziu a testa.

— Não te dei licença para sair. Quero saber como pretende libertar Jaime.

— Direi quando souber. As intrigas são como a fruta, requerem um certo amadurecimento. Agora, tenho em mente percorrer as ruas a cavalo e tomar o pulso desta cidade. — Tyrion pousou a mão na cabeça da esfinge ao lado da porta. — Um pedido de despedida. Faça o favor de se assegurar de que nenhum mal aconteça a Sansa Stark. Não seria bom perder *ambas* as filhas.

Fora da sala do conselho, Tyrion fez um aceno de cabeça a sor Mandon e seguiu pelo longo átrio abobadado. Bronn pôs-se a seu lado. De Timett, filho de Timett, não havia sinal.

— Onde está a nossa Mão Vermelha? — perguntou Tyrion.

— Sentiu vontade de explorar. Não é o tipo de homem feito para esperar em salões.

— Espero que não mate ninguém importante.

Os homens dos clãs que Tyrion havia trazido dos seus baluartes nas Montanhas da Lua eram leais, à sua maneira feroz, mas também orgulhosos e brigões, dados a responder com aço a insultos, reais ou imaginários.

— Tente encontrá-lo. E, enquanto isso, certifique-se de que os outros foram aquartelados e alimentados. Quero-os na caserna sob

Material com direitos autorais

a Torre da Mão, mas não deixe que o intendente instale os Corvos de Pedra perto dos Irmãos da Lua, e diga-lhe que os Homens Queimados precisam ter um salão somente para si.

— Onde você estará?

— Vou voltar para a Bigorna Quebrada.

Bronn exibiu um sorriso insolente.

— Precisa de escolta? Segundo se diz, as ruas estão perigosas.

— Chamarei o capitão da guarda doméstica da minha irmã e vou lembrá-lo de que sou tão Lannister quanto ela. Ele tem de se lembrar de que prestou juramento a Rochedo Casterly, e não a Cersei ou a Joffrey.

Uma hora mais tarde, Tyrion saía da Fortaleza Vermelha acompanhado por uma dúzia de guardas Lannister usando mantos carmesins e meios elmos com leões em cima. Quando passaram por baixo da porta levadiça, ele reparou nas cabeças espetadas no topo das muralhas. Negras de podridão e alcatrão, já tinham se tornado irreconhecíveis havia muito tempo.

— Capitão Vylarr — chamou Tyrion —, quero aquilo tirado dali de manhã. Entregue-as às irmãs silenciosas para que as limpem.

Supunha que seria um inferno fazê-las corresponder aos corpos, mas isso tinha de ser feito. Mesmo no meio de uma guerra, uma certa decência tinha de ser mantida.

Vylarr mostrou-se hesitante.

— Sua Graça disse-nos que deseja que as cabeças dos traidores permaneçam nas muralhas até encher aqueles três últimos espigões que estão ali, na ponta.

— Deixe-me adivinhar. Um é para Robb Stark, e os outros para os lordes Stannis e Renly. Estou certo?

Material com direitos autorais

— Sim, senhor.

— Meu sobrinho fez hoje treze anos, Vylarr. Tente se lembrar disso. Quero aquelas cabeças tiradas dali de manhã; caso contrário, um daqueles espigões poderá ter um inquilino diferente. Compreende aonde quero chegar, capitão?

— Vou me assegurar pessoalmente de que sejam tiradas, senhor.

— Ótimo. — Tyrion encostou os calcanhares no cavalo e afastou-se a trote, obrigando os homens de manto vermelho a segui-lo o melhor que pudessem.

Tinha dito a Cersei que pretendia tomar o pulso da cidade. Não era uma mentira completa. Tyrion Lannister não ficou satisfeito com muito do que viu. As ruas de Porto Real sempre tinham sido lugares apinhados, desagradáveis e ruidosos, mas agora fediam a perigo, de um modo que ele não recordava de visitas anteriores. Um cadáver nu estava estatelado na sarjeta perto da Rua dos Teares, e era devorado por uma matilha feroz, mas ninguém parecia se importar. A patrulha estava bem evidente, deslocando-se aos pares pelas vielas, com seu manto dourado e camisas de cota de malha negra, as mãos sempre perto dos porretes. Os mercados encontravam-se repletos de homens esfarrapados, que vendiam os bens das suas casas por qualquer preço que conseguissem alcançar… e notoriamente vazios de fazendeiros vendendo alimentos. Os poucos produtos que via eram três vezes mais caros do que tinham sido um ano antes. Um vendedor ambulante anunciava ratazanas assadas no espeto. "*Ratazanas frescas*", gritava o homem sonoramente, "*ratazanas frescas.*" Não restavam dúvidas de que ratazanas frescas eram preferíveis a velhas ratazanas fedidas e podres. O assustador era que as ratazanas pareciam mais apetitosas

Material com direitos autorais

do que a maior parte daquilo que os açougueiros vendiam. Na Rua da Farinha, Tyrion viu guardas porta sim, porta não. Quando as vacas estão magras, até os padeiros acham mercenários mais baratos do que pão, refletiu.

— Não há comida chegando à cidade, não é? — disse a Vylarr.

— Muito pouca — admitiu o capitão. — Com a guerra nas terras fluviais e lorde Renly recrutando rebeldes em Jardim de Cima, as estradas estão fechadas para o sul e para o oeste.

— E o que fez minha boa irmã quanto a isso?

— Está tomando medidas para restaurar a paz do rei — assegurou-lhe Vylarr. — Lorde Slynt triplicou o tamanho da Patrulha da Cidade, e a rainha pôs mil artesãos para trabalhar nas nossas defesas. Os pedreiros estão reforçando as muralhas, os carpinteiros constroem balistas e catapultas às centenas, fabricantes de flechas as produzem, ferreiros forjam lâminas e a Guilda dos Alquimistas prometeu dez mil frascos de fogovivo.

Tyrion remexeu-se desconfortavelmente na sela. Agradava-lhe ver que Cersei não tinha ficado de braços cruzados, mas o fogovivo era um material traiçoeiro, e dez mil frascos eram o suficiente para transformar Porto Real inteiro em brasas.

— Onde minha irmã achou dinheiro para pagar por tudo isso?

Não era segredo para ninguém que rei Robert deixara a coroa muito endividada, e os alquimistas não costumavam ser confundidos com altruístas.

— Lorde Mindinho sempre acha uma maneira, senhor. Criou um imposto para todos aqueles que desejem entrar na cidade.

— Sim, isso deve funcionar — ponderou Tyrion, pensando: *Esperto. Esperto e cruel.* Dezenas de milhares tinham fugido da luta

Material com direitos autorais

em troca da suposta segurança de Porto Real. Vira-os na estrada do rei, grupos de mães, filhos e pais ansiosos, que olhavam para os seus cavalos e carroças com olhos cobiçosos. Quando chegassem à cidade, não havia dúvida de que pagariam tudo o que possuíam para interpor aquelas muralhas altas e reconfortantes entre eles e a guerra… Embora, talvez, pensassem duas vezes se tivessem conhecimento do fogovivo.

A estalagem que ficava por baixo do letreiro da Bigorna Quebrada erguia-se à vista dessas muralhas, perto do Portão dos Deuses, por onde tinham entrado nesta manhã. Quando adentraram o pátio, um rapaz correu a fim de ajudar Tyrion a desmontar do cavalo.

— Leve seus homens de volta para o castelo — disse a Vylarr. — Passarei a noite aqui.

O capitão parecia em dúvida.

— Ficará a salvo, senhor?

— Bem, quanto a isso, capitão, quando deixei a estalagem, esta manhã, estava cheia de Orelhas Negras. Nunca se está propriamente a salvo quando Chella, filha de Cheyk, se encontra por perto. — Tyrion bamboleou na direção da porta, deixando Vylarr sozinho, tentando compreender aquela resposta.

Uma rajada de alegria o acolheu quando entrou na sala comum da estalagem. Reconheceu o riso gutural de Chella, e a música mais leve da risada de Shae. A moça estava sentada perto da lareira, bebendo vinho, em uma mesa redonda de madeira, com três dos Orelhas Negras, que Tyrion havia deixado guardando-a, e um homem rechonchudo que estava de costas para a porta. Pensou que

Material com direitos autorais

fosse o estalajadeiro… Até que Shae chamou Tyrion pelo nome, e o intruso se ergueu.

— Meu bom senhor, estou *tão* contente por vê-lo — disse efusivamente o homem, com um suave sorriso de eunuco no rosto empoado.

Tyrion tropeçou.

— Lorde Varys. Não esperava encontrar você aqui. — *Que os Outros o carreguem. Como os encontrara tão depressa?*

— Perdoe-me a intromissão — disse Varys. — Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora.

— Jovem senhora — repetiu Shae, saboreando as palavras. — Está meio certo, meu senhor. Sou jovem.

Dezoito anos, pensou Tyrion. *Dezoito anos e uma prostituta, mas com uma inteligência rápida, ágil como uma gata entre os lençóis, com grandes olhos escuros, um belo cabelo negro e uma boquinha doce, suave e faminta… E é minha! Maldito seja, eunuco.*

— Receio que seja eu o intruso, lorde Varys — disse com uma cortesia forçada. — Quando entrei, estavam no meio de algo muito divertido.

— Meu senhor Varys elogiou as orelhas de Chella e disse que deve ter matado muitos homens para ter um colar tão bonito — explicou Shae. Tyrion ficou irritado ao ouvi-la chamar Varys de *meu senhor* naquele tom; era como o chamava entre os travesseiros. — E Chella disse que só covardes matam os vencidos.

— É mais valente deixar o homem vivo, com chance de lavar a humilhação se reconquistar a orelha — explicou Chella, uma pequena mulher escura, cujo macabro colar pendia sob o peso de nada menos que quarenta e seis orelhas secas e enrugadas. Tyrion

Material com direitos autorais

contara-as uma vez. — Só assim pode provar que não teme os seus inimigos.

Shae soltou uma gargalhada.

— E, então, o senhor diz que se fosse um Orelha Negra nunca dormiria, por causa dos sonhos com homens sem uma orelha.

— Um problema que eu nunca precisarei encarar — retrucou Tyrion. — Os meus inimigos me aterrorizam, portanto mato todos.

Varys soltou um risinho.

— Toma um pouco de vinho conosco, senhor?

— Tomo um pouco de vinho.

Tyrion sentou-se ao lado de Shae. Compreendia o que estava acontecendo ali, ainda que Chella e a moça não. Varys entregava uma mensagem. Quando disse: *Fui tomado por uma súbita vontade de conhecer sua jovem senhora*, quis na verdade dizer: *Tentou escondê-la, mas eu sabia onde ela estava e quem era, e aqui estou*. Perguntou-se quem o teria traído. O estalajadeiro, o cavalariço, um guarda no portão… Ou algum dos seus?

— Gosto sempre de voltar à cidade pelo Portão dos Deuses — disse Varys a Shae, enquanto enchia as taças de vinho. — As esculturas na guarita são magníficas, fazem-me chorar sempre que as vejo. Os olhos… tão expressivos, não acha? Quase parecem nos seguir quando passamos por baixo da porta levadiça.

— Nunca reparei, senhor — respondeu Shae. — De manhã volto a olhar, se quiser.

Não se incomode, querida, Tyrion pensou, girando o vinho na taça. *Ele não está nem aí para esculturas. Os olhos de que se orgulha são os dele. O que quer dizer é que ele estava observando, que soube que estávamos aqui no momento em que atravessamos o portão.*

Material com direitos autorais

— Tenha cuidado, menina — advertiu Varys. — Porto Real não está totalmente seguro nos dias que correm. Conheço bem essas ruas, e, no entanto, quase tive medo de vir hoje até aqui, só e desarmado como estou. Há homens sem lei por todo lado nestes tempos escuros, ah, sim. Homens com aço frio e corações mais frios ainda. — *Aonde eu posso ir só e desarmado, outros podem ir com espadas nas mãos*, ele estava dizendo.

Shae limitou-se a rir.

— Se tentarem me incomodar, ficarão com uma orelha a menos quando Chella botá-los para correr.

Varys riu como se aquilo fosse a coisa mais divertida que já tivesse ouvido, mas não havia riso nos seus olhos quando os virou para Tyrion.

— Sua jovem senhora tem um jeitinho tão agradável. Se fosse o senhor, tomaria conta dela muito bem.

— É o que pretendo fazer. Qualquer homem que tente machucá-la… Bem, eu sou pequeno demais para ser um Orelha Negra, e não me considero valente. — *Vê? Falo a mesma língua que você, eunuco. Se lhe fizer mal, sua cabeça será minha.*

— Vou deixá-lo. — Varys se levantou. — Sei como deve estar cansado. Só quis lhe dar as boas-vindas, senhor, e dizer como me sinto feliz pela sua chegada. Precisamos demais do senhor no conselho. Viu o cometa?

— Eu sou baixo, mas não cego — devolveu Tyrion.

Na estrada do rei, parecia cobrir metade do céu, superando em brilho o crescente da lua.

— Nas ruas é chamado de Mensageiro Vermelho — prosseguiu Varys. — Dizem que chegou como um arauto perante um rei, a fim

Material com direitos autorais

de prevenir do sangue e fogo que estão por vir. — O eunuco esfregou as mãos empoadas. — Posso deixá-lo com um pequeno enigma, lorde Tyrion? — Não esperou resposta. — Numa sala estão sentados três grandes homens: um rei, um sacerdote e um homem rico com o seu ouro. Entre eles está um mercenário, um homem pequeno, de nascimento comum e sem grande inteligência. Cada um dos grandes pede a ele que mate os outros dois. "Faça isso", diz o rei, "pois eu sou seu governante por direito." "Faça isso", diz o sacerdote, "pois estou ordenando em nome dos deuses." "Faça isso", diz o rico, "e todo este ouro será seu." Agora, diga-me: Quem sobrevive e quem morre?

Com uma profunda reverência, o eunuco apressou-se em sair da sala comum, os pés com chinelos macios.

Depois de ele sair, Chella fungou, e Shae franziu seu lindo rosto.

— O rico sobrevive, não é?

Tyrion bebericou o vinho, pensativo.

— Talvez. Ou talvez não. Parece que dependeria do mercenário. — Ele pousou a taça. — Anda, vamos para cima.

Ela teve de esperá-lo no topo da escada, pois tinha pernas magras e flexíveis, ao passo que as dele eram curtas, deformadas e cheias de dores. Mas sorria quando Tyrion a alcançou.

— Sentiu a minha falta? — brincou ela quando pegou a mão dele.

— Desesperadamente — admitiu Tyrion. Shae tinha pouco mais de um metro e meio de altura, e mesmo assim ele era obrigado a olhar para cima… Mas, no caso dela, descobriu que não se importava. Era um motivo lindo para se erguer o olhar.

— Vai sentir a minha falta durante todo o tempo que passar na sua Fortaleza Vermelha — disse ela enquanto o levava para o

Material com direitos autorais

quarto. — Sozinho, na sua cama fria, na sua Torre da Mão.

— É bem verdade.

Tyrion teria levado Shae junto de bom grado, mas o senhor seu pai o proibira. *Não vai levar a prostituta para a corte*, ordenara lorde Tywin. Trazê-la para a cidade era o máximo de desafio que ousava. Toda a sua autoridade derivava do pai, e a moça teria de compreendê-lo.

— Não estará longe — prometeu. — Terá uma casa, com guardas e criados, e a visitarei tantas vezes quantas conseguir.

Shae fechou a porta com um chute. Através da moldura enevoada da estreita janela, conseguia ver o Grande Septo de Baelor coroando a Colina de Visenya, mas Tyrion estava distraído por uma vista diferente. Dobrando-se, Shae pegou o vestido pela bainha, tirou-o pela cabeça e o jogou para o lado. Não acreditava em roupa de baixo.

— Nunca vai conseguir descansar — disse ela, de pé, à sua frente, cor-de-rosa, nua e adorável, com uma mão apoiada no quadril. — Vai pensar em mim sempre que for para a cama. Depois, ficará duro, e não terá ninguém para ajudá-lo, e nunca será capaz de dormir, a não ser que… — E sorriu aquele sorriso malicioso de que Tyrion tanto gostava. — É por *isso* que a chamam de Torre da Mão, meu senhor?

— Cale a boca e me beije — ordenou ele.

Saboreou o vinho nos seus lábios e sentiu aqueles pequenos seios apertados contra ele, enquanto as mãos dela desciam até o cordão dos seus calções.

— Meu leão — sussurrou Shae quando ele interrompeu o beijo para se despir. — Meu querido senhor, meu gigante de Lannister.

Material com direitos autorais

Tyrion empurrou-a sobre a cama. Quando a penetrou, ela gritou alto o suficiente para acordar Baelor, o Abençoado, na sepultura, e suas unhas lhe deixaram marcas nas costas. Ele nunca sentira uma dor de que gostasse tanto.

Idiota, disse depois a si mesmo, enquanto descansavam no meio do colchão afundado, entre lençóis amarrotados. *Nunca aprenderá, anão? Ela é uma prostituta, maldito seja, é o seu dinheiro que ama, não o seu pau. Lembra de Tysha?* Mas quando seus dedos roçaram levemente por um mamilo, este endureceu, e Tyrion viu o seio marcado onde a mordera durante o ato.

— Então, o que vai fazer, meu senhor, agora que é a Mão do Rei? — perguntou Shae, enquanto ele enchia a mão com aquela carne quente e adorável.

— Uma coisa que Cersei jamais esperará — murmurou Tyrion suavemente contra seu pescoço magro. — Vou fazer… justiça.

Material com direitos autorais

BRAN

BRAN PREFERIA A PEDRA DURA do banco junto à janela aos confortos do seu colchão de penas e dos cobertores. Na cama, as paredes o apertavam e o teto caía, pesado, sobre ele; na cama, o quarto era sua cela, e Winterfell, uma prisão. Mas do outro lado da janela, o grande mundo ainda o chamava.

Não podia andar, nem escalar, nem caçar, nem lutar com uma espada de madeira como antigamente, mas ainda podia *olhar*. Gostava de observar as janelas que começavam a cintilar por toda Winterfell, à medida que velas e lareiras eram acesas atrás das vidraças em forma de losango de torres e salões, e adorava escutar o canto dos lobos-gigantes sob as estrelas.

Nos últimos tempos, sonhava frequentemente com lobos. *Estão falando comigo, de irmão para irmão*, dizia consigo mesmo quando os lobos-gigantes uivavam. Quase conseguia compreendê-los... Não conseguia de verdade, não propriamente, mas *quase*... Como se cantassem numa língua que ele tivesse conhecido em outros tempos e de algum modo esquecera. Os Walder podiam ter medo deles, mas os Stark tinham sangue de lobo. Foi a Velha Ama quem lhe dissera.

— Mas é mais forte em alguns do que em outros — prevenira-o ela.

Os uivos de Verão eram longos e tristes, cheios de dor e saudade. Os de Cão Felpudo eram mais selvagens. Suas vozes ecoavam pelos pátios e salões, até todo o castelo ressoar e parecer que uma grande matilha de lobos-gigantes assombrava Winterfell, em vez de serem

Material com direitos autorais

apenas dois… dois, onde antes tinham existido seis. *Será que eles também sentem falta dos irmãos e irmãs?, perguntava-se Bran. Será que estão chamando Vento Cinzento e Fantasma, Nymeria e a Sombra de Lady? Será que querem que venham para casa e formem uma matilha, todos juntos?*

— Quem pode saber o que pensa um lobo? — tinha dito sor Rodrik Cassel quando Bran lhe perguntou por que uivavam. A senhora sua mãe nomeara-o castelão de Winterfell na sua ausência, e os deveres do velho cavaleiro deixavam-lhe pouco tempo para perguntas inúteis.

— É pela liberdade que chamam — declarara Farlen, que era mestre do canil e tinha tão pouca afeição aos lobos-gigantes quanto aos seus cães. — Eles não gostam de estar cercados por muros, e quem pode culpá-los? O lugar das coisas selvagens é a natureza, não um castelo.

— Querem caçar — concordara o cozinheiro Gage, enquanto despejava cubos de sebo numa grande caldeira de guisado. — Um lobo tem o olfato melhor que o de qualquer homem. O mais certo é que tenham sentido cheiro de presa.

Meistre Luwin tinha outra opinião.

— Os lobos uivam frequentemente à lua. Esses estão uivando para o cometa. Vê como é brilhante, Bran? Talvez pensem que é a lua.

Quando Bran repetiu essa ideia a Osha, ela riu com gosto.

— Seus lobos têm mais juízo do que seu meistre — tinha dito a selvagem. — Conhecem verdades que o homem cinzento esqueceu. — A maneira como ela dissera aquilo tinha feito Bran estremecer, e

Material com direitos autorais

quando perguntou o que significava o cometa, ela respondeu: — Sangue e fogo, rapaz, e nada de bom.

Bran tinha perguntado ao septão Chayle sobre o cometa, enquanto organizavam alguns rolos salvos do incêndio da biblioteca.

— É a espada que mata a estação — respondera o septão, e pouco tempo depois chegava o corvo branco de Vilavelha, trazendo a notícia sobre o Outono, portanto ele tinha razão.

Mas a Velha Ama achava que não, e ela vivera mais tempo do que qualquer um dos outros.

— Dragões — disse ela, erguendo a cabeça e fungando. Estava quase cega e não conseguia ver o cometa, mas se dizia capaz de *cheirá-lo*. — São dragões, menino — insistiu. Bran não ouvia *príncipes* da Ama, não como antigamente.

Hodor disse apenas "Hodor". Era só o que ele dizia.

E, contudo, os lobos-gigantes uivavam. Os guardas nas muralhas praguejavam, os cães, nos canis, latiam furiosamente, nos estábulos, os cavalos escoiceavam, os Walder estremeciam junto à lareira, e até meistre Luwin se queixava de noites sem dormir. Só Bran não se importava. Sor Rodrik tinha confinado os lobos no bosque sagrado depois de Cão Felpudo ter mordido o Pequeno Walder, mas as pedras de Winterfell faziam estranhos truques com o som, e às vezes os animais pareciam estar no pátio logo abaixo da sua janela. Em outras, poderia jurar que eles estavam na muralha exterior, trotando em voltas, como sentinelas. Gostaria de conseguir vê-los.

Conseguia ver o cometa que pairava sobre o Salão dos Guardas, a torre do sino e a Primeira Fortaleza, que ficava mais além, atarracada e redonda, com as gárgulas transformadas em silhuetas

Material com direitos autorais

negras contra o crepúsculo purpúreo ferido. Bran conhecera cada pedra daqueles edifícios, por dentro e por fora; escalara todos, correndo parede acima com a mesma facilidade com que outros rapazes corriam escada abaixo. Aqueles telhados tinham sido seus esconderijos, e os corvos que viviam no topo da torre quebrada, seus amigos especiais.

E então caíra.

Bran não se lembrava de ter caído, mas diziam que sim, então supunha que fosse verdade. Quase morrera. Quando viu as gárgulas desgastadas pelas intempéries no topo da Primeira Fortaleza, onde tudo tinha acontecido, sentiu um estranho aperto na barriga. E agora não podia escalar, nem caminhar, nem correr, nem lutar com uma espada, e os sonhos de cavalaria que sonhara tinham se azedado na sua cabeça.

Verão tinha uivado no dia em que Bran caiu, e durante muito tempo depois, enquanto ele jazia inconsciente na cama; Robb tinha lhe contado antes de partir para a guerra. Verão velou por ele, e Cão Felpudo e Vento Cinzento tinham se juntado na dor. E na noite em que o corvo ensanguentado trouxe a notícia da morte do pai, os lobos também souberam. Bran estava no torreão do meistre com Rickon, conversando sobre os filhos da floresta, quando Verão e Cão Felpudo abafaram a voz de Luwin com seus uivos.

Por quem eles estão de luto agora? Teria algum inimigo matado o Rei do Norte, que antes havia sido seu irmão Robb? Teria o irmão bastardo Jon caído da Muralha? Teria a mãe, ou uma das suas irmãs, morrido? Ou teria sido outra coisa, como pareciam pensar o meistre, o septão e a Velha Ama?

Material com direitos autorais

Se eu fosse mesmo um lobo-gigante, compreenderia a canção, Bran pensou com melancolia. Nos seus sonhos de lobo, conseguia correr pelas vertentes de montanhas, recortadas, cobertas de neve, mais altas do que qualquer torre, e erguer-se no cume, sob a lua cheia, com todo o mundo a seus pés, como costumava acontecer.

— *Uuuuu* — gritou Bran experimentalmente. Pôs as mãos em torno da boca e ergueu a cabeça para o cometa. — *Uuuuuuuuuuuuuuu, ahuuuuuuuuuuuuu* — uivou. Soava estúpido, agudo, vazio e inseguro, o uivo de um garotinho, não de um lobo. Mas Verão respondeu, com sua profunda voz sobrepondo-se ao timbre fino de Bran, e Cão Felpudo juntou-se ao coro. Bran voltou a soltar um a*huuuu*. Uivaram juntos, os últimos da matilha.

O barulho trouxe um guarda à sua porta, Hayhead, com seu quisto no nariz. Espreitou para dentro, viu Bran uivando na janela e disse:

— O que é isso, meu príncipe?

Bran sentia-se estranho quando o chamavam de príncipe, embora ele *fosse* herdeiro de Robb, e Robb fosse agora Rei do Norte. Virou a cabeça para uivar ao guarda.

— *Uuuuuuu. Uu-uu-uuuuuuuuuuu.*

Hayhead contraiu o cenho.

— Pare já com isso.

— *Uuu-uuu-uuuuuu. Uuu-uuu-uuuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.*

O guarda retirou-se. Quando voltou, trazia consigo meistre Luwin, todo de cinza, com a corrente apertada em volta do pescoço.

— Bran, aqueles animais já fazem barulho suficiente sem a sua ajuda. — Atravessou a sala e pôs a mão na testa do rapaz. — Está ficando tarde, devia estar dormindo.

Material com direitos autorais

— Estou falando com os lobos. — Bran afastou a mão.

— Devo mandar que Hayhead leve você para a cama?

— Consigo ir para a cama sozinho. — Mikken tinha pregado uma fileira de barras de ferro na parede, para que Bran fosse capaz de se deslocar pelo quarto apoiando-se nos braços. Era lento e difícil, e fazia seus ombros doerem, mas detestava ser carregado. — Seja como for, não tenho de dormir se não quiser.

— Todos os homens têm de dormir, Bran. Até os príncipes.

— Quando durmo, me transformo num lobo. — Bran afastou o rosto e devolveu o olhar à noite. — Os lobos sonham?

— Todas as criaturas sonham, penso eu, mas não como os homens.

— Os homens mortos sonham? — o menino quis saber, pensando no pai, cujo retrato um pedreiro esculpia, em granito, nas criptas escuras por baixo de Winterfell.

— Alguns dizem que sim, outros que não — respondeu o meistre. — Os próprios mortos não se manifestam sobre o assunto.

— As árvores sonham?

— As árvores? Não…

— Sonham — corrigiu Bran com uma certeza súbita. — Sonham sonhos de árvore. Eu sonho às vezes com uma árvore. Um represeiro, como aquele que há no bosque sagrado. Ele me chama. Os sonhos de lobo são melhores. Farejo coisas, e às vezes consigo sentir o gosto de sangue.

Meistre Luwin puxou a corrente que lhe incomodava o pescoço.

— Se ao menos passasse mais tempo com as outras crianças…

— Detesto as outras crianças — retrucou Bran, referindo-se aos Walder. — Exigi que você as mandasse embora.

Material com direitos autorais

Luwin mostrou-se severo.

— Os Frey são protegidos da senhora sua mãe e foram mandados para cá para serem criados sob ordens expressas dela. Não cabe a você expulsá-los, nem seria educado fazer isso. Se os mandássemos embora, para onde iriam?

— Para casa. É culpa deles que não me deixe ter o Verão.

— O garoto Frey não pediu que fosse atacado — respondeu o meistre —, e eu também não.

— Mas isso foi o Cão Felpudo. — O grande lobo negro de Rickon era tão selvagem que às vezes assustava até Bran. — Verão nunca mordeu ninguém.

— Verão rasgou a garganta de um homem neste exato aposento, ou será que você se esqueceu? A verdade é que esses adoráveis filhotes que você e seus irmãos encontraram na neve cresceram e se transformaram em animais perigosos. Os rapazes Frey são sensatos por terem cuidado com eles.

— Deveríamos pôr os Walder no bosque sagrado. Poderiam brincar de senhor da travessia o quanto quisessem, e Verão poderia voltar a dormir comigo. Se eu sou o príncipe, por que não me obedece? Quis montar a Dançarina, mas Alebelly não me deixou atravessar o portão.

— E com razão. A Mata de Lobos está cheia de perigos. Sua última cavalgada deveria ter lhe ensinado isso. Gostaria que algum fora da lei o capturasse e o vendesse aos Lannister?

— Verão me salvaria — teimou Bran. — Os príncipes deviam ser autorizados a velejar pelos mares, a caçar javalis na Mata de Lobos e a justar com lanças.

Material com direitos autorais

— Bran, meu filho, por que se aflige assim? Um dia poderá fazer algumas dessas coisas, mas agora é apenas um garoto de oito anos.

— Preferia ser um lobo. Assim, eu poderia viver na floresta e dormir quando quisesse, e poderia encontrar Arya e Sansa. *Farejaria* onde elas estavam e iria salvá-las, e quando Robb partisse para a batalha, lutaria a seu lado, como Vento Cinzento. Rasgaria a garganta do Regicida com os dentes, *zás*, e depois a guerra chegaria ao fim e todo mundo voltaria a Winterfell. Se eu fosse um lobo… — o menino voltou a uivar. — *Uuu-uu-uuuuuuuuuuu*.

Luwin elevou a voz.

— Um verdadeiro príncipe daria as boas-vindas…

— *AAHUUUUUU* — Bran uivou, com mais força. — *UUUUUUU-UUUUUU*.

O meistre se rendeu:

— Como quiser, menino. — Com um olhar que era em parte tristeza e em parte aborrecimento, saiu do quarto.

Uivar perdeu a graça depois que Bran ficou sozinho. Algum tempo depois, aquietou-se. *Eu dei as boas-vindas a eles*, disse a si mesmo, com ressentimento. *Fui Senhor de Winterfell, um verdadeiro senhor, ele não pode dizer que não*. Quando os Walder tinham chegado das Gêmeas, fora Rickon quem quis que fossem embora. Rickon, um garotinho de quatro anos, gritou que queria a mãe, o pai e Robb, não aqueles estranhos. Bran teve de acalmá-lo e desejar as boas-vindas aos Frey. Ofereceu-lhes comida e bebida, e uma cadeira junto ao fogo, e até meistre Luwin dissera, depois, que ele se portara bem.

Só que isso tinha sido antes do jogo.

Material com direitos autorais

Para o jogo, eram necessários um tronco, um bastão, um curso d'água e muitos gritos. A água era o mais importante, asseguraram Walder e Walder a Bran. Podia-se usar uma prancha, ou até uma série de pedras, e um galho podia servir de bastão. Não era *preciso* gritar. Mas, sem água, não havia jogo. Como meistre Luwin e sor Rodrik não iam deixar as crianças vaguearem pela Mata de Lobos em busca de um riacho, tinham de se virar com uma das lagoas sombrias que havia no bosque sagrado. Walder e Walder nunca antes tinham visto água quente sair do chão borbulhando, mas ambos acharam que tornaria o jogo ainda melhor.

Ambos se chamavam Walder Frey. O Grande Walder dizia que havia vários Walder nas Gêmeas, todos batizados em homenagem ao avô dos rapazes, lorde Walder Frey.

— Em Winterfell, temos os *nossos* nomes — disse-lhes Rickon, com altivez, quando ouviu a história.

Para jogar, punha-se o tronco atravessando a água e um jogador ia para o meio com o bastão. Era o senhor da travessia, e, quando um dos outros jogadores se aproximava, ele tinha de dizer: "Eu sou o senhor da travessia, quem vem lá?". E o outro jogador tinha de inventar um discurso sobre quem era e o motivo pelo qual devia ser autorizado a atravessar. O senhor podia obrigá-los a prestar juramento e a responder a perguntas. Não tinham de dizer a verdade, mas os juramentos deviam ser cumpridos, a não ser que incluíssem a palavra "talvez". Portanto, o truque era dizer essa palavra sem que o senhor da travessia notasse. Então, podia-se tentar atirá-lo na água, e *quem* conseguisse passaria a ser o senhor da travessia, mas só se tivesse dito "talvez". Caso contrário, ficaria

Material com direitos autorais

fora do jogo. O senhor podia atirar qualquer um na água sempre que quisesse, e era o único que podia usar um bastão.

Na prática, o jogo parecia resumir-se a empurrões, pancadas e quedas na água, acompanhados de sonoras discussões sobre se alguém tinha ou não dito "talvez". Normalmente, era o Pequeno Walder o senhor da travessia.

Apesar do nome, Pequeno Walder era alto e troncudo, com uma cara vermelha e uma grande barriga redonda. Já Grande Walder tinha feições angulosas, era magro, e trinta centímetros mais baixo.

— Ele é cinquenta e dois dias mais velho que eu — explicou Pequeno Walder —, e por isso, a princípio, era maior, mas eu cresci mais depressa.

— Nós somos primos, não irmãos — acrescentou Grande Walder, o menor. — Eu sou Walder, filho de Jammos. Meu pai é filho de lorde Walder e da sua quarta esposa. Ele é Walder, filho de Merrett. A avó dele era a terceira esposa de lorde Walder, a Crakehall. Ele está na minha frente na linha de sucessão, apesar de eu ser mais velho.

— Só por cinquenta e dois dias — retrucou Pequeno Walder. — E nenhum de nós jamais ficará com as Gêmeas, seu estúpido.

— Eu ficarei — declarou Grande Walder. — E não somos os únicos Walder. Sor Stevron tem um neto, Walder Preto, que é o quarto na linha de sucessão; e há o Walder Vermelho, filho de sor Emmon; e Walder Bastardo, que não está na linha. Chama-se Walder Rivers, e não Walder Frey. Além disso, há meninas chamadas Walda.

— E o Tyr. Você esquece sempre do Tyr.

Material com direitos autorais

— Ele é Wal*tyr*, não Walder — retrucou Grande Walder com rapidez. — E está depois de nós, portanto não importa. Seja como for, nunca gostei dele.

Sor Rodrik decretou que os protegidos dividiriam o antigo quarto de Jon Snow, já que este estava na Patrulha da Noite e nunca voltaria. Bran detestou a ideia; sentia que era como se os Frey estivessem roubando o lugar de Jon.

Bran observava, tristonho, enquanto os Walder lutavam com Nabo, o ajudante de cozinheiro, e as filhas de Joseth, Bandy e Shyra. Os donos do jogo tinham decretado que Bran seria o juiz e decidiria se os jogadores tinham dito "talvez", mas, assim que começaram a jogar, esqueceram-no por completo.

Os ruídos e espirros d'água em breve atraíram outros: Palla, a moça do canil; o filho de Cayn, Calon; e também Tom, cujo pai, Gordo Tom, tinha morrido com o pai de Bran em Porto Real. Não demorou muito tempo até ficarem todos encharcados e enlameados. Palla estava marrom da cabeça aos pés, com musgo no cabelo, sem fôlego, de tanto rir. Bran não ouvia tantas gargalhadas desde a noite em que chegara o corvo ensanguentado. *Se tivesse as minhas pernas, atiraria todos na água*, pensou amargamente. *Ninguém seria senhor da travessia, a não ser eu.*

Por fim, Rickon chegou correndo ao bosque sagrado, com Cão Felpudo logo atrás. Ficou vendo Nabo e o Pequeno Walder lutarem pelo bastão, até que Nabo se desequilibrou e caiu, provocando um grande esguicho de água, balançando os braços. Rickon gritou:

— Eu! Agora eu! Quero jogar! — Pequeno Walder fez sinal para ele subir, e Cão Felpudo começou a segui-lo. — Não, Felpudo —

Material com direitos autorais

mandou o irmão. — Os lobos não podem brincar. Fica com Bran.

E o lobo ficou…

… até o momento em que o Pequeno Walder bateu com o bastão em Rickon, bem em cheio, na barriga. Antes que Bran piscasse, o lobo negro voou sobre a prancha. Havia sangue na água, e os Walder guinchavam como se fosse o fim do mundo. Rickon sentou-se na lama, rindo, e Hodor chegou pisando duro, gritando: "Hodor! Hodor! Hodor!".

Depois daquilo, estranhamente, Rickon decidiu que *gostava* dos Walder. Não voltaram a brincar de senhor da travessia, mas jogavam outros jogos — monstros e donzelas, gatos e ratos, vem ao meu castelo, todo o tipo de coisas. Com Rickon a seu lado, os Walder saqueavam as cozinhas em busca de tortas e favos de mel, faziam corridas em volta das muralhas, atiravam ossos aos cachorros nos canis e treinavam com espadas de madeira sob o olhar atento de sor Rodrik. Rickon até lhes mostrou as profundas abóbadas debaixo da terra onde o pedreiro esculpia a sepultura do pai.

— Você não tinha o direito! — gritou Bran ao irmão quando soube. — Aquele lugar é nosso, dos *Stark*!

Mas Rickon não tinha se importado.

A porta do seu quarto abriu-se. Meistre Luwin entrou, carregando um bule verde, e dessa vez Osha e Hayhead vinham com ele.

— Fiz uma poção para você dormir, Bran.

Osha pegou-o com seus braços ossudos. Era muito alta para uma mulher, e forte como metal, e o levou sem esforço para a cama.

— Isto vai lhe dar um sono sem sonhos — disse meistre Luwin, tirando a rolha do bule. — Um bom sono sem sonhos.

Material com direitos autorais

— Vai? — perguntou Bran, querendo acreditar.

— Sim. Beba.

Bran bebeu. A poção era espessa e calcária, mas continha mel, e desceu facilmente.

— Quando chegar a manhã, vai se sentir melhor.

Luwin deu a Bran um sorriso e uma palmadinha antes de se retirar.

Osha ficou por ali.

— São os sonhos do lobo de novo?

Bran confirmou com a cabeça.

— Não devia lutar tanto, rapaz. Vejo você falando com a árvore-coração. Talvez os deuses estejam tentando responder.

— Os deuses? — murmurou ele, já sonolento. A cara de Osha ficou embaçada e cinzenta. *Um bom sono sem sonhos*, Bran pensou.

Mas quando a escuridão se fechou ao seu redor, deu por si no bosque sagrado, movendo-se em silêncio sob árvores-sentinela cinza-esverdeadas e carvalhos nodosos, velhos como o tempo. *Estou andando*, pensou, exultante. Parte dele sabia que era apenas um sonho, mas mesmo o sonho de andar era melhor do que a verdade do seu quarto, com as paredes, o teto e a porta.

Estava escuro entre as árvores, mas o cometa iluminava seu caminho, e seus pés eram firmes. Deslocava-se em quatro boas pernas, fortes e rápidas, e conseguia sentir o chão debaixo das patas, o suave crepitar das folhas caídas, as grossas raízes e as pedras duras, as profundas camadas de húmus. Era uma sensação boa.

Os cheiros enchiam sua cabeça, vivos e inebriantes; o fedor verde e lamacento das lagoas quentes, o perfume da rica terra que apodrecia sob as suas patas, os esquilos no topo dos carvalhos. O

Material com direitos autorais

cheiro de esquilo fez com que recordasse o sabor do sangue quente e o jeito como os ossos estalariam entre os seus dentes. Sua boca encheu-se de saliva. Não comia fazia mais de meio dia, mas não havia qualquer graça na carne morta, mesmo que fosse de veado. Era capaz de ouvir os esquilos pipilando e sussurrando por cima da sua cabeça, em segurança entre as suas folhas, mas eram suficientemente prudentes para não descer até onde ele e o irmão rondavam.

Também cheirava o irmão, um odor familiar, forte e terroso, um odor tão negro como a sua pelagem. O irmão rondava ao redor dos muros, cheio de fúria. Dava voltas e mais voltas, noite e dia, incansável, à procura… de uma presa, de uma saída, da mãe, dos companheiros de ninhada, da matilha… à procura, à procura, sem nunca encontrar.

Atrás das árvores erguiam-se os muros, pilhas de rocha-de-homem morta que apareciam ao redor de toda aquela mancha de bosque vivo. Erguiam-se manchadas de cinza e salpicadas de musgo, mas espessas, fortes e mais altas do que qualquer lobo pudesse imaginar saltar. Ferro frio e madeira lascada fechavam os únicos buracos que havia entre as pedras empilhadas que os encerravam. O irmão parava junto a cada buraco e mostrava as presas, tomado de fúria, mas os caminhos permaneciam fechados.

Ele tinha feito o mesmo na primeira noite, e descobriu que não valia a pena. Ali, rosnados não abriam caminhos. Dar a volta junto aos muros não os faria recuar. Levantar uma pata e demarcar as árvores não manteria nenhum homem afastado. O mundo apertara-se em volta deles, mas para lá do bosque murado ainda se estendiam as grandes cavernas cinzentas da rocha-de-homem. *Winterfell*,

Material com direitos autorais

lembrou-se, com o som chegando subitamente. E para lá das suas falésias altas como o céu, o verdadeiro mundo chamava, e ele sabia que tinha de responder, ou morreria.

Material com direitos autorais

ARYA

VIAJARAM DO NASCER AO PÔR DO SOL, passando por florestas, pomares e campos bem cuidados, atravessando pequenas aldeias, vilas mercantis cheias de gente e robustas fortificações. Quando a noite chegava, montavam o acampamento e comiam à luz da Espada Vermelha. Os homens faziam turnos de guarda. Arya vislumbrava as fogueiras dos acampamentos de outros viajantes tremeluzindo por entre as árvores. Parecia haver mais acampamentos todas as noites, e mais tráfego na estrada do rei durante o dia.

Chegavam de manhã, à tarde e à noite, velhos e crianças, homens grandes e pequenos, garotas de pés descalços e mulheres com bebês no peito. Alguns conduziam carroças de campo ou eram sacudidos na parte de trás de carros de bois. Um número maior vinha montado em cavalos de tração, pôneis, mulas, burros, em qualquer coisa capaz de andar, correr ou rolar. Uma mulher puxava uma vaca leiteira com uma menininha no lombo. Arya viu um ferreiro que empurrava um carrinho de mão com suas ferramentas lá dentro, martelos e tenazes, e até uma bigorna, e pouco depois via outro homem com outro carrinho de mão, dessa vez contendo dois bebês enrolados numa manta. A maior parte vinha a pé, com as posses sobre os ombros e expressões muito, muito cansadas no rosto. Caminhavam para o Sul, na direção da cidade, para Porto Real, e só um em cem chegava a dirigir uma palavra a Yoren e àqueles que estavam sob sua responsabilidade, viajando para o Norte. Perguntou

Material com direitos autorais

a si mesma por que é que mais ninguém seguia na mesma direção que eles.

Muitos dos viajantes vinham armados; Arya viu punhais e adagas, foices e machados, e aqui e ali uma espada. Alguns tinham feito tacapes de galhos de árvore, ou esculpido bastões nodosos. Passavam os dedos pelas armas e lançavam olhares demorados às carroças que por eles passavam, mas, no fim, deixavam a coluna avançar. Contavam-se trinta, seja lá o que fosse que transportavam naquelas carroças.

Olha com os olhos, dizia Syrio, *escuta com os ouvidos*.

Um dia, uma louca desatou a gritar para eles da beira da estrada.

— Doidos! Eles matam vocês, doidos! — Era magra como um espantalho, com olhos vazios e pés ensanguentados.

Na manhã seguinte, um mercador de rosto liso montado numa égua cinzenta parou ao lado de Yoren e se ofereceu para comprar as carroças e tudo o que continham por um quarto do seu valor.

— É a guerra, eles levam o que quiserem, seria melhor se vendesse para mim, meu amigo.

Yoren lhe deu as costas com um giro dos ombros encurvados e cuspiu.

Arya reparou na primeira sepultura nesse mesmo dia; um pequeno monte ao lado da estrada, escavado para uma criança. Um cristal tinha sido depositado na terra fofa, e Lommy insistiu para ficar com ele, até que Touro lhe disse que faria melhor em deixar os mortos em paz. Vários quilômetros mais à frente, Praed apontou para mais sepulturas, uma fileira inteira recém-cavada. Depois disso, quase não se passou um dia sem verem outras.

Material com direitos autorais

Certa vez, Arya acordou no escuro, assustada por algo que não conseguia definir. No alto, a Espada Vermelha dividia o céu com meio milhar de estrelas. A noite lhe parecia estranhamente silenciosa, embora conseguisse ouvir os roncos resmungados de Yoren, o crepitar do fogo e até os movimentos abafados dos burros. Mas, de algum modo, sentia-se como se o mundo inteiro estivesse segurando a respiração, e o silêncio a fazia tremer. Voltou ao sono agarrada à Agulha.

Ao chegar a manhã, quando Praed não acordou, Arya compreendeu que aquilo de que sentira falta tinha sido a tosse do homem. Então, cavaram eles mesmos a sepultura de Praed, enterrando o mercenário no local onde dormira. Yoren despiu-o das coisas de valor que possuía antes de jogarem terra sobre ele. Um homem ficou com suas botas, outro, com o punhal. A cota de malha e o elmo foram distribuídos. A espada longa foi entregue por Yoren a Touro.

— Pode ser que braços como os seus aprendam a usar isso — disse-lhe.

Um menino chamado Tarber atirou um punhado de bolotas sobre o corpo de Praed, para que um carvalho pudesse nascer e marcar o lugar em que jazia.

Naquela noite, pararam em uma aldeia, numa estalagem coberta de hera. Yoren contou as moedas que trazia na bolsa e decidiu que tinham o suficiente para uma refeição quente.

— Vamos dormir aqui fora, como sempre, mas eles têm uma casa de banho aqui, se algum de vocês estiver sentindo falta de água quente e de uma esfregadinha com sabão.

Material com direitos autorais

Arya não se atreveu, embora já cheirasse tão mal como Yoren, toda ela acre e fedorenta. Algumas das criaturas que viviam na sua roupa a acompanhavam desde a Baixada das Pulgas; não parecia certo afogá-las. Tarber, Torta Quente e Touro juntaram-se à fila de homens que se dirigiam para as tinas. Outros instalaram-se na frente da casa de banho. O resto amontoou-se na sala comum. Yoren até mandou Lommy levar canecas de cerveja aos três homens presos que tinham sido deixados acorrentados na parte de trás da carroça.

Os lavados e os por se lavar jantaram empadões quentes de porco e maçãs cozidas. O estalajadeiro lhes ofereceu uma rodada de cerveja por conta da casa.

— Tive um irmão que vestiu o negro há anos. Era criado de refeições, esperto, mas um dia foi visto surrupiando pimenta da mesa do senhor. Gostava do sabor, nada mais. Só uma pitada de pimenta, mas sor Malcolm era um homem duro. Tem pimenta na Muralha? — Quando Yoren balançou a cabeça, o homem soltou um suspiro. — Que pena. Lync adorava pimenta.

Arya bebericou cautelosamente da caneca, entre uma e outra colherada de empadão ainda quente do forno. Lembrou-se de que o pai, às vezes, os deixava beber uma taça de cerveja. Sansa costumava fazer uma careta, dizendo que o vinho era muito melhor, mas Arya gostava bastante. Pensar em Sansa e no pai deixava-a triste.

A estalagem estava cheia de gente que rumava para o Sul, e a sala comum irrompeu em escárnio quando Yoren disse que viajavam na direção oposta.

— Voltará em breve — garantiu o estalajadeiro. — Não há como ir para o Norte. Metade dos campos está queimada, e as pessoas que

Material com direitos autorais

restam estão trancadas dentro das muralhas de suas fortificações. Um grupo afasta-se de madrugada, e outro aparece ao anoitecer.

— Isso não é nada para nós — teimou Yoren. — Tully ou Lannister, não importa. A Patrulha não participa.

Lorde Tully é meu avô, pensou Arya. A *ela* importava, mas mordeu o lábio e ficou quieta, ouvindo.

— É mais do que Lannister e Tully — rebateu o estalajadeiro. — Há selvagens das Montanhas da Lua. Tente lhes dizer que não participa. E os Stark também estão metidos no assunto, o jovem senhor desceu, o filho do Mão morto…

Arya endireitou-se no lugar, esforçando-se para ouvir. Estaria ele se referindo a *Robb*?

— Ouvi dizer que o rapaz monta um lobo nas batalhas — disse um homem de cabelo amarelo, com uma caneca na mão.

— Conversa de gente imbecil — cuspiu Yoren.

— O homem que me disse isso viu com os próprios olhos. Um lobo grande como um cavalo, ele jurou.

— Jurar não torna isso verdade, Hod — disse o estalajadeiro. — Você anda sempre jurando que vai pagar o que me deve, e ainda não vi um único tostão.

A sala comum explodiu em gargalhadas, e o homem de cabelo amarelo ficou vermelho.

— Tem sido um ano ruim para lobos — interveio um homem pálido com seu manto verde manchado pela viagem. — Nas redondezas do Olho de Deus, as matilhas tornaram-se mais ousadas do que se tem registro. Ovelhas, vacas, cães, não importa, matam o que bem quiserem, e não têm medo dos homens. Entrar naqueles bosques durante a noite é arriscar a vida.

Material com direitos autorais

— Ah, isso são mais histórias, e são tão pouco reais quanto a outra.

— Eu ouvi o mesmo da minha prima, e ela não é do tipo que mente — disse uma velha. — Diz que há uma grande matilha, com centenas de lobos, matadores de homens. O animal que os lidera é uma loba, uma cadela do sétimo inferno.

Uma loba. Arya bebeu sua cerveja, refletindo. Será que Olho de Deus ficava perto do Tridente? Gostaria de ter um mapa. Tinha sido perto do Tridente que deixara Nymeria. Não queria fazê-lo, mas Jory disse que não tinha alternativa, que se a loba voltasse com eles seria morta por ter mordido Joffrey, apesar de ele ter merecido. Tinham tido de gritar, e berrar, e atirar pedras, e só depois de ser atingida por algumas delas, atiradas por Arya, é que a loba-gigante deixou de segui-los. *Ela provavelmente nem me reconheceria agora*, Arya pensou. *Ou, se reconhecesse, iria me odiar*.

O homem do manto verde disse:

— Ouvi falar de como essa cadela do inferno entrou um dia numa aldeia… Um dia de mercado, com gente por todo o lado, e ela entrou, na cara dura, e arrancou um bebê dos braços da mãe. Quando lorde Mooton ouviu a história, ele e os filhos juraram que acabariam com ela. Seguiram-na até a toca com uma matilha de lobeiros, e foi por pouco que conseguiram salvar a própria pele. Nem um dos cães voltou, nem um.

— Isso é só uma história — exclamou Arya, antes de conseguir se controlar. — Os lobos não comem bebês.

— E o que você sabe disso, moço? — perguntou o homem do manto verde.

Material com direitos autorais

Antes que Arya conseguisse pensar numa resposta, Yoren lhe agarrou o braço.

— O rapaz tem cerveja na cabeça, é só isso.

— Não tenho nada. Eles *não* comem bebês…

— Lá para fora, *rapaz*… E vê se fica lá até aprender a calar a boca quando os homens estão conversando. — Yoren deu-lhe um empurrão firme, na direção da porta lateral que levava de volta aos estábulos. — Vá. E veja se o cavalariço deu água aos cavalos.

Arya saiu, dura de fúria.

— *Não comem* — resmungou, chutando uma pedra no momento em que saía. A pedra foi rolando, e só parou debaixo das carroças.

— Menino — chamou uma voz amistosa. — Menino adorável.

Um dos homens presos estava falando com ela. Cuidadosamente, Arya aproximou-se da carroça, com uma mão no cabo da Agulha.

O prisioneiro ergueu uma caneca vazia, tilintando as correntes.

— Um homem faria bom proveito de outro gole de cerveja. Um homem tem muita sede quando usa essas pulseiras pesadas.

Era o mais novo dos três, esguio, com traços delicados, sempre a sorrir. Tinha o cabelo vermelho de um lado e branco do outro, todo embaraçado e sujo da cadeia e da viagem.

— Um homem também não se importaria com um banho — disse ele quando viu o modo como Arya o olhava. — Um garoto poderia fazer um amigo.

— Já tenho amigos — respondeu ela.

— Nenhum que eu consiga ver — disse o que não tinha nariz. Era atarracado e troncudo, com umas mãos enormes. Pelos negros cobriam seus braços, pernas, peito e até mesmo as costas. Fazia Arya lembrar-se de um desenho que tinha visto num livro, de um macaco

Material com direitos autorais

das Ilhas do Verão. O buraco no seu rosto tornava difícil olhá-lo durante muito tempo.

O careca abriu a boca e *silvou*, como se fosse um imenso lagarto branco. Quando Arya vacilou para trás, sobressaltada, ele abriu a boca e sacudiu a língua na sua direção, mas aquilo era mais um coto que uma língua.

— Para com isso! — exclamou ela.

— Um homem não escolhe os companheiros nas celas negras — disse o bonito, com o cabelo vermelho e branco. Qualquer coisa no jeito como falava lembrou-lhe Syrio; era o mesmo, mas ao mesmo tempo diferente. — Estes dois não têm educação. Um homem tem de pedir perdão. Chamam você de Arry, não é verdade?

— Cabeça de Caroço — disse o que não tinha nariz. — Cabeça de Caroço, Cara de Caroço, Rapaz Pau. Toma cuidado, Lorath, que ele bate em você com o pau.

— Um homem tem de sentir vergonha das companhias que tem, Arry — voltou a falar o bonito. — Este homem tem a honra de ser Jaqen H'ghar, antigamente habitante da Cidade Livre de Lorath. Bem que gostaria de estar em casa. Os malcriados companheiros de cativeiro desse homem chamam-se Rorge — indicou com a caneca o homem sem nariz — e Dentadas. — Dentadas voltou a *silvar* para ela, mostrando uma boca cheia de dentes amarelos, limados até ficar pontiagudos. — Um homem tem de ter algum nome, não é? O Dentadas não pode falar, e nem sabe escrever, mas seus dentes são muito afiados, e por isso um homem o chama de Dentadas, e ele sorri. Está encantado?

Arya afastou-se da carroça.

Material com direitos autorais

— Não. — *Eles não podem me fazer mal*, disse a si mesma, *estão todos acorrentados*.

Ele virou a caneca ao contrário.

— Um homem tem de lamentar.

Rorge, o que não tinha nariz, atirou a caneca nela com uma praga. As algemas o atrapalhavam, mas mesmo assim a teria acertado em cheio na cabeça com a pesada caneca de peltre se Arya não tivesse saltado para o lado.

— Traga-nos cerveja, seu bolha. *Já!*

— Cala a boca! — Arya tentou imaginar o que Syrio teria feito. Puxou a espada de treino, de madeira.

— Chegue perto — disse Rorge —, e eu enfio esse pau pelo seu rabo acima, até ver você sangrar.

O medo golpeia mais profundamente do que as espadas. Arya obrigou-se a se aproximar da carroça. Cada passo era mais difícil que o anterior. *Feroz como um glutão, calma como águas paradas.* As palavras cantavam na sua cabeça. Syrio não teria medo.

Estava quase perto o suficiente para tocar a roda, quando Dentadas se pôs de pé de um salto, e tentou agarrá-la, fazendo os ferros tinirem e chocalharem. As algemas cortaram seu movimento a quinze centímetros de distância da cara dela. O homem *silvou*.

Arya o atingiu. Com força, bem entre seus pequenos olhos.

Gritando, Dentadas cambaleou para trás e depois atirou todo o seu peso contra as correntes. Os aros deslizaram, torceram-se e se retesaram, e Arya ouviu o ranger de madeira velha e seca quando os grandes anéis de ferro forçaram as pranchas do chão da carroça. Enormes mãos brancas tentaram agarrá-la, enquanto veias se projetavam ao longo dos braços de Dentadas, mas os grilhões

Material com direitos autorais

aguentaram, e, por fim, o homem caiu para trás. Escorria sangue das feridas úmidas que tinha no rosto.

— Um rapaz tem mais coragem do que bom senso — observou aquele que tinha se identificado como Jaqen H'ghar.

Arya afastou-se da carroça, andando de costas. Quando sentiu uma mão no ombro, rodopiou, voltando a erguer a espada de pau, mas era apenas Touro.

— O que você está fazendo?

Ele ergueu as mãos em defesa.

— Yoren disse que nenhum de nós devia se aproximar daqueles três.

— Eles não me assustam — respondeu ela.

— Então você é estúpido, porque eles *me* assustam. — A mão de Touro caiu sobre o punho da espada, e Rorge desatou a rir. — Vamos sair de perto deles.

Arya o seguiu, arrastando os pés pelo chão, e deixou que Touro a conduzisse ao redor da estalagem até a parte da frente. O riso de Rorge e os silvos do Dentadas os seguiram.

— Quer lutar? — perguntou Arya a Touro. Queria bater em qualquer coisa.

Ele olhou para ela, piscando, surpreso. Madeixas de espesso cabelo negro, ainda úmido do banho, caíam sobre seus olhos profundamente azuis.

— Eu machucaria você.

— Não machucaria nada.

— Você não conhece a minha força.

— Você não conhece a minha rapidez.

Material com direitos autorais

— Está pedindo, Arry. — Ele puxou a espada longa de Praed. — Isto é aço barato, mas é uma espada verdadeira.

Arya desembainhou Agulha.

— Esta é de bom aço, e por isso é mais verdadeira do que a sua.

Touro balançou a cabeça:

— Promete que não chora se eu te ferir?

— Prometo, se você também prometer. — Arya virou-se de lado, adotando a pose de dançarina de água, mas Touro não se mexeu. Estava olhando para qualquer coisa atrás dela. — Que foi?

— Homens de manto dourado. — Ele fechou a cara.

Não pode ser, Arya pensou, mas, quando olhou para trás, viu os homens cavalgando pela estrada do rei, seis, usando a cota de malha negra e os mantos dourados da Patrulha da Cidade. Um deles era um oficial, usava uma placa peitoral esmaltada preta, ornamentada com quatro discos dourados. Pararam os cavalos em frente à estalagem. *Olha com os olhos*, pareceu sussurrar-lhe a voz de Syrio. Seus olhos viram espuma branca debaixo das selas; os cavalos tinham corrido durante muito tempo, e duramente. Calma como águas paradas, pegou Touro pelo braço e o puxou para trás de uma cerca viva alta e florida.

— O que é isso? — perguntou ele. — O que está fazendo? Me larga.

— *Silencioso como uma sombra* — sussurrou ela, puxando-o para baixo.

Alguns dos outros a cargo de Yoren estavam sentados em frente à casa de banho, esperando sua vez de entrar numa tina.

— Vocês, homens — gritou um dos de manto dourado. — São os que partiram para vestir o negro?

Material com direitos autorais

— Talvez sejamos — foi a resposta cautelosa.

— Preferíamos nos juntar a vocês, rapazes — disse o velho Reysen. — Ouvimos dizer que faz *frio* naquela Muralha.

O oficial de manto dourado desmontou.

— Tenho um mandado a respeito de um certo rapaz…

Yoren saiu da estalagem, afagando sua emaranhada barba negra.

— Quem é que quer esse rapaz?

Os outros homens de manto dourado estavam desmontando e se posicionando ao lado dos cavalos.

— Por que nós estamos escondidos? — sussurrou Touro.

— É a mim que eles querem — respondeu Arya, também sussurrando. A orelha dele cheirava a sabão. — Fica quieto.

— É a rainha quem o quer, velho, não que isso te diga respeito — disse o oficial, tirando uma faixa do cinto. — Aqui está, o selo e o mandado de Sua Graça.

Atrás da cerca viva, Touro balançou a cabeça, duvidando.

— Por que motivo a rainha haveria de *te* querer, Arry?

Ela lhe esmurrou o ombro.

— *Fica quieto!*

Yoren passou os dedos pela faixa do mandado com a gota de cera dourada.

— Bonito — cuspiu. — Acontece que o rapaz está agora na Patrulha da Noite. O que ele fez lá na cidade não importa mais.

— A rainha não está interessada nas suas opiniões, velho, e eu também não — disse o oficial. — Vou levar o rapaz.

Arya pensou em fugir, mas sabia que não iria longe no seu burro quando os homens de manto dourado tinham cavalos. E estava tão cansada de fugir. Tinha fugido quando sor Meryn havia ido buscá-

Material com direitos autorais

la e voltou a fugir quando tinham matado seu pai. Se fosse uma verdadeira dançarina de água, sairia dali com a Agulha na mão, mataria todos, e nunca mais fugiria de ninguém.

— Não vai levar ninguém — insistiu Yoren. — Há leis sobre essas coisas.

O homem do manto dourado puxou uma espada curta.

— Aqui está a sua lei.

Yoren olhou para a lâmina:

— Isso não é lei nenhuma, é só uma espada. Acontece que eu também tenho uma.

O oficial sorriu.

— Velho tonto. Eu tenho cinco homens comigo.

Yoren cuspiu.

— Acontece que eu tenho trinta.

O homem de manto dourado soltou uma gargalhada.

— Esses aí? — disse um grandalhão desajeitado com o nariz quebrado. — Quem é o primeiro? — gritou, mostrando o aço.

Tarber puxou uma forquilha de uma pilha de feno.

— Sou eu.

— Não, sou eu — gritou Cutjack, o pedreiro rechonchudo, tirando o martelo do avental de couro que usava sempre.

— Eu — Kurz surgiu com sua faca de esfolar na mão.

— Eu e ele — Koss retesou a corda do seu arco.

— Todos nós — disse Reysen, agarrando o grande bastão de madeira dura em que se apoiava ao caminhar.

Dobber saiu nu da casa de banho com as roupas numa trouxa, viu o que estava acontecendo e deixou tudo cair, menos a adaga.

— É uma luta? — quis saber.

Material com direitos autorais

— Parece que sim — disse Torta Quente, caindo de quatro à procura de uma pedra que pudesse atirar. Arya não acreditava no que estava vendo. *Odiava* Torta Quente! Por que motivo se arriscaria por ela?

O homem do nariz quebrado ainda achava aquilo engraçado.

— Ponham de lado essas pedras e paus, *meninas*, antes que apanhem. Nenhum de vocês sabe por qual lado se pega numa espada.

— Eu *sei*! — Arya não os deixaria morrer por ela, como Syrio. Não deixaria! Abrindo caminho através da cerca viva com a Agulha na mão, adotou a pose da dançarina de água.

O de nariz quebrado soltou uma gargalhada roufenha. O oficial olhou-a de cima a baixo.

— Guarde a espada, menininha, ninguém quer machucar você.

— *Não* sou uma menina! — gritou Arya, furiosa. Qual era o problema deles? Tinham percorrido todo aquele caminho à sua procura, ali estava ela, e limitavam-se a sorrir para ela. — Sou eu quem procuram.

— É *a ele* que procuramos. — O oficial indicou Touro com a espada, que tinha avançado para se pôr ao lado de Arya, com o aço barato de Praed na mão.

Mas foi um erro o oficial tirar os olhos de Yoren, mesmo que por um instante. Foi o tempo que a espada do irmão de negro demorou para ser pressionada contra seu pomo de adão.

— Não vai ficar com nenhum deles, a não ser que queira que eu veja se o seu pomo já está maduro. Tenho mais dez ou quinze irmãos naquela estalagem, se ainda precisa ser convencido. Se fosse você, largava esse corta-tripas, botava as bochechas em cima

Material com direitos autorais

daquele cavalinho gordo e galopava de volta para a cidade. — Yoren cuspiu, e fez mais pressão com a ponta da espada. — Já.

Os dedos do oficial abriram-se. A espada caiu na poeira.

— Nós ficamos com isso — disse Yoren. — Bom aço sempre faz falta na Muralha.

— Como quiser. Por enquanto. Homens. — Os homens de manto dourado embainharam as armas e montaram. — É melhor que galope em disparada até essa sua Muralha, velho. Da próxima vez que o apanhar, creio que sua cabeça terá o mesmo destino da do jovem bastardo.

— Homens melhores que você já tentaram.

Yoren bateu na garupa do cavalo do oficial com o lado da espada, fazendo-o desembestar pela estrada do rei afora, enquanto os outros o seguiram.

Quando os perderam de vista, Torta Quente começou a gritar, mas Yoren pareceu mais zangado que nunca.

— Idiota! Acha que estamos livres dele? Da próxima vez, ele não vai se pavonear nem me dar nenhuma faixa maldita. Tirem os outros do banho, temos de ir andando. Cavalgando a noite toda, talvez possamos ficar à frente deles por um tempo. — Yoren apanhou a espada que o oficial deixara cair. — Quem quer isto?

— Eu! — Torta Quente berrou.

— Não use no Arry. — Yoren entregou a espada ao rapaz, com o cabo para a frente, e dirigiu-se a Arya, mas foi com Touro que falou. — A rainha o quer muito, rapaz.

Arya não entendia nada.

— Por que *ele*?

Touro olhou bravo para ela.

Material com direitos autorais

— E por que iria querer *você*? Não passa de um ratinho de sarjeta!

— Bom, e você não passa de um garoto bastardo! — Ou talvez apenas *fingisse* ser um rapaz bastardo. — Qual é o seu nome de verdade?

— Gendry — respondeu ele, como se não estivesse muito certo daquilo.

— Não vejo por que alguém haveria de querer algum de vocês — interrompeu-os Yoren. — Mas não podem ficar com vocês de qualquer jeito. Montem aqueles dois corcéis. Ao primeiro sinal de um manto dourado, sigam para a Muralha como se um dragão os perseguisse. O resto de nós não tem importância para eles.

— Menos você — corrigiu-o Arya. — Aquele homem disse que também queria sua cabeça.

— Bem, quanto a isso, se conseguir arrancá-la dos meus ombros, que faça bom proveito.

Material com direitos autorais

JON

— SAM? — JON CHAMOU EM VOZ BAIXA.

O ar tinha cheiro de papel, de pó e dos anos. À sua frente, altas estantes de madeira erguiam-se até desaparecer nas sombras, entulhadas de livros encadernados em couro e caixas de antigos rolos. Um tênue brilho amarelo era filtrado pelas pilhas de livros, vindo de uma lâmpada escondida. Jon apagou com um sopro a vela que trazia, preferindo não correr o risco de uma chama livre no meio de tanto papel velho e seco. E seguiu a luz, ziguezagueando pelas estreitas passagens sob a abóbada cilíndrica do teto. Todo vestido de preto, era uma sombra entre as sombras, com seu cabelo escuro, rosto longo e olhos cinzentos. Luvas negras de pele de toupeira cobriam suas mãos; a direita porque estava queimada, a esquerda porque um homem se sentia meio tolo usando apenas uma luva.

Samwell Tarly estava debruçado sobre uma mesa num nicho esculpido na pedra da parede, iluminado pelo brilho que vinha da lâmpada pendurada sobre sua cabeça. Ergueu o olhar ao ouvir os passos de Jon.

— Passou a noite toda aqui?

— Passei? — Sam pareceu surpreso.

— Não esteve conosco no desjejum, e ninguém dormiu na sua cama.

Rast sugeriu que Sam talvez tivesse desertado, mas Jon nunca acreditou na ideia. A deserção requeria um tipo diferente de

Material com direitos autorais

coragem, e isso era algo que Sam possuía em quantidade insuficiente.

— Já é de manhã? Aqui embaixo não há como saber.

— Sam, você é um bobo, mas simpático. Vai sentir falta daquela cama quando estivermos dormindo no chão frio e duro, garanto.

Sam bocejou.

— Meistre Aemon mandou-me encontrar mapas para o Senhor Comandante. Nunca pensei… Jon, os *livros*, já viu alguma coisa assim? Há *milhares*!

Jon olhou em volta.

— A biblioteca em Winterfell tem mais de cem. Encontrou os mapas?

— Ah, sim. — Sam passou a mão, com dedos grossos como salsichas, por sobre a mesa, indicando o amontoado de livros e rolos à sua frente. — Pelo menos uma dúzia. — Ele desenrolou um pergaminho quadrado. — A tinta desbotou, mas ainda se vê onde o cartógrafo assinalou os locais de aldeias selvagens, e há outro livro… Onde está? Eu o estava lendo agora mesmo. — Sam afastou alguns rolos para o lado, revelando um volume poeirento, com uma encadernação em couro apodrecido. — *Este* — exclamou com reverência — é o relato de uma viagem desde a Torre Sombria até o Cabo Desolado, na Costa Gelada, escrito por um patrulheiro chamado Redwyn. Não está datado, mas menciona um Dorren Stark como Rei do Norte. Portanto, deve ter sido escrito antes da Conquista. Jon, eles lutaram com *gigantes*! Redwyn até comerciou com os filhos da floresta, está tudo aqui. — Com toda delicadeza, Sam virou as páginas com um dedo. — Também desenhou mapas, veja…

Material com direitos autorais

— Talvez você escreva um relato da nossa patrulha, Sam.

Pretendia soar encorajador, mas aquilo tinha sido a coisa errada a dizer. Tudo de que Sam menos precisava era ser lembrado do que os esperava na manhã seguinte. Então, pensativo, Sam moveu os rolos de um lado para outro, sem propósito.

— Há mais mapas. Se tivesse tempo de procurar… Está tudo uma confusão. Mas *eu* poderia pôr tudo em ordem; sei que poderia, mas levaria tempo… Bem, na verdade, levaria *anos*.

— Mormont gostaria de ter esses mapas um pouco mais depressa do que isso. — Jon tirou um rolo de uma caixa e soprou o grosso da poeira. Um canto desprendeu-se entre os seus dedos quando o desenrolou. — Olha, este está se desfazendo — disse, franzindo a testa diante das letras desbotadas.

— Tome cuidado. — Sam rodeou a mesa e tirou o rolo da sua mão, pegando-o como se fosse um animal ferido. — Os livros importantes costumavam ser copiados quando precisavam deles. Alguns dos mais velhos foram copiados meia centena de vezes, provavelmente.

— Bem, não perca tempo copiando esse. Vinte e três barricas de bacalhau em conserva, dezoito jarras de óleo de peixe, uma pipa de sal…

— Um inventário — concluiu Sam. — Ou talvez uma conta de venda.

— Quem se importa com quanto bacalhau em conserva comeram há seiscentos anos? — perguntou Jon.

— Eu. — Sam devolveu cuidadosamente o rolo à caixa de onde Jon o tirara. — Pode-se aprender muitas coisas com registros como

Material com direitos autorais

este. É sério. Eles podem te dizer quantos homens havia na Patrulha da Noite nessa época, como viviam, o que comiam…

— Comiam comida — rebateu Jon. — E viviam como nós vivemos.

— Talvez você se surpreendesse. Esta galeria é um tesouro, Jon.

— Se você diz...

Jon tinha dúvidas. Tesouro queria dizer ouro, prata e joias, não poeira, aranhas e couro apodrecido.

— Digo sim — exclamou o rapaz gordo. Era mais velho do que Jon, legalmente um homem-feito, mas era difícil pensar nele como algo mais que um garoto. — Encontrei desenhos de caras nas árvores, e um livro a respeito da língua dos filhos da floresta… Trabalhos que nem a Cidadela possui, pergaminhos da antiga Valíria, contagens das estações feitas por meistres mortos há mil anos…

— Os livros ainda estarão aqui quando voltarmos.

— *Se* voltarmos…

— O Velho Urso vai levar duzentos homens experimentados, e três quartos deles são patrulheiros. Qhorin Meia-Mão trará mais cem irmãos da Torre Sombria. Estará tão seguro como estava no castelo do senhor seu pai, em Monte Chifre.

Samwell Tarly conseguiu dar um sorrisinho triste.

— Também nunca estive muito seguro lá, no castelo do meu pai.

Os deuses fazem brincadeiras cruéis, Jon pensou. Pyp e Sapo, todos ansiosos por participar da grande patrulha, iam ficar em Castelo Negro. Era Samwell Tarly, o autoproclamado covarde, extremamente gordo, tímido, e quase tão ruim em montar a cavalo como com uma espada na mão, que teria de enfrentar a floresta

Material com direitos autorais

assombrada. O Velho Urso ia levar duas gaiolas de corvos para que pudessem ir enviando notícias à medida que avançassem. Meistre Aemon era cego e frágil demais para ir com eles, portanto, seu intendente tinha de seguir no seu lugar.

— Precisamos de você para os corvos, Sam. E alguém terá de me ajudar a manter Grenn no seu devido lugar.

Os queixos de Sam estremeceram.

— Você poderia cuidar dos corvos, ou Grenn, ou *qualquer um* — disse ele com uma ponta de desespero na voz. — Eu poderia ensiná-lo como se faz. Você também conhece as letras, poderia escrever as mensagens de lorde Mormont tão bem quanto eu.

— Eu sou o intendente do Velho Urso. Terei de ser seu escudeiro, cuidar do seu cavalo, montar sua tenda; não terei tempo para também vigiar pássaros. Sam, você pronunciou as palavras. Agora é um irmão da Patrulha da Noite.

— Um irmão da Patrulha da Noite não deveria estar tão assustado.

— Estamos todos assustados. Seríamos loucos se não estivéssemos.

Muitos patrulheiros tinham se perdido nos últimos dois anos, até Benjen Stark, tio de Jon. Tinham encontrado dois dos homens do tio na floresta, mortos, mas os cadáveres haviam se levantado na noite gelada. Os dedos queimados de Jon se contraíam quando se lembrava daquilo. Ainda via a criatura nos seus sonhos. Othor morto, com seus ardentes olhos azuis e frias mãos negras. Mas essa era a última coisa de que ele deveria fazer Sam se lembrar.

— Meu pai ensinou-me que não há vergonha no medo, o que importa é o modo como o enfrentamos. Venha, eu ajudo você a

Material com direitos autorais

reunir os mapas.

Sam fez um aceno infeliz. As estantes estavam tão próximas umas das outras que tiveram de sair um atrás do outro. A galeria dava para um dos túneis, que os irmãos chamavam caminhos de minhoca, sinuosas passagens subterrâneas que ligavam as fortalezas e torres de Castelo Negro por baixo da terra. No verão, os caminhos de minhoca raramente eram usados, exceto por ratazanas e outras pragas, mas no inverno era diferente. Quando a neve chegava a doze ou quinze metros de altura, e os ventos gelados uivavam do norte, os túneis eram tudo o que mantinha Castelo Negro em funcionamento.

Em breve, Jon pensou, enquanto subiam. Tinha visto o mensageiro que chegara a meistre Aemon com a notícia do fim do verão, o grande corvo da Cidadela, branco e silencioso como o Fantasma. Jon já vivera um inverno, quando era muito novo, mas todos concordavam que aquele tinha sido curto e suave. Este seria diferente. Conseguia senti-lo nos ossos.

Os íngremes degraus de pedra deixaram Sam bufando como um fole de ferreiro quando chegaram à superfície. Depararam com um vento fresco, que fez o manto de Jon rodopiar e esvoaçar. Fantasma estava adormecido junto à parede de taipa do celeiro, mas acordou quando Jon apareceu, mantendo a felpuda cauda branca rigidamente erguida enquanto trotava na direção deles.

Sam olhou a Muralha de canto de olho. Erguia-se acima das suas cabeças, uma escarpa gelada com duzentos metros de altura. Às vezes, parecia a Jon quase uma coisa viva, dotada de humores próprios. A cor do gelo tinha o costume de mudar a cada alteração da luz. Ora era o azul profundo dos rios gelados, ora o branco sujo

Material com direitos autorais

da neve antiga, e quando uma nuvem passava à frente do sol, escurecia até o cinza-claro de pedra quebrada. A Muralha estendia-se para leste e para oeste, até tão longe quanto o olhar alcançava; tão imensa que reduzia à insignificância as fortalezas de madeira e torres de pedra do castelo. Era o fim do mundo.

E nós vamos para além dela.

O céu da manhã estava riscado por finas nuvens cinzentas, mas a clara linha vermelha estava lá, por trás delas. Os irmãos de negro tinham apelidado o cometa de Archote de Mormont, dizendo (só em parte de brincadeira) que os deuses deviam tê-lo enviado para iluminar o caminho do velho através da floresta assombrada.

— O cometa está tão brilhante que já é visível durante o dia — Sam disse, protegendo os olhos do sol com um punhado de livros.

— Não se preocupe com cometas, o que o Velho Urso quer são mapas.

Fantasma trotava à frente deles. A região parecia deserta naquela manhã, com tantos patrulheiros fora, no bordel de Vila Toupeira, escavando tesouros enterrados e embebedando-se até cair. Grenn tinha ido com eles. Pyp, Halder e Sapo se ofereceram para lhe pagar a sua primeira mulher, a fim de celebrar sua primeira patrulha. Queriam que Jon e Sam os acompanhassem, mas Sam sentia-se quase tão amedrontado por prostitutas como pela floresta assombrada, e Jon não quis participar daquilo.

— Façam o que quiserem — disse a Sapo. — Mas eu fiz um juramento.

Ao passar pelo septo, ouviu vozes que cantavam. *Alguns homens querem prostitutas na véspera da batalha, e outros querem deuses.* Jon perguntou a si mesmo quais se sentiriam melhor depois. O septo

Material com direitos autorais

não o tentava mais do que o bordel; seus deuses mantinham seus templos nos lugares selvagens, onde os represeiros estendiam seus galhos brancos como ossos. *Os Sete não têm nenhum poder para lá da Muralha*, pensou, *mas os meus deuses estarão esperando.*

À frente do arsenal, sor Endrew Tarth trabalhava com alguns novos recrutas. Tinham chegado na noite anterior com Conwy, um dos corvos errantes que percorriam os Sete Reinos reunindo homens para a Muralha. Essa nova colheita consistia em um homem de barba grisalha apoiado em um bastão, dois rapazes loiros que pareciam irmãos, um jovem afetado, vestido de cetim sujo, outro esfarrapado, com um pé torto, e um simplório sorridente, que devia se achar um guerreiro. Sor Endrew estava lhe mostrando o erro dessa presunção. Era um mestre de armas mais gentil do que sor Alliser Thorne, mas suas lições igualmente geravam hematomas. Sam estremecia a cada golpe, mas Jon Snow observou com atenção o duelo das espadas.

— O que acha deles, Snow?

Donal Noye estava de pé na porta do arsenal, com o peito nu sob um avental de couro e, pela primeira vez, com o toco do braço descoberto. Com sua grande barriga e o peito em forma de barril, o nariz achatado e o queixo hirsuto e negro, Noye não era coisa bonita de se ver, mas mesmo assim era uma visão bem-vinda. O armeiro tinha provado ser um bom amigo.

— Têm cheiro de verão — respondeu Jon, enquanto sor Endrew investia sobre o seu oponente e o fazia estatelar-se no chão. — Onde Conwy os encontrou?

— Na masmorra de um senhor, perto de Vila Gaivota — respondeu o ferreiro. — Um salteador, um barbeiro, um pedinte,

Material com direitos autorais

dois órfãos e um michê. É com essa gente que defendemos os domínios dos homens.

— Devem servir. — Jon dirigiu a Sam um sorriso privado. — Nós servimos.

Noye o chamou para mais perto.

— Ouviu as notícias sobre o seu irmão?

— Na noite passada.

Conwy e os homens a seu cargo tinham trazido as notícias do Norte, e quase não se falou em outra coisa na sala comum. Jon ainda não estava seguro dos seus sentimentos àquele respeito. Robb, um rei? O irmão com quem brincara, com quem lutara, com quem dividira a primeira taça de vinho? *Mas não o leite da mãe, isso não. E, portanto, Robb agora beberica vinho estival em cálices cravejados de joias, enquanto eu me ajoelho junto a um riacho qualquer, sugando água do degelo com as mãos em taça.*

— Robb será um bom rei — afirmou Jon, com sinceridade.

— Será? — O ferreiro olhou-o com franqueza. — Espero que sim, rapaz, mas em outra época posso ter dito o mesmo de Robert.

— Dizem que forjou para ele o martelo de guerra — recordou Jon.

— Sim. Era seu homem, um homem dos Baratheon, ferreiro e armeiro em Ponta Tempestade, até perder o braço. Tenho idade suficiente para me lembrar de lorde Steffon antes de o mar levá-lo, e conheço aqueles três filhos dele desde que receberam seus nomes. E lhe digo o seguinte: Robert nunca mais voltou a ser o mesmo depois de colocar aquela coroa na cabeça. Alguns homens são como espadas, feitos para lutar. Pendure-os, e enferrujam.

— E os irmãos? — quis saber Jon.

Material com direitos autorais

O armeiro refletiu por um momento.

— Robert era verdadeiro aço. Stannis é de ferro puro, negro, duro e forte, é verdade, mas quebradiço, como acontece com o ferro. Quebrará antes de dobrar. E Renly, esse é cobre, claro e brilhante, bonito de ver, mas, no fim das contas, sem grande valor.

E que metal é Robb? Jon não perguntou. Noye era um homem dos Baratheon; o mais certo era que considerasse Joffrey o rei de direito, e Robb, um traidor. Na irmandade da Patrulha da Noite, havia um pacto tácito de não sondar com muita profundidade esses assuntos. Os homens que chegavam à Muralha vinham de todos os Sete Reinos, e os antigos amores e lealdades não eram esquecidos com facilidade, não importava quantos juramentos um homem fizesse… Assim como o próprio Jon tinha bons motivos para saber. Até Sam… A Casa do pai estava juramentada a Jardim de Cima, e lorde Tyrell apoiava o rei Renly. Era melhor não falar dessas coisas. A Patrulha da Noite não tomava partido.

— Lorde Mormont nos espera — disse Jon.

— Que não seja por mim que se atrase a encontrar o Velho Urso. — Noye deu uma batidinha no seu ombro e sorriu. — Que os deuses o acompanhem amanhã, Snow. Traz de volta esse seu tio, está me ouvindo?

— Traremos — prometeu Jon.

O Senhor Comandante Mormont tinha se instalado na Torre do Rei depois do incêndio que havia devastado a sua. Jon deixou Fantasma com os guardas na porta.

— Mais escadas — reclamou Sam em tom infeliz quando começaram a subir. — Detesto escadas.

— Bem, essa é uma coisa que não enfrentaremos na floresta.

Material com direitos autorais

Quando entraram no aposento privado, o corvo os viu de imediato. "*Snow!*", guinchou a ave. Mormont interrompeu a conversa.

— Demorou bastante tempo com esses mapas. — Afastou os restos do café da manhã para arranjar espaço na mesa. — Ponha-os aqui. Darei uma olhada neles mais tarde.

Thoren Smallwood, um patrulheiro nervoso, com um queixo fraco e uma boca ainda mais fraca, escondida sob uma fina barba desordenada, dirigiu a Jon e a Sam um olhar frio. Tinha sido um dos homens de confiança de Alliser Thorne, e não nutria nenhuma amizade por nenhum deles.

— O lugar do Senhor Comandante é em Castelo Negro, senhoreando e comandando — disse a Mormont, ignorando os recém-chegados —, me parece.

O corvo bateu suas asas negras. "*Me*, *me*, *me*."

— Se algum dia se tornar Senhor Comandante, poderá fazer o que desejar — respondeu Mormont ao patrulheiro. — Mas, *parece-me* que ainda não morri, e que os irmãos não puseram você no meu lugar.

— Com Ben Stark perdido e sor Jaremy morto, sou agora Primeiro Patrulheiro — teimou Smallwood. — O comando devia ser meu.

Mormont não concordava.

— Enviei Ben Stark, e sor Waymar antes dele. Não pretendo mandar você atrás deles e ficar aqui sentado, perguntando a mim mesmo quanto tempo deverei esperar até considerá-lo perdido também. E Stark continua a ser Primeiro Patrulheiro, até sabermos com certeza que está morto. Se esse dia chegar, serei eu, e não você,

Material com direitos autorais

quem nomeará o seu sucessor. E agora, pare de me fazer perder tempo. Partimos à primeira luz da aurora, ou será que se esqueceu?

Smallwood pôs-se de pé.

— Às ordens do meu senhor.

Enquanto se encaminhava para a saída, franziu as sobrancelhas para Jon, como se aquilo de alguma maneira fosse culpa dele.

— Primeiro Patrulheiro! — Os olhos do Velho Urso fixaram-se em Sam. — Antes nomearia *você* Primeiro Patrulheiro. Tem o topete de me dizer na cara que sou velho demais para ir com ele. Pareço velho para você, rapaz? — Os pelos que tinham desaparecido do couro cabeludo manchado de Mormont tinham se reagrupado sob seu queixo, numa hirsuta barba cinza que cobria a maior parte do seu peito. Então, deu uma pancada forte no próprio peito. — Pareço *frágil*?

Sam abriu a boca e soltou um pequeno guincho. O Velho Urso aterrorizava-o.

— Não, senhor — interveio Jon rapidamente. — Parece forte como um… um…

— Não tente me enganar, Snow, sabe bem que não consegue. Deixe-me dar uma olhada nesses mapas. — Mormont passou os olhos por eles rapidamente, dando não mais do que um grunhido para cada um deles. — Isso foi tudo o que conseguiu encontrar?

— Eu… m-m-meu senhor — Sam gaguejou —, havia… havia mais, m-m-mas… a des-desordem…

— Estes são velhos — queixou-se Mormont, e o corvo serviu de eco com um grito penetrante de "*Velhos, velhos*".

— As aldeias podem ir e vir, mas os montes e os rios estarão sempre nos mesmos lugares — observou Jon.

Material com direitos autorais

image
not
available

— O mesmo que quero de todos eles, moço. Homens, cavalos, espadas, armaduras, cereais, queijo, vinho, lã, cotas de malha… a Patrulha da Noite não é orgulhosa, aceitamos aquilo que nos é oferecido. — Os dedos tamborilaram nas pranchas mal cortadas da mesa. — Se os ventos tiverem ajudado, sor Alliser deverá chegar a Porto Real na virada da lua, mas não sei se o jovem Joffrey prestará atenção nele. A Casa Lannister nunca foi amiga da Patrulha.

— Thorne tem a mão da criatura para lhes mostrar.

Era uma coisa horrível e branca, com dedos negros, que se agitava e torcia no frasco como se ainda estivesse viva.

— Seria bom que tivéssemos outra mão para enviar a Renly.

— Dywen diz que é possível encontrar qualquer coisa para lá da Muralha.

— Sim, Dywen diz. E da última vez que saiu em patrulha, disse que viu um urso com quatro metros e meio de altura. — Mormont fungou. — Dizem que minha irmã tomou um urso como amante. Antes acredito *nisso* do que num urso com quatro metros e meio de altura. Se bem que num mundo onde os mortos andam… Ah... Mesmo assim, um homem tem de acreditar nos seus olhos. Vi o morto andando. Não vi nenhum urso gigante — dirigiu a Jon um longo olhar perscrutador. — Mas estávamos falando de mãos. Como está a sua?

— Melhor — Jon tirou a luva de pele de toupeira e a mostrou. O braço estava coberto de cicatrizes, desde a mão até metade do antebraço, e ainda sentia a salpicada pele cor-de-rosa esticada e sensível, mas estava sarando. — Mas ainda dá comichão. Meistre Aemon diz que isso é bom. Deu-me um unguento para levar comigo quando partirmos.

Material com direitos autorais

image
not
available

permaneceu, enquanto o irmão, o filho do irmão e o filho *deste* reinaram e morreram um atrás do outro, até Jaime Lannister pôr fim à linha dos reis dragão.

"*Rei*", crocitou o corvo. A ave atravessou o aposento privado e foi pousar no ombro de Mormont. "*Rei*", voltou a palrear, pavoneando-se de um lado para outro.

— Ele gosta dessa palavra. — Jon sorriu.

— Uma palavra fácil de dizer, e fácil de gostar.

"*Rei*", a ave voltou a se manifestar.

— Acho que ele deseja que tenha uma coroa, senhor.

— O reino já tem três reis, e isso são dois a mais para o meu gosto.

Mormont afagou o corvo sob o bico com um dedo, mas os olhos nunca deixaram Jon Snow. Aquilo fez Jon se sentir estranho.

— Senhor, por que me disse isso sobre o meistre Aemon?

— Preciso ter um motivo? — Mormont mexeu-se na cadeira, franzindo a testa. — Seu irmão Robb foi coroado Rei do Norte. Você e Aemon têm isso em comum. Um rei como irmão.

— E também — completou Jon — um voto.

O Velho Urso soltou uma sonora bufada, e o corvo alçou voo, batendo as asas em círculo pela sala.

— Dê-me um homem por cada voto que vi quebrado, e a Muralha nunca mais sentirá falta de defensores.

— Sempre soube que Robb seria Senhor de Winterfell.

Mormont soltou um assobio, e a ave voou de novo para ele, instalando-se no seu braço.

— Um senhor é uma coisa, um rei é outra. — Ele deu ao corvo um punhado de milho tirado do bolso. — Vão vestir seu irmão

Material com direitos autorais

image
not
available

O cavaleiro levantou-se com dificuldade, afastando-se com tanta rapidez que alguns dos que assistiam riram alto.

— Obrigado, senhor.

— *Vossa Graça* — ladrou lorde Umber, o Grande-Jon, sempre o mais sonoro dos vassalos nortenhos de Robb... e também o mais leal e feroz, ou pelo menos era o que insistia em dizer. Tinha sido o primeiro a proclamar o filho de Catelyn Rei do Norte, e não tolerava nenhuma afronta à honra do seu novo soberano.

— Vossa Graça — corrigiu-se rapidamente sor Cleos. — Perdão.

Este não é um homem corajoso, pensou Catelyn. Na verdade, mais um Frey do que um Lannister. Com o primo, o Regicida, teria sido bem diferente. Aquela honraria nunca teria passado através dos dentes perfeitos de Jaime Lannister.

— Tirei-o da sua cela para levar uma mensagem minha à sua prima Cersei Lannister, em Porto Real. Viajará sob uma bandeira de paz, com trinta dos meus melhores homens para escoltá-lo.

Sor Cleos ficou visivelmente aliviado.

— Nesse caso, será com grande alegria que levarei a mensagem de Vossa Graça à rainha.

— Compreenda — disse Robb — que não estou lhe oferecendo a liberdade. Seu avô, lorde Walder, garantiu-me seu apoio e o da Casa Frey. Muitos dos seus primos e tios os acompanharam no Bosque dos Murmúrios, mas o senhor escolheu lutar sob o estandarte do leão. Isso faz de você um Lannister, não um Frey. Quero a sua garantia, pela sua honra como cavaleiro, que depois de entregar minha mensagem retornará com a resposta da rainha e voltará ao cativeiro.

Sor Cleos respondeu de imediato:

Material com direitos autorais

image
not
available

essas. Se ela as aceitar, terá a paz. Se não — assobiou, e Vento Cinzento avançou, rosnando —, terá outro Bosque dos Murmúrios.

— *Stark!* — voltou a rugir Grande-Jon, e agora outras vozes o acompanharam no grito: — *Stark. Stark. Rei do Norte!* — O lobo-gigante jogou a cabeça para trás e uivou.

Sor Cleos tinha ficado da cor de leite coalhado.

— A rainha ouvirá a sua mensagem, senh… Vossa Graça.

— Ótimo — respondeu Robb. — Sor Robin, providencie uma boa refeição e roupa limpa para ele. Deverá partir ao raiar do dia.

— Às suas ordens, Vossa Graça — aquiesceu sor Robin Ryger.

— Então terminamos.

Os cavaleiros e senhores vassalos dobraram os joelhos quando Robb se virou para sair, seguido de perto por Vento Cinzento. Olyvar Frey precipitou-se na frente, para abrir a porta. Catelyn os seguiu, com o irmão ao seu lado.

— Você foi bem — disse ao filho, na galeria que levava para a parte de trás do salão —, embora aquela coisa com o lobo fosse uma brincadeira mais adequada a um garoto do que a um rei.

Robb coçou Vento Cinzento atrás das orelhas.

— Você viu a cara dele, mãe? — perguntou ele, sorrindo.

— O que vi foi lorde Karstark saindo.

— Eu também.

Robb ergueu a coroa com ambas as mãos e a entregou a Olyvar.

— Leve esta coisa para o meu quarto.

— Imediatamente, Vossa Graça. — O escudeiro afastou-se a passos rápidos.

— Aposto que havia outros que sentiam o mesmo que lorde Karstark — declarou Edmure. — Como podemos falar de paz

Material com direitos autorais

image
not
available

termos. Se não, farei com que ela lamente o dia em que os recusou. — Era evidente que estava farto do assunto. — Mãe, tem certeza de que não aceita partir para as Gêmeas? Estaria mais longe da luta e poderia se familiarizar com as filhas de lorde Frey a fim de me ajudar a escolher minha noiva quando a guerra terminar.

Ele me quer longe, pensou Catelyn, cansada. *Não se espera que os reis tenham mães, ao que parece, e eu lhe digo coisas que não quer ouvir.*

— Já tem idade suficiente para decidir qual das filhas de lorde Walder prefere sem a ajuda da sua mãe, Robb.

— Então vá com Theon. Ele parte de manhã. Irá ajudar os Mallister a escoltar aquele grupo de cativos para Guardamar e depois embarcará para as Ilhas de Ferro. Poderia também encontrar um navio e chegar a Winterfell em uma virada da lua, se os ventos forem bons. Bran e Rickon precisam da senhora.

E você não precisa, é isso o que quer dizer?

— Resta ao senhor meu pai muito pouco tempo. Enquanto seu avô for vivo, meu lugar é em Correrrio, com ele.

— Poderia ordenar que partisse. Como rei, poderia.

Catelyn ignorou aquilo.

— Digo de novo que preferia que mandasse outra pessoa a Pyke e mantivesse Theon por perto.

— Quem seria melhor do que o filho para lidar com Balon Greyjoy?

— Jason Mallister — sugeriu Catelyn. — Tytos Blackwood. Stevron Frey. Qualquer um… mas Theon não.

Seu filho agachou-se ao lado de Vento Cinzento, afagando o pelo do lobo, e como que por acaso evitando seu olhar.

Material com direitos autorais

image
not
available

— Agora é possível vê-lo de dia. Meus homens o chamam o Mensageiro Vermelho… Mas qual será a mensagem?

Catelyn ergueu o olhar, para onde a tênue linha vermelha do cometa traçava um caminho pelo profundo azul do céu como se fosse um longo arranhão no rosto de deus.

— Grande-Jon disse a Robb que os deuses antigos hastearam uma bandeira vermelha de vingança por Ned. Edmure pensa que é um presságio de vitória para Correrrio… vê um peixe com uma longa cauda nas cores dos Tully, vermelho sobre azul. — Suspirou. — Gostaria de ter a fé deles. O carmesim é a cor dos Lannister.

— Aquilo ali não é carmesim — retrucou sor Brynden. — Nem vermelho Tully, o vermelho lamacento do rio. Aquilo ali em cima é sangue, filha, espalhado pelo céu.

— O nosso sangue ou o deles?

— Houve alguma guerra em que só um dos lados sangrou? — O tio balançou a cabeça. — As terras fluviais estão lavadas de sangue e fogo por toda a volta do Olho de Deus. A luta espalhou-se para o Sul até a Água Negra, e para o Norte pelo Tridente, quase até as Gêmeas. Marq Piper e Karyl Vance conseguiram algumas pequenas vitórias, e aquele fidalgo do Sul, Beric Dondarrion, tem assediado os salteadores, caindo sobre os grupos de forrageiros de lorde Tywin e voltando a desaparecer na floresta. Dizem que sor Burton Crakehall andava se gabando de ter matado Dondarrion, até cair com a sua coluna numa das armadilhas de lorde Beric e terminar com todos os homens mortos.

— Alguns dos guardas que estavam com Ned em Porto Real acompanham esse lorde Beric — lembrou Catelyn. — Que os deuses os protejam.

Material com direitos autorais

image
not
available

Harrenhal tinham sido vítimas de infortúnio. Podia ser forte, mas era um local sombrio e amaldiçoado.

— Não quero que Robb trave uma batalha à sombra dessa fortaleza — admitiu Catelyn. — Mas temos de fazer *alguma coisa*.

— E logo — concordou seu tio. — Não lhe contei o pior, filha. Os homens que enviei para oeste trouxeram notícias de que uma nova tropa está sendo reunida em Rochedo Casterly.

Outro exército Lannister. A ideia deixou-a doente.

— Robb tem de ser imediatamente informado. Quem a comanda?

— Sor Stafford Lannister, segundo se diz. — Sor Brynden virou-se para olhar os rios, com o manto vermelho e azul se agitando com a brisa.

— Outro sobrinho? — Os Lannister de Rochedo Casterly eram uma casa odiosamente grande e fértil.

— Um primo — corrigiu ele. — Irmão da falecida esposa de lorde Tywin, portanto, parente por duas vias. Velho e um pouco estúpido, mas com um filho, sor Daven, que é mais temível.

— Então, esperemos que seja o pai, e não o filho, quem coloca esse exército em campo.

— Ainda dispomos de algum tempo antes que tenhamos de enfrentá-los. Essa leva será de mercenários, cavaleiros livres e rapazes verdes saídos dos lupanares de Lannisporto. Sor Stafford tem de se assegurar de que estejam armados e treinados antes de se arriscar a ir para a batalha… Mas não se iluda, lorde Tywin não é o Regicida. Ele não se precipitará. Vai esperar pacientemente que sor Stafford se ponha em marcha antes de sair da proteção das muralhas de Harrenhal.

Material com direitos autorais

image
not
available

tomar o seu lugar como Comandante da Patrulha da Cidade.

— Bons homens. Belos homens. Qualquer um dos seis servirá, mas eu escolheria Allar Deem. O meu braço direito. Homem bom, bom. Leal. Escolha-o, e não vai se arrepender. Se agradar ao rei.

— Com certeza. — Tyrion bebeu um pequeno gole do seu vinho. — Tenho pensado em sor Jacelyn Bywater. É capitão do Portão da Lama há três anos, e serviu com valor durante a Rebelião de Balon Greyjoy. Rei Robert armou-o cavaleiro em Pyke. E, no entanto, seu nome não aparece na sua lista.

Lorde Janos Slynt sorveu um gole de vinho e o bochechou por um momento antes de engolir.

— Bywater. Bem. É um homem bravo, com certeza, mas… Esse é rígido. Um cão esquisito. Os homens não gostam dele. E também é aleijado, perdeu a mão em Pyke, foi isso que fez dele cavaleiro. Uma troca ruim, a meu ver, uma mão por um *sor*. — Gargalhou. — Sor Jacelyn dá valor demais a si mesmo e à sua honra, penso eu. Seria melhor se deixasse esse aí onde está, lor… Tyrion. Allar Deem é o homem que quer.

— Ouvi dizer que Deem é pouco querido nas ruas.

— É temido. É preferível.

— O que foi que ouvi falar dele? Um problema qualquer num bordel?

— Isso? A culpa não foi dele, lor… Tyrion. Não. Ele nunca quis matar a mulher, foi obra dela. Ele a preveniu para se afastar e deixar que cumprisse o seu dever.

— Mesmo assim… mães e filhos... Ele devia ter previsto que ela tentaria salvar o bebê. — Tyrion sorriu. — Coma um pouco deste

Material com direitos autorais

image
not
available

beterraba, e sua capa de pano dourado tinha deslizado dos ombros para o chão. — O homem tentou me comprar.

— Nem sonhava que já tinha sido vendido.

Slynt bateu com a taça de vinho na mesa:

— Está bêbado? Se pensa que vou ficar aqui sentado ouvindo minha honra ser questionada…

— E que honra é essa? Admito, faz negócios melhor do que sor Jacelyn. Um título e um castelo por uma lança espetada nas costas, e nem sequer precisou pegar na lança. — Tyrion atirou o ornamento dourado na direção de Janos Slynt. O objeto bateu no seu peito e tilintou no chão, enquanto o homem se punha de pé.

— Não me agrada o tom da sua voz, lor… *Duende*. Sou o Senhor de Harrenhal e um membro do conselho do rei. Quem é você para me castigar assim?

Tyrion inclinou a cabeça para o lado:

— Acho que sabe bastante bem quem eu sou. Quantos filhos tem?

— O que importam meus filhos para você, anão?

— *Anão?* — A ira de Tyrion explodiu. — Devia ter parado em Duende. Sou Tyrion, da Casa Lannister, e um dia, se tiver o bom senso de um caramujo, cairá de joelhos, grato por ter sido comigo que teve de lidar, e não com o senhor meu pai. *Quantos filhos tem?*

Tyrion viu o súbito medo nos olhos de Janos Slynt.

— T-três, meu senhor. E uma filha. Por favor, meu senhor…

— Não precisa implorar. — O Duende deslizou de cima da cadeira. — Dou a minha palavra de que nenhum mal cairá sobre eles. Os rapazes mais novos serão criados como escudeiros. Se servirem bem e com lealdade, poderão eventualmente se tornar

Material com direitos autorais

image
not
available

— Não me havia contado essa parte — disse Tyrion acusadoramente.

— A sua querida irmã — respondeu Varys, tão desgostoso que parecia perto das lágrimas. — É duro contar isso a um homem, senhor. Tive receio de como receberia a notícia. É capaz de me perdoar?

— Não — exclamou Tyrion. — Maldito seja. Maldita seja *ela*.

Sabia que não podia tocar em Cersei. Ainda não, nem mesmo se quisesse, e estava longe de ter certeza de querer. Mas irritava-o ficar ali, fazendo uma pantomima de justiça, punindo uns infelizes da laia de Janos Slynt e Allar Deem, enquanto a irmã prosseguia no seu rumo selvagem.

— Da próxima vez, diga-me o que sabe, lorde Varys. *Tudo* o que sabe.

O sorriso do eunuco era malicioso.

— Isso poderá demorar um tempo bastante longo, meu bom senhor. Sei muita coisa.

— Não o suficiente para salvar esta criança, parece.

— Infelizmente, não. Havia outro bastardo, um rapaz, mais velho. Tomei medidas para afastá-lo e mantê-lo em segurança… Mas, confesso, nunca sonhei que o bebê pudesse correr riscos. Uma menina de baixo nascimento, com menos de um ano de idade, com uma mãe prostituta. Que ameaça poderia representar?

— Era de Robert — disse Tyrion amargamente. — O suficiente para Cersei, ao que parece.

— Sim. É muito triste. Tenho de me culpar pelo pobre doce bebê e por sua mãe, que era tão nova e amava o rei.

Material com direitos autorais

image
not
available

— Então o poder é um truque de pantomimeiro?

— Uma sombra na parede — murmurou Varys. — Mas as sombras podem matar. E, muitas vezes, um homem muito pequeno pode lançar uma sombra muito grande.

Tyrion sorriu.

— Lorde Varys, estou ficando estranhamente seu amigo. Ainda posso acabar matando-o, mas creio que isso me entristeceria.

— Tomarei isso como um grande elogio.

— O que é você, Varys? — Tyrion descobriu que queria mesmo saber. — Uma aranha, segundo dizem?

— Os espiões e informantes raramente são amados, senhor. Não sou mais do que um servidor leal do reino.

— E um eunuco. Não nos esqueçamos disso.

— Raramente me esqueço.

— Também já me chamaram Meio-Homem, mas acho que os deuses foram mais gentis comigo. Sou pequeno, tenho as pernas tortas e as mulheres não me olham com grande desejo… Mas ainda sou um homem. Shae não é a primeira a embelezar minha cama, e um dia poderei vir a ter uma esposa e gerar um filho. Se os deuses forem bons, será parecido com o tio e pensará como o pai. Você não tem uma esperança semelhante para se apoiar. Os anões são uma brincadeira dos deuses… Mas são os homens que fazem eunucos. Quem o cortou, Varys? Quando e por quê? Quem é você, na verdade?

O sorriso do eunuco nunca vacilou, mas seus olhos cintilaram com algo que não era riso.

— É gentil por perguntar, senhor, mas a história é longa e triste, e há traições que precisamos discutir. — Ele tirou um pergaminho

Material com direitos autorais

image
not
available

recrutamento?

— Bastante bem. Esta noite arranjei três novos homens.

— Como sabe quem recrutar?

— Examino-os. Interrogo-os para saber onde lutaram e como são mentindo. — Bronn sorriu. — E, então, dou-lhes uma chance de me matar, enquanto faço o mesmo com eles.

— Matou algum?

— Ninguém que pudéssemos ter usado.

— E se um deles matá-lo?

— Será esse que vai querer contratar.

Tyrion estava um pouco bêbado, e muito cansado.

— Diga-me, Bronn, se lhe dissesse para matar um bebê… digamos, uma menina, ainda no peito da mãe… Mataria? Sem questionar?

— Sem questionar? Não. — O mercenário esfregou o polegar no indicador. — Perguntava o preço.

E para que eu precisaria do seu Allar Deem, lorde Slynt?, pensou Tyrion. *Tenho cem meus*. Desejou rir; desejou chorar; mas, acima de tudo, desejou Shae.

Material com direitos autorais

image
not
available

frutos silvestres ao longo da estrada, ou pulavam cercas para encher uma saca de maçãs se acaso se deparassem com um pomar.

Arya era hábil em subir em árvores e apanhava frutas com rapidez, e gostava de andar sozinha. Um dia, encontrou um coelho, por puro acaso. Era marrom e gordo, com longas orelhas e um nariz nervoso. Os coelhos corriam mais depressa do que os gatos, mas não eram nem de perto tão bons em subir nas árvores. Bateu nele com o pau e o agarrou pelas orelhas; e Yoren o cozinhou com cogumelos e cebolas silvestres. Arya recebeu uma perna inteira, já que o coelho era seu. Dividiu-a com Gendry. Os outros receberam uma colherada cada um, até os três que seguiam algemados. Jaqen H'ghar lhe agradeceu educadamente pelo acepipe, e o Dentadas lambeu a gordura dos dedos sujos com um ar feliz, mas Rorge, o que não tinha nariz, limitou-se a rir e a dizer:

— Aí está, um caçador agora. Cabeça de Caroço, Cara de Caroço, Mata-Coelhos.

Perto de uma fortificação chamada Sarçabranca, um grupo de camponeses os cercou num campo de milho, exigindo dinheiro pelas espigas que tinham cortado. Yoren deu uma espiada nas suas foices e lhes atirou algumas moedas de cobre.

— Em outros tempos, um homem vestido de negro era banqueteado de Dorne a Winterfell, e até os grandes senhores achavam uma honra abrigá-lo sob seu teto — disse amargamente. — Agora, covardes como vocês querem dinheiro vivo por uma dentada numa maçã bichada. — Cuspiu.

— Isto é milho doce, mais do que um pássaro preto fedorento como você merece — respondeu um deles rudemente. — Some das

Material com direitos autorais

image
not
available

talvez ainda não soubesse falar, ou se esquecido do que aprendera. O braço direito da mulher terminava em um coto sangrento no cotovelo e seus olhos pareciam não ver nada, mesmo quando olhava diretamente para as coisas. Falava, mas dizia apenas duas palavras. "Por favor", e chorava, sem parar. "Por favor. Por favor." Rorge achou aquilo divertido. Riu pelo buraco que tinha na cara no lugar do nariz, e Dentadas começou a rir também, até que Murch os amaldiçoou e lhes disse para calar a boca.

Yoren fez com que arranjassem um lugar para a mulher numa carroça.

— E depressa — disse ele. — Quando cair a noite, certamente haverá lobos por aqui e coisas piores.

— Estou assustado — murmurou Torta Quente quando viu a mulher com um só braço se debater na carroça.

— Eu também — confessou Arya.

Ele apertou seu ombro.

— Nunca matei um menino aos chutes de verdade, Arry. Só vendia as tortas da minha mamãe, mais nada.

Arya cavalgou à frente das carroças, o mais longe que ousava, para não ter de ouvir o choro da garotinha ou escutar a mulher sussurrando "Por favor". Lembrou-se de uma história que a Velha Ama tinha contado um dia, sobre um homem aprisionado num castelo escuro por gigantes malvados. Era muito corajoso e inteligente, enganou os gigantes e escapou… Mas, assim que saiu do castelo, os Outros o capturaram e beberam seu sangue quente e vermelho. Agora sabia como ele devia ter se sentido.

A mulher sem um braço morreu ao cair da noite. Gendry e Cutjack cavaram a sua sepultura na encosta de uma colina, à sombra

Material com direitos autorais

image
not
available

— Faz quase trinta anos que levo homens para a Muralha. — A espuma brilhou nos lábios de Yoren, como bolhas de sangue. — Todo esse tempo, e só perdi três. Um velho morreu de uma febre, um garoto da cidade foi mordido por uma cobra enquanto cagava e um imbecil tentou me matar durante o sono, e ficou com um sorriso vermelho por ter me incomodado. — Yoren passou o punhal pela garganta, para lhe mostrar. — Três, em trinta anos. — Cuspiu a folhamarga gasta. — Agora, um navio teria sido mais responsável. Não há como encontrar mais homens no caminho, mas, mesmo assim… Um homem esperto tinha ido de barco, mas eu… há trinta anos que ando por esta estrada do rei. — Ele embainhou o punhal. — Vai dormir, rapaz. Está me ouvindo?

Ela tentou. Mas enquanto jazia sob a manta, ouvia os lobos uivando… e um outro som, mais tênue, que não era mais do que um sussurro no vento... podiam ter sido gritos.

Material com direitos autorais

image
not
available

Velha Wyk a mando do seu pai, a fim de chamar os Stonehouse e os Drumm.

— Com que objetivo? Por que os dracares estão reunidos?

— Por que se reúnem os dracares desde sempre? — O tio tinha deixado os cavalos atados em frente à estalagem. Quando lá chegaram, virou-se para Theon: — Diga-me a verdade, sobrinho. Agora reza aos deuses dos lobos?

Theon raramente rezava, e ponto. Mas isso não era algo que se pudesse confessar a um sacerdote, mesmo ao irmão do pai.

— Ned Stark rezava a uma árvore. Não, não me importo nada com os deuses dos Stark.

— Ótimo. Ajoelhe-se.

O chão era todo de pedra e lama.

— Tio, eu…

— *Ajoelhe-se*. Ou será agora orgulhoso demais, um fidalgo das terras verdes que veio para junto de nós?

Theon ajoelhou-se. Tinha ali um propósito e podia necessitar da ajuda de Aeron para alcançá-lo. Supunha que uma coroa valia um pouco de lama e bosta de cavalo nos calções.

— Abaixe a cabeça.

Erguendo o odre, o tio tirou a rolha e apontou um fino jorro de água do mar para a cabeça de Theon. O fluxo da água ensopou seu cabelo e correu pela sua testa até os olhos. Escorreu pelo rosto, e um suave fluxo de água deslizou sob o manto e o gibão, e pelas costas abaixo, um riacho frio ao longo da espinha. O sal fez seus olhos arderem, até que só com grande dificuldade evitou gritar. Sentiu nos lábios o sabor do oceano.

Material com direitos autorais

image
not
available

sabia dela. Era estranho que tivesse dado esse nome ao navio, quando Robb Stark tinha um lobo chamado Vento Cinzento.

— Stark é cinza, e Greyjoy é negro — murmurou, sorrindo —, mas parece que ambos somos ventosos.

O sacerdote nada tinha a responder àquilo.

— E você, tio? — perguntou Theon. — Não era nenhum sacerdote quando fui levado de Pyke. Lembro-me de como cantava as velhas canções de pilhagem de pé sobre a mesa com um corno de cerveja na mão.

— Era jovem e frívolo — respondeu Aeron Greyjoy. — Mas o mar lavou minhas loucuras e frivolidades. Aquele homem se afogou, sobrinho. Seus pulmões encheram-se de água do mar, e os peixes comeram as escamas que cobriam seus olhos. Quando me reergui, via com clareza.

É tão louco como amargo, pensou Theon, entristecido. Gostava do que recordava do antigo Aeron Greyjoy.

— Tio, por que meu pai convocou as espadas e as velas?

— Sem dúvida ele lhe dirá, em Pyke.

— Gostaria de saber dos seus planos agora — disse Theon.

— De mim não saberá. Foi-nos ordenado que não falássemos disso com qualquer homem.

— Nem *comigo*?

A ira de Theon se fez notar. Comandara homens na guerra, caçara com um rei, conquistara a honra em lutas corpo a corpo de torneios, cavalgara com Brynden Peixe Negro e o Grande-Jon Umber, lutara no Bosque dos Murmúrios, dormira com mais garotas do que conseguia recordar, e mesmo assim o tio o tratava como se ainda fosse uma criança de dez anos.

Material com direitos autorais

— Se meu pai faz planos para a guerra, devo conhecê-los. Não sou *qualquer homem*, mas o herdeiro de Pyke e das Ilhas de Ferro.

— Quanto a isso, veremos — respondeu o tio.

As palavras foram uma bofetada no seu rosto.

— *Veremos?* — repetiu Theon, em tom desdenhoso. — Ambos os meus irmãos estão mortos. Sou o único filho sobrevivente do senhor meu pai.

— Sua irmã está viva. — Aeron nem sequer ofereceu a Theon a cortesia de um relance.

Asha, Theon pensou, confuso. Era três anos mais velha do que ele, mas, mesmo assim…

— Uma mulher só pode herdar se não houver nenhum herdeiro varão em linha direta — insistiu ele em voz alta. — Não aceitarei que me privem dos meus direitos, aviso.

O tio soltou um grunhido.

— *Avisa* um servo do Deus Afogado, rapaz? Você se esqueceu mais do que pensa. E é um grande idiota se acredita que o senhor seu pai algum dia entregará estas ilhas sagradas a um Stark. E, agora, cale-se. A viagem já é suficientemente longa mesmo sem a sua tagarelice de pombo.

Theon controlou a língua, embora não sem esforço. *Então é assim*, pensou. Quase riu. Como se dez anos em Winterfell pudessem gerar um Stark. Lorde Eddard podia tê-lo criado entre os filhos, mas Theon nunca se sentira um deles. Todo o castelo, desde lady Stark ao mais baixo dos ajudantes de cozinha, sabia que ele estava ali como refém do bom comportamento do pai e tratava-o de acordo. Até o bastardo Jon Snow recebia mais honras do que ele.

Material com direitos autorais

Lorde Eddard tentara fazer o papel de pai algumas poucas vezes, mas, para Theon, sempre foi o homem que havia trazido sangue e fogo a Pyke e que o havia tirado de casa. Quando garoto, tinha vivido sob o medo do rosto severo e da grande espada escura de Stark. E a senhora sua esposa era, se possível, ainda mais distante e suspeita.

Quanto aos filhos, os mais novos não tinham sido mais do que bebês chorões ao longo da maior parte da sua estada em Winterfell. Só Robb e o meio-irmão ilegítimo Jon Snow tinham idade suficiente para merecer a sua atenção. O bastardo era um rapaz carrancudo, rápido em detectar uma desfeita, invejoso de Theon por ser bem-nascido e pela amizade que Robb nutria por ele. Por Robb, Theon tinha uma certa afeição, como a que se sente por um irmão mais novo… mas seria melhor não mencioná-la. Em Pyke, ao que parecia, as velhas guerras ainda estavam sendo travadas. Isso não devia surpreendê-lo. As Ilhas de Ferro viviam no passado; o presente era duro e amargo demais para ser suportável. Além disso, o pai e os tios eram velhos, e os velhos senhores eram assim; levavam suas contendas poeirentas para a sepultura, sem esquecer nada, e perdoando menos ainda.

Tinha sido assim com os Mallister, seus companheiros na viagem de Correrrio para Guardamar. Patrek Mallister era, não raro, um companheiro; dividiam o gosto por prostitutas, vinho e caça com falcões. Mas quando o velho lorde Jason viu seu herdeiro se tornando cada vez mais feliz com a companhia de Theon, puxou Patrek a um canto para lembrá-lo de que Guardamar havia sido construído para defender a costa dos saqueadores das Ilhas de Ferro, os Greyjoy de Pyke principalmente. Sua Torre Retumbante

Material com direitos autorais

tinha esse nome por causa do imenso sino de bronze, que havia muito tempo tocava para avisar o povo da vila e os agricultores no castelo quando os dracares eram avistados no horizonte a oeste.

— Não ligue, pois o sino só foi tocado uma única vez em trezentos anos — contou Patrek a Theon no dia seguinte, quando compartilhou os avisos de seu pai e um jarro de sidra.

— Quando meu irmão assaltou Guardamar — completou Theon. Lorde Jason matara Rodrik Greyjoy sob as muralhas do castelo e expulsara os homens de ferro de volta para a baía. — Se seu pai acha que tenho alguma inimizade em relação a ele só por causa disso, é só porque nunca conheceu Rodrik.

Eles riram muito daquilo enquanto corriam até uma afetuosa esposa de um moleiro que Patrek conhecia. *Gostaria que Patrek estivesse comigo agora*. Mallister ou não, era uma companhia de cavalgada mais amigável que este velho sacerdote azedo em que o tio Aeron se transformou.

O caminho que seguiam retorcia-se cada vez mais para cima, por montes nus e pedregosos. Logo estavam fora da vista do mar, embora o odor do sal ainda pairasse, vivo, no ar úmido. Mantinham um ritmo pesado e constante, passando pelo cercado de um pastor e pelas instalações abandonadas de uma mina. Este novo e santo Aeron Greyjoy não era muito de falar. Por isso avançavam num melancólico silêncio. Finalmente, Theon não conseguiu suportá-lo mais.

— Robb Stark é agora Senhor de Winterfell — disse ele finalmente.

Aeron prosseguiu seu caminho.

— Os lobos são muito iguais uns aos outros.

Material com direitos autorais

— Robb quebrou a fidelidade ao Trono de Ferro e se fez coroar Rei do Norte. Há guerra.

— Os corvos do meistre voam tão bem sobre o sal como sobre a rocha. Essa notícia é velha e fria.

— Significa um novo dia, tio — falou Theon em tom de promessa.

— Todas as manhãs trazem um novo dia, muito igual ao velho.

— Em Correrrio, diriam outra coisa — retrucou Theon. — Ouvi dizer que o cometa vermelho é um arauto de uma nova era. Um mensageiro dos deuses, dizem.

— É um sinal — concordou o sacerdote —, mas do nosso deus, não do deles. É uma tocha ardente, como as que a nossa gente transportava nos tempos antigos. É a chama do Deus Afogado trazida do mar e proclama uma maré cheia. É tempo de içar as velas e avançar para o mundo com fogo e espada, como ele fez.

Theon sorriu.

— Concordo em gênero e número.

— Um homem concorda com deus como uma gota de chuva com a tempestade.

Essa gota de chuva será rei um dia, velho. Theon suportara mais do que conseguia a melancolia do tio. Então, enfiou as esporas no cavalo e trotou em frente, sorrindo.

O sol estava prestes a se pôr quando chegaram às muralhas de Pyke, um crescente de pedra escura que corria de falésia a falésia, com a guarita ao centro e três torres quadradas de cada lado. Theon ainda conseguia distinguir as cicatrizes deixadas pelas pedras das catapultas de Robert Baratheon. Uma nova torre sul tinha sido erguida das ruínas da antiga, feita de pedras com um tom de cinza

Material com direitos autorais

mais claro e ainda limpa de manchas de liquens. Fora ali que Robert abrira sua brecha, subindo depois sobre o entulho e os cadáveres com o martelo de guerra na mão, e Ned Stark a seu lado. Theon observara, da segurança da Torre do Mar, e por vezes ainda via os archotes em sonhos e ouvia o estrondo abafado do colapso.

Os portões estavam abertos para ele entrar, com a porta levadiça de ferro enferrujado erguida. Os guardas no topo das ameias observaram, sem o reconhecer, quando Theon Greyjoy voltou finalmente para casa.

Para lá da muralha exterior, estendia-se meia centena de acres de promontório, empurrado contra o céu e o mar. Os estábulos ficavam ali, bem como os canis e alguns outros edifícios espalhados. Ovelhas e porcos amontoavam-se nos seus currais, enquanto os cães do castelo corriam em liberdade. Ao sul ficavam as falésias e a larga ponte de pedra que levava à Grande Fortaleza. Theon conseguia ouvir o bater das ondas quando saltou da sela. Um cavalariço veio levar o cavalo. Um par de crianças esqueléticas e alguns servos ficaram olhando-o sem expressão, mas não viu sinal do senhor seu pai nem de mais ninguém que reconhecesse da sua infância. *Um retorno ao lar gelado e amargo*, pensou.

O sacerdote não desmontou.

— Não vai ficar esta noite para partilhar da nossa comida e bebida, tio?

— Disseram-me "traga-o". E eu o trouxe. Agora volto aos assuntos do nosso deus. — Aeron Greyjoy virou o cavalo e saiu lentamente do castelo sob os espigões enlameados da porta levadiça.

Uma velha corcunda enfiada num vestido cinza sem forma aproximou-se dele com cautela:

Material com direitos autorais

— Meu senhor, mandaram-me levá-lo aos seus aposentos.

— A pedido de quem?

— Do senhor seu pai, meu senhor.

Theon puxou as luvas.

— Então você *sabe* quem eu sou. Por que meu pai não está aqui para me receber?

— Espera-o na Torre do Mar, meu senhor. Quando estiver descansado da viagem.

E eu achava Ned Stark frio.

— E você, quem é?

— Helya, que mantém o castelo para o senhor seu pai.

— Sylas era o intendente daqui. Chamavam-no de Boca Azeda. — Mesmo agora, Theon recordava o fedor de vinho do hálito do velho.

— Está morto há cinco anos, meu senhor.

— E meistre Qalen, onde está?

— Dorme no mar. Wendamyr cuida agora dos corvos, mas foi para o Sul, para Vilavelha, tratar de uns assuntos quaisquer de meistre.

É como se eu fosse um estranho aqui, Theon pensou. *Nada mudou, mas tudo mudou*.

— Leve-me aos meus aposentos, mulher — ordenou.

Com uma reverência rígida, ela o levou através do promontório em direção à ponte. Isso pelo menos era como ele recordava; as antigas pedras escorregadias com os borrifos de água do mar e manchadas por liquens, o mar espumando sob seus pés como um grande animal selvagem, o vento salgado agarrando-se à sua roupa.

Material com direitos autorais

Quando pensava no regresso a sua casa, sempre se imaginava voltando ao quarto confortável da Torre do Mar onde dormia quando criança. Mas, em vez disso, a velha o levou para a Fortaleza Sangrenta. Os salões eram maiores e mais bem mobiliados, ainda que não fossem menos frios e úmidos. Foram lhe dadas duas salas conexas gélidas com tetos tão altos que se perdiam na escuridão. Poderia ter ficado mais impressionado, caso não soubesse que aqueles eram exatamente os aposentos que tinham dado nome à Fortaleza Sangrenta. Mil anos antes, os filhos do Rei do Rio tinham sido ali massacrados, cortados em pedaços nas suas camas para que as partes dos seus corpos fossem enviadas de volta ao pai, no continente.

Mas Theon era um Greyjoy, e os Greyjoy não eram assassinados em Pyke, exceto muito de vez em quando pelos irmãos, e seus irmãos estavam ambos mortos. Não era o medo de fantasmas que o fazia olhar em volta com desagrado. Os reposteiros estavam verdes de bolor, o colchão cheirava a mofo e fazia uma cova, e as esteiras eram velhas e quebradiças. Tinham se passado anos desde que aqueles aposentos haviam sido abertos pela última vez. A umidade atacava os ossos.

— Quero uma bacia de água quente e um fogo nesta lareira — disse à velha. — Mande que acendam braseiros nas outras salas para expulsar um pouco desse frio. E, pela bondade dos deuses, mande alguém aqui imediatamente para trocar estas esteiras.

— Sim, meu senhor. Às suas ordens — respondeu ela, e fugiu.

Algum tempo depois, trouxeram a água quente que pedira. Estava apenas tépida, em breve esfriaria, e ainda por cima era água do mar, mas serviu para lavar a poeira da longa cavalgada do seu rosto,

Material com direitos autorais

cabelo e mãos. Enquanto dois servos corriam ao redor acendendo braseiros, Theon despiu as roupas manchadas pela viagem e vestiu-se para o encontro com o pai. Escolheu botas de couro negro flexível, calções suaves de lã de carneiro cinza-prateados, um gibão de veludo negro com a lula-gigante dourada dos Greyjoy bordada no peito. Em volta da garganta prendeu um fino fio de ouro, e em torno da cintura, um cinto de couro branco. Pendurou uma adaga de um lado da cintura e uma espada longa do outro, em bainhas com riscas negras e douradas. Puxando o punhal, testou seu fio com o polegar, pegou uma pedra de amolar da bolsa de cinto e deslizou-a algumas vezes pela lâmina. Orgulhava-se por manter as armas afiadas.

— Quando voltar, espero encontrar uma sala quente e esteiras limpas — avisou aos servos, enquanto calçava um par de luvas pretas, cuja seda era decorada com delicados arabescos em fio de ouro.

Theon retornou à Grande Fortaleza por uma passarela de pedra coberta, ouvindo os ecos dos seus passos misturados ao incessante rumor do mar lá embaixo. Para chegar à Torre do Mar, erguida no topo do seu pilar torto, tinha de atravessar outras três pontes, cada uma mais estreita do que a anterior. A última era feita de madeira e cordas, e o vento úmido e salgado a fazia oscilar sob seus pés como se estivesse viva. Quando chegou à metade, Theon tinha o coração na boca. Muito abaixo, as ondas atiravam grandes plumas de borrifos quando se quebravam de encontro às rochas. Ainda garoto, costumava *correr* por aquela ponte, mesmo quando noite cerrada. *As crianças acham que nada pode machucá-las*, segredavam-lhe suas dúvidas. *Os homens sabem que não é assim*.

Material com direitos autorais

A porta era feita de madeira cinza com rebites de ferro, e Theon encontrou-a trancada por dentro. Bateu com um punho e praguejou quando uma lasca rasgou a fina seda da sua luva. A madeira estava úmida e bolorenta, e os rebites, enferrujados.

Passado um momento, a porta foi aberta de dentro por um guarda com uma placa peitoral e um capacete redondo de ferro negro.

— É o filho?

— Saia da frente, ou ficará sabendo quem sou para seu desgosto.

O homem abriu-lhe caminho. Theon subiu os degraus em espiral até o aposento privado de seu pai. Encontrou-o sentado ao lado de um braseiro, sob um roupão de velhas peles de foca que o cobria dos pés ao queixo. Ao ouvir o som das botas na pedra, o Senhor das Ilhas de Ferro ergueu os olhos para contemplar seu último filho homem sobrevivente. Era mais baixo do que Theon recordava. E tão descarnado. Balon Greyjoy sempre fora magro, mas agora parecia que os deuses o tinham depositado num caldeirão, fervendo cada grama de carne não imprescindível e arrancando-a dos ossos, até que nada restasse, a não ser cabelo e pele. Era magro e duro como um osso, com um rosto que podia ter sido esculpido em sílex. Seus olhos eram também de sílex, negros e penetrantes, mas os anos e os ventos salgados tinham deixado seu cabelo cinza como um mar de inverno salpicado de espuma branca, e, quando solto, caía abaixo da cintura.

— Nove anos, é isso? — disse por fim lorde Balon.

— Dez — respondeu Theon, descalçando as luvas rasgadas.

— Levaram um garoto — falou o pai. — O que você é agora?

— Um homem. Do seu sangue, e seu herdeiro.

Material com direitos autorais

Lorde Balon soltou um grunhido.

— Veremos.

— Verás — prometeu Theon.

— Dez anos, diz você. Stark teve você durante tanto tempo quanto eu. E agora chega como seu enviado.

— Dele, não — corrigiu Theon. — Lorde Eddard está morto, decapitado pela rainha Lannister.

— Estão ambos mortos — recordou lorde Balon. — O Stark e aquele Robert que quebrou minhas muralhas com as suas pedras. Um dia jurei que viveria para ver ambos sepultados, e vivi. — Fez uma careta. — E, no entanto, o frio e a umidade ainda fazem minhas articulações doerem, como quando eram vivos. Portanto, de que serve?

— Serve. — Theon aproximou-se. — Trago uma carta…

— Foi Ned Stark quem o vestiu assim? — Seu pai o interrompeu, olhando-o de soslaio de dentro do roupão. — Era desejo dele enfiá-lo em veludos e sedas e fazer de você sua querida filha?

Theon sentiu o sangue lhe subir ao rosto.

— Não sou filha de ninguém. Se não gosta do meu traje, vou trocá-lo.

— Trocará — concordou lorde Balon. Libertando-se do roupão de peles, ficou de pé. Não era tão alto como Theon recordava. — Essa porcaria em volta do seu pescoço… Comprou-a com ouro ou com ferro?

Theon tocou o fio de ouro, sem encontrar palavras. Tinha esquecido. *Foi há tanto tempo*… Pelo Costume Antigo, só as mulheres se decoravam com ornamentos comprados com moeda. Um guerreiro usava apenas as joias que tirasse dos cadáveres de

Material com direitos autorais

inimigos mortos pelas suas mãos. Chamava-se isso de *pagar o preço de ferro*.

— Fica vermelho como uma donzela, Theon — ralhou o pai. — Foi feita uma pergunta. Foi o preço de ouro que pagou ou o de ferro?

— O de ouro — admitiu Theon.

O pai enfiou os dedos sob o colar e deu um puxão tão forte que poderia ter arrancado a cabeça de Theon se a corrente não tivesse se quebrado primeiro.

— Minha filha tomou um machado como amante. Não permitirei que meu filho se enfeite como uma prostituta. — Deixou o fio partido cair no braseiro, onde desapareceu por entre os carvões. — É como eu temia. As terras verdes o tornaram mole, e os Stark o transformaram em um deles.

— Engana-se — reagiu Theon. — Ned Stark era meu carcereiro, mas meu sangue ainda é de sal e ferro.

Lorde Balon virou-se e aqueceu as mãos ossudas sobre o braseiro.

— E, no entanto, o filhote Stark manda você até mim como um corvo bem treinado, agarrado à sua pequena mensagem.

— Não há nada de pequeno na carta que trago. E a oferta que faz foi a que *eu* lhe sugeri.

— Então, este rei lobo presta atenção nos seus conselhos? — A ideia parecia divertir lorde Balon.

— Sim, ele presta atenção em mim. Cacei e treinei com ele, partilhei comida e bebida com ele, guerreei ao seu lado. Conquistei a sua confiança. Olha para mim como a um irmão mais velho, ele…

— *Não*. — O pai brandiu um dedo em frente dos seus olhos. — Não aqui, não em Pyke, não onde eu puder ouvir, não vai chamá-lo

Material com direitos autorais

de *irmão*, este filho do homem que passou seus verdadeiros irmãos na espada. Ou terá se esquecido de Rodrik e de Maron, que eram do seu sangue?

— Não me esqueci de nada.

Ned Stark, na verdade, não havia matado nenhum dos seus filhos. Rodrik fora morto por lorde Jason Mallister em Guardamar, e Maron morrera esmagado no colapso da antiga torre sul… Mas Stark *teria* acabado com eles com a mesma facilidade, caso a maré da batalha tivesse calhado de juntá-los.

— Lembro-me muito bem dos meus irmãos — continuou Theon. Lembrava-se principalmente das bofetadas que Rodrik lhe dava quando se embebedava e das brincadeiras cruéis e mentiras sem fim de Maron. — Também me lembro de quando meu pai era um rei. — Tirou a carta que Robb tinha lhe dado e a apresentou. — Aqui está. Leia-a… Vossa Graça.

Lorde Balon quebrou o selo e desdobrou o pergaminho. Seus olhos negros saltitaram de um lado para outro.

— Então o rapaz quer me dar uma coroa de volta. E tudo o que tenho de fazer é destruir os seus inimigos. — Seus lábios finos retorceram-se num sorriso.

— A esta altura, Robb deve estar montando cerco ao Dente Dourado — disse Theon. — Quando o Dente cair, atravessará os montes em um dia. Lorde Tywin e sua tropa estão em Harrenhal, separados do oeste. O Regicida é mantido cativo em Correrrio. Só restam sor Stafford Lannister e os recrutas inexperientes, que têm se reunido para enfrentar Robb no oeste. Sor Stafford não terá alternativa a não ser posicionar-se entre o exército de Robb e Lannisporto… O que significa que a cidade estará indefesa quando

Material com direitos autorais

cairmos sobre ela vindos do mar. Se os deuses estiverem conosco, até o próprio Rochedo Casterly poderá cair antes que os Lannister consigam perceber que estamos em cima deles.

Lorde Balon soltou um grunhido.

— Rochedo Casterly nunca caiu.

— Até agora. — Theon sorriu. *E como isso seria bom*.

Seu pai não devolveu o sorriso.

— Então é para isso que Robb Stark manda você de volta para mim depois de tanto tempo? Para que ganhe meu consentimento para esse seu plano?

— O plano é meu, não de Robb — falou Theon orgulhosamente. *Meu, tal como a vitória será minha, e, a seu tempo, a coroa.* — Eu mesmo vou dirigir o ataque, se lhe agradar. Como recompensa, gostaria de pedir que me conceda domínio sobre Rochedo Casterly, depois de tomarmos o castelo dos Lannister. — Com o Rochedo, poderia dominar Lannisporto e as terras verdes do oeste, bem como os montes ricos em ouro que as rodeavam. Significaria riqueza e poder tais como a Casa Greyjoy nunca conhecera.

— Você se recompensa bem por uma ideia e umas poucas linhas de garranchos. — O pai voltou a ler a carta. — O lobinho não diz nada sobre uma recompensa. Diz só que fala em seu nome, que devo escutá-lo e lhe dar minhas velas e espadas, e que, em troca, me dará uma coroa. — Seus olhos de sílex ergueram-se até encontrar os do filho. — Que me *dará* uma coroa — repetiu, com a voz tornando-se ríspida.

— Uma escolha ruim de palavras. O que quer dizer é…

— O que se quer dizer é o que se diz. O rapaz quer me *dar* uma coroa. E o que é dado pode ser tirado.

Material com direitos autorais

Lorde Balon atirou a carta no braseiro, juntando-a ao colar. O pergaminho encurvou-se, enegreceu e queimou-se. Theon ficou horrorizado.

— Enlouqueceu?

Seu pai lhe deu um forte tapa na cara com as costas da mão.

— Cuidado com a língua. Agora não está em Winterfell, e eu não sou Robb, o Rapaz, para que possa falar assim comigo. Sou Greyjoy, Senhor Ceifeiro de Pyke, Rei do Sal e da Rocha, Filho do Vento Marinho e ninguém me dá uma coroa. Eu pago o preço de ferro. *Tomarei* a minha coroa, como Urron Mão Vermelha fez há cinco mil anos.

Theon recuou, afastando-se da fúria súbita no tom da voz do pai:

— Tome-a, então — cuspiu, sua face ainda formigando. — Proclame-se Rei das Ilhas de Ferro, ninguém vai se importar... Até que a guerra acabe, e o vencedor procure e encontre o velho tolo empoleirado em sua costa com uma coroa de ferro na cabeça.

Lorde Balon riu.

— Bem, pelo menos você não é um covarde. Não mais do que eu sou um tolo. Você acha que juntei meus navios para vê-los ancorar? Pretendo burilar um reino com fogo e espada... Mas não do oeste, e não a pedido do rei Robb, o Rapaz. Rochedo Casterly é forte demais, e lorde Tywin, muito astuto. Ah, podemos tomar Lannisporto, mas jamais o manteríamos. Não. Desejo uma ameixa diferente... Não tão suculenta nem doce, para ser sincero, mas que está lá no pé, madura e indefesa.

Onde? Theon podia ter perguntado, mas então já sabia.

Material com direitos autorais

DAENERYS

Os dothrakis chamaram o cometa de *Shierak Qiya*, a Estrela Sangrenta. Os velhos resmungavam que era um prenúncio do mal, mas Daenerys Targaryen vira-o pela primeira vez na noite em que cremara khal Drogo, quando então seus dragões despertaram. É o arauto da minha chegada, dizia a si mesma enquanto fixava os olhos no céu da noite com o coração maravilhado. *Os deuses o enviaram para me indicar o caminho*.

Mas quando expressou o pensamento em palavras, sua aia Doreah tremeu:

— Naquela direção ficam as terras vermelhas, khaleesi. Um lugar sombrio e terrível, dizem os cavalgadores.

— A direção que o cometa aponta é a que temos de seguir — insistiu Dany, embora, na verdade, fosse a única aberta para ela.

Não se atrevia a virar para o norte, para o vasto oceano de mato que chamavam de mar dothraki. O primeiro khalasar que encontrassem engoliria seu esfarrapado bando, matando os guerreiros e escravizando os outros. As terras dos Homens-Ovelha ao sul do rio estavam igualmente proibidas. Eram poucos demais para se defenderem até desse povo pacífico, e os lhazarenos tinham poucos motivos para gostar deles. Poderia ter descido o rio na direção dos portos de Meereen, Yunkai e Astapor, mas Rakharo a prevenira de que o khalasar de Pono havia partido nessa direção, levando à sua frente milhares de cativos para vender nos mercados de gente que infestavam a costa da Baía dos Escravos.

Material com direitos autorais

— Por que devo temer Pono? — Dany quis saber. — Ele era ko de Drogo, e sempre falou comigo com gentileza.

— Ko Pono falou com você com gentileza — respondeu sor Jorah Mormont. — Khal Pono matará você. Ele foi o primeiro a abandonar Drogo. Foram com ele dez mil guerreiros. Você tem cem.

Não, Dany pensou. *Tenho quatro. O resto são mulheres, velhos doentes e garotos cujo cabelo nunca foi trançado.*

— Tenho os dragões.

— Crias — corrigiu-a sor Jorah. — Um golpe de arakh daria cabo deles, embora seja mais provável que Pono os capture para si. Seus ovos de dragão eram mais preciosos do que rubis. Um dragão vivo não tem preço. No mundo inteiro há apenas três. Todos os homens que os virem vão desejá-los, minha rainha.

— São *meus* — disse ela ferozmente. Tinham nascido da sua fé e da sua necessidade, tinham recebido a vida das mortes do marido, do filho natimorto e da *maegi* Mirri Maz Duur. Dany tinha penetrado nas chamas no momento em que nasciam, e eles tinham bebido leite dos seus seios inchados. — Ninguém vai tirá-los de mim enquanto eu viver.

— Não viverá por muito tempo caso se encontre com khal Pono. Nem com khal Jhaqo, ou qualquer um dos outros. Tem de ir para onde eles não forem.

Dany nomeara-o o primeiro da sua Guarda Real… E quando os conselhos duros de Mormont e os presságios coincidiam, seu caminho ficava claro. Reuniu seu povo e montou a égua prateada. Seu cabelo tinha ardido na pira de Drogo, por isso as aias a envolveram na pele do hrakkar que Drogo havia matado, o leão

Material com direitos autorais

branco do mar dothraki. A medonha cabeça do animal formava um capuz para cobrir seu couro cabeludo nu, e a pele era um manto que escorria pelos seus ombros e costas. O dragão de cor creme enfiou suas negras garras afiadas na juba do leão e enrolou a cauda no braço de Dany, enquanto sor Jorah ocupava a seu lado o lugar de costume.

— Seguimos o cometa — falou Dany ao khalasar. Depois da frase pronunciada, não se levantou uma única palavra de discórdia. Eles tinham sido o povo de Drogo, mas agora eram dela. Chamavam-na de *A Não Queimada* e de *Mãe de Dragões*. Sua palavra era a lei deles.

Avançavam durante a noite, e de dia refugiavam-se do sol sob as tendas. Em breve, Dany viu a verdade das palavras de Doreah. Aquela não era uma região receptiva. Deixaram atrás de si um rastro de cavalos mortos e moribundos, pois Pono, Jhaqo e os outros tinham levado o que havia de melhor nas manadas de Drogo, deixando para Dany os animais velhos e esqueléticos, os doentes e os coxos, os animais inutilizados e os de mau temperamento. Era o mesmo com as pessoas. *Não são fortes*, Dany disse a si mesma, *portanto, eu devo ser a sua força. Não posso demonstrar medo, nem fraqueza, nem dúvida. Por mais assustado que esteja meu coração, quando olharem meu rosto, devem ver apenas a rainha de Drogo*. Sentia-se mais velha do que os seus catorze anos. Se alguma vez tinha sido realmente uma menina, esse tempo já passara.

Três dias depois de iniciarem a marcha, o primeiro homem morreu. Um velho desdentado, com olhos azuis enevoados, caiu exausto da sela e não conseguiu se levantar. Uma hora mais tarde, partiu. Moscas de sangue enxamearam em volta do seu cadáver e transportaram sua má sorte para os vivos.

Material com direitos autorais

— Já tinha passado seu tempo — declarou a aia Irri. — Nenhum homem deve viver mais do que os seus dentes.

Os outros concordaram. Dany ordenou-lhes que matassem o mais fraco dos cavalos moribundos, para que o morto pudesse partir montado para as terras da noite.

Duas noites mais tarde, foi uma menina pequena quem pereceu. Os lamentos angustiados da mãe duraram o dia inteiro, mas não havia o que fazer. A pobre criança era pequena demais para montar a cavalo. O mato negro sem fim das terras da noite não era para ela; teria de voltar a nascer.

Havia pouco alimento no deserto vermelho e ainda menos água. Era uma terra ressequida e desolada de montes baixos e planícies estéreis varridas pelo vento. Os rios que cruzaram estavam secos como ossos de cadáveres. As montarias subsistiam da dura erva-do-diabo marrom que crescia em moitas na base dos rochedos e de árvores mortas. Dany enviou batedores à frente da coluna, mas não encontraram poços nem nascentes, apenas charcos amargos, rasos e parados, minguando ao sol quente. Quanto mais profundamente penetravam no deserto, menores se tornavam os charcos, enquanto a distância entre eles crescia. Se havia deuses nessa vastidão sem trilhas feita de pedra, areia e barro vermelho, eram duros e secos, surdos às preces que pediam chuva.

O vinho foi o primeiro a acabar, e pouco depois terminava o leite coalhado de égua que os senhores dos cavalos apreciavam mais do que hidromel. Então, esgotaram-se também as reservas de pão frito e carne-seca. Os caçadores não encontravam caça, e só a carne dos cavalos mortos enchia suas barrigas. As mortes sucediam-se. Crianças fracas, velhas encarquilhadas, doentes, estúpidos e

Material com direitos autorais

imprudentes, a terra cruel reclamava-os todos. Doreah tornou-se magra e de olhos encovados, e seu delicado cabelo dourado ficou quebradiço como palha.

Dany passava fome e sede como os outros. O leite secou nos seus seios, seus mamilos racharam e sangraram, e a carne foi desaparecendo do seu corpo dia após dia, até ficar magra e dura como um pau, mas era pelos dragões que temia. O pai tinha sido morto antes de ela nascer, e seu magnífico irmão Rhaegar também. A mãe morrera trazendo-a ao mundo, enquanto lá fora a tempestade rugia. O gentil sor Willem Darry, que a seu modo devia tê-la amado, fora levado por uma doença debilitante quando era muito nova. O irmão Viserys, khal Drogo, que era o sol-e-estrelas de Daenerys, até o filho natimorto, os deuses tinham reclamado todos eles. *Não terão os meus dragões*, Dany jurou. *Não os terão.*

Os dragões não eram maiores do que os gatos magros que via antigamente esgueirando-se junto aos muros da propriedade do magíster Illyrio em Pentos… Até abrirem as asas. A envergadura era três vezes maior que o comprimento do corpo, e cada asa era um delicado leque de pele translúcida, maravilhosamente colorida, bem retesada entre longos ossos finos. Quando se olhava com atenção, via-se que a maior parte do corpo dos animais era pescoço, cauda e asas. *Coisas tão pequenas*, ela pensou, enquanto os alimentava na mão. Ou melhor, tentava alimentá-los, pois os dragões não queriam comer. Silvavam e cuspiam todos os pedaços de carne de cavalo, exalando vapor pelas narinas, mas não aceitavam a comida… Até que Dany se recordou de algo que Viserys lhe tinha dito quando eram crianças.

Só os dragões e os homens comem carne cozida.

Material com direitos autorais

Quando mandou as aias torrarem a carne de cavalo até deixá-la preta, os dragões a devoraram avidamente, projetando as cabeças como serpentes. Desde que a carne estivesse crestada, engoliam várias vezes seu próprio peso todos os dias, e por fim começaram a crescer e a se fortalecer. Dany maravilhava-se com a maciez das suas escamas, e com o *calor* que emanavam, tão palpável que, em noites frias, os corpos inteiros pareciam gerar vapor.

Sempre que caía a noite, quando o khalasar se punha em movimento, escolhia um dragão para seguir empoleirado no seu ombro. Irri e Jhiqui levavam os outros numa gaiola de madeira trançada, pendurada entre as suas montarias, e seguiam logo atrás dela, para que Dany sempre pudesse ser vista. Era a única maneira de mantê-los tranquilos.

— Os dragões de Aegon foram batizados em homenagem aos deuses da antiga Valíria — contou Dany aos companheiros de sangue uma manhã, depois de uma longa noite de viagem. — O dragão de Visenya era Vhagar, Rhaenys tinha Meraxes e Aegon montava Balerion, o Terror Negro. Dizia-se que o sopro de Vhagar era tão quente que era capaz de derreter a armadura de um cavaleiro e cozinhar o homem lá dentro; que Meraxes engolia cavalos inteiros; e quanto a Balerion… Seu fogo era negro como suas escamas, as asas tão vastas que vilas inteiras eram engolidas pela sua sombra quando passava por cima delas.

Os dothrakis olhavam incomodados para as crias. O maior dos três era de um negro luzidio, com as escamas rasgadas por faixas de um escarlate vivo que combinava com as asas e os chifres.

— Khaleesi — murmurou Aggo —, ali está Balerion redivivo.

Material com direitos autorais

— Pode ser como diz, sangue do meu sangue — respondeu Dany gravemente —, mas terá um novo nome para esta nova vida. Quero batizá-los evocando aqueles que os deuses levaram. O verde será Rhaegal, em homenagem ao meu valente irmão, que morreu nas margens verdes do Tridente. Ao creme e dourado chamo Viserion. Viserys era cruel, fraco e assustado, mas, ainda assim, era meu irmão. Seu dragão fará o que ele não pôde fazer.

— E o animal negro? — sor Jorah Mormont quis saber.

— O negro é Drogon.

Mas, enquanto os dragões prosperavam, o khalasar definhava e morria. Em volta deles, a terra se tornava ainda mais desolada. Até a erva-do-diabo escasseava; os cavalos caíam mortos no caminho, sobrando tão poucos que alguns dos seus tinham de se arrastar a pé. Doreah pegou uma febre e foi piorando a cada quilômetro que venciam. Em seus lábios e mãos estouraram pústulas de sangue, seu cabelo caiu em chumaços e num entardecer faltaram-lhe forças para montar o cavalo. Jhogo disse que tinham de abandoná-la, ou atá-la à sela, mas Dany se lembrou de uma noite no mar dothraki, quando a moça lysena lhe ensinara segredos para que Drogo a amasse mais. Deu a Doreah água do seu próprio odre, refrescou sua testa com um pano úmido e segurou sua mão até que a moça morreu, tremendo. E só então permitiu que o khalasar prosseguisse viagem.

Não viram sinal de outros viajantes. Os dothrakis começavam a murmurar, temerosos, que o cometa os levava para algum inferno. Uma manhã, Dany foi falar com sor Jorah Mormont, enquanto montavam acampamento no meio de um amontoado de rochas pretas polidas pelo vento:

— Estamos perdidos? Será que este deserto não tem fim?

Material com direitos autorais

— Tem um fim — respondeu ele com a voz cansada. — Eu vi os mapas que os mercadores desenham, minha rainha. Poucas caravanas vêm nesta direção, isso é certo, mas há grandes reinos para leste, e cidades cheias de maravilhas. Yi Ti, Qarth, Asshai da Sombra…

— Sobreviveremos o suficiente para vê-las?

— Não vou mentir. O caminho é mais duro do que me atrevi a imaginar.

O rosto do cavaleiro estava cinzento e exausto. A ferida que tinha sofrido no quadril, na noite em que lutara com os companheiros de sangue de khal Drogo, nunca chegou a sarar por completo. Dany via as caretas que Mormont fazia quando montava, e parecia andar encurvado na sela enquanto avançavam.

— Talvez estejamos condenados se prosseguirmos… Mas sei, com toda certeza, que estaremos condenados se voltarmos.

Dany deu um leve beijo no rosto de Mormont. Sentiu-se animada ao vê-lo sorrir. *Também tenho de ser forte por ele*, pensou amargamente. *Pode ser um cavaleiro, mas eu sou do sangue do dragão.*

O charco seguinte que encontraram estava fervendo e fedia a enxofre, mas seus odres já estavam quase vazios. Os dothrakis arrefeceram a água em vasilhas e cântaros e a beberam tépida. O sabor não ficou melhor, mas água era água, e todos tinham sede. Dany olhou o horizonte com desespero. O número do seu grupo tinha se reduzido a um terço, e o deserto ainda se estendia à sua frente, ermo, vermelho e sem fim. *O cometa zomba das minhas esperanças*, pensou, erguendo os olhos para onde o astro riscava o céu. *Será que atravessei metade do mundo e vi o nascimento de dragões*

Material com direitos autorais

apenas para morrer com eles neste deserto duro e quente? Não podia acreditar.

No dia seguinte, a alvorada surgiu quando atravessavam uma planície de dura terra vermelha, cheia de rachaduras e fissuras. Dany preparava-se para ordenar ao khalasar que montassem o acampamento quando os batedores voltaram a galope.

— Uma cidade, khaleesi — gritaram. — Uma cidade pálida como a lua e adorável como uma donzela. A uma hora de cavalgada, não mais.

— Mostrem-me — pediu ela.

Quando a cidade surgiu à sua frente, com as muralhas e torres tremeluzindo, brancas, por trás de um véu de calor, parecia tão bela que Dany estava certa de se tratar de uma miragem.

— Sabe que lugar pode ser este? — perguntou a sor Jorah.

O cavaleiro exilado sacudiu fatigadamente a cabeça.

— Não, minha rainha. Nunca viajei até tão longe para o leste.

As distantes muralhas brancas prometiam descanso e segurança, uma chance de cura e fortalecimento, e não havia nada que Dany desejasse mais do que correr para elas. Mas, em vez disso, virou-se para os seus companheiros de sangue:

— Sangue do meu sangue, vão à nossa frente e investiguem o nome desta cidade e que tipo de recepção devemos esperar.

— *Sim, khaleesi* — aquiesceu Aggo.

Os cavalgadores não levaram muito tempo para voltar. Rakharo saltou do cavalo. Do seu cinto de medalhões pendia o grande arakh curvo, que Dany tinha lhe oferecido quando o nomeou companheiro de sangue.

Material com direitos autorais

— Esta cidade está morta, khaleesi. Encontramo-la sem nome e sem deus, com os portões quebrados, e não mais do que vento e moscas se movendo pelas ruas.

Jhiqui estremeceu.

— Quando os deuses vão embora, os espíritos do mal banqueteiam-se à noite. É melhor evitar esses lugares. É sabido.

— É sabido — concordou Irri.

— Não por mim. — Dany esporeou o cavalo e indicou-lhes o caminho, trotando sob o arco estilhaçado de um antigo portão e avançando ao longo de uma rua silenciosa. Sor Jorah e os companheiros de sangue a seguiram, e depois, mais lentamente, o resto dos dothrakis.

Não podia saber há quanto tempo a cidade estava deserta, mas as muralhas brancas, tão belas quando avistadas de longe, estavam rachadas e arruinadas quando vistas de perto. Lá dentro havia um labirinto de ruelas retorcidas. Os edifícios apertavam-se uns contra os outros, com fachadas caiadas nuas, sem janelas. Tudo era branco, como se o povo que aí vivera não conhecesse cores. Passaram por pilhas de entulho lavado pelo sol onde casas tinham ruído e em outros pontos viram as desbotadas cicatrizes do fogo. Num lugar onde seis vielas se juntavam, Dany passou por um pedestal vazio de mármore. Ao que parecia, os dothrakis já tinham visitado aquele local. Talvez a estátua que ali faltava estivesse entre os outros deuses roubados em Vaes Dothrak. Podia ter passado por ela cem vezes, sem saber. Sobre seu ombro, Viserion *silvou*.

Acamparam em frente aos restos de um palácio devastado, numa praça varrida pelo vento, onde a erva-do-diabo crescia entre as pedras do pavimento. Dany enviou homens para explorar as ruínas.

Material com direitos autorais

Alguns foram com relutância, mas foram… Um velho cheio de cicatrizes voltou pouco tempo depois, saltando e sorrindo, com as mãos repletas de figos. Eram umas coisinhas pequenas e mirradas, mas o povo de Dany atirou-se avidamente sobre eles, puxando-se e empurrando-se, enfiando a fruta na boca e mastigando em êxtase.

Outros exploradores regressaram com histórias sobre outras árvores frutíferas, escondidas atrás de portas fechadas em jardins secretos. Aggo mostrou-lhe um pátio repleto de videiras retorcidas e minúsculas uvas verdes, e Jhogo descobriu um poço onde a água era pura e gelada. Mas também encontraram ossos, os crânios dos mortos por enterrar, embranquecidos e quebrados.

— Fantasmas — murmurou Irri. — Terríveis fantasmas. Não podemos ficar aqui, khaleesi, este lugar é deles.

— Não temo fantasmas. Os dragões são mais poderosos do que fantasmas — *e os figos são mais importantes*. — Vá com Jhiqui e encontre para mim um pouco de areia limpa para um banho, e não me incomode mais com conversas bestas.

Na frescura da sua tenda, Dany esturricou carne de cavalo sobre um braseiro e refletiu sobre suas alternativas. Ali havia comida e água para sustentá-los, e grama suficiente para os cavalos recuperarem as forças. Como seria agradável acordar todos os dias no mesmo lugar, passear por jardins sombreados, comer figos e beber água fresca, tanta quanta quisesse.

Quando Irri e Jhiqui retornaram com vasilhas cheias de areia branca, Dany despiu-se e deixou que esfregassem sua sujeira.

— Seu cabelo está voltando, khaleesi — disse-lhe Jhiqui enquanto sacudia areia das suas costas. Dany passou a mão pela cabeça, tateando os novos cabelos. Os homens dothraki usavam o

Material com direitos autorais

cabelo preso em longas tranças oleadas e só o cortavam quando eram derrotados. *Talvez deva fazer o mesmo*, pensou. *Para lembrá-los de que a força de Drogo vive agora em mim*. Khal Drogo tinha morrido com o cabelo sem cortar, algo de que poucos homens podiam se vangloriar.

Do outro lado da tenda, Rhaegal abriu suas asas verdes, bateu-as e flutuou num voo curto até voltar a cair no tapete. Quando aterrissou, a cauda chicoteou em fúria, e ele levantou a cabeça e gritou. *Se eu tivesse asas, também iria querer voar*, Dany pensou. Os Targaryen de outrora tinham montado no lombo de dragões quando partiam para a guerra. Tentou imaginar como seria pôr as pernas em torno do pescoço de um dragão e voar alto no céu. *Seria como estar no topo de uma montanha, mas melhor. O mundo inteiro ia se espalhar por baixo. Se voasse alto o suficiente, poderia até ver os Sete Reinos, erguer a mão e tocar o cometa.*

Irri interrompeu sua divagação para lhe dizer que sor Jorah Mormont estava lá fora, à espera das suas ordens.

— Mande-o entrar — ordenou Dany, sentindo um formigamento na pele esfregada com areia. Envolveu-se na pele de leão. O hrakkar tinha sido muito maior do que Dany, então a pele cobria tudo o que precisava ser coberto.

— Trouxe-lhe um pêssego — disse sor Jorah, ajoelhando-se. Era tão pequeno que Dany quase podia escondê-lo na palma da mão, e também estava maduro demais, mas, quando deu a primeira dentada, o miolo era tão doce que quase chorou. Comeu-o lentamente, saboreando cada pedaço, enquanto sor Jorah lhe falava da árvore de onde o arrancara, num jardim perto da muralha ocidental.

Material com direitos autorais

— Fruta, água e sombra — disse Dany, com o rosto melado do sumo de pêssego. — Os deuses foram bons por nos trazer para este lugar.

— Devemos descansar aqui até ficarmos mais fortes — sugeriu o cavaleiro. — As terras vermelhas não são gentis para com os fracos.

— Minhas aias dizem que aqui há fantasmas.

— Há fantasmas por todo o lado — respondeu sor Jorah com voz baixa. — Iremos levá-los conosco para onde quer que formos.

Sim, Dany pensou. *Viserys, khal Drogo, meu filho Rhaego, estão sempre comigo*.

— Diga-me o nome do seu fantasma, Jorah. Conhece todos os meus.

O rosto dele ficou muito quieto.

— O nome dela era Lynesse.

— Sua esposa?

— Minha segunda esposa.

Dói-lhe falar dela, Dany percebeu, mas queria conhecer a verdade.

— Isso é tudo o que quer dizer dela? — A pele de leão deslizou por um ombro e ela a puxou de volta para seu lugar. — Era bonita?

— Muito bonita. — Sor Jorah ergueu os olhos do seu ombro para o rosto. — Da primeira vez que a contemplei, pensei que fosse uma deusa descida à terra, a própria Donzela transformada em carne. Seu nascimento era muito acima do meu. Era a filha mais nova de lorde Leyton Hightower, de Vilavelha. O Touro Branco, que comandava a Guarda Real do senhor seu pai, era tio-avô dela. Os Hightower são uma família antiga, muito rica e muito orgulhosa.

— E leal — completou Dany. — Eu me lembro. Viserys dizia que os Hightower estiveram entre aqueles que permaneceram fiéis

Material com direitos autorais

ao meu pai.

— É verdade — admitiu o cavaleiro.

— Foram seus pais que arranjaram o casamento?

— Não. Nosso casamento… Essa é uma história longa e aborrecida, Vossa Graça. Não quero incomodá-la com isso.

— Não tenho de ir a nenhum lugar. Por favor — insistiu Dany.

— Às ordens da minha rainha. — Sor Jorah franziu a sobrancelha. — Meu lar… precisa compreender isso para entender o resto. A Ilha dos Ursos é bela, mas remota. Imagine velhos carvalhos retorcidos e pinheiros altos, espinheiros em flor, pedras cinzentas recobertas de musgo, pequenos riachos correndo, gelados, por vertentes íngremes. O salão dos Mormont é feito de enormes toras, rodeado por uma paliçada de terra. Fora alguns arrendatários, minha gente vive ao longo da costa e pesca no mar. A ilha fica muito ao norte, e nossos invernos são mais terríveis do que você possa imaginar, khaleesi. Apesar disso, a ilha servia-me bem, e nunca me faltaram mulheres. Tive a minha cota de mulheres de pescadores e de filhas de arrendatários, antes e depois de casado. Casei-me novo, com uma noiva escolhida por meu pai, uma Glover de Bosque Profundo. Ficamos casados durante dez anos, ou tão perto disso que não faz diferença. Ela era uma mulher de rosto comum, mas não desagradável. Creio que acabei amando-a depois de um tempo, embora nossas relações fossem mais respeitosas do que apaixonadas. Abortou três vezes ao tentar me dar um herdeiro. Da última vez não chegou a se recuperar. Morreu não muito tempo depois.

Dany pousou sua mão na dele e a apertou.

— Lamento por você, de verdade.

Material com direitos autorais

Sor Jorah fez um aceno com a cabeça.

— A essa altura, meu pai tinha vestido o negro, então eu era o legítimo Senhor da Ilha dos Ursos. Não me faltaram ofertas de casamento, mas, antes de chegar a me decidir, lorde Balon Greyjoy rebelou-se contra o Usurpador, e Ned Stark convocou seus vassalos para ajudar o amigo Robert. A batalha final ocorreu em Pyke. Quando as catapultas de Robert abriram uma brecha na muralha do rei Balon, um sacerdote de Myr foi o primeiro homem a entrar, mas eu não estava muito atrás. E por isso fui armado cavaleiro. Para celebrar sua vitória, Robert ordenou que se realizasse um torneio fora das muralhas de Lannisporto. Foi aí que vi Lynesse, uma donzela com metade da minha idade. Ela tinha vindo de Vilavelha com o pai, a fim de ver as justas dos irmãos. Eu não conseguia tirar os olhos dela. Num ataque de loucura, supliquei sua prenda para usar no torneio, sem sonhar que atenderia ao meu pedido, mas ela atendeu. Luto tão bem como qualquer outro, khaleesi, mas nunca fui um cavaleiro de torneios. No entanto, com a prenda de Lynesse atada em volta do braço, fui um homem diferente. Ganhei justa atrás de justa. Lorde Jason Mallister caiu perante mim, assim como Bronze Yohn Royce. Sor Ryman Frey, o irmão, sor Hosteen, lorde Whent, o Varrão Forte, até sor Boros Blount, da Guarda Real. Derrubei todos do cavalo. No último desafio, quebrei nove lanças contra Jaime Lannister sem resultado, e o rei Robert deu-me os louros de vencedor. Coroei Lynesse Rainha do Amor e da Beleza, e nessa mesma noite fui falar com seu pai e pedi a sua mão. Estava bêbado, tanto de glória como de vinho. Pelo direito, devia ter obtido uma recusa desdenhosa, mas lorde Leyton aceitou minha

Material com direitos autorais

proposta. Casamo-nos lá, em Lannisporto, e durante uma quinzena fui o homem mais feliz do mundo inteiro.

— Só uma quinzena? — perguntou Dany. *Até a mim foi dada mais felicidade do que isso, com Drogo, meu sol-e-estrelas.*

— Uma quinzena foi o tempo que levamos para velejar de Lannisporto à Ilha dos Ursos. Meu lar foi uma grande decepção para Lynesse. Era frio demais, úmido demais, longe demais, com um castelo que nada mais era do que um salão de madeira. Não tínhamos bailes de máscaras, nem de pantomimas, nem bailes, nem feiras. Estações inteiras podiam passar sem que um cantor viesse tocar para nós, e não há na ilha um ourives. Até as refeições foram julgadas. Meu cozinheiro pouco sabia além dos seus assados e guisados, e Lynesse perdeu rapidamente o gosto por peixe e carne de veado. Eu vivia para os seus sorrisos, por isso mandei buscar um novo cozinheiro em Vilavelha, e trouxe um harpista de Lannisporto. Ourives, joalheiros, modistas, tudo o que ela queria eu encontrei, mas nunca era suficiente. A Ilha dos Ursos é rica em ursos e árvores, mas pobre em tudo o mais. Construí um belo navio para ela, e viajamos a Lannisporto e Vilavelha para festivais e feiras, e uma vez até fomos a Braavos, onde recebi um grande empréstimo dos agiotas. Tinha sido como campeão de torneio que conquistara sua mão e seu coração, então, por ela participei de outros torneios, mas a magia tinha desaparecido. Não voltei a me destacar, e cada derrota significava a perda de mais um cavalo e de outra armadura para justas, que tinham de ser resgatados ou substituídos. Não podia arcar com os custos. Por fim, insisti que voltássemos para casa, mas aí as coisas ficaram ainda piores do que antes. Já não podia pagar ao cozinheiro e ao harpista, e Lynesse ficou furiosa quando falei em

Material com direitos autorais

empenhar suas joias. O resto… Fiz coisas que me envergonho de contar. Por ouro. Para que Lynesse pudesse conservar suas joias, seu harpista e seu cozinheiro. No fim, custou-me tudo. Quando ouvi dizer que Eddard Stark se dirigia à Ilha dos Ursos, estava tão desprovido de honra que, em vez de ficar e enfrentar seu julgamento, trouxe-a comigo para o exílio. Nada importava a não ser o nosso amor, disse eu a mim mesmo. Fugimos para Lys, onde vendi o navio em troca de ouro para nos manter.

A voz do cavaleiro estava pesada de desgosto, e Dany sentiu-se relutante em pressioná-lo a continuar, mas tinha de saber como tudo acabou.

— Ela morreu lá? — perguntou-lhe, gentilmente.

— Só para mim — respondeu ele. — Em meio ano, meu ouro tinha acabado e fui obrigado a prestar serviços como mercenário. Enquanto lutava com braavosianos em Roine, Lynesse mudou-se para a mansão de um príncipe mercador chamado Tregar Ormollen. Dizem que agora é a sua concubina principal, e até a esposa dele a teme.

Dany estava horrorizada.

— Você a odeia?

— Quase tanto quanto a amo. Peço que me desculpe, minha rainha. Parece-me que estou muito cansado.

Dany lhe deu licença para ir, mas quando ele ergueu a aba da tenda, não conseguiu evitar chamá-lo para uma última pergunta.

— Como era a aparência de sua lady Lynesse?

Sor Jorah deu um sorriso triste.

— Ora, parecia um pouco a senhora, Daenerys. — Ele fez uma profunda reverência. — Durma bem, minha rainha.

Material com direitos autorais

Dany estremeceu e apertou bem a pele de leão à sua volta. *Ela se parecia comigo*. Isso explicava muito do que ainda não tinha entendido bem. *Ele me deseja*, compreendeu. *Ama-me como a amou, não como um cavaleiro ama sua rainha, mas como um homem ama uma mulher*. Tentou imaginar-se nos braços de sor Jorah, beijando-o, dando-lhe prazer, deixando-o penetrá-la. Mas era em vão. Quando fechava os olhos, o rosto dele se transformava sempre no de Drogo.

Khal Drogo tinha sido seu sol-e-estrelas, seu primeiro homem, e talvez devesse ser o último. *Maegi* Mirri Maz Duur jurara que nunca daria à luz uma criança viva. Que homem iria querer uma mulher estéril? E que homem poderia aspirar a rivalizar com Drogo, que morreu com o cabelo por cortar e agora cavalgava pelas terras da noite, com as estrelas como khalasar?

Ouvira saudade na voz de sor Jorah enquanto falava da Ilha dos Ursos. *Ele nunca poderá me ter, mas um dia posso lhe devolver o lar e a honra. Isso posso fazer por ele.*

Nenhum fantasma perturbou seu sono naquela noite. Sonhou com Drogo e com a primeira cavalgada que tinham feito juntos na noite em que se casaram. No sonho não eram cavalos que montavam, mas dragões.

Na manhã seguinte, convocou seus três companheiros de sangue.

— Sangue do meu sangue, preciso de vocês. Cada um deverá escolher três cavalos, os mais resistentes e saudáveis que nos restaram. Carreguem tanta água e alimentos quanto as montarias aguentarem e partam por mim. Aggo irá para o sudoeste, Rakharo para o sul. Jhogo, você deverá seguir o *shierak qiya* para o sudeste.

— O que devemos procurar, khaleesi? — perguntou Jhogo.

Material com direitos autorais

— O que houver — respondeu Dany. — Procurem outras cidades, vivas ou mortas. Procurem caravanas e pessoas, rios, lagos e o grande mar salgado. Procurem saber até onde se estende este deserto à nossa frente e o que há do outro lado. Quando deixar este lugar, não pretendo partir às cegas de novo. Quero saber para onde vou e qual é a melhor maneira de chegar lá.

E eles foram, com os guizos nos cabelos tilintando suavemente, enquanto Dany se instalava com seu pequeno bando de sobreviventes no lugar que chamaram de *Vaes Tolorro*, a cidade dos ossos. Os dias seguiram-se às noites, e estas aos dias. As mulheres colhiam frutos dos jardins dos mortos. Os homens cuidavam das suas montarias e consertavam selas, estribos e sapatos. As crianças vagueavam pelas ruelas retorcidas e encontraram velhas moedas de bronze, pedaços de vidro roxo e canecas de pedra com alças esculpidas em forma de serpentes. Uma mulher foi picada por um escorpião vermelho, mas essa foi a única morte. Os cavalos começaram a ganhar alguma musculatura. Dany cuidou pessoalmente da ferida de sor Jorah, e ela começou a sarar.

Rakharo foi o primeiro a voltar. Ao sul, o deserto vermelho estendia-se por uma longa distância, ele relatou, até terminar numa costa desolada junto à água venenosa. Entre aquele lugar e a costa havia apenas turbilhões de areia, rochedos polidos pelo vento e plantas eriçadas de espinhos pontudos. Tinha passado junto às ossadas de um dragão, jurou, tão imensas que havia conduzido o cavalo por entre as suas grandes maxilas negras. Além disso, nada viu.

Dany o encarregou, e mais uma dúzia dos seus homens mais fortes, de remover o pavimento da praça a fim de chegar à terra que

Material com direitos autorais

tinha por baixo. Se a erva-do-diabo crescia entre as pedras, outras ervas poderiam crescer depois de se remover as pedras. Tinham bastantes poços, não faltava água. Se houvesse sementes, poderiam fazer a praça florescer.

Aggo retornou em seguida. O sudoeste era estéril e queimado, jurou. Havia encontrado as ruínas de mais duas cidades, menores do que *Vaes Tolorro*, mas, tirando isso, iguais. Uma era protegida por um anel de crânios montados em lanças de ferro enferrujadas, então ele não se atreveu a entrar, mas explorou a segunda tanto quanto pôde. Mostrou a Dany uma pulseira de ferro que encontrara, ornamentada com uma opala de fogo bruta do tamanho do seu polegar. Também havia rolos de pergaminho, mas estavam secos e desfazendo-se, por isso Aggo os deixou onde estavam.

Dany agradeceu a ele e lhe disse para tratar do conserto dos portões. Se inimigos tinham atravessado o deserto para destruir aquelas cidades nos tempos antigos, podiam perfeitamente regressar.

— Se assim for, devemos estar preparados — declarou ela.

Jhogo ficou longe tanto tempo que Dany temeu que tivesse se perdido, mas, por fim, quando já tinham quase desistido de esperar por ele, chegou a cavalo vindo do sudeste. Um dos guardas que Aggo havia colocado de sentinela nos portões foi o primeiro a vê-lo e soltou um grito, e Dany correu para as muralhas para ver com seus próprios olhos. Era verdade. Jhogo regressava, mas não vinha sozinho. Atrás dele, três estranhos vestidos de modo esquisito, montados em feias criaturas com corcundas, maiores do que qualquer cavalo.

Material com direitos autorais

Puxaram as rédeas diante dos portões da cidade e ergueram o olhar para contemplar Dany, na muralha acima deles.

— Sangue do meu sangue — chamou Jhogo. — Estive na grande cidade de Qarth e voltei com estes três que queriam vê-la com seus próprios olhos.

Dany fitou os estranhos.

— Aqui estou. Olhem, se é essa a sua vontade… Mas, primeiro, digam-me seus nomes.

O homem pálido com lábios azuis respondeu em um dothraki gutural:

— Sou Pyat Pree, o grande mago.

O calvo com joias no nariz respondeu no valiriano das Cidades Livres:

— Sou Xaro Xhoan Daxos, dos Treze, um príncipe mercador de Qarth.

A mulher com a máscara laqueada de madeira falou na língua comum dos Sete Reinos:

— Sou Quaithe da Sombra. Viemos em busca de dragões.

— Não procurem mais — respondeu Daenerys Targaryen. — Encontraram-nos.

Material com direitos autorais

JON

BRANCARBOR, ERA COMO A ALDEIA se chamava nos mapas antigos de Sam. Jon não a achava grande coisa como aldeia. Quatro casas de um único cômodo em ruínas, feitas de pedra sem argamassa, rodeavam um curral vazio e um poço. As casas eram cobertas com grama, e as janelas, fechadas com esfarrapadas peças de couro cru. E, por cima, pairavam os galhos claros e as folhas vermelho-escuras de um represeiro monstruosamente grande.

Era a maior árvore que Jon já vira, com um tronco de quase dois metros e meio de largura, e galhos que se estendiam tanto que a aldeia inteira descansava à sombra de sua copa. O tamanho não o perturbava tanto como o rosto… Especialmente a boca, que não era uma simples fenda esculpida, mas um buraco irregular suficientemente grande para engolir uma ovelha.

Mas aqueles ossos não são de ovelha. E aquilo nas cinzas não é um crânio de ovelha.

— Uma árvore velha. — Mormont estava montado, franzindo o cenho. "*Velha*", concordou o corvo empoleirado no seu ombro. "*Velha, velha, velha.*"

— E poderosa. — Jon conseguia sentir o poder.

Thoren Smallwood, escuro na sua placa e cota de malha, desmontou ao lado do tronco.

— Olhem aquela cara. Pouco admira que os homens a temessem quando chegaram pela primeira vez a Westeros. Eu mesmo gostaria de dar uma machadada nessa coisa maldita.

Material com direitos autorais

— O senhor meu pai acreditava que nenhum homem podia dizer uma mentira perante uma árvore-coração. Os deuses antigos sabem quando os homens mentem — falou Jon.

— Meu pai acreditava nisso também — disse o Velho Urso. — Deixe-me dar uma olhada naquele crânio.

Jon desmontou. Presa às suas costas, em uma bainha de ombro de couro negro, encontrava-se Garralonga, a lâmina bastarda de mão e meia que o Velho Urso tinha lhe oferecido por ter salvado sua vida. *Uma espada bastarda para um bastardo*, brincavam os homens. O punho tinha sido feito de novo para ele, adornado com um botão em forma de cabeça de lobo esculpido em pedra clara, mas a lâmina propriamente dita era de aço valiriano, velha, leve e mortalmente afiada.

Ajoelhou-se e enfiou uma mão enluvada na goela. O interior do buraco estava vermelho da seiva seca e enegrecido pelo fogo. Sob o crânio viu outro, menor, com o maxilar arrancado. Estava meio enterrado em cinzas e pedaços de osso.

Quando trouxe o crânio a Mormont, o Velho Urso o ergueu com ambas as mãos e fitou as órbitas vazias.

— Os selvagens queimam seus mortos. Sempre soubemos disso. Agora gostaria de ter lhes perguntado por quê, quando ainda havia alguns a quem perguntar.

Jon Snow lembrou da criatura se levantando, com os olhos azuis cintilando na face morta e pálida. Ele sabia por quê, tinha certeza.

— Se ao menos os ossos falassem — resmungou o Velho Urso. — Este aqui poderia nos dizer muitas coisas. Como morreu. Quem o queimou e por quê. Para onde foram os selvagens — suspirou. — Dizem que os filhos da floresta podiam falar com os mortos. Mas eu

Material com direitos autorais

não posso. — Atirou o crânio de volta para a boca da árvore, onde aterrissou com uma nuvem de cinza fina. — Revistem todas essas casas. Gigante, suba ao topo desta árvore e olhe em volta. Também quero que os cães sejam trazidos para cá. Talvez dessa vez o rastro esteja mais fresco. — Seu tom de voz não sugeria que tivesse grande esperança nisso.

Dois homens revistaram todas as casas, para ter certeza de que não deixariam escapar nada. Jon fez par com o severo Eddison Tollett, um escudeiro de cabelo grisalho e magro como uma lança, a quem os outros irmãos chamavam Edd Doloroso.

— Já é ruim o bastante quando os mortos caminham — disse a Jon enquanto atravessavam a aldeia —, e agora o Velho Urso quer vê-los também falando? Nada de bom viria *disso*, garanto. E quem poderá dizer que os ossos não mentiriam? Por que a morte deixaria um homem honesto, ou mesmo esperto? O mais provável é que os mortos sejam aborrecidos, cheios de queixas chatas… a terra está fria demais, minha lápide devia ser maior, por que é que *ele* tem mais vermes do que eu…

Jon teve de se abaixar para passar sob a porta baixa. Lá dentro, encontrou um chão de terra batida. Não havia mobília, nenhum sinal de que ali tinha vivido gente, além de algumas cinzas por baixo do buraco para a fumaça que terminava no teto.

— Que lugar triste para se viver — disse Jon.

— Eu nasci numa casa muito parecida com esta — contou Edd Doloroso. — Foram meus anos encantados. Mais tarde, acabei em tempos duros. — Um ninho de palha seca enchia um canto da sala como um colchão. Edd o olhou com saudade. — Trocaria todo o ouro de Rochedo Casterly para dormir de novo numa cama.

Material com direitos autorais

— Chama aquilo de cama?

— Se é mais mole do que o chão e tem um teto por cima, eu chamo de cama. — Edd Doloroso farejou o ar. — Sinto cheiro de estrume.

O cheiro era muito fraco.

— Estrume antigo — observou Jon.

A casa parecia estar vazia havia algum tempo. Ajoelhando-se, ele revolveu a palha com as mãos, para ver se alguma coisa tinha sido escondida por baixo, e depois percorreu as paredes. Não levou muito tempo.

— Não há nada aqui.

Nada daquilo era o que esperava; Brancarbor era a quarta aldeia por onde haviam passado, e em todas tinha sido a mesma coisa. As pessoas tinham desaparecido, desvanecendo com suas escassas posses e os animais que talvez tivessem. Nenhuma das aldeias dava sinais de ter sido atacada. Estavam... simplesmente vazias.

— O que acha que pode ter acontecido com eles? — perguntou Jon.

— Alguma coisa pior do que podemos imaginar — sugeriu Edd Doloroso. — Bem, eu talvez fosse capaz de imaginá-lo, mas prefiro não. Já é ruim o bastante saber que se vai ter um fim horrível qualquer sem se pensar nele com antecedência.

Dois dos cães farejavam em volta da porta quando saíram do casebre. Outros cães patrulhavam a aldeia. Chett amaldiçoava-os sonoramente, com a voz pesada da ira que nunca parecia pôr de lado. A luz filtrada pelas folhas vermelhas do represeiro fazia os furúnculos no seu rosto parecerem ainda mais inflamados do que de

Material com direitos autorais

costume. Quando viu Jon, seus olhos estreitaram-se; não havia nenhuma amizade entre eles.

As outras casas não trouxeram nenhuma informação. "*Foram*", gritou o corvo de Mormont, esvoaçando até o represeiro e empoleirando-se acima de suas cabeças. "*Foram*, *foram*, *foram*."

— Havia selvagens em Brancarbor há não mais que um ano. — Thoren Smallwood parecia-se com um lorde mais do que Mormont, vestindo a cintilante cota de malha negra e placa peitoral gravada em relevo de sor Jaremy Rykker. Seu manto pesado era ricamente debruado de zibelina, preso com os martelos cruzados trabalhados em prata dos Rykker. Antes havia sido o manto de sor Jaremy… Mas a criatura tinha reclamado sor Jaremy, e a Patrulha da Noite não desperdiçava nada.

— Há um ano, Robert era rei, e o reino estava em paz — declarou Jarman Buckwell, o homem impassível e quadrado que comandava os batedores. — Muitas coisas podem mudar num ano.

— Uma coisa não mudou — insistiu sor Mallador Locke. — Menos selvagens quer dizer menos preocupações. Não farei luto, seja o que for que tenha lhes acontecido. São salteadores e assassinos, todos eles.

Jon ouviu um restolhar vindo das folhas vermelhas acima. Dois ramos afastaram-se, e ele vislumbrou um homem pequeno que se deslocava de galho em galho com a facilidade de um esquilo. Bedwyck não tinha mais do que um metro e meio de altura, mas os fios grisalhos no seu cabelo mostravam sua idade. Os outros patrulheiros chamavam-no de Gigante. Sentou-se numa bifurcação da árvore, por cima das suas cabeças, e disse:

Material com direitos autorais

— Há água ao norte. Pode ser um lago. Alguns montes de sílex se erguem a oeste, não muito altos. Nada mais para se ver, senhores.

— Poderíamos acampar aqui esta noite — sugeriu Smallwood.

O Velho Urso olhou de relance para cima, em busca de um vislumbre de céu por entre os galhos brancos e as folhas vermelhas do represeiro:

— Não. Gigante, quanta luz do dia nos resta?

— Três horas, milorde.

— Avançamos para o norte — decidiu Mormont. — Se chegarmos a esse lago, poderemos montar o acampamento perto da margem e talvez pegar alguns peixes. Jon, vá buscar papel, já é mais que hora de escrever ao meistre Aemon.

Jon tirou um pergaminho, uma pena e tinta da sua alforja e os trouxe ao Senhor Comandante. *Em Brancarbor*, escreveu Mormont. *A quarta aldeia. Tudo vazio. Os selvagens desapareceram.*

— Procure Tarly e certifique-se de que ele ponha isto a caminho — disse Mormont enquanto entregava a mensagem a Jon. Quando assobiou, o corvo desceu batendo as asas e foi pousar na cabeça do cavalo. "*Milho*", sugeriu a ave, balançando-se. O cavalo relinchou.

Jon montou seu garrano, deu meia-volta e afastou-se a trote. Para lá da sombra do grande represeiro os homens da Patrulha da Noite espalhavam-se por baixo de árvores menores, tratando dos cavalos, mastigando tiras de carne de vaca salgada, urinando, coçando-se e conversando. Quando foi dada a ordem de partida, as conversas morreram e os homens voltaram a subir nas selas. Os batedores de Jarman Buckwell foram os primeiros a avançar, com a vanguarda comandada por Thoren Smallwood encabeçando a coluna propriamente dita. Depois vinha o Velho Urso com a força

Material com direitos autorais

principal, sor Mallador Locke com o comboio de bagagem e os cavalos de carga e, por fim, sor Ottyn Wythers e a retaguarda. Duzentos homens ao todo, com uma vez e meia esse número em montarias.

Durante o dia, seguiam rastros de animais e leitos de córregos, as "estradas dos patrulheiros", que os levavam a penetrar cada vez mais profundamente na natureza selvagem das folhas e raízes. À noite, acampavam sob um céu estrelado e admiravam o cometa. Os irmãos de negro tinham deixado Castelo Negro com bom moral, brincando e trocando histórias, mas nos últimos dias o silêncio pensativo dos bosques parecia ter deixado todos melancólicos. As brincadeiras tinham se tornado mais escassas e a paciência, mais curta. Ninguém admitia que tinha medo, afinal de contas, eram homens da Patrulha da Noite. Mas Jon conseguia sentir o mal-estar. Quatro aldeias vazias, nem um selvagem em parte alguma, até a caça parecia ter fugido. Mesmo os patrulheiros veteranos concordavam que a floresta assombrada nunca parecera tão sombria.

Enquanto avançava, Jon descalçou a luva para arejar os dedos queimados. *Coisas feias.* De repente, lembrou-se de como costumava despentear o cabelo de Arya. A varetinha da sua irmã. Perguntou-se como ela estaria. Deixou-o um pouco triste pensar que talvez não voltasse a despentear seu cabelo. Ficou flexionando a mão, abrindo e fechando os dedos. Sabia que se deixasse que sua mão da espada se tornasse rígida e desajeitada, isso poderia significar o seu fim. Para lá da Muralha, um homem necessitava da sua espada.

Foi encontrar Samwell Tarly, com os outros intendentes, dando água aos cavalos. Tinha de cuidar de três: a sua montaria e dois

Material com direitos autorais

cavalos de carga, cada um carregado com uma grande gaiola de metal e vime cheia de corvos. As aves bateram as asas ao ver que Jon se aproximava e gritaram para ele através das barras. Alguns dos guinchos soavam de forma suspeita, como palavras.

— Tem ensinado as aves a falar? — perguntou a Sam.

— Algumas palavras. Três deles já conseguem dizer *Snow*.

— Um pássaro crocitando meu nome já era ruim o suficiente — disse Jon —, e a neve não é nada de que um irmão de negro queira ouvir falar. — Ela significava frequentemente a morte no Norte.

— Havia alguma coisa em Brancarbor?

— Ossos, cinzas e casas vazias. — Jon entregou a Sam o rolo de pergaminho. — O Velho Urso quer enviar notícias a Aemon.

Sam retirou uma ave de uma das gaiolas, afagou suas penas, prendeu a mensagem nela e disse:

— Voe agora para casa, meu bravo. Para casa. — O corvo crocitou qualquer coisa ininteligível em resposta, e Sam o atirou ao ar. Batendo as asas, abriu caminho para o céu por entre as árvores. — Gostaria que pudesse me levar com ele.

— Ainda?

— Bem — respondeu Sam —, sim, mas… Na verdade, já não estou tão assustado como antes. Na primeira noite, sempre que ouvia alguém se levantar para ir urinar pensava que eram selvagens que se esgueiravam e vinham cortar minha garganta. Tinha medo de fechar os olhos e não poder voltar a abri-los, só que… bem… a alvorada chegava, no fim. — Deu um sorriso abatido. — Posso ser um covarde, mas não sou *estúpido*. Estou dolorido e minhas costas doem de montar e de dormir no chão, mas já estou muito pouco

Material com direitos autorais

assustado. Olha. — Sam estendeu uma mão para Jon ver como estava firme. — Tenho andado trabalhando nos meus mapas.

O mundo é estranho, Jon pensou. Duzentos homens de coragem tinham deixado a Muralha para trás, e o único que não estava ficando mais temeroso era Sam, o covarde confesso.

— Ainda faremos de você um patrulheiro — brincou. — Daqui a pouco vai querer ser um batedor como Grenn. Devo falar com o Velho Urso?

— Não se atreva! — Sam puxou o capuz do seu enorme manto negro e subiu afobadamente no cavalo. Era um cavalo de arado, grande, lento e desajeitado, porém mais capaz de suportar seu peso do que os pequenos garranos que os patrulheiros montavam. — Tinha esperança de que pudéssemos passar a noite na aldeia — disse, melancólico. — Seria agradável voltar a dormir sob um teto.

— Não há tetos suficientes para todos.

Jon voltou a montar, ofereceu a Sam um sorriso de despedida e afastou-se. A coluna já tinha avançado bastante, por isso deu uma volta larga em torno da aldeia para evitar o congestionamento maior. Já tinha visto o bastante de Brancarbor.

Fantasma emergiu dos arbustos tão subitamente que o garrano se assustou e empinou. O lobo branco caçava bem longe da linha de marcha, mas não andava tendo melhor sorte do que os forrageiros que Smallwood enviava em busca de caça. Os bosques estavam tão vazios como as aldeias, disse-lhe Dywen junto ao fogo numa noite.

— Somos um grupo grande — respondera-lhe Jon. — A caça provavelmente assustou-se com todo o barulho que fizemos na marcha.

Material com direitos autorais

— Assustou-se por causa de *alguma coisa*, sem dúvida — rebateu Dywen.

Depois que o cavalo se acalmou, Fantasma saltitou com facilidade a seu lado. Jon alcançou Mormont no momento em que o comandante ziguezagueava em torno de uma moita de espinheiros.

— A ave está a caminho? — perguntou o Velho Urso.

— Sim, milorde. Sam anda ensinando-as a falar.

O Velho Urso fungou:

— Vai se arrepender. Esses malditos fazem muito barulho, mas nunca dizem nada que valha a pena ouvir.

Avançaram em silêncio, até que Jon voltou a falar:

— Se meu tio também encontrou todas essas aldeias vazias…

— … teria assumido a missão de investigar por quê — Lorde Mormont terminou por ele —, e pode bem ser que algo ou alguém não quisesse que se soubesse do motivo. Bem, seremos trezentos quando Qhorin se juntar a nós. Qualquer que seja o inimigo que nos espera adiante, não achará assim tão fácil lidar conosco. Vamos encontrá-los, Jon, prometo.

Ou eles vão nos encontrar, Jon pensou, mas não falou.

Material com direitos autorais

ARYA

O RIO ERA UMA FITA AZUL-ESVERDEADA brilhando ao sol da manhã. Juncos cresciam espessos nos baixios ao longo das margens, e Arya viu uma cobra-d'água deslizar pela superfície, criando ondulações que se alargavam atrás de si. No alto, um falcão voava em círculos preguiçosos.

Parecia um lugar pacífico… Até Koss ver o morto.

— Ali, nos juncos — apontou ele, e Arya viu o corpo de um soldado, sem forma e inchado. Seu manto verde encharcado estava preso num tronco apodrecido, e um cardume de minúsculos peixes prateados mordiscava sua face.

— Eu disse a vocês que havia corpos — anunciou Lommy. — Podia sentir o gosto deles na água.

Quando Yoren viu o cadáver, cuspiu:

— Dobber, vê se ele tem alguma coisa que valha a pena levar. Cota de malha, faca, umas moedas, qualquer coisa.

Esporeou seu castrado e avançou pelo rio adentro, mas o cavalo sentiu dificuldades com a lama mole, e para lá dos juncos a água aprofundava-se. Yoren voltou, zangado, com o cavalo coberto de lodo marrom até os joelhos.

— Não vamos atravessar aqui. Koss, venha comigo, para cima, em busca de um vau. Woth, Gerren, vocês vão para baixo. O resto espera aqui. Fiquem de guarda.

Dobber encontrou uma bolsa de couro no cinto do morto. Lá dentro havia quatro moedas de cobre e uma pequena madeixa de cabelo louro atada em uma fita vermelha. Lommy e Tarber tiraram

Material com direitos autorais

a roupa e entraram na água. Lommy pegou punhados de lama viscosa e os atirou em Torta Quente, aos gritos de "Torta de Lama! Torta de Lama!". Na sua carroça, Rorge praguejou, ameaçou-os e disse-lhes para o desacorrentarem enquanto Yoren estava longe, mas ninguém lhe deu atenção. Kurz pegou um peixe com as mãos. Arya viu como ele fez, de pé numa poça rasa, calmo como águas paradas, lançando a mão, rápida como uma serpente, quando o peixe nadou por perto. Não parecia ser tão difícil como apanhar gatos. Os peixes não tinham garras.

Era meio-dia quando os outros voltaram. Woth falou de uma ponte de madeira a um quilômetro para jusante, mas alguém a tinha queimado. Yoren puxou uma folhamarga do seu fardo:

— Podíamos passar os cavalos a nado e, talvez, também os burros, mas não tem como fazer passar as carroças. E há fumaça a norte e a oeste, mais incêndios. Pode ser que este lado do rio seja o lugar onde queremos ficar. — Yoren pegou um pau comprido e desenhou um círculo na lama, com uma linha saindo dele pela parte de baixo. — Isto é o Olho de Deus, com o rio seguindo ao sul. Estamos aqui. — Fez um buraco ao lado da linha do rio, abaixo do círculo. — Não podemos dar a volta pela margem oeste do lago, como eu pensava. Para leste, voltamos à estrada do rei. — Ele apontou o pau para onde a linha e o círculo se encontravam. — Se me lembro bem, há aqui uma vila. A fortificação é de pedra, e há um fidalgo que tem casa ali, é só uma casa-torre, mas deve ter sua guarda, e pode haver um cavaleiro ou dois. Seguimos o rio para o norte, devemos chegar lá antes da noite. Devem ter barcos, e vou tentar vender tudo o que temos para alugar um para nós. — Agora Yoren riscava por cima do círculo que representava o lago, de baixo

Material com direitos autorais

para cima. — Pela bondade dos deuses, vamos ter vento para velejar e atravessar o Olho de Deus até Vila de Harren. — Ele espetou o pau no topo do círculo. — Lá podemos comprar novas montarias, ou então procurar refúgio em Harrenhal. É o domínio de lady Whent, e ela sempre foi amiga da Patrulha.

Os olhos de Torta Quente esbugalharam-se.

— Há fantasmas em Harrenhal.

Yoren cuspiu:

— Ao diabo com os seus fantasmas. — Ele atirou o pau na lama. — Montem.

Arya estava lembrando das histórias que a Velha Ama costumava contar de Harrenhal. O malvado rei Harren tinha se trancado lá dentro, e por isso Aegon soltou os dragões e transformou o castelo numa pira. A Ama dizia que os espíritos do fogo ainda assombravam as torres enegrecidas. Às vezes, os homens iam dormir seguros em suas camas e eram encontrados mortos pela manhã, completamente queimados. Arya não acreditava nisso de verdade, e fosse como fosse, tinha acontecido muito tempo atrás. Torta Quente estava sendo bobo; não haveria fantasmas em Harrenhal, mas sim *cavaleiros*. Arya poderia se revelar a lady Whent, e os cavaleiros iriam escoltá-la para casa e mantê-la a salvo. Era o que os cavaleiros faziam; mantinham-nos a salvo, especialmente as mulheres. Talvez lady Whent até pudesse ajudar a menina chorona.

A trilha do rio não era nenhuma estrada do rei, mas também não era ruim e, no fim, as carroças puderam avançar com rapidez. Viram a primeira casa uma hora antes do cair da noite, uma pequena e confortável casa de campo, com telhado de sapé e

Material com direitos autorais

rodeada de campos de trigo. Yoren avançou na frente, chamando, mas não obteve resposta.

— Mortos, talvez. Ou escondidos. Dobber, Rey, comigo. — Os três homens entraram na casa. — Não há vasilhas nem sinal de moedas — resmungou Yoren quando retornaram. — Nenhum animal. O mais certo é que fugiram. Talvez encontremos essa gente na estrada do rei.

Pelo menos a casa e os campos não tinham sido queimados e não havia cadáveres por ali. Tarber encontrou uma horta no fundo. Desenterraram algumas cebolas e rabanetes e encheram um saco com repolhos antes de seguirem caminho.

Um pouco adiante, vislumbraram uma cabana de lenhador rodeada de árvores antigas e de troncos ordenadamente empilhados, prontos para virar lenha, e mais tarde viram uma casa de palafitas decrépita, que se debruçava sobre o rio, apoiada em estacas com três metros de altura, ambas desertas. Passaram por mais campos, de trigo, milho e cevada amadurecendo ao sol, mas não havia homens sentados nas árvores ou percorrendo as fileiras com foices. Por fim, a vila surgiu à vista; um aglomerado de casas brancas espalhadas em torno das muralhas de uma fortificação, um grande septo com um telhado de madeira, a casa-torre do senhor empoleirada numa pequena elevação a oeste… E nenhum sinal de gente em parte alguma.

Yoren ficou sentado no cavalo, franzindo o cenho por entre o emaranhado da barba:

— Não gosto disso. Mas está aí. Vamos dar uma espiada. E que seja *cuidadosa*. Ver se há alguém escondido. Pode ser que tenham deixado um barco para trás ou algumas armas que possamos usar.

Material com direitos autorais

O irmão de negro deixou dez homens guardando as carroças e a garotinha chorona e dividiu o resto em grupos de cinco para fazer uma busca na vila.

— Fiquem de olhos e ouvidos abertos — preveniu Yoren, antes de se dirigir à casa-torre a fim de ver se havia algum sinal do fidalgo ou de seus guardas.

Arya viu-se na companhia de Gendry, Torta Quente e Lommy. O atarracado Woth, com sua barriga redonda, tinha antigamente puxado remos numa galé, o que fazia dele o mais próximo que tinham de um marinheiro. Por isso Yoren lhe disse para levá-los até a margem do lago e ver se conseguiam encontrar um barco. Enquanto avançavam a cavalo por entre as silenciosas casas brancas, um arrepio percorreu os braços de Arya. Aquela vila vazia assustava-a quase tanto quanto a fortificação queimada onde tinham encontrado a menina chorona e a mulher sem um braço. Por que as pessoas teriam fugido, abandonando suas casas e tudo o mais? O que poderia tê-las assustado tanto?

O sol estava baixo para oeste, e as casas lançavam longas sombras escuras. Um súbito estrondo fez Arya levar a mão à Agulha, mas era apenas uma veneziana batendo com o vento. Depois da margem aberta do rio, a proximidade da vila a deixava cada vez mais nervosa.

Quando vislumbrou o lago à sua frente, por entre as casas e as árvores, Arya bateu os calcanhares no cavalo e passou a galope por Woth e Gendry. Irrompeu no relvado junto à margem pedregosa. O sol poente fazia a superfície tranquila da água cintilar como uma folha de cobre martelado. Era o maior lago que já vira, sem sinal da margem oposta. Viu uma estalagem torta à sua esquerda, construída sobre a água em pesados pilares de madeira. À direita, um longo

Material com direitos autorais

cais projetava-se lago adentro e havia outras docas mais a leste, dedos de madeira que se estendiam da vila. Mas o único barco que estava visível era um a remo, virado ao contrário, abandonado nas pedras sob a estalagem, com o casco completamente apodrecido.

— Desapareceram — disse Arya, abatida. O que eles fariam agora?

— Há uma estalagem — disse Lommy quando os outros se aproximaram. — Acham que deixaram alguma comida? Ou cerveja?

— Vamos ver — sugeriu Torta Quente.

— Não liguem para a estalagem — exclamou Woth. — Yoren disse para encontrarmos um barco.

— Eles levaram os barcos.

De algum modo, Arya sabia que era verdade; poderiam revistar a vila inteira, e não encontrariam mais do que um bote a remo de ponta-cabeça. Desanimada, saltou do cavalo e se ajoelhou junto ao lago. A água balançou suavemente em volta de suas pernas. Alguns vaga-lumes estavam surgindo, com suas luzinhas piscando. A água verde estava morna como lágrimas, mas nela não havia sal. Tinha gosto de verão, lama e coisas que cresciam. Arya mergulhou o rosto para lavar a poeira, a sujeira e o suor do dia. Quando se inclinou para trás, a água escorreu por seu pescoço e entrou pelo colarinho. Era bom. Desejou poder tirar a roupa e nadar, deslizando pela água morna como uma lontra cor-de-rosa e magricela. Talvez pudesse percorrer a nado todo o caminho até Winterfell.

Woth estava gritando para que ela o ajudasse a procurar, e foi o que ela fez, espreitando docas e barracões para barcos, enquanto seu cavalo pastava na margem. Encontraram algumas velas e cavilhas,

Material com direitos autorais

além de alguns baldes de alcatrão endurecido e uma gata com uma ninhada de gatinhos recém-nascidos. Mas nada de barcos.

A vila estava escura como uma floresta quando Yoren e os outros reapareceram.

— A torre está vazia. O senhor saiu para lutar, talvez, ou para deixar seu povo em segurança, não há como saber. Não ficou nem um cavalo ou porco na vila, mas vamos comer. Vi um ganso solto, e algumas galinhas, e há peixe bom no Olho de Deus.

— Os barcos desapareceram — relatou Arya.

— Podíamos remendar o casco daquele bote a remo — sugeriu Koss.

— Podia servir para quatro de nós — concordou Yoren.

— Tem cavilhas — interveio Lommy — e árvores por todo lado. Poderíamos fazer barcos para todos.

Yoren cuspiu.

— Sabe alguma coisa sobre construção de barcos, filho de tintureiro?

Lommy ficou sem expressão.

— Uma jangada — sugeriu Gendry. — Qualquer um pode construir uma jangada e varas compridas para empurrá-la.

Yoren pareceu pensativo.

— O lago é fundo demais para se atravessar com varas, mas, se ficássemos nos baixios junto à margem… Isso significaria abandonar as carroças. Pode ser o melhor. Vou pensar sobre isso.

— Podemos ficar na estalagem? — perguntou Lommy.

— Ficaremos na fortificação, com os portões trancados — respondeu Yoren. — Gosto de sentir muralhas de pedra à minha volta quando durmo.

Material com direitos autorais

Arya não conseguiu ficar calada:

— Não deveríamos ficar aqui. As pessoas não ficaram. Fugiram todos, até o seu senhor.

— Arry tem medo — gritou Lommy, com uma gargalhada rouca.

— Não tenho *nada* — revidou ela —, mas eles tiveram.

— Garoto esperto — observou Yoren. — Mas o fato é que os que viviam aqui estavam em guerra, gostassem ou não. Nós, não. A Patrulha da Noite não toma partido, de modo que nenhum homem é nosso inimigo.

E nenhum homem é nosso amigo, Arya pensou, mas dessa vez segurou a língua. Lommy e os outros a estavam encarando, e não queria parecer covarde na frente deles.

Os portões da fortificação eram reforçados com cravos de ferro. Lá dentro, encontraram um par de barras de ferro do tamanho de arbustos, com buracos de encaixe no chão e suportes de metal no portão. Quando enfiaram as barras nos suportes, formaram uma enorme escora em X. Não era nenhuma Fortaleza Vermelha, declarou Yoren depois de explorarem a fortificação de cima a baixo, mas era melhor do que a maioria e devia servir bastante bem para uma noite. As muralhas eram de pedra grosseira sem argamassa, com três metros de altura e uma passarela de madeira na parte de dentro das ameias. Havia uma poterna ao norte, e Gerren descobriu um alçapão sob a palha no velho celeiro de madeira que levava para um túnel estreito e sinuoso. Seguiu-o por um longo trajeto subterrâneo e emergiu junto ao lago. Yoren fez com que pusessem uma carroça por cima do alçapão, a fim de se certificar de que ninguém entraria por ali. Dividiu-os em três turnos de vigia e mandou Tarber, Kurz e Cutjack para a casa-torre abandonada, a

Material com direitos autorais

fim de manter vigilância lá em cima. Kurz tinha um berrante para soprar se algum perigo os ameaçasse.

Conduziram as carroças e os animais para dentro e trancaram os portões. O celeiro estava caindo aos pedaços, mas era suficientemente grande para guardar metade dos animais da vila. O abrigo, onde o povo da vila se refugiaria em tempos difíceis, era ainda maior, baixo, longo e feito de pedra, com telhado de sapé. Koss saiu pela porta traseira e voltou com o ganso e duas galinhas, e Yoren permitiu que fizessem uma fogueira para cozinhar. Havia uma grande cozinha dentro da fortificação, mas todas as panelas e chaleiras tinham sido levadas. Gendry, Dobber e Arya ficaram com os deveres de cozinha. Dobber disse a Arya para depenar as aves enquanto Gendry cortava lenha.

— Por que não posso ser eu quem corta a lenha? — perguntou Arya, mas ninguém lhe deu atenção. Carrancuda, começou a depenar uma galinha enquanto Yoren, sentado na ponta do banco, afiava o gume do punhal com uma pedra de amolar.

Quando a comida ficou pronta, Arya comeu uma coxa de galinha e um pouco de cebola. Ninguém falou muito, nem mesmo Lommy. Gendry saiu depois, sozinho, polindo o elmo com uma expressão distante, como se nem estivesse ali. A menina chorona lamentou-se e choramingou, mas quando Torta Quente lhe ofereceu um pedaço de ganso, ela devorou-o e olhou para o garoto, querendo mais.

Arya ficou com o segundo turno, por isso logo se deitou num colchão rústico de palha no abrigo. O sono não chegou facilmente, então, pediu emprestada a pedra de Yoren e ficou afiando a Agulha. Syrio Forel dizia que uma lâmina cega era como um cavalo coxo. Torta Quente agachou-se no colchão a seu lado, vendo-a trabalhar.

Material com direitos autorais

— Onde é que arranjou uma espada boa como essa? — perguntou. Mas, quando viu o olhar que Arya lhe deu, levantou as mãos num gesto defensivo: — Nunca disse que a roubou, só quis saber onde a arranjou, mais nada.

— Foi meu irmão quem me deu — murmurou Arya.

— Não sabia que tinha um irmão.

Arya fez uma pausa para se coçar por baixo da camisa. Havia pulgas na palha, embora não conseguisse entender por que algumas a mais haveriam de incomodá-la.

— Tenho um monte de irmãos.

— Ah, tem? E são maiores ou menores do que você?

Eu não devia estar falando assim. Yoren disse que eu devia manter a boca fechada.

— Maiores — mentiu ela. — E também têm espadas, grandes espadas longas, e mostraram-me como matar quem me incomoda.

— Eu estava conversando, não incomodando.

Torta Quente afastou-se e a deixou sozinha, e Arya enrolou-se na sua colcha. Conseguia ouvir a menina chorona do outro lado do abrigo. *Gostaria que ela se calasse. Por que tem de passar o tempo todo chorando?*

Devia ter dormido, embora não se lembrasse de ter fechado os olhos. Sonhou que um lobo estava uivando, e o som era tão terrível que a acordou de imediato. Arya sentou-se no colchão de palha com o coração aos saltos.

— Torta Quente, acorda. — Arya levantou-se desajeitadamente. — Woth, Gendry, não ouviram? — Tentou calçar uma bota.

Em volta dela, homens e garotos agitaram-se e saíram dos colchões.

Material com direitos autorais

— O que foi? — perguntou Torta Quente.

— Ouvimos o quê? — quis saber Gendry.

— Arry teve um pesadelo — disse alguém.

— Não, eu ouvi. Um lobo.

— Arry tem lobos na cabeça — zombou Lommy.

— Deixe-os uivar — falou Gerren. — Eles estão lá fora, e nós aqui dentro.

Woth concordou:

— Nunca vi nenhum lobo capaz de assaltar uma fortificação.

Torta Quente estava dizendo:

— Eu não cheguei a ouvir nada.

— Era um *lobo* — gritou Arya para eles, enquanto puxava a outra bota para perto. — Alguma coisa está acontecendo, alguém vem aí, *levantem-se*!

Antes que tivessem tempo para contestá-la, o som chegou até eles, estremecendo na noite… Mas dessa vez não era lobo nenhum, mas Kurz, que soprava seu berrante, avisando do perigo. Num instante, todos foram se vestir e pegar todas as armas que possuíam. Arya correu para o portão enquanto o berrante voltava a soar. Quando passou em disparada pelo celeiro, Dentadas atirou-se furiosamente contra as correntes, e Jaqen H'ghar a chamou do fundo da sua carroça:

— Rapaz! Querido rapaz! É a guerra, a guerra vermelha? Rapaz, liberte-nos. Um homem pode lutar. *Rapaz!*

Ela o ignorou, e continuou a correr, já ouvindo cavalos e gritos do outro lado da muralha. Subiu para a passarela. A balaustrada era um pouco alta demais e Arya, um tanto baixa demais, teve de enfiar os pés nos espaços entre as pedras para conseguir ver. Por um

Material com direitos autorais

momento, pensou que a vila estivesse cheia de vaga-lumes. Mas então compreendeu que eram homens com tochas, galopando entre as casas. Viu um telhado incendiar-se, com chamas lambendo a barriga da noite, com quentes línguas cor de laranja quando o sapé pegou fogo. Seguiu-se um outro, e depois outro, e em breve havia fogos ardendo em toda parte.

Gendry subiu a seu lado, com o elmo posto.

— Quantos são?

Arya tentou contar, mas cavalgavam depressa demais, com as tochas rodopiando pelo ar quando as atiravam.

— Cem. Duzentos, não sei. — Sobre o rugido das chamas conseguia ouvir gritos. — Em breve virão atrás de nós.

— Ali. — Gendry apontou.

Uma coluna de cavaleiros movia-se por entre os edifícios em chamas, na direção da fortificação. A luz do fogo relampejava nos elmos de metal e salpicava as cotas de malha e as armaduras com pontos brilhantes laranja e amarelos. Um deles transportava um estandarte numa grande lança. Arya achou que fosse vermelho, mas era difícil ter certeza durante a noite, com os incêndios rugindo ao seu redor. Tudo parecia vermelho, negro ou laranja.

O fogo saltava de uma casa para a seguinte. Arya viu uma árvore ardendo, com as chamas rastejando pelos seus galhos até se erguer na noite vestida com uma túnica de um laranja vivo. Agora, todos estavam acordados, guarnecendo as passarelas ou lutando com os animais assustados lá embaixo. Conseguia ouvir Yoren gritando ordens. Algo esbarrou em sua perna e, ao olhar para baixo, descobriu a menina chorona agarrada a ela.

Material com direitos autorais

— Vá embora! — Arya livrou a perna. — O que está fazendo aqui em cima? Corra e se esconda em qualquer lugar, sua imbecil. — Empurrou a menina para longe.

Os cavaleiros refrearam os animais perante os portões.

— *Vocês, na fortaleza!* — gritou um cavaleiro com um elmo alto encimado por um espigão. — *Abram, em nome do rei!*

— Bem, e que rei é esse? — berrou de volta o velho Reysen antes que Woth conseguisse lhe dar uma pancada para calá-lo.

Yoren subiu à ameia junto ao portão, com o desbotado manto negro atado a uma vara de madeira.

— *Vocês, parem aí!* — gritou. — *O povo da vila foi embora*.

— E você quem é, velho? Um dos covardes de lorde Beric? — gritou o cavaleiro com o elmo de espigão. — Se aquele gordo idiota do Thoros estiver aí, pergunte-lhe se gosta *desses* fogos.

— Não tenho nenhum Thoros aqui — gritou Yoren de volta. — Só uns moços para a Patrulha. Não participo da sua guerra. — Ergueu a vara, para que os outros vissem a cor do seu manto. — Olhe. Isto é negro, da Patrulha da Noite.

— Ou o negro da Casa Dondarrion — gritou o homem que transportava o estandarte inimigo. Arya via agora mais claramente suas cores à luz da vila que ardia: um leão dourado sobre vermelho. — O brasão de lorde Beric é um relâmpago roxo em fundo negro.

De repente, Arya recordou-se da manhã em que atirou uma laranja na cara de Sansa e a irmã ficou com o estúpido vestido cor de marfim cheio de sumo. Havia no torneio um fidalgo qualquer do Sul, e a amiga tonta de Sansa, Jeyne, estava apaixonada por ele. Tinha um relâmpago no escudo, e seu pai enviara-o em busca do irmão do Cão de Caça para decapitá-lo. Aquilo agora parecia ter

Material com direitos autorais

acontecido há mil anos, algo que acontecera a uma pessoa diferente, numa vida diferente… a Arya Stark, a filha da Mão, não a Arry, o garoto órfão. Como Arry conheceria os senhores e coisas como essas?

— Está cego, homem? — Yoren sacudiu sua vara de um lado para outro, fazendo o manto ondular. — Vê algum maldito relâmpago?

— De noite todos os estandartes parecem negros — observou o cavaleiro do elmo de espigão. — Abra, ou serão considerados foras da lei aliados aos inimigos do rei.

Yoren cuspiu.

— Quem está no comando?

— Sou eu. — Os reflexos de casas ardendo cintilaram, embaçados, na armadura do cavalo de batalha do homem, quando os outros se afastaram para deixá-lo passar. Era um homem robusto, com uma manticora no escudo e arabescos ornamentais rastejando na placa peitoral de aço. Pelo visor aberto do elmo, uma cara pálida e porcina espreitou para cima. — Sor Amory Lorch, vassalo de lorde Tywin Lannister, de Rochedo Casterly, Mão do Rei. Do rei *verdadeiro*, Joffrey. — Tinha uma voz aguda e fraca. — Em seu nome, ordeno-lhe que abra esses portões.

Em toda a volta dos homens, a vila ardia. O ar da noite estava cheio de fumaça, e havia fagulhas vermelhas em maior número do que as estrelas. Yoren fechou a cara.

— Não vejo necessidade. Faça o que quiser da vila, não significa nada para mim, mas deixe-nos em paz. Não somos seus adversários.

Olha com os olhos, Arya quis gritar ao homem lá embaixo.

— Mas eles não *veem* que não somos senhores nem cavaleiros? — sussurrou ela.

Material com direitos autorais

— Não acho que se importem, Arry — sussurrou Gendry em resposta.

Ela olhou para sor Amory, da maneira como Syrio a ensinara a olhar, e viu que Touro tinha razão.

— Se não são traidores, abram os portões — gritou sor Amory. — Vamos nos certificar de que estão dizendo a verdade e seguiremos caminho.

Yoren estava mastigando folhamarga.

— Já disse, não há ninguém aqui além de nós. Dou a minha palavra.

O cavaleiro com o elmo de espigão riu:

— O corvo nos dá a sua *palavra*.

— Está perdido, velho? — zombou um dos lanceiros. — A Muralha fica muito longe, a norte daqui.

— Ordeno-lhe uma vez mais, em nome do rei Joffrey, que prove a lealdade que alega e que abra esses portões — gritou sor Amory.

Por um longo momento Yoren refletiu, mastigando. Então, cuspiu.

— Acho que não.

— Assim seja. Desafiam as ordens do rei, e assim proclamam-se rebeldes, com ou sem mantos negros.

— Tenho garotos novos aqui dentro — gritou Yoren.

— Garotos novos e homens velhos morrem da mesma forma.

Sor Amory ergueu um punho frouxo e uma lança voou das sombras brilhantes de fogo atrás dele. Yoren devia ser o alvo, mas foi Woth, a seu lado, quem foi atingido. A ponta da lança penetrou na sua garganta e explodiu na parte de trás do pescoço, escura e úmida. Woth agarrou o cabo e caiu, sem forças, da passarela.

Material com direitos autorais

— Assaltem as muralhas e matem todos — ordenou sor Amory numa voz entediada. Mais lanças voaram. Arya puxou Torta Quente para baixo pela parte de trás da túnica. De fora veio o clangor das armaduras, o roçar de espadas em bainhas, o bater de lanças em escudos, misturados com xingamentos e o ruído dos cascos de cavalos a galope. Um archote voou, rodopiando, por cima das suas cabeças, arrastando dedos de fogo enquanto atingia a terra do pátio.

— *Lâminas!* — gritou Yoren. — Espalhem-se, defendam a muralha onde quer que eles ataquem. Koss, Urreg, guardem a poterna. Lommy, arranque aquela lança de Woth e suba para o lugar onde ele estava.

Torta Quente deixou cair sua espada curta quando tentou desembainhá-la. Arya procurou enfiar a espada de volta na sua mão.

— Eu não sei lutar com espada — disse ele, os olhos esbugalhados.

— É fácil — respondeu Arya, mas a mentira morreu na sua garganta quando uma mão agarrou o topo da balaustrada. Viu-a à luz de uma vila que ardia, com tanta clareza que era como se o tempo tivesse parado. Os dedos eram rudes, cheios de calos, hirsutos pelos negros cresciam entre os nós e havia sujeira sob a unha do polegar. *O medo corta mais profundamente do que as espadas*, recordou quando o topo de um elmo redondo surgiu atrás da mão.

Brandiu a espada com força para baixo, e o aço forjado em castelo da Agulha atingiu os dedos entre as articulações.

— *Winterfell!* — gritou ela. Jorrou sangue, dedos voaram, e o rosto com o elmo desapareceu tão subitamente como surgira.

— Atrás de você! — berrou Torta Quente. Arya rodopiou. O segundo homem tinha barba, não possuía um elmo e trazia o punhal

Material com direitos autorais

entre os dentes, a fim de deixar ambas as mãos livres para escalar. No momento em que passava a perna sobre o parapeito, ela apontou a espada em direção aos seus olhos. A Agulha não chegou a tocá-lo; o homem recuou e caiu. *Espero que caia de cara e corte a língua*.

— Olhe para *eles*, não para mim! — gritou ela para Torta Quente. Na vez seguinte em que alguém tentou escalar sua parte da muralha, o garoto golpeou as mãos do invasor com a espada curta até o homem cair.

Sor Amory não tinha escadas, mas as muralhas da fortificação eram rudes e sem argamassa, fáceis de escalar, e os inimigos pareciam não ter fim. A cada um que Arya cortava, apunhalava ou empurrava para trás, outro surgia sobre a muralha. O cavaleiro do elmo com espigão atingiu o baluarte, mas Yoren prendeu seu estandarte negro em volta do espigão dele e forçou a ponta do punhal a penetrar na sua armadura, enquanto o homem lutava com o tecido. Toda vez que Arya olhava para cima, via mais tochas voando, arrastando longas línguas de chamas que persistiam em seus olhos. Viu um leão dourado numa bandeira vermelha e pensou em Joffrey, desejando que ele estivesse ali para que pudesse enfiar Agulha na sua cara desdenhosa. Quando quatro homens assaltaram o portão com machados, Koss abateu-os com flechas, um por um. Dobber lutou com um homem corpo a corpo, conseguindo empurrá-lo para fora da muralha, e Lommy esmagou sua cabeça com uma pedra antes que pudesse se levantar e festejou, até ver a faca na barriga de Dobber e compreender que ele também não voltaria a se levantar. Arya saltou por cima de um rapaz morto, que não devia ser mais velho do que Jon, que jazia com o braço

Material com direitos autorais

arrancado. Não achava que tivesse sido ela quem fizera aquilo, mas não tinha certeza. Ouviu Qyle suplicar por misericórdia antes que um cavaleiro com uma vespa no escudo esmagasse sua cara com uma maça. Tudo cheirava a sangue, fumaça, ferro e mijo, mas depois de algum tempo aquilo parecia ser um cheiro só. Não chegou a ver como o homem magro subiu a muralha, mas quando o fez, caiu sobre ele com Gendry e Torta Quente. A espada de Gendry estilhaçou-se no elmo do homem, arrancando-o da sua cabeça. Por baixo, era careca e parecia assustado, com dentes faltando e uma barba salpicada de cinza. Embora sentisse pena dele, Arya o matou, gritando "*Winterfell! Winterfell!*", enquanto Torta Quente gritava "*Torta Quente!*" a seu lado, dando estocadas no pescoço esquelético do homem.

Depois que o homem magro morreu, Gendry roubou sua espada e saltou para o pátio, para lutar com mais alguns. Arya olhou para além dele e viu sombras de aço que corriam pela fortificação, luz do fogo brilhando em cota de malha e em lâminas e compreendeu que tinham subido a muralha em algum ponto, ou aberto caminho pela poterna. Saltou para junto de Gendry, aterrissando do modo que Syrio lhe ensinara. A noite ressoava com o estrondo de aço e os gritos dos feridos e dos moribundos. Por um momento, Arya ficou perdida, sem saber para onde ir. Havia morte por todo lado.

E então Yoren estava ali, sacudindo-a, gritando na sua cara.

— *Rapaz!* — gritou, do jeito que gritava sempre aquela palavra. — *Sai*, acabou, perdemos. Reúna todos os que puder, você, ele e os outros, os garotos, e tire-os daqui. *Já!*

— Como? — Arya não sabia o que fazer.

— O alçapão — gritou ele. — Debaixo do celeiro!

Material com direitos autorais

E nesse mesmo instante desapareceu, correndo de volta à luta, de espada na mão. Arya agarrou Gendry pelo braço.

— Ele disse para *irmos*! O celeiro, a rota de fuga!

Pelas fendas no elmo, os olhos do Touro brilharam com fogo refletido e ele fez sinal que entendera. Chamaram Torta Quente da muralha e encontraram Lommy Mãos-Verdes onde jazia, sangrando por causa de uma lança atravessada na panturrilha. Também encontraram Gerren, mas estava ferido demais para se mover. Enquanto corriam na direção do celeiro, Arya vislumbrou a menina chorona sentada no meio do caos, rodeada de fumaça e matança. Pegou-a pela mão e botou-a de pé, enquanto os outros se apressavam em seguir em frente. A menina não queria andar, mesmo depois de estapeada. Arya arrastou-a com a mão direita enquanto segurava a Agulha com a esquerda. Em frente, a noite era de um vermelho lúgubre. *O celeiro está ardendo*, pensou. Chamas lambiam as paredes de onde uma tocha havia caído na palha, e Arya conseguia ouvir os gritos dos animais encurralados lá dentro. Torta Quente saiu do celeiro.

— Arry, *anda*! Lommy *já saiu*, deixe-a se ela não quiser vir!

Teimosamente, Arya puxou a menina chorona com mais força, arrastando-a consigo. Torta Quente correu de volta para dentro do celeiro, abandonando-as… Mas Gendry voltou, com o fogo brilhando tão intensamente no seu elmo polido que os cornos pareciam cintilar em tons de laranja. Correu para elas e içou a menina chorona por sobre o ombro.

— *Corre!*

Atravessar as portas do celeiro era como correr para o interior de uma fornalha. O ar rodopiava com fumaça, e a parede dos fundos

Material com direitos autorais

era uma torrente de fogo do chão ao teto. Os cavalos e os burros escoiceavam, empinavam-se e berravam. *Pobres animais*, pensou Arya. Então viu a carroça e os três homens agrilhoados às suas traves. Dentadas estava se atirando contra as correntes, com sangue correndo dos seus braços onde os ferros prendiam seus pulsos. Rorge berrava pragas, chutando a madeira.

— Rapaz! — chamou Jaqen H'ghar. — Querido rapaz!

O alçapão aberto estava a poucos metros de distância, mas o fogo espalhava-se rapidamente, consumindo a velha madeira e a palha seca mais depressa do que Arya teria acreditado. Lembrou-se do horrível rosto queimado do Cão de Caça.

— O túnel é estreito — gritou Gendry. — Como é que a faremos passar?

— Puxe-a — gritou de volta Arya. — Empurre-a.

— Bons rapazes, amáveis rapazes — Jaqen H'gar falava e tossia ao mesmo tempo.

— *Tire de mim essas porras dessas correntes!* — gritou Rorge.

Gendry os ignorou.

— Vá primeiro, depois vai ela e depois eu. Apresse-se, o caminho é longo.

— Quando cortou a lenha — Arya lembrou-se —, onde deixou o machado?

— Lá fora, junto ao abrigo. — E olhou de relance para os homens acorrentados. — Eu antes salvaria os burros. Não há tempo.

— Leve-a! — gritou Arya. — Tire-a daqui! Vá!

O fogo bateu nas suas costas com quentes asas vermelhas quando saiu correndo do celeiro em chamas. Lá fora estava

Material com direitos autorais

abençoadamente fresco, mas havia homens morrendo por todos os lados. Viu Koss atirar a espada no chão em rendição e viu os homens matando-o ali mesmo. Havia fumaça em todo lugar. Nem sinal de Yoren, mas o machado estava onde Gendry o deixara, perto da pilha de lenha do lado de fora do abrigo. Quando o libertou da tora, uma mão revestida de cota de malha lhe agarrou o braço. Rodopiando, Arya brandiu a cabeça do machado e enterrou-a entre as pernas do homem. Não chegou a ver seu rosto, viu apenas o sangue escuro vazando entre os aros da sua cota de malha. Voltar àquele celeiro foi a coisa mais difícil que já tinha feito. Jorrava fumaça pela porta aberta como uma serpente negra que se contorcia. Arya conseguia ouvir os gritos dos pobres animais lá dentro, burros, cavalos e homens. Mordeu o lábio e atravessou as portas como uma flecha, abaixando-se até onde a fumaça não era tão espessa.

Um burro estava encurralado no interior de um anel de fogo, zurrando de terror e dor. Arya conseguia sentir o fedor de pelo queimado. O telhado também tinha se incendiado, e havia coisas caindo, fragmentos de madeira em chamas e montes de palha e feno. Arya pôs uma mão sobre a boca e o nariz. Não podia ver a carroça com a fumaça, mas ainda conseguia ouvir os gritos do Dentadas e rastejou na direção do som.

Então, uma roda surgiu na sua frente. A carroça *saltou* e moveu-se uns quinze centímetros quando Dentadas se atirou de novo contra as correntes. Jaqen a viu, mas era difícil demais respirar, quanto mais falar. Atirou o machado para dentro da carroça. Rorge o apanhou e o ergueu acima da cabeça, com rios de suor fuliginoso jorrando do seu rosto sem nariz. Arya corria, tossindo. Ouviu o aço

Material com direitos autorais

atravessando a madeira velha, e de novo, e de novo. Um instante depois, veio um *crac* sonoro como um trovão e o leito da carroça rasgou-se numa explosão de lascas.

Arya atirou-se de cabeça pelo túnel adentro e deslizou pelo chão por mais de um metro. Ficou com terra na boca, mas não se importou, o gosto era bom, era um sabor de lama, água, minhocas e vida. Debaixo da terra, o ar estava fresco e escuro. Por cima nada havia a não ser sangue, um rugido vermelho, fumaça sufocante e os gritos de cavalos moribundos. Rodou o cinto para que Agulha não ficasse no seu caminho e começou a rastejar. Tinha penetrado uns três metros e meio no túnel quando ouviu o som, como o rugido de alguma fera monstruosa, e uma nuvem de fumaça quente e poeira negra formou uma onda atrás dela, com o cheiro do inferno. Arya segurou a respiração, beijou a lama do chão do túnel e chorou. Por quem, não sabia dizer.

Material com direitos autorais

TYRION

A RAINHA NÃO ESTAVA DISPOSTA A ESPERAR POR VARYS.

— A traição já é vil o suficiente — declarou Cersei, furiosa —, mas isso é vilania da mais nua e descarada, e não preciso daquele eunuco afetado para me dizer o que deve ser feito com vilões.

Tyrion tirou as cartas da mão da irmã e comparou-as, lado a lado. Eram duas cópias, com exatamente as mesmas palavras, embora tivessem sido escritas por mãos diferentes.

— Meistre Frenken recebeu a primeira mensagem em Castelo Stokeworth — explicou o grande meistre Pycelle. — A segunda cópia chegou até nós por lorde Gyles.

Mindinho passou os dedos pela barba.

— Se Stannis se incomodou com *eles*, é mais do que certo que todos os senhores dos Sete Reinos também viram uma cópia.

— Quero essas cartas queimadas, todas elas — declarou Cersei. — Nem um sinal disso deve chegar aos ouvidos do meu filho ou do meu pai.

— Imagino que nosso pai tenha ouvido bem mais do que um sinal a essa altura — disse secamente Tyrion. — Decerto Stannis enviou uma ave para Rochedo Casterly e outra para Harrenhal. Quanto a queimar as cartas, para quê? A canção está cantada, o vinho, derramado, a meretriz, grávida. E isso não é tão terrível como parece, na verdade.

Cersei virou-se para ele com seus olhos verdes em fúria.

Material com direitos autorais

— É completamente imbecil? Leu o que ele diz? *O garoto Joffrey*, ele diz. E atreve-se a *me* acusar de incesto, adultério e traição!

Só porque é culpada. Era espantoso ver como Cersei conseguia ficar zangada por causa de acusações que sabia serem perfeitamente verdadeiras. *Se perdermos a guerra, ela devia se dedicar à pantomima, pois tem o dom*. Tyrion esperou até que a irmã terminasse e disse:

— Stannis precisa ter algum pretexto para justificar sua rebelião. Que esperava que ele escrevesse? "Joffrey é o filho e herdeiro legítimo do meu irmão, mas, apesar de tudo, pretendo tirar o trono dele"?

— Não admitirei que me chamem de prostituta!

Ora, mana, ele nunca disse que Jaime lhe pagou. Tyrion fingiu que voltava a passar os olhos pelo texto. Havia uma certa frase…

— "Feito à Luz do Senhor" — leu em voz alta. — Estranha escolha de palavras, esta.

Pycelle pigarreou.

— Essas palavras aparecem com frequência em cartas e documentos vindos das Cidades Livres. Não significam mais do que, digamos, *escrito à vista de deus*. O deus dos sacerdotes vermelhos. É o costume deles, creio.

— Varys contou-nos há alguns anos que lady Selyse tinha se tornado devota de uma sacerdotisa vermelha — lembrou-lhes Mindinho.

Tyrion bateu levemente no papel.

— E agora, ao que parece, o senhor seu esposo fez o mesmo. Podemos usar isso contra ele. Instigue o alto septão a revelar como Stannis se virou contra os deuses, tal como se virou contra seu legítimo rei…

Material com direitos autorais

— Sim, sim — disse a rainha impacientemente. — Mas, primeiro, temos de impedir que essa sujeirada se espalhe mais. O conselho deve emitir um édito. Qualquer homem que for ouvido falando de incesto ou chamando Joff de bastardo deverá perder a língua.

— Uma medida prudente — disse o grande meistre Pycelle, com a corrente do seu cargo tilintando enquanto balançava a cabeça.

— Uma loucura — suspirou Tyrion. — Quando arranca a língua de um homem, não está provando que ele é mentiroso, mas apenas dizendo ao mundo que teme o que ele possa dizer.

— Então o que *você* acha que devemos fazer? — quis saber sua irmã.

— Muito pouco. Deixe-os cochichar, pois vão se cansar da história em breve. Qualquer homem com um pingo de bom senso verá nela uma tentativa desastrada de justificar a usurpação de uma coroa. Por acaso Stannis mostra provas? Como poderia, se nunca aconteceu? — Tyrion dirigiu à irmã seu sorriso mais doce.

— É verdade — ela se obrigou a dizer. — Mas mesmo assim…

— Vossa Graça, seu irmão tem razão nisso. — Petyr Baelish juntou os dedos. — Se tentarmos silenciar esse boato, isso só lhe dará crédito. É melhor tratá-lo com desprezo, como a patética mentira que é. E, enquanto isso, combater o fogo com fogo.

Cersei mediu-o com o olhar.

— Que tipo de fogo?

— Talvez uma história da mesma natureza. Mas mais fácil de se acreditar. Lorde Stannis passou a maior parte do seu casamento afastado da esposa. Não que o culpe, pois faria o mesmo se fosse casado com lady Selyse. Em todo caso, se espalharmos que a filha dela é bastarda, e Stannis um marido traído, bem… o povo está

Material com direitos autorais

sempre ansioso por acreditar no pior em relação aos seus senhores, em especial àqueles que são tão rígidos, amargos e orgulhosos, como Stannis Baratheon.

— Ele nunca foi muito amado, é verdade. — Cersei refletiu por um momento. — Então, revidamos na sua própria moeda. Sim, gosto disso. Quem podemos indicar como amante de lady Selyse? Creio que tem dois irmãos. E um dos seus tios tem estado com ela em Pedra do Dragão durante todo esse tempo…

— Sor Axell Florent é seu castelão. — Embora Tyrion relutasse em admitir, o plano de Mindinho tinha potencial. Stannis nunca tinha se apaixonado pela esposa, mas espinhava-se como um porco-espinho quando se tratava da sua honra e era desconfiado por natureza. Se conseguissem semear a discórdia entre ele e seus seguidores, isso só fortaleceria a causa deles. — Disseram-me que a criança tem as orelhas dos Florent.

Mindinho fez um gesto desinteressado.

— Um enviado comercial de Lys uma vez observou, para mim, que lorde Stannis devia amar muito a filha, pois erigiu centenas de estátuas dela ao longo das muralhas de Pedra do Dragão. "Senhor", tive de lhe dizer, "aquilo são gárgulas." — E soltou uma pequena gargalhada. — Sor Axell poderia servir para pai de Shireen, mas, segundo a minha experiência, quanto mais bizarra e chocante for a história, mais provável é que a repitam. Stannis tem um bobo especialmente grotesco, um imbecil com a cara tatuada.

Grande meistre Pycelle olhou-o boquiaberto, horrorizado.

— Com certeza não pretende sugerir que lady Selyse levaria um *bobo* para sua cama?

Material com direitos autorais

— É preciso ser um bobo para querer se deitar com Selyse Florent — respondeu Mindinho. — Sem dúvida, Cara-Malhada me fez lembrar de Stannis. E as melhores mentiras contêm dentro de si pepitas de verdade, suficientes para dar o que pensar ao ouvinte. Ora, acontece que esse bobo é completamente devoto à menina e a segue para todo lado. Até se parecem um pouco. Shireen também tem uma cara malhada e meio congelada.

Pycelle estava perdido.

— Mas isso foi de escamagris, que quase a matou quando bebê, pobrezinha.

— Gosto mais da minha história — disse Mindinho. — E o mesmo acontecerá com o povo. A maioria acredita que, se uma mulher comer coelho durante a gravidez, dará à luz um filho com grandes orelhas de abano.

Cersei sorriu o tipo de sorriso que costumava reservar para Jaime.

— Lorde Petyr, você é uma criatura perversa.

— Obrigado, Vossa Graça.

— E um mentiroso de grande talento — acrescentou Tyrion, com menos calor. *Esse aí é mais perigoso do que eu pensava*, refletiu.

Os olhos cinza-esverdeados de Mindinho enfrentaram o olhar desigual do anão sem sinal de desconforto.

— Todos temos nossos dons, senhor.

A rainha estava envolvida demais na sua vingança para reparar na conversa.

— Chifrado por um bobo imbecil! Vão rir de Stannis em todas as tabernas deste lado do mar estreito.

— A história não deve partir de nós — observou Tyrion —, pois seria vista como uma mentira contada em proveito próprio — *que é*

Material com direitos autorais

o que ela é, é claro.

De novo, foi Mindinho quem forneceu a resposta.

— As prostitutas adoram fofocar, e acontece que possuo alguns bordéis. Sem dúvida Varys poderá plantar sementes nas cervejarias e casas de pasto.

— Varys — Cersei franziu a sobrancelha. — Onde *está* Varys?

— Eu próprio tenho pensado nisso, Vossa Graça.

— A Aranha tece suas teias secretas de dia e de noite — disse o grande meistre Pycelle em tom sinistro. — Não confio nesse homem, senhores.

— E ele fala tão bem de você... — Tyrion empurrou-se da cadeira. Acontece que sabia o que o eunuco andava fazendo, mas não era nada que os outros conselheiros precisassem ouvir. — Peço-lhes perdão, senhores. Outros assuntos me chamam.

Cersei ficou imediatamente desconfiada:

— Assuntos do rei?

— Nada com que tenha de se preocupar.

— Prefiro eu mesma avaliar isso.

— Quer estragar minha surpresa? Vou mandar fazer um presente para Joffrey. Uma pequena corrente.

— Para que ele precisaria de mais uma corrente? Tem correntes de ouro e de prata em número maior do que consegue usar. Se pensa por um instante que pode comprar o amor de Joff com presentes…

— Ora, certamente *tenho* o amor do rei, tal como ele tem o meu. E creio que ele um dia apreciará *esta* corrente mais do que todas as outras.

Material com direitos autorais

O homenzinho fez uma reverência e bamboleou-se em direção à porta.

Bronn esperava na entrada da sala do conselho para escoltá-lo de volta à Torre da Mão.

— Os ferreiros estão na sua sala de audiências, no aguardo da sua vontade — disse ele enquanto atravessavam o pátio.

— No aguardo da minha vontade. Gosto de como isso soa, Bronn. Quase parece um cortesão de verdade. A seguir, vai se ajoelhar.

— Vá se foder, anão.

— Isso é tarefa de Shae. — Tyrion ouviu lady Tanda chamando-o alegremente do topo dos degraus em espiral. Fingindo não reparar nela, bamboleou-se um pouco mais depressa. — Mande aprontar minha liteira. Deixarei o castelo assim que me livrar disso. — Dois dos Irmãos da Lua estavam de guarda na porta. Tyrion os saudou com simpatia e fez uma careta antes de começar a subir as escadas. A subida até seu quarto fazia suas pernas doerem.

Lá dentro, deparou com um rapaz de doze anos que punha roupas sobre sua cama, como uma espécie de escudeiro. Podrick Payne era tão tímido que se tornava furtivo. Tyrion nunca tinha se livrado da suspeita de que o pai lhe impusera o rapaz como piada.

— Seus trajes, senhor — murmurou o rapaz, fitando as próprias botas, quando Tyrion entrou. Mesmo quando conseguia arranjar coragem para falar, Pod nunca era capaz de olhar o interlocutor. — Para a audiência. E o seu colar. Seu colar de Mão.

— Muito bem. Ajude-me a me vestir.

O gibão era de veludo negro coberto de botões dourados em forma de cabeças de leão, e o colar, um aro de mãos de ouro

Material com direitos autorais

maciço, com os dedos de cada uma apertando o pulso da seguinte. Pod trouxe um manto de seda carmesim debruada de dourado, cortado sob medida. Num homem normal, não seria mais do que uma meia capa.

A sala privativa de audiências da Mão não era tão grande como a do rei, nem chegava a um fragmento da imensidão da sala do trono, mas Tyrion gostava dos seus tapetes myrianos, dos reposteiros nas paredes e da impressão de intimidade que dava. Quando entrou, seu intendente bradou:

— Tyrion Lannister, Mão do Rei.

Também gostava disso. O bando de ferreiros, armeiros e ferrageiros que Bronn havia reunido ficou de joelhos. Tyrion içou-se para a cadeira elevada, que ficava abaixo da redonda janela dourada, e ordenou que se levantassem.

— Bons homens, sei que estão todos atarefados, portanto, serei sucinto. Pod, por favor. — O rapaz entregou-lhe um saco de pano. Tyrion puxou o cordão que o fechava e o abriu, seu conteúdo derramou-se no tapete com um *tunc* abafado de metal batendo em lã. — Mandei fazer isso na forja do castelo. Quero outros mil iguaizinhos.

Um dos ferreiros ajoelhou-se para inspecionar o objeto: três imensos elos de aço trançavam-se, unidos.

— Uma poderosa corrente.

— Poderosa, mas curta — retrucou o anão. — Como eu, de certo modo. Desejo uma muito mais longa. Tem um nome?

— Chamam-me Pança de Ferro, meu senhor. — O ferreiro era largo e atarracado, vestido simplesmente com lã e couro, mas seus braços eram tão grossos como o pescoço de um touro.

Material com direitos autorais

— Quero todas as forjas em Porto Real dedicadas a fazer esses elos e a uni-los. Todo o trabalho restante deverá ser posto de lado. Quero todos os homens que conheçam a arte de trabalhar o metal voltados para essa tarefa, sejam eles mestres, empregados ou aprendizes. Quando subir a Rua do Aço, quero ouvir martelos tinindo dia e noite. E quero um homem, um homem forte, para me certificar de que tudo isso seja feito. Esse homem é você, Pança de Ferro?

— Pode ser que seja, meu senhor. Mas, então, e a cota de malha e as espadas que a rainha queria?

Outro ferreiro interveio:

— Sua Graça ordenou-nos que fizéssemos cotas de malha e armaduras, espadas, punhais e machados, tudo em grande quantidade. Para armar o novo corpo de manto dourado, senhor.

— Esse trabalho pode esperar — respondeu Tyrion. — A corrente primeiro.

— Meu senhor, com a sua licença. Sua Graça disse que aqueles que não cumprissem as suas metas teriam as mãos esmagadas — insistiu o ansioso ferreiro. — Esmagadas nas suas próprias bigornas, ela disse.

Querida Cersei, sempre se esforçando para que o povo nos ame.

— Ninguém terá as mãos esmagadas. Tem a minha palavra quanto a isso.

— O ferro tornou-se caro — declarou Pança de Ferro —, e essa corrente irá precisar de muito e também de coque, para os fogos.

— Lorde Baelish vai se assegurar de que tenham dinheiro à medida que forem necessitando dele — prometeu Tyrion. Esperava poder contar com Mindinho para isso. — Ordenarei à Patrulha da

Material com direitos autorais

Cidade que os ajude a encontrar ferro. Derretam todas as ferraduras da cidade, se for necessário.

Um homem mais velho avançou, ricamente vestido com uma túnica de damasco com presilhas de prata e um manto forrado de pele de raposa. Ajoelhou-se para examinar os grandes elos de aço que Tyrion havia despejado no chão:

— Senhor — anunciou com gravidade —, isto é no máximo trabalho rudimentar. Não possui arte. É tarefa adequada a ferreiros comuns, sem dúvida, a homens que dobram ferraduras e dão forma a tachos. Mas eu sou um mestre armeiro, se aprouver ao senhor. Isto não é trabalho para mim, nem para os mestres meus colegas. Fazemos espadas afiadas como canções, armaduras tais que um deus poderia usar. Mas *isto* não.

Tyrion inclinou a cabeça para o lado e ofereceu ao homem uma dose dos seus olhos desiguais.

— Qual é o seu nome, mestre armeiro?

— Salloreon, se agradar ao senhor. Se a Mão do Rei permitir, ficaria *extremamente* honrado em lhe forjar uma armadura adequada à sua Casa e elevado cargo. — Dois outros soltaram um riso abafado, mas Salloreon prosseguiu sem prestar atenção neles. — Placas e escamas, acho. As escamas douradas, brilhantes como o sol, as placas esmaltadas com um profundo carmesim Lannister. Para o elmo, sugeriria uma cabeça de demônio, coroada com altos chifres dourados. Quando cavalgar para a batalha, os homens vão se encolher de medo.

Uma cabeça de demônio, pensou Tyrion, triste, *que diz isso de mim?*

— Mestre Salloreon, pretendo lutar o resto das minhas batalhas desta cadeira. É de elos que preciso, não de chifres de demônio. Por

Material com direitos autorais

isso, permita-me que coloque nestes termos: você irá fazer elos, ou então irá usá-los. A escolha é sua.

Levantou-se e se retirou, sem dar sequer uma olhada para trás. Bronn esperava-o perto do portão com a liteira e uma escolta de Orelhas Negras a cavalo.

— Sabe para onde vamos — disse-lhe Tyrion, aceitando ajuda para entrar na liteira.

Ele tinha feito tudo o que podia para alimentar a cidade faminta. Pusera várias centenas de carpinteiros para construir barcos de pesca em vez de catapultas, abrira a Mata de Rei a qualquer caçador que se atrevesse a atravessar o rio e até enviara homens de manto dourado em busca de abastecimentos para o oeste e para o sul. Mas ainda via olhos acusadores aonde quer que fosse. As cortinas da liteira afastavam-no deles e, além disso, davam-lhe tempo livre para pensar.

Enquanto abriam o sinuoso caminho pela retorcida Rua da Sombra Negra até o sopé da Colina de Aegon, Tyrion refletiu sobre os acontecimentos da manhã. A ira de sua irmã a levara a não prestar atenção no verdadeiro significado da carta de Stannis Baratheon. Sem provas, suas acusações não eram nada; o que interessava era que tinha se denominado rei. *E o que Renly achará disso?* Não podiam se sentar *ambos* no Trono de Ferro.

Ociosamente, puxou a cortina um pouco para trás, a fim de espreitar as ruas. Orelhas Negras cavalgavam de ambos os lados, com os macabros colares em volta dos pescoços, enquanto Bronn seguia na frente para abrir caminho. Observou os transeuntes que o olhavam e fez um pequeno jogo consigo mesmo, tentando distinguir os informantes dos demais. *Aqueles que parecem mais*

Material com direitos autorais

suspeitos são provavelmente inocentes, decidiu. É com os que parecem inocentes que tenho de ter cuidado.

Seu destino ficava atrás da colina de Rhaenys, e as ruas estavam cheias de gente. Passou-se quase uma hora até que a liteira parasse de balançar. Tyrion dormitava, mas acordou abruptamente quando o movimento cessou, esfregou a areia dos olhos e aceitou a ajuda de Bronn para sair.

A casa tinha dois andares, o de baixo em pedra e o de cima em madeira. Um torreão redondo erguia-se de um canto da estrutura. Muitas das janelas tinham vitrais. Por cima da porta balançava uma lâmpada ornamentada, um globo de metal dourado e vidro escarlate.

— Um bordel — identificou Bronn. — Que pretende fazer aqui?

— O que é que normalmente se faz num bordel?

O mercenário soltou uma gargalhada.

— Shae não é suficiente?

— Ela era bastante bonita para uma acompanhante de acampamento militar, mas já não estou num acampamento. Homens pequenos têm grandes apetites, e ouvi dizer que as garotas daqui são dignas de um rei.

— O garoto já tem idade suficiente?

— Joffrey não. Robert. Esta casa era uma das suas favoritas. — *Muito embora Joffrey talvez tenha mesmo idade suficiente. Uma ideia interessante, essa.* — Se você e os Orelhas Negras quiserem se divertir, sintam-se à vontade, mas as moças da Chataya são caras. Encontrarão casas mais baratas ao longo da rua. Deixe aqui um homem que saiba onde encontrar os outros quando eu quiser retornar.

Material com direitos autorais

Bronn anuiu com um aceno.

— Como queira.

Os Orelhas Negras eram só sorrisos.

Lá dentro, uma mulher alta, vestida de sedas esvoaçantes, o esperava. Tinha pele de ébano e olhos de sândalo.

— Sou Chataya — apresentou-se, com uma profunda reverência. — E o senhor é…

— Não vamos cair no hábito dos nomes. Eles são perigosos. — O ar tinha cheiro de alguma especiaria exótica, e o chão sob seus pés mostrava um mosaico com duas mulheres entrelaçadas no amor. — Tem um estabelecimento agradável.

— Trabalhei longamente para deixá-lo assim. Fico feliz que a Mão esteja satisfeita. — A voz dela era um fluxo de âmbar, líquida, com o sotaque das longínquas Ilhas do Verão.

— Os títulos podem ser tão perigosos como os nomes — preveniu Tyrion. — Mostre-me algumas das suas garotas.

— Será um grande prazer. Descobrirá que todas elas são tão doces como belas e conhecedoras de todas as artes do amor.

Afastou-se com movimentos graciosos, obrigando Tyrion a bambolear-se o melhor que podia em cima de pernas com metade do comprimento das dela.

Por detrás de um ornamentado biombo myriano, esculpido com flores, fantasias e donzelas sonhadoras, espreitaram, sem ser vistos, uma sala comum, onde um velho tocava uma melodia alegre numa flauta. Numa alcova coberta de almofadas, um tyroshino bêbado com sua barba roxa embalava uma roliça prostituta sobre o joelho. Tinha desatado seu corpete e inclinava a taça para derramar um fino fio de vinho sobre os seios dela a fim de lambê-los. Outras duas

Material com direitos autorais

moças jogavam damas em frente a uma janela de vitral. A sardenta usava uma corrente de flores azuis no cabelo cor de mel. A outra tinha uma pele tão suave e negra como azeviche polido, grandes olhos escuros e pequenos seios pontudos. Vestiam seda leve presa à cintura com cintos de contas. A luz do sol que jorrava através do vidro colorido delineava seus belos corpos jovens através do tecido fino, e Tyrion sentiu uma agitação na virilha.

— Sugeriria, respeitosamente, a garota da pele escura — falou Chataya.

— É nova.

— Tem dezesseis anos, milorde.

Uma boa idade para Joffrey, pensou, lembrando-se do que Bronn tinha dito. Sua primeira garota tinha sido ainda mais nova. Tyrion lembrou-se de como ela pareceu tímida quando ele tirou seu vestido da primeira vez. Longos cabelos escuros e uns olhos azuis nos quais um homem podia se afogar, e foi o que aconteceu com ele. Fazia tanto tempo… *Que idiota desgraçado você é, anão.*

— Esta moça vem da sua terra natal?

— O sangue é o do Verão, milorde, mas minha filha nasceu aqui em Porto Real. — A surpresa dele deve ter transparecido no rosto, pois Chataya prosseguiu: — Meu povo considera que não há vergonha em ser visto na casa de travesseiros. Nas Ilhas do Verão, aqueles que são treinados na dádiva do prazer são muito estimados. Muitos jovens e donzelas bem-nascidas servem durante alguns anos após seu florescimento, para honrar os deuses.

— O que os deuses têm a ver com isso?

— Os deuses fizeram nossos corpos, tal como nossas almas, não é assim? Deram-nos vozes para que possamos adorá-los com canções.

Material com direitos autorais

Deram-nos mãos para que possamos construir-lhes templos. E deram-nos desejo para que possamos acasalar e adorá-los dessa forma.

— Lembre-me de dizer isso ao alto septão — retrucou Tyrion. — Se pudesse orar com o meu pau, seria muito mais religioso. — Fez um gesto com a mão. — Vou aceitar com prazer sua sugestão.

— Chamarei minha filha. Venha.

A moça encontrou-se com ele ao pé da escada. Mais alta do que Shae, embora não tão alta quanto a mãe, teve de se ajoelhar para que Tyrion a beijasse.

— Meu nome é Alayaya — disse, apenas com o mais leve toque do sotaque da mãe. — Venha, milorde. — Pegou sua mão e o levou por dois lances de escadas e por um longo salão. Arquejos e guinchos de prazer vinham de trás de uma das portas fechadas, risinhos e sussurros de outra. O pênis de Tyrion fez pressão contra os cordões dos seus calções. *Isso pode ser humilhante*, pensou, enquanto seguia Alayaya por outra escada acima até o quarto do torreão. Havia apenas uma porta. Ela o conduziu para dentro e a fechou. Dentro do quarto havia uma grande cama com dossel, um guarda-roupa alto, decorado com gravuras eróticas, e uma janela estreita de vitral num padrão de diamantes vermelhos e amarelos.

— É muito bela, Alayaya — disse-lhe Tyrion quando ficaram a sós. — Dos pés à cabeça, cada parte sua é adorável. Mas, agora, a parte que mais me interessa é a língua.

— Milorde achará minha língua bem instruída. Desde menina aprendi quando usá-la e quando não.

— Isso me agrada. — Tyrion sorriu. — Então, o que fazemos agora? Talvez tenha alguma sugestão?

Material com direitos autorais

— Sim. Se milorde quiser abrir o guarda-roupa, encontrará o que procura.

Tyrion beijou sua mão e subiu para dentro do guarda-roupa vazio. Alayaya fechou-o nas suas costas. Apalpou em busca do painel traseiro, sentiu-o deslizar sob seus dedos e o empurrou para o lado até o fim. O espaço vazio por trás da parede estava negro como breu, mas Tyrion tateou até encontrar o metal. Sua mão fechou-se em torno de uma escada vertical. Encontrou um degrau mais baixo com o pé e começou a descer. Bem abaixo do nível da rua, o poço desembocou num túnel de terra inclinado, onde foi encontrar Varys à espera com uma vela na mão.

Varys não parecia em nada consigo próprio. Via-se uma cara marcada por cicatrizes e uma barba negra por fazer sob seu capacete de espigão, e usava cota de malha sobre couro cozido, com um punhal e uma espada curta no cinto.

— Chataya o satisfez, senhor?

— Quase demais — admitiu Tyrion. — Está certo de que podemos confiar nesta mulher?

— Não estou certo de nada neste mundo volúvel e traiçoeiro, senhor. Mas Chataya não tem motivo para gostar da rainha e sabe que tem de agradecer ao senhor por livrá-la de Allar Deem. Vamos? — Ele avançou pelo túnel adentro.

Até seu jeito de andar é diferente, observou Tyrion. O cheiro de vinho amargo e alho grudava em Varys no lugar da lavanda.

— Gosto deste seu novo traje — mencionou Tyrion enquanto caminhavam.

— O trabalho que faço não me permite que cruze as ruas no meio de uma coluna de cavaleiros. Portanto, quando deixo o castelo,

Material com direitos autorais

adoto aparências mais adequadas, e assim sobrevivo para servi-lo por mais tempo.

— O couro fica bem em você. Devia ir assim à nossa próxima sessão do conselho.

— Sua irmã não aprovaria, senhor.

— Minha irmã sujaria a roupa de baixo. — Ele sorriu na escuridão. — Não vi sinais de nenhum dos seus espiões me seguindo.

— Fico grato por ouvir isso, senhor. Alguns dos homens a soldo da sua irmã também estão ao meu, sem que ela o saiba. Detestaria pensar que tivessem se tornado tão descuidados que se deixassem ver.

— Bem, *eu* detestaria pensar que tivesse escalado por dentro de guarda-roupas e sofrido os tormentos do desejo frustrado para coisa nenhuma.

— Dificilmente será para coisa nenhuma — assegurou-lhe Varys. — Eles sabem que está aqui. Se algum será ousado o bastante para entrar na casa de Chataya disfarçado de cliente, não sei dizer, mas prefiro pecar pelo excesso de cautela.

— Como é que um bordel pode ter uma entrada secreta?

— O túnel foi escavado para outra Mão do Rei, cuja honra não lhe permitia entrar abertamente numa casa dessas. Chataya guardou com cuidado o conhecimento da sua existência.

— E, no entanto, você sabia.

— Os passarinhos voam por muitos túneis escuros. Cuidado, os degraus são íngremes.

Emergiram por um alçapão no fundo de um estábulo, depois de percorrerem talvez uma distância de três quarteirões por baixo da

Material com direitos autorais

Colina de Rhaenys. Um cavalo relinchou na sua cocheira quando Tyrion deixou que o alçapão se fechasse com estrondo. Varys soprou a vela e escondeu-a numa viga, e Tyrion olhou em volta. As cocheiras estavam ocupadas por uma mula e três cavalos. Bamboleou-se até o castrado malhado e examinou seus dentes.

— Velho — disse —, e tenho as minhas dúvidas quanto ao seu fôlego.

— Não é uma montaria apta a transportá-lo em batalha, é verdade — respondeu Varys —, mas servirá, e não chamará atenção. Tal como os outros. E os cavalariços veem e ouvem apenas os animais. — O eunuco tirou um manto de um cabide. Era de tecido grosseiro, desbotado pelo sol e puído, mas de corte muito amplo. — Se me der licença. — Passou o manto sobre os ombros de Tyrion, que o envolveu dos pés à cabeça, com um capuz que podia ser puxado para a frente de modo que escondesse seu rosto em sombras. — Os homens veem aquilo que esperam ver — disse Varys enquanto puxava e ajustava o manto. — Os anões não são uma visão tão frequente como as crianças, então, o que verão será uma criança. Um garoto com um manto velho no cavalo do pai, indo tratar dos assuntos do pai. Embora fosse melhor se desse preferência a vir de noite.

— Planejo fazê-lo… depois de hoje. Nesse momento, no entanto, Shae me espera. — Tyrion instalara-a numa mansão murada no canto nordeste de Porto Real, não muito longe do mar, mas não tinha se atrevido a visitá-la por receio de ser seguido.

— Que cavalo quer?

Tyrion encolheu os ombros.

— Este serve.

Material com direitos autorais

— Vou selá-lo para o senhor. — Varys tirou sela e arreios presos em um prego.

Tyrion ajustou o pesado manto e ficou andando impacientemente de um lado para outro.

— Perdeu um conselho animado. Stannis coroou-se, ao que parece.

— Eu sei.

— Acusa meus irmãos de incesto. Pergunto a mim mesmo como terá chegado a tal suspeita.

— Talvez tenha lido um livro e visto a cor do cabelo de um bastardo, como Ned Stark e Jon Arryn antes dele. Ou talvez alguém tenha sussurrado ao seu ouvido. — O riso do eunuco não foi a pequena gargalhada habitual, mas mais profundo e gutural.

— Alguém como você, por acaso?

— Sou suspeito? Não fui eu.

— Se tivesse sido, admitiria?

— Não. Mas por que trairia um segredo que guardei durante tanto tempo? Uma coisa é enganar um rei, outra bem diferente é esconder-se do grilo nos caniços ou do passarinho na chaminé. Além disso, os bastardos estavam aí para que todos os vissem.

— Bastardos de Robert? O que há sobre eles?

— Ele gerou oito, até onde sei — respondeu Varys enquanto lutava com a sela. — As mães eram de cobre e mel, castanha e manteiga, e, no entanto, os bebês eram todos negros como corvos… e igualmente de mau agouro, ao que parece. Portanto, quando Joffrey, Myrcella e Tommen deslizaram por entre as coxas da sua irmã, todos tão dourados como o sol, não foi difícil vislumbrar a verdade.

Material com direitos autorais

Tyrion balançou a cabeça. *Se ela tivesse dado à luz um filho para o marido, teria sido o suficiente para desarmar a suspeita… Mas, nesse caso, não seria Cersei.*

— Se não foi você quem soprou no ouvido dele, quem foi?

— Algum traidor, sem dúvida. — Varys apertou a cilha.

— Mindinho?

— Não mencionei nenhum nome.

Tyrion deixou que o eunuco o ajudasse a montar.

— Lorde Varys — disse de cima da sela —, às vezes sinto que é o melhor amigo que tenho em Porto Real, e, às vezes, que é meu pior inimigo.

— Que estranho. Penso em você praticamente da mesma forma.

Material com direitos autorais

BRAN

MUITO ANTES QUE OS PRIMEIROS pálidos dedos de luz se intrometessem através das venezianas de Bran, seus olhos já estavam abertos.

Havia convidados em Winterfell, visitantes vindos para a festa das colheitas. De manhã, iriam lutar com estafermos no pátio. Em outros tempos, essa perspectiva teria enchido o garoto de entusiasmo, mas isso havia sido *antes*.

Agora não. Os Walder iriam quebrar lanças com os escudeiros da escolta de lorde Manderly, mas Bran não participaria. Teria de fazer o papel de príncipe no aposento privado do pai.

— Escute, e talvez aprenda alguma coisa sobre o que significa ser um senhor — dissera-lhe meistre Luwin.

Bran nunca pedira para ser um príncipe. Era com a cavalaria que sempre sonhara; armaduras reluzentes e estandartes tremulando, lanças e espadas, um cavalo de batalha entre as pernas. Por que teria de desperdiçar seus dias ouvindo velhos falando de coisas que só compreendia parcialmente? *Porque está enfraquecido*, lembrou-lhe uma voz no seu interior. Um senhor na sua cadeira almofadada podia ser aleijado. Os Walder diziam que o avô era tão frágil que tinha de ser levado para todo o lado numa liteira. Mas um cavaleiro no seu corcel de batalha não podia. Além disso, era o seu dever.

— É herdeiro do seu irmão e o Stark em Winterfell — dissera sor Rodrik, recordando-lhe como Robb costumava acompanhar o senhor seu pai quando os vassalos vinham vê-lo.

Material com direitos autorais

Lorde Wyman Manderly chegara de Porto Branco dois dias antes, viajando de saveiro e liteira, pois era gordo demais para montar a cavalo. Com ele viera uma longa coluna de servidores: cavaleiros, escudeiros, senhores e senhoras de menor importância, arautos, músicos, até um malabarista, num esplendor de estandartes e capas que pareciam ter meia centena de cores. Bran lhes tinha dado as boas-vindas a Winterfell sentado no cadeirão de pedra do pai, com os lobos-gigantes esculpidos nos braços, e mais tarde sor Rodrik disse que ele tinha se portado bem. Se tivesse sido só aquilo, não teria se importado. Mas foi apenas o começo.

— O festim é um pretexto agradável — explicou sor Rodrik —, mas um homem não atravessa quinhentos quilômetros por uma fatia de pato e um gole de vinho. Só aqueles que têm assuntos importantes para submeter à nossa consideração fazem tal viagem.

Bran olhou para cima, para o rude teto de pedra sobre sua cabeça. Sabia que Robb lhe diria para não agir como um garotinho. Quase conseguia ouvi-lo, e também o senhor seu pai. *O inverno está chegando, e você é quase um homem-feito, Bran. Tem um dever a cumprir.*

Quando Hodor entrou pela porta, apressado, sorrindo e cantarolando sem melodia, encontrou o rapaz resignado ao seu destino. Juntos, deixaram-no lavado e escovado.

— Hoje quero o gibão de lã branca — ordenou Bran. — E o broche de prata. Sor Rodrik vai querer que eu tenha um ar senhorial.

Até onde era capaz, Bran preferia se vestir sozinho, mas havia algumas tarefas, como vestir os calções e amarrar as botas, que o atormentavam. Eram mais rápidas com a ajuda de Hodor. Uma vez

Material com direitos autorais

ensinado a fazer alguma coisa, o gigante fazia-a com habilidade. Suas mãos eram sempre suaves, embora tivesse uma força espantosa.

— Você também poderia ter sido um cavaleiro, aposto — disse-lhe Bran. — Se os deuses não tivessem levado sua esperteza, teria sido um grande cavaleiro.

— Hodor? — O gigante piscou para ele seus olhos castanhos e francos, olhos inocentes de compreensão.

— Sim. Hodor — apontou Bran.

Na parede ao lado da porta estava pendurado um cesto, feito de vime e couro, muito firme, com buracos cortados para as pernas de Bran. Hodor enfiou os braços nas correias, cingiu bem o grande cinto ao peito, e, depois, ajoelhou-se ao lado da cama. Bran usou as barras presas na parede para se segurar, enquanto balançava o peso morto das suas pernas para dentro do cesto e através dos buracos.

— Hodor — repetiu o gigante, erguendo-se.

O cavalariço tinha quase dois metros de altura; às suas costas, a cabeça de Bran quase raspava no teto. Abaixou-se bem quando passaram pela porta. Certa vez, Hodor sentira o cheiro de pão assando e *correu* para as cozinhas, e Bran acabou por dar uma pancada tão forte na cabeça que meistre Luwin teve de dar pontos no seu couro cabeludo. Mikken dera-lhe um velho elmo enferrujado e sem visor que tinha no arsenal, mas Bran raramente o usava. Os Walder riam sempre que o viam em sua cabeça.

Bran colocou as mãos nos ombros de Hodor enquanto desciam a escada em caracol. Lá fora, no pátio, já soavam os sons das espadas, dos escudos e dos cavalos. Faziam uma doce música. *Vou só dar uma espiada*, Bran pensou, *uma espiada rápida, só isso*.

Material com direitos autorais

Os fidalgos de Porto Branco sairiam mais tarde, com seus cavaleiros e homens de armas. Até lá, o pátio pertencia aos seus escudeiros, cujas idades iam dos dez aos quarenta anos. Bran desejou tanto ser um deles que seu estômago doeu.

Tinham sido colocados no pátio dois estafermos, e cada um deles era composto de um robusto poste, que sustentava uma trave mestra giratória com um escudo numa ponta e um alvo almofadado na outra. Os escudos tinham sido pintados de vermelho e dourado, embora os leões Lannister fossem granulosos e deformados e já estivessem bem marcados pelos primeiros rapazes que arremeteram contra eles.

A visão de Bran no cesto atraiu olhares daqueles que não o tinham visto antes, mas ele tinha aprendido a ignorar olhares. Pelo menos tinha uma boa vista; às costas de Hodor, ficava acima de todo mundo. Viu que os Walder estavam montando. Tinham trazido boas armaduras das Gêmeas, placas brilhantes e prateadas com relevos em esmalte azul. A cimeira do elmo do Grande Walder tinha formato de um castelo, enquanto o Pequeno Walder preferia flâmulas de seda azul e cinza. Seus escudos e capas também os distinguiam um do outro. O Pequeno Walder esquartelava as torres gêmeas de Frey com o javali malhado da Casa da avó e o lavrador da Casa da mãe: Crakehall e Darry, respectivamente. Os quartéis do Grande Walder eram a árvore com corvos da Casa Blackwood e as sinuosas serpentes dos Paege. *Devem estar famintos de honra*, Bran pensou, enquanto os observava pegando as lanças. *Um Stark necessita apenas do lobo-gigante*.

Seus corcéis cinza rajados eram rápidos, fortes e otimamente treinados. Lado a lado, carregaram contra os estafermos. Ambos

Material com direitos autorais

atingiram bem os escudos e já tinham passado à vontade quando os alvos almofadados rodopiaram por trás deles. O Grande Walder deu o golpe mais forte, mas Bran achou que o Pequeno Walder montou melhor. Teria dado ambas as suas pernas inúteis pela oportunidade de defrontar qualquer um deles.

O Pequeno Walder jogou fora a lança estilhaçada, viu Bran e freou o cavalo.

— Ora, eis aí um cavalo feio — disse, referindo-se a Hodor.

— Hodor não é nenhum cavalo — reagiu Bran.

— Hodor — ecoou Hodor.

O Grande Walder juntou-se ao primo a trote.

— Bem, ele não é tão *esperto* quanto um cavalo, isso é certo. — Alguns rapazes de Porto Branco acotovelaram-se e riram.

— Hodor. — Sorrindo jovialmente, Hodor olhou um Frey após outro, sem reparar na zombaria. — Hodor Hodor?

A montaria do Pequeno Walder relinchou.

— Está vendo, eles estão falando um com o outro. Talvez *hodor* queira dizer "te amo" em cavalês.

— Cala a boca, Frey. — Bran sentia que estava ficando vermelho.

O Pequeno Walder esporeou o cavalo e se aproximou, empurrando Hodor para trás.

— E o que você vai fazer se eu não me calar?

— Soltar o lobo em cima de você, primo — avisou Grande Walder.

— Deixa. Sempre quis um manto de pele de lobo.

— Verão arrancaria essa sua cabeça gorda — retrucou Bran.

O Pequeno Walder bateu na placa peitoral com um punho revestido de cota de malha.

Material com direitos autorais

— Seu lobo tem dentes de aço para morder através da placa de aço e cota de malha?

— *Basta!* — A voz do meistre Luwin abriu caminho através do clangor do pátio, sonora como um trovão. Bran não sabia dizer quanto da conversa o meistre tinha ouvido, mas era claro que havia sido o bastante para irritá-lo. — Essas ameaças são impróprias e não quero ouvir mais nenhuma. É assim que se comporta nas Gêmeas, Walder Frey?

— Se eu quiser.

De cima do seu corcel, o Pequeno Walder lançou a Luwin um olhar mal-humorado, como se dissesse: *Você é só um meistre. Quem se julga para repreender um Frey da Travessia?*

— Bem, mas não é assim que os protegidos de lady Catelyn devem se comportar em Winterfell. O que causou isso? — O meistre olhou para os garotos, um a um. — Um de vocês vai me contar, juro, senão…

— Estávamos brincando com Hodor — confessou Grande Walder. — Lamento se ofendemos o príncipe Bran. Só queríamos ser divertidos. — Ele tinha, pelo menos, a elegância de parecer envergonhado.

O Pequeno Walder parecia apenas impertinente:

— Eu também — disse. — Só estava sendo divertido.

Bran via que o ponto calvo no topo da cabeça do meistre tinha se tornado vermelho; se havia alguma diferença, Luwin estava mais zangado do que antes.

— Um bom senhor conforta e protege os fracos e indefesos — disse ele aos Frey. — Não vou admitir que façam de Hodor o alvo de brincadeiras cruéis, estão me ouvindo? Ele é um rapaz de bom

Material com direitos autorais

coração, cumpridor e obediente, o que é mais do que posso dizer de qualquer um de vocês. — O meistre brandiu um dedo para o Pequeno Walder. — E você vai ficar *fora* do bosque sagrado e longe daqueles lobos, senão responderá por isso. — Com as mangas esvoaçando, deu meia-volta, seguiu com alguns passos rápidos e lançou um olhar para trás. — Bran. Venha. Lorde Wyman espera.

— Hodor, siga o meistre — ordenou Bran.

— Hodor — ecoou o gigante. Seus longos passos alcançaram o bater furioso dos pés do meistre nos degraus da Grande Fortaleza. Meistre Luwin manteve a porta aberta, Bran abraçou o pescoço de Hodor e abaixou-se enquanto a atravessavam.

— Os Walder… — começou.

— Não quero ouvir mais nada sobre isso, acabou. — Meistre Luwin parecia desgastado e esgotado. — Teve razão em defender Hodor, mas nunca deveria ter ido lá. Sor Rodrik e lorde Wyman já quebraram o jejum enquanto o aguardavam. Tenho de vir em pessoa buscá-lo, como se fosse uma criança pequena?

— Não — respondeu Bran, envergonhado. — Lamento. Eu só queria…

— Eu sei o que queria. — A voz de meistre Luwin soou mais gentil. — Gostaria que isso fosse possível, Bran. Quer me fazer alguma pergunta antes de darmos início a esta audiência?

— Vamos falar de guerra?

— Você não irá falar de nada. — A aspereza tinha voltado à voz de Luwin. — Você é ainda uma criança de oito anos…

— Quase nove!

— Oito — repetiu o meistre com firmeza. — Não diga nada além de cortesias, a menos que sor Rodrik ou lorde Wyman lhe façam

Material com direitos autorais

uma pergunta.

Bran fez um aceno.

— Lembrarei disso.

— Não direi nada a sor Rodrik sobre o que houve entre você e os rapazes Frey.

— Obrigado.

Puseram Bran na cadeira de carvalho do pai, com as almofadas de veludo cinza, por trás de uma longa mesa de armar. Sor Rodrik sentou-se ao seu lado direito e meistre Luwin, ao esquerdo, armado com penas, frascos de tinta e um molho de pergaminhos em branco para escrever tudo o que acontecesse. Bran passou uma mão pela madeira áspera da mesa e pediu desculpas a lorde Wyman pelo atraso.

— Ora, nenhum príncipe jamais se atrasa — respondeu o Senhor de Porto Branco amavelmente. — Os que chegam antes dele chegaram cedo, só isso. — Wyman Manderly tinha uma grandiosa gargalhada ressonante. Pouco admirava que não conseguisse se sentar numa sela; parecia pesar mais do que a maioria dos cavalos. Tão eloquente como era vasto, começou pedindo a Winterfell que confirmasse os novos oficiais da alfândega que tinha nomeado para Porto Branco. Os antigos tinham andado segurando prata para Porto Real em vez de pagá-la ao novo Rei no Norte. — Rei Robb também precisa da sua própria moeda — declarou —, e Porto Branco é o lugar ideal para cunhá-la. — Ofereceu-se para se encarregar do assunto, se o rei desejasse, e depois passou a falar de como havia reforçado as defesas do porto, detalhando o custo de cada melhoramento.

Material com direitos autorais

Além de uma casa de cunhagem, lorde Manderly também propôs construir uma frota de guerra para Robb.

— Há centenas de anos que não temos força no mar, desde que Brandon, o Incendiário, ateou fogo nos navios do pai. Concedam-me o ouro necessário, e ainda este ano porei para flutuar galés em número suficiente para tomar tanto Pedra do Dragão como Porto Real.

O interesse de Bran foi despertado pela menção feita a navios de guerra. Ninguém lhe perguntou, mas achou a ideia de lorde Wyman magnífica. Na imaginação já conseguia vê-los e se perguntava se um aleijado havia alguma vez comandado um navio de guerra. Mas sor Rodrik prometeu apenas enviar a proposta para consideração de Robb, enquanto meistre Luwin arranhava o pergaminho.

O meio-dia chegou e passou. Meistre Luwin mandou Tym Bexiguento para as cozinhas e almoçaram queijo, capões e pão preto de aveia no aposento privado. Enquanto estraçalhava uma ave com dedos gordos, lorde Wyman inquiriu polidamente a respeito de lady Hornwood, que era sua prima.

— Ela nasceu como uma Manderly, sabe? Talvez, quando seu luto terminar, queira voltar a ser uma Manderly, hein? — Arrancou uma mordida da asa e deu um largo sorriso. — Ora, acontece que sou viúvo há oito anos. Já é mais que hora de tomar outra esposa, não concordam, senhores? Um homem se sente só. — Pondo os ossos de lado, estendeu a mão até a perna. — Ou se a senhora preferir um rapaz mais novo, bem, meu filho Wendel também não está casado. Ele foi para o Sul a fim de guardar lady Catelyn, mas sem dúvida desejará arranjar uma noiva na volta. Um rapaz valente

Material com direitos autorais

e alegre, o homem certo para ensiná-la a rir de novo, hein? — Limpou um pouco de gordura do queixo com a manga da túnica.

Bran ouvia o estrondo distante de armas que entrava pelas janelas. Não tinha o menor interesse em casamentos. *Gostaria de estar lá embaixo no pátio*.

O senhorio esperou, até que a mesa fosse limpa, antes de puxar o assunto de uma carta que tinha recebido de lorde Tywin Lannister, que mantinha prisioneiro seu filho mais velho, sor Wylis, capturado no Ramo Verde.

— Oferece-me sem resgate, sob a condição de eu retirar de Sua Graça meus recrutas e jurar parar de lutar.

— Vai recusar, é claro — exclamou sor Rodrik.

— A esse respeito, nada temam — garantiu-lhes o lorde. — Rei Robb não tem servidor mais leal do que Wyman Manderly. No entanto, reluto em deixar meu filho em Harrenhal mais tempo do que o devido. Aquele lugar é mau. Dizem que é amaldiçoado. Não que eu seja o tipo de homem que engula essas histórias, mas, mesmo assim, é o que é. Vejam o que aconteceu àquele Janos Slynt. Feito Senhor de Harrenhal pela rainha e deposto pelo irmão dela. Enviado para a Muralha, segundo dizem. Peço que alguma troca equitativa de prisioneiros possa ser acordada em breve. Sei que Wylis não gostaria de ficar esperando até a guerra acabar. Aquele meu filho é galante e feroz como um mastim.

Bran sentia os ombros rígidos por ter ficado sentado na mesma cadeira durante toda a audiência. E naquela noite, quando se sentava à mesa para jantar, soou uma trompa para anunciar a chegada de outro hóspede. Lady Donella Hornwood não trazia uma comitiva de cavaleiros e servidores; era apenas ela e seis fatigados

Material com direitos autorais

homens de armas com uma cabeça de alce nos seus poeirentos librés laranja.

— Lamentamos muito tudo o que tem sofrido, senhora — disse Bran quando ela veio à sua presença para saudá-lo. Lorde Hornwood havia sido morto na batalha do Ramo Verde, e seu único filho abatido no Bosque dos Murmúrios. — Winterfell vai se lembrar.

— É bom saber disso. — Era uma pálida casca de mulher, com o rosto marcado pelo luto. — Estou muito cansada, senhor. Se me der licença para descansar, ficarei grata.

— Com certeza — respondeu sor Rodrik. — Haverá tempo bastante para conversar amanhã.

Quando o dia seguinte chegou, a maior parte da manhã foi dedicada a falar de cereais, verduras e da salga de carne. Quando os meistres na sua Cidadela proclamavam a chegada do outono, os homens sensatos separavam uma parte de cada colheita… Se bem que o tamanho dessa parte era assunto que parecia necessitar de muita discussão. Lady Hornwood estava armazenando um quinto da sua colheita. Obedecendo à sugestão de meistre Luwin, prometeu aumentar esse valor para um quarto.

— O bastardo de Bolton está reunindo homens no Forte do Pavor — preveniu-os. — Espero que pretenda levá-los para o Sul e ir se juntar ao pai nas Gêmeas, mas quando mandei saber quais eram as suas intenções, mandou-me dizer que nenhum Bolton seria alguma vez interrogado por uma mulher. Como se fosse legítimo e tivesse direito àquele nome.

— Lorde Bolton nunca reconheceu o rapaz, que eu saiba — disse sor Rodrik. — Confesso que não o conheço.

Material com direitos autorais

— Poucos conhecem — respondeu ela. — Viveu com a mãe até dois anos atrás, quando o jovem Domeric morreu e deixou Bolton sem herdeiro. Foi aí que trouxe o bastardo para o Forte do Pavor. Todos dizem que o rapaz é uma criatura ardilosa e tem um criado que é quase tão cruel como ele. Chamam o homem de Fedor. Dizem que nunca toma banho. Os dois caçam juntos, o Bastardo e este Fedor, e não são veados o que caçam. Ouvi histórias, coisas em que quase não acredito, mesmo dizendo respeito a um Bolton. E agora que o senhor meu esposo e o meu querido filho foram encontrar os deuses, o Bastardo olha com fome para as minhas terras.

Bran desejou dar à senhora cem homens para defender os seus direitos, mas sor Rodrik disse apenas:

— Ele pode olhá-las, mas, se fizer mais do que isso, prometo-lhe que as consequências serão severas. Estará bastante segura, senhora… Embora talvez, a seu tempo, quando seu luto passar, fosse prudente voltar a se casar.

— Já passei do tempo em que podia dar à luz, e a beleza que tive há muito fugiu — respondeu ela com um meio sorriso fatigado —, mas os homens vêm me farejar como nunca fizeram quando era donzela.

— Não vê com bons olhos esses pretendentes? — perguntou Luwin.

— Casarei de novo se Sua Graça ordenar — respondeu ela —, mas Mors Papa-Corvos é um bruto bêbado, e mais velho do que meu pai. Quanto ao meu nobre primo Manderly, a cama do meu senhor não é suficientemente grande para aguentar um homem de

Material com direitos autorais

tal majestade, e eu sou certamente pequena e frágil demais para me deitar por baixo dele.

Bran sabia que os homens dormiam em cima das mulheres quando dividiam a cama. Imaginava que dormir debaixo de lorde Manderly seria como estar embaixo de um cavalo caído. Sor Rodrik dirigiu à viúva um aceno compreensivo.

— Terá outros pretendentes, senhora. Tentaremos encontrar um pretendente mais do seu agrado.

— Talvez não precise procurar muito longe, sor.

Depois de ela ter se retirado, meistre Luwin sorriu.

— Sor Rodrik, creio que a senhora o aprecia.

Sor Rodrik pigarreou e pareceu desconfortável.

— Ela estava muito triste — comentou Bran.

Sor Rodrik anuiu.

— Triste e honrada. E nada deselegante para uma mulher da sua idade, apesar de toda a sua modéstia. Mas, mesmo assim, um perigo para a paz do reino do seu irmão.

— Ela? — Bran se espantou.

Foi meistre Luwin quem respondeu.

— Sem herdeiro direto, haverá com certeza muitos pretendentes disputando as terras dos Hornwood. Tanto os Tallhart como os Flint e os Karstark têm ligações com a Casa Hornwood por linha feminina, e os Glover estão criando o bastardo de lorde Harys em Bosque Profundo. O Forte do Pavor não tem nenhuma pretensão, que eu saiba, mas as terras são contíguas, e Roose Bolton não é homem que deixaria passar uma chance dessas.

Sor Rodrik puxou as suíças.

Material com direitos autorais

— Em casos assim, seu suserano deverá encontrar para ela um par adequado.

— Por que o *senhor* não poderia desposá-la? — Bran quis saber. — Disse que é elegante e Beth teria uma mãe.

O velho cavaleiro pôs uma mão no braço de Bran.

— Uma ideia amável, meu príncipe, mas sou apenas um cavaleiro e, além disso, velho demais. Poderia manter as terras dela durante alguns anos, mas, assim que morresse, lady Hornwood voltaria ao mesmo atoleiro, e os pretendentes de Beth poderiam também ser perigosos.

— Então deixe que o bastardo de lorde Hornwood seja o herdeiro — sugeriu Bran, pensando no seu meio-irmão Jon.

Sor Rodrik disse:

— Isso agradaria aos Glover e talvez à sombra de lorde Hornwood, mas não creio que lady Hornwood iria simpatizar conosco. O garoto não é do seu sangue.

— Em todo caso — disse meistre Luwin —, essa possibilidade tem de ser levada em conta. Lady Donella já passou dos seus anos férteis, como ela própria disse. Se não for o bastardo, então, quem?

— Posso me retirar? — Bran conseguia ouvir os escudeiros treinando com as espadas no pátio lá embaixo, o ressoar de aço batendo em aço.

— Como quiser, meu príncipe — anuiu sor Rodrik. — Esteve bem.

Bran corou de prazer. Ser um senhor não era tão entediante como temia, e lady Hornwood tinha sido muito mais rápida do que lorde Manderly, até lhe restavam algumas horas de dia para ir visitar

Material com direitos autorais

Verão. Gostava de passar algum tempo com seu lobo todos os dias, quando sor Rodrik e o meistre lhe permitiam.

Assim que Hodor entrou no bosque sagrado, Verão emergiu de debaixo de um carvalho, quase como se soubesse que eles estavam chegando. Bran vislumbrou um esguio vulto negro que também os observava de dentro dos arbustos.

— Felpudo — chamou. — Vem cá, Cão Felpudo. Aqui. — Mas o lobo de Rickon desapareceu tão rapidamente como havia surgido.

Hodor sabia qual era o lugar favorito de Bran e o levou para a margem da lagoa sob a grande sombra da árvore-coração, onde lorde Eddard costumava se ajoelhar para rezar. Marolas corriam pela superfície da água quando chegaram, fazendo o reflexo do represeiro tremer e dançar. Mas não havia vento. Por um instante, Bran sentiu-se desconcertado.

Então, Osha surgiu de dentro da lagoa com um grande espirrar de água, tão subitamente que até Verão saltou para trás, rosnando. Hodor afastou-se aos pulos, gemendo "*Hodor*, *Hodor*", consternado, até que Bran deu palmadinhas no seu ombro para acalmar seus medos.

— Como pode nadar aí? — perguntou a Osha. — Não é frio?

— Quando era bebê, mamei pingentes de gelo, garoto. Gosto do frio. — Osha nadou para as rochas e saiu da água, pingando. Estava nua, com a pele enrugada. Verão aproximou-se com cuidado e a farejou. — Quis tocar o fundo.

— Não sabia que havia um fundo.

— Talvez não haja. — Ela sorriu. — O que está olhando, rapaz? Nunca viu uma mulher?

Material com direitos autorais

— Vi, claro. — Bran tinha tomado banho com as irmãs centenas de vezes e também tinha visto criadas nas lagoas quentes. Mas Osha parecia diferente, dura e angulosa, em vez de macia e cheia de curvas. Suas pernas eram só tendões, os seios achatados como duas bolsas vazias. — Tem um monte de cicatrizes.

— Todas elas duramente conquistadas. — Osha pegou a camisa marrom, sacudiu dela algumas folhas e a enfiou pela cabeça.

— Lutando contra gigantes? — Osha dizia que ainda havia gigantes para lá da Muralha. *Um dia talvez eu até veja um…*

— Lutando contra homens. — Amarrou um pedaço de corda em torno da cintura para fazer de cinto. — Corvos negros, normalmente. E matei um, sim — vangloriou-se Osha, sacudindo o cabelo. Tinha crescido desde que viera para Winterfell, e já passava das suas orelhas. Parecia mais suave do que a mulher que antes tentara assaltá-lo e matá-lo na Mata de Lobos. — Ouvi algum falatório hoje na cozinha a respeito de você e daqueles Frey.

— Quem? O que disseram?

Osha dirigiu-lhe um sorriso amargo.

— Que um garoto que caçoa de um gigante é um tolo, e que é um mundo louco aquele em que um aleijado tem de defendê-lo.

— Hodor não chegou a perceber que estavam caçoando dele — respondeu Bran. — Seja como for, ele nunca luta.

Lembrou-se de uma vez, quando era pequeno, a caminho da praça do mercado com a mãe e a septã Mordane. Tinham trazido Hodor como carregador, mas ele tinha se afastado e, quando foram encontrá-lo, uns garotos o tinham encurralado numa viela, atormentando-o com paus. "*Hodor!*", gritava o gigante, enrolando-

Material com direitos autorais

se com medo e cobrindo-se com os braços, mas não chegou a levantar uma mão contra aqueles que o atormentavam.

— Septão Chayle diz que ele tem um espírito bondoso.

— Sim — confirmou Osha —, e mãos com força suficiente para arrancar do pescoço a cabeça de um homem, se resolver fazê-lo. Em todo caso, é melhor que ele tome cuidado perto daquele Walder. Ele, e você também. O grande a quem chamam pequeno, cá para mim, tem o nome bem dado. Grande por fora, pequeno por dentro, e malvado até os ossos.

— Ele nunca se atreveria a me fazer mal. Tem medo do Verão, não importa o que diga.

— Então, pode ser que não seja tão estúpido como parece. — Osha era sempre cautelosa perto dos lobos-gigantes. No dia em que tinha sido capturada, Verão e Vento Cinzento haviam rasgado três selvagens em pedaços ensanguentados. — Ou pode ser que seja. E isso também cheira a problema. — Ela prendeu o cabelo. — Teve mais daqueles sonhos de lobo?

— Não. — Bran não gostava de falar dos sonhos.

— Um príncipe deveria mentir melhor que isso. — Osha soltou uma gargalhada. — Bem, seus sonhos são assunto seu. Os meus estão nas cozinhas, e é melhor que eu volte antes que Gage comece a gritar e a sacudir aquela sua grande colher de madeira. Com a sua licença, meu príncipe.

Ela nunca devia ter falado dos sonhos de lobo, Bran pensou, enquanto Hodor subia com ele os degraus que levavam ao seu quarto. Lutou contra o sono o máximo que pôde, mas, por fim, foi tomado por ele, como sempre. Naquela noite, sonhou com o represeiro. A árvore o estava olhando com seus profundos olhos vermelhos, chamando-o

Material com direitos autorais

com sua retorcida boca de madeira, e dos galhos brancos desceu voando o corvo de três olhos, dando bicadas na sua cara e gritando seu nome com uma voz afiada como espadas.

O som das trombetas o acordou. Bran ficou de lado, grato pelo adiamento do sonho. Ouviu cavalos e gritos rudes. *Chegaram mais hóspedes e, pelo barulho que fazem, vêm meio bêbados.* Agarrando-se às barras, puxou-se da cama e foi até o banco de janela. No estandarte dos recém-chegados, via-se um gigante com correntes quebradas que lhe disse que aqueles eram homens de Umber, vindos das terras do Norte para lá do Rio Último.

No dia seguinte, dois deles vieram juntos à audiência; os tios do Grande-Jon, homens fanfarrões no inverno dos seus dias, com barbas tão brancas como os mantos de pele de urso que usavam. Um corvo tinha um dia julgado que Mors estivesse morto e bicou seu olho, por isso usava um pedaço de vidro de dragão em seu lugar. De acordo com a versão da Velha Ama, ele tinha agarrado o corvo com uma mão e arrancado sua cabeça com os dentes, por isso o chamavam Papa-Corvos. A Ama nunca dissera a Bran por que chamavam o irmão Hother de Terror das Rameiras.

Mal tinham se sentado, Mors já pedia licença para casar com lady Hornwood.

— Grande-Jon é o forte braço direito do Jovem Lobo, todos sabem que é assim. Quem melhor para proteger as terras da viúva do que um Umber, e que melhor Umber do que eu?

— Lady Donella ainda está de luto — comentou meistre Luwin.

— Tenho uma cura para o luto por baixo das minhas peles. — Mors gargalhou. Sor Rodrik agradeceu-lhe com cortesia e prometeu levar o assunto à consideração da senhora e do rei.

Material com direitos autorais

Hother queria navios.

— Selvagens andam se esgueirando do norte, em maior número do que jamais vi. Atravessam a Baía das Focas em barcos pequenos e vêm dar à nossa costa. Os corvos de Atalaialeste não são suficientes para pará-los, e eles são rápidos como doninhas para se esconder. É de dracares que precisamos, sim, e de homens fortes para manobrá-los. Grande-Jon levou muitos. Metade da nossa colheita perdeu-se por falta de braços para manejar as foices.

Sor Rodrik puxou as suíças:

— Vocês têm florestas de pinheiros altos e velhos carvalhos. Lorde Manderly tem construtores navais e marinheiros com fartura. Juntos, deveriam ser capazes de pôr na água dracares em número suficiente para defender as costas de ambos.

— Manderly? — Mors Umber fungou. — Esse grande saco bamboleante de banha? Seu próprio povo caçoa dele, chamando-o de lorde Lampreia, segundo ouvi dizer. O homem quase não consegue andar. Se espetasse uma espada na sua barriga, dez mil enguias torceriam-se para fora.

— Ele é gordo — admitiu sor Rodrik —, mas não é bobo. Irá trabalhar com ele, caso contrário o rei ficará sabendo o porquê.

E, para espanto de Bran, os truculentos Umber concordaram em fazer o que ele ordenava, embora não sem resmungos. Enquanto decorria a audiência, os homens dos Glover chegaram de Bosque Profundo, e um grande grupo dos Tallhart, de Praça de Torrhen. Galbart e Robett Glover tinham deixado Bosque Profundo nas mãos da esposa de Robett, mas foi seu intendente que veio até Winterfell.

Material com direitos autorais

— Minha senhora pede que perdoem sua ausência. Seus bebês são novos demais para uma viagem dessas e ela estava relutante em se separar deles.

Bran compreendeu rapidamente que era o intendente, e não lady Glover, quem realmente governava em Bosque Profundo. O homem admitiu que estava, por enquanto, armazenando apenas um décimo da colheita. Afirmou que um vidente lhe tinha dito que haveria um farto verão dos espíritos antes que o frio se instalasse. Meistre Luwin tinha uma quantidade de coisas interessantes a dizer acerca de videntes. Sor Rodrik ordenou ao homem que separasse um quinto e o interrogou detalhadamente a respeito do bastardo de lorde Hornwood, o garoto Larence Snow. No Norte, todos os bastardos bem-nascidos adotavam o sobrenome *Snow*. Esse rapaz tinha quase doze anos, e o intendente elogiou sua inteligência e coragem.

— Sua ideia sobre o bastardo pode ter mérito, Bran — disse meistre Luwin mais tarde. — Um dia será um bom senhor para Winterfell, penso eu.

— Não serei, não. — Bran sabia que nunca seria um senhor, tal como não podia ser um cavaleiro. — Robb deverá se casar com uma moça Frey qualquer, foi você quem me disse, e os Walder dizem o mesmo. Ele terá filhos e serão eles os senhores de Winterfell depois dele, não eu.

— Pode ser assim, Bran — interveio sor Rodrik. — Mas eu fui casado por três vezes, e as minhas esposas me deram filhas. Agora só me resta Beth. Meu irmão Martyn foi pai de quatro filhos fortes, mas só Jory sobreviveu até ser homem. Quando foi morto, a

Material com direitos autorais

linhagem de Martyn morreu também. Quando falamos do amanhã, nada é certo.

Leobald Tallhart teve sua vez no dia seguinte. Falou de presságios meteorológicos e do juízo indolente dos plebeus e contou como seu sobrinho ansiava por batalhas.

— Benfred recrutou sua própria companhia de lanceiros. Garotos, nenhum deles com mais de dezenove anos, mas todos pensam que ele é outro jovem lobo. Quando lhes disse que eram apenas jovens coelhos, riram de mim. Agora, chamam-se de Bravas Lebres e galopam pelos campos com peles de coelho atadas à ponta das lanças, cantando canções de cavalaria.

Bran pensou que aquilo soava grandioso. Lembrou-se de Benfred Tallhart, um grande rapaz fanfarrão e barulhento que visitava frequentemente Winterfell com o pai, sor Helman, e tinha sido amigável com Robb e Theon Greyjoy. Mas sor Rodrik ficou claramente descontente com o que ouviu.

— Se o rei precisasse de mais homens, pediria — disse. — Diga ao seu sobrinho que deverá permanecer em Praça de Torrhen conforme ordenou o senhor seu pai.

— Farei isso, sor — respondeu Leobald, e só então puxou o assunto de lady Hornwood. Pobrezinha, sem um marido que defenda suas terras ou um filho que as herde. Sua própria esposa era uma Hornwood, irmã do falecido lorde Halys, com certeza todos se lembravam. — Um salão vazio é um salão triste. Tive a ideia de mandar meu filho mais novo para que lady Donella crie como seu. Beren tem quase dez anos, é um moço promissor, e seu sobrinho. Iria animá-la, estou certo, e talvez até adotasse o nome Hornwood…

Material com direitos autorais